

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES**

MÔNICA ROBERTA ANTONIO

**A VOZ DO NARRADOR NO AMBIENTE HOSPITALAR:
a experiência da escuta de uma Narradora de Passagem**

**SÃO PAULO
2019**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO EM ARTES**

MÔNICA ROBERTA ANTONIO

**A VOZ DO NARRADOR NO AMBIENTE HOSPITALAR:
a experiência da escuta de uma Narradora de Passagem**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista - UNESP, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de concentração: Artes Cênicas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Suely Master

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Sissy Veloso Fontes

**SÃO PAULO
2019**

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da
UNESP

A635v	Antonio, Mônica Roberta, 1974-. A voz do narrador no ambiente hospitalar: a experiência da escuta de uma Narradora de Passagem / Mônica Roberta Antonio. - São Paulo, 2019. 199 f.: il. color. Orientadora: Profª. Drª. Suely Master. Coorientadora: Profª. Drª. Sissy Veloso Fontes Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes. 1. Contadores de histórias. 2. Arte de contar histórias. 3. Terapia narrativa. 4. Assistência hospitalar. I. Máster, Suely. II. Fontes, Sissy Veloso. III. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. IV. Título. CDD 808.543
-------	--



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de São Paulo



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: A voz do Narrador no ambiente hospitalar: a experiência da escuta de uma Narradora de Passagem

AUTORA: MONICA ROBERTA ANTONIO

ORIENTADORA: SUELY MASTER

COORDINADORA: SISSY VELOSO FONTES

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em ARTES, área: Artes Cênicas pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. SUELY MASTER

Departamento de Artes Cênicas Ed Fund Com / Instituto de Artes de São Paulo

Profa. Dra. LILIAN FREITAS VILELA

Departamento de Artes Cênicas Ed. Fund. Com. / Instituto de Artes de São Paulo

Profa. Dra. ADÉLIA MARIA NICOLETE ABREU

Pesquisadora / Independente

São Paulo, 17 de junho de 2019

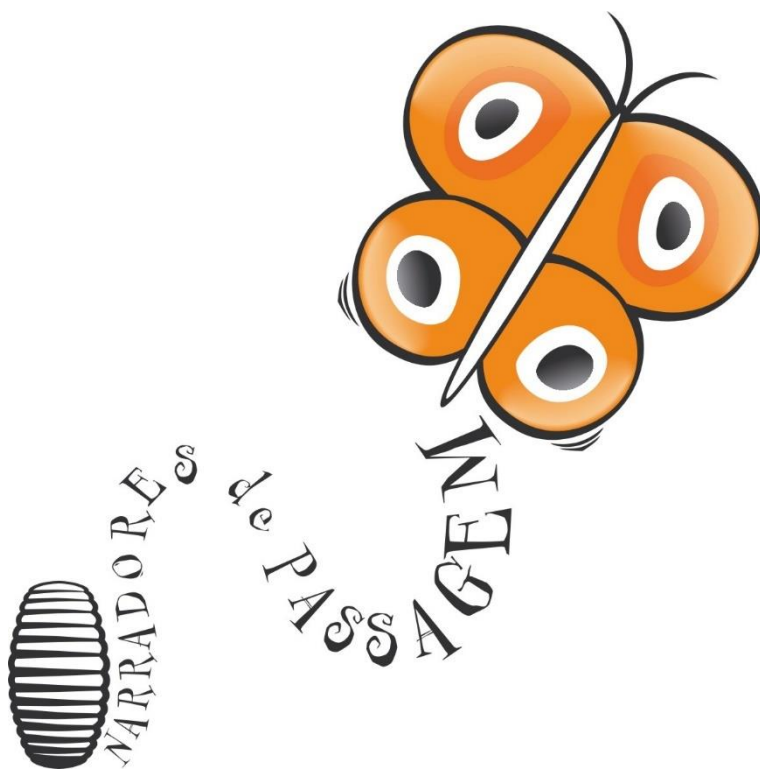
DEDICATÓRIA

À minha avó Alice, que me ensinou ouvir histórias.

À minha mãe Nair, que me ensinou ler histórias.

Ao mestre Abreu, que me proporcionou narrar histórias.

Aos Ouvintes e Narradores de Passagem, que me ensinam narrar histórias.



AGRADECIMENTOS

À orientadora Suely Master, aos professores participantes da banca de qualificação Adélia Maria Nicolete Abreu e Lilian Freitas Vilela, bem como ao professor Wladimir Mattos que tão generosamente nortearam os passos desta pesquisa. À coautora da pesquisa Sissy Veloso Fontes, aos coautores de trajetória Luís Alberto de Abreu e Sandra Regina Jaskonis que, pela escuta sempre acolhedora, guiaram este estudo a rumos precisos. Às queridas amigas Marília Rovaron, Maria Célia Tonon Parra, Beatriz Saks Hahne e Keila Costa da Silva pelo interesse, pelas discussões, pelos questionamentos e pelo estímulo. Aos outros tantos anônimos essenciais na construção deste trabalho. Gratidão.

RESUMO

Narradores de Passagem é um projeto de ação solidária que, através da atuação de narradores de histórias em hospitais, apoia e conforta as pessoas envolvidas nas complexas passagens da vida. Nessa atuação percebeu-se o surgimento de uma escuta atenta e potente, bem diversa da cotidiana. Assim, o presente estudo objetivou apresentar reflexões sobre as características de uma escuta acolhedora, instaurada no ambiente hospitalar e apresentar conceitos pertinentes ao impacto da escuta, quando manifestada com qualidade superior de atenção. A relevância deste estudo está em descobrir que a maneira de estabelecer relações suscita outras formas de intervenções capazes de transformar ambientes e atitudes. A metodologia, com abordagem de natureza qualitativa e fundamentada em estudo teórico-empírico, está apoiada em revisão de literatura e depoimentos dos participantes do projeto. A literatura encontrada e os depoimentos apresentaram o impacto positivo da escuta nas pessoas quando manifestada com qualidade plena de atenção. Dos depoimentos emergiram quatro categorias de participantes – pacientes, acompanhantes, equipe profissional de saúde e Narradores de Passagem – que retrataram suas impressões positivas logo após o encontro narrativo. Concluiu-se que os depoimentos, apoiados na revisão da literatura e na experiência empírica da autora deste estudo, registraram o valor do contato humano no ambiente hospitalar que pode contribuir com práticas mais saudáveis e ambientes mais acolhedores, além de colaborar com o progresso do treinamento de futuros Narradores e com sua atuação em campo.

Palavras-chave: ESCUTA. HOSPITAL. NARRADORES DE PASSAGEM. NARRATIVAS. ORALIDADE.

ABSTRACT

Narrators de Passage is a project of solidarity action that, through the action of storytellers in hospitals, gives support and comfort to people during complex passages of their lives. During this process, it was noticed that an attentive and powerful listening appeared, very different from the everyday attention. Thus, the present study aimed to present reflections on the characteristics of a friendly listening established in the hospital environment and present concepts pertinent to the impact of this listening when manifested with superior quality of attention. The relevance of this study is in to discover that the way of establishing relationships enable other forms of interventions capable of transforming environments and attitudes. The methodology, with a qualitative approach and based on theoretical-empirical study, is supported by review of the literature and testimonials of the project participants. The literature and the testimonies showed a positive impact of listening to people with full attention. From the testimonies emerged four categories of participants – patients, companions, health professionals team and Narradores da Passagem Narrators of Passage – who portrayed their positive impressions shortly after the narrative encounter. The testimonies, supported by the literature and the empirical experience of the author of this study, registered the value of the human contact in the hospital environment, something that can contribute to healthier practices and more friendly environments, besides collaborating with the training of future Narrators and with their field performance.

Key words: LISTEN. HOSPITAL. STORYTELLERS. NARRATIVES. ORALITY.

QUADROS

QUADRO 1 – Narrativas da 1ª fase do projeto	26
QUADRO 2 – Narrativas da 2ª fase do projeto	26
QUADRO 3 – Narrativas da 3ª fase do projeto	27
QUADRO 4 – Casas de Apoio e Recuperação	39
QUADRO 5 – Casas de Repouso	39
QUADRO 6 – Hospitais	41
QUADRO 7 – Escolas	42
QUADRO 8 – Cursos	42
QUADRO 9 – Total de atendimento anual	43
QUADRO 10 – Total de atendimentos por categoria de ouvintes	43
QUADRO 11 – Trabalhos científicos selecionados	76

ABREVIATURAS E SIGLAS

APPGAHW	All-Party Parliamentary Group on Arts, Health and Wellbeing
CD	Compact Disc
ELT	Escola Livre de Teatro de Santo André
FMUSP	Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
INP	Instituto Narradores de Passagem
NAHF	National Arts and Health Framework All-Party
NP	Narradores de Passagem
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
UTI	Unidade de Terapia Intensiva
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A HISTÓRIA	14
2.1 O idealizador dos Narradores de Passagem – Luabreu	16
2.2 Narrativas de Passagem – Núcleo da Escola Livre de Teatro (ELT)	17
2.3 O Instituto Narradores de Passagem – INP	27
3 PRÁTICAS E PERCURSO DOS NARRADORES DE PASSAGEM	45
3.1 Narrar: vocalidade	48
3.2 Imaginar: os olhos de dentro	52
3.3 Memorizar: experimentar a memória	54
3.4 Encontrar: a performance narrativa	59
4 A EXPERIÊNCIA DA ESCUTA	65
4.1 História Oral	68
4.2 Experiência acusmática	69
4.3 Escuta acolhedora	71
4.4 Percurso	74
4.5 Ressonâncias	75
4.6 Reflexões	88
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS.....	103
ANEXOS	
ANEXO I – Narrativas de Passagem	108
ANEXO II – <i>Vade-mécum</i>	196
ANEXO III - Protocolo	197
ANEXO IV - Depoimentos.....	198

1 INTRODUÇÃO

“Narradores de Passagem” é um projeto idealizado pelo dramaturgo: Luís Alberto de Abreu que propõe, através da arte da narração de histórias em hospitais, dar amparo às pessoas envolvidas na complexa passagem: a morte. A partir da criação de narrativas sobre passagens específicas do ambiente hospitalar e do treino de Narradores (aqueles que narram aos pacientes) iniciou-se a atuação em campo: narrações orais de histórias sobre as passagens enfrentadas pelos pacientes nos hospitais, como um ato de solidariedade.

Em sociedades anteriores havia um apoio da comunidade para as passagens que o ser humano enfrentava. Esses momentos de transição são atribulados e, às vezes, extremamente difíceis. A passagem da infância para a adolescência, da adolescência para a vida adulta e da adulta para a velhice são passagens complexas. A mais temerosa, porém, parece ser a morte, e talvez também seja, no ocidente, a mais traumática. Na morte, a comunidade ajudava, pois havia pessoas que amparavam quem estava nesses momentos de enfrentamento, como uma ação solidária. Atualmente, não há mais o apoio dessas pessoas da comunidade de antes e contamos com empresas funerárias e hospitais, cujo atendimento tem se demonstrado carente de convívio e vínculo com as pessoas envolvidas.

Ao considerar a arte como diálogo com o outro, encontro, relação e celebração, sua função social ultrapassa a perspectiva de uma atividade apenas de entretenimento. Desta maneira, o trabalho dos “Narradores de Passagem” busca estabelecer uma relação de contato humano fundamentado na troca de experiências em um momento tão delicado na vida dos ouvintes. Assim, a arte é o impulso para alcançar o social, o humano e outras dimensões possíveis de aproximação.

No início do projeto dos “Narradores de Passagem” acreditava-se que esse trabalho seria importante aos pacientes. Porém, ao longo da atuação em campo foi identificado que era importante e profícuo também aos Narradores, bem como aos acompanhantes e equipe profissional de saúde presentes no ambiente hospitalar no momento em que ocorria a ação das narrativas. Havia uma troca fecunda entre todos os envolvidos que estavam disponíveis e atentos ao encontro, o que potencializou ainda mais uma escuta atenta e ampla, diferenciada da qual estamos acostumados no cotidiano. Tal escuta compreendia uma disposição física e

psíquica para a percepção do outro com plena consciência do momento presente e foi denominada de escuta acolhedora por se instaurar de forma sensível, dado que acolhe as palavras que as imagens da narrativa criam na imaginação do ouvinte e conserva, em sua memória, a essência da história narrada.

O que ativa essa escuta acolhedora? A escuta manifestada no ambiente hospitalar acontece porque as histórias são pertinentes ao momento enfrentado pelos ouvintes ou pelo isolamento social e vulnerabilidade a que estão submetidos? Ouvir histórias similares às passagens enfrentadas pode influenciar positivamente no processo de enfrentamento da doença? A arte como função social utilitária, pode servir de aporte à saúde e desvendar outras formas de relação na ação de cuidar? Demais questões relevantes surgiram ao longo da atuação em campo, entretanto, mais do que responder essas questões é essencial refletir e identificar as possibilidades e os desafios decorrentes dessa experiência de escuta.

O objetivo desta pesquisa consiste em apresentar reflexões sobre as características da escuta acolhedora instaurada no ambiente hospitalar e apresentar conceitos pertinentes ao impacto da escuta quando manifestada com qualidade superior de atenção, alicerçadas em revisão da literatura, com base em experiência empírica da autora sobre depoimentos dos ouvintes e participantes do projeto.

No que tange à metodologia, primeiramente foi realizada a coleta de referências bibliográficas que compreendeu a leitura e seleção de dissertações, teses e artigos científicos sobre os elementos que configuram a escuta com uma qualidade de atenção diferenciada da habitual, com o intuito de identificar e analisar teoricamente pontos convergentes e divergentes do processo de instauração dessa escuta quando ela é experienciada. Na sequência, foi realizada a análise de 08 (oito) depoimentos de participantes coletados em hospitais pela autora do estudo (“Narradora de Passagem”). A discussão irá se apoiar na correlação dos estudos teóricos e atuação prática com destaque às interações e perspectiva dos participantes.

Visando compreender os objetivos propostos nesta pesquisa e refletir sobre tais inquietações são utilizados, como referencial teórico, autores como Paul Zumthor, Heráclito de Éfeso, Ana Lúcia Coelho Heckert e Alessandro Portelli que abordam em suas análises experiências de escuta considerada plena, referente ao estado de espírito compreendido como uma suspensão da realidade cotidiana. O cuidado essencial foi levantar informações que possibilitassem estudar a

configuração da escuta como um momento de estado distinto que ocorre quando instaurada com qualidade plena de atenção, em experiências diversas, porém similares em estado de espírito.

Os estudos de teóricos como Walter Benjamin, Vladimir Propp, Joseph Campbell, Mircea Eliade foram suportes fundamentais para a estruturação das narrativas de passagem. Já autores como, Maria Auxiliadora Craice de Benedetto, Gerald Epstein e Rachel Naomi Remen apoiam os benefícios das histórias e da imaginação no contexto hospitalar.

Esta pesquisa surge de reflexões sobre minhas atuações como Narradora de histórias de passagem em hospitais e como multiplicadora de Narradores. Desta maneira, inicio os primeiros capítulos com a apresentação do histórico do projeto desde sua criação à elaboração das histórias, os autores estudados para apoiar a criação e estruturação das narrativas de passagem; bem como os processos práticos que estruturaram e fundamentaram o programa de treino dos Narradores em campo.

A seguir, reflito sobre a instauração da escuta acolhedora no ambiente hospitalar e apresento alguns estudos que revelam as possibilidades oriundas desse evento. A reflexão está traçada na relação da prática com as teorias estudadas e com as experiências em campo.

Apoiada especialmente na relação do contato humano, na experiência da escuta manifestada pela voz do Narrador, o presente estudo irá apresentar o processo do trabalho dos “Narradores de Passagem” com os desafios surgidos nas construções, desconstruções e reconstruções ao longo de sua trajetória que pretende apontar caminhos possíveis para contribuir com processos e práticas mais humanizadas no ambiente hospitalar.

Enfim, aqui são apresentadas algumas possibilidades originadas desse trabalho de relevância social que faz um convite para penetrar no contexto das relações estabelecidas que, ao compartilhar momentos e histórias, transformam ambientes e atitudes e revelam que a maneira de estabelecer relações suscita outras formas de intervenções.

2 A HISTÓRIA

*“Através das palavras, a experiência humana
aos seus ouvidos e ao seu coração.”*

(Luís Alberto de Abreu)

A atividade dos Narradores de Passagem (NP) atravessa minha trajetória pessoal e profissional desde seu início em 2005. Um ano antes de sua criação, acompanhei meu pai no hospital como paciente de uma doença incurável. A dolorosa surpresa do diagnóstico “sem chance de cura” foi tão terrível quanto a descoberta angustiante do abandono social e da invisibilidade a que são submetidos, em algumas instituições, esses pacientes. No hospital, com meu pai foram 14 dias até seu falecimento. Dias que, apesar do momento doloroso, pude estar mais perto dele como jamais estive. Foram dias de incomensurável aprendizado, cujas lembranças ainda reverberam em minha memória.

O desejo de fazer algum trabalho voluntário naquele ambiente frio foi despertado nesses dias de acompanhante de meu pai e, por eu ser atriz, tinha vontade de desenvolver algo relacionado à arte, mas não tinha ideia do que poderia ou queria fazer. Perdi meu pai em setembro de 2004 e em março de 2005, criado pelo dramaturgo Luís Alberto de Abreu, inaugurava na Escola Livre de Teatro (ELT)¹ em Santo André, um núcleo de estudos sobre narrativas de passagem, cujo objetivo era recuperar ritos de passagem e suas respectivas narrativas míticas (sobre nascimento, morte etc.) e apresentá-las aos doentes em estado paliativo (quando não há cura) em hospitais públicos da região do Grande ABC.

Até então, nunca tinha imaginado narrar histórias porque eu gostava de ouvir os outros contarem. Quando era criança, adorava ouvir minha avó contar, sempre à noite, histórias de assombração e, até hoje não durmo no escuro. Minha mãe já não contava histórias, mas foi ela quem me apresentou as histórias de fadas através dos livros e, assim, aprendi a ler. Eu sempre gostei muito de histórias e o núcleo de narrativas veio ao encontro do meu desejo de desenvolver um trabalho voluntário em hospitais e de atribuir à arte uma função social que não apenas a do entretenimento.

¹ Para mais informações, acesse: <<http://escolalivredeteatro.blogspot.com/>>. Acesso em: 13 maio 2019.

O projeto Narradores de Passagem surgiu desse núcleo com o intuito de ser uma ação solidária para, através de voluntários, atuar com narrativas orais específicas sobre passagens significativas da vida. Os ouvintes do projeto são os pacientes internados, acompanhantes (familiares, amigos ou cuidadores particulares) e equipe profissional de saúde (compreende desde os médicos, equipe de enfermagem, técnicos e psicólogos à equipe de apoio da limpeza, assistente social entre outros integrantes que atuam nesse ambiente).

Conheci Luís Alberto de Abreu muito antes, em 1997, quando entrei no curso de Formação do ator da ELT; era a reabertura da escola em sua segunda fase e ele era um dos professores.

A experiência nessa escola foi transformadora em relação ao que eu conhecia sobre teatro. Eu tinha acabado de sair de uma vivência proveitosa e bem diversa com Naum Alves de Souza² e a proposta da ELT era diferente pela experimentação e necessidade de participação efetiva do ator nos processos de construção propostos pela escola. Habituada ao teatro mais dramático com diálogos curtos, a proposta do teatro colaborativo sugerida por Abreu, com textos narrativos extensos, foi um estranhamento enorme no início e foi o objeto de estudo ao qual me debruçaria nos anos seguintes.

Após essa formação, em 1999, desenvolvi performances narrativas em escolas, livrarias, empresas e bares. Retornei à ELT em 2005, ano da criação do núcleo “Narrativas de Passagem”. O primeiro ano no núcleo foi concentrado em desenvolver narrativas e, a partir de 2006, iniciaram-se algumas experiências de narração em campo, primeiro em casas de repouso e apoio e, depois, em hospitais.

No final de 2006, quando as primeiras experiências em campo se iniciavam, surgiu uma oportunidade para eu trabalhar na Europa, em navio de cruzeiros. Apesar de não ter vontade de me afastar naquele período, era uma possibilidade de juntar o dinheiro necessário para abrir a ONG dos Narradores, ideia que já tinha em mente há algum tempo. Foram dois anos de trabalho com animação cultural em navios, inclusive narrando essas histórias para pessoas de outras culturas – uma experiência enriquecedora.

Retornei ao Brasil em 2008, ano de abertura do Instituto Narradores de

² Naum Alves de Souza foi um diretor, cenógrafo, figurinista, artista plástico, dramaturgo e professor brasileiro que teve destaque em teatro, televisão, cinema, ópera e balé. Editado da wikipedia: enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Naum_Alves_de_Souza>. Acesso em: 10 maio 2019.

Passagem (INP) instituído como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), e junto aos fundadores Luís Alberto de Abreu, Sandra Jaskonis³ e Elisabete Kaczorowski⁴ foi iniciada a estrutura da formação de voluntários, bem como os estudos necessários ao desenvolvimento do projeto durante a existência do INP.

2.1 O idealizador dos Narradores de Passagem – Luabreu

Dramaturgo, roteirista de cinema e TV, professor e consultor de dramaturgia e roteiro. Idealizador da Escola Livre de Cinema e Vídeo e do Instituto Narradores de Passagem, ambos em Santo André. Foi indicado e recebeu prêmios por suas peças teatrais, roteirizou cinema com Eliane Caffé e televisão com Luís Fernando Carvalho para a TV Globo.⁵ Esses são os dados profissionais de Luís Alberto de Abreu, entretanto gostaria de apresentar a pessoa generosa e o artista notável que conheci há mais de 20 anos e que tive o privilégio de compartilhar projetos comuns e caros para mim.

Apesar do bastante tempo, não foram 20 anos de convivência. Os contatos foram sempre pontuais e ligados aos trabalhos em conjunto. Durante esse período conheci algumas de suas peças, textos e aprendi a reconhecer a marca desse autor em suas obras. Uma marca que fala ao coração das pessoas. Sempre me comovi com a beleza e delicadeza com que Abreu descrevia situações tão dolorosas. Lembro-me de uma passagem no texto do espetáculo “Nossa Cidade”⁶ de Luís Alberto de Abreu, o qual narrava o desaparecimento de uma presa política, Heleny Guariba. A imagem narrada era tão pungente quanto tocante e sublime. Ao ler ou assistir suas peças, por um instante, somos suspensos da realidade cotidiana.

O projeto dos Narradores de Passagem surgiu de sua experiência pessoal, como acompanhante em hospitais. Houve duas experiências marcantes nesse ambiente que influenciaram-no e que fomentaram a ideia de criar narrativas específicas para esse contexto.

³ Sandra Jaskonis, fundadora do Instituto Narradores de Passagem, foi Narradora até 2013.

⁴ Elisabete Kaczorowski, fundadora do Instituto Narradores de Passagem, foi Narradora até 2009.

⁵ Editado da Plataforma Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4446110J8>. Acesso em: 01 jan. 2019.

⁶ “Nossa cidade”, texto de Luís Alberto de Abreu, montado em parceria com Francisco Medeiros pela Formação 1 da ELT em 1999.

Quando me perguntam sobre Abreu, digo que ele faz poesia com tudo, até seu e-mail era poético, como mostra esse subtítulo. Assim é o Luabreu que conheço.

2.2 Narrativas de Passagem – Núcleo da Escola Livre de Teatro (ELT)

Narrativas de passagem são histórias que tratam de experiências ligadas a certos momentos de transição fundamentais, mudanças significativas da vida como morte, nascimento, adolescência, casamento, separação, recomeços, perdas ou superações. Também podemos entender passagem como momentos de crises, pois toda mudança carrega em si um momento de crise. Essas mudanças, aprazíveis ou dolorosas, podem ser também possibilidades de transformação pessoal.

De acordo com o estruturalista russo Vladimir Propp, podemos compreender que, de certa forma, qualquer história fala de passagem, visto que a maioria das histórias aborda temas sobre nascimento, enfrentamento, morte e renascimento do ser. São trajetórias de confronto; há uma ação, há uma oposição. Essa é a estrutura básica da vida e as histórias são como exemplos norteadores para a vida.

A primeira fase de trabalho do núcleo de Narrativas de Passagem consistia em desenvolver narrativas que tivessem a morte como tema inicial. O intuito era levar apoio ou conforto aos pacientes em risco e afastar os aspectos trágicos contidos nessa ideia.

As primeiras narrativas foram baseadas em depoimentos dos próprios integrantes do grupo a partir de suas vivências ou de experiências que ouviram contar em relação a essa passagem. Cada participante relatava sua experiência e às outras pessoas do grupo era atribuído reescrever esses relatos na estrutura de narrativa de passagem (que detalharei mais adiante), proposta pelo criador do projeto. A orientação era para que os autores, ao reescrever, considerassem a ideia de passagem com foco em reproduzir o mesmo impacto que os abateu ao ouvirem os relatos pela primeira vez. Essas narrações eram repletas de memórias inspiradoras da infância.

A partir de 2008 a maioria das narrativas de passagem foi escrita por Luís Alberto de Abreu, através de depoimentos dos ouvintes recolhidos em campo pelos Narradores no instrumental “*Vade-mécum*” que também detalharei mais adiante.

Atualmente existem narrativas sobre diversas passagens como a adolescência, a vida adulta, a velhice ou cirurgias traumáticas, superação, o cuidar, entre outras. A seguir, detalho os fundamentos e o processo de criação das narrativas.

2.2.1 Fundamentação das Narrativas de Passagem

Para adentrar na questão da passagem, estudamos os ritos de passagem a partir dos estudos do antropólogo francês Arnold Van Gennep (2011), que os considerava como eventos fundados em fases de separação e de integração à sociedade, onde o autor identifica que, nesse espaço de tempo entre a separação e a integração, há um interstício, um período liminar, fronteiro, intermediário e temporário de incerteza e de crise em que o sujeito transita. Ele não está nem na separação nem na integração, está na passagem. O autor declara que o rito de passagem está situado nesse período e sua função é para que o indivíduo reflita sobre sua existência na sociedade. As experiências contidas nas narrativas estavam situadas nesse interstício e foi fundamental para a escritura e narração das histórias compreender o caráter dessas celebrações que marcam mudanças fundamentais da vida.

De acordo com o mitólogo e filósofo Mircea Eliade (2010), a importância dos ritos de passagem está no papel que exercem na vida do homem religioso que implica em envolver uma mudança radical na natureza dos seres e de seu estatuto social. Com apoio nessa compreensão sobre os ritos de passagem, um dos desafios surgidos na escritura das narrativas foi descrever em ações a transformação ocorrida após a passagem de maneira que o ouvinte percebesse tal transformação sem que essa fosse explicada na história.

A estrutura apresentada por Luís Alberto de Abreu (2005) foi fundamentada em estudos sobre imagens relacionadas ao conceito de morte e a visão em diferentes culturas sobre o tema. O idealizador optou por uma visão de trajetória de vida mais cíclica, mais próxima da natureza e agrária, a qual definia como matrilinear. Para a estrutura das narrativas orais e sua função foi apresentado alguns estudiosos de diferentes áreas do conhecimento com destaque para os críticos literários Walter Benjamin e Roger Caillois, o folclorista russo Vladimir Propp,

os antropólogos Joseph Campbell, o psiquiatra Carl Gustav Jung, o psicanalista Bruno Bettelheim, o mitólogo Mircea Eliade, o historiador da arte Heinrich Zimmer e o filólogo Werner Jaeger entre outros.

Para Abreu (2000), a narrativa surge como transmissora de conhecimento a partir de experiências tornadas comuns. Essa era a essência norteadora para o início da escritura das narrativas de passagem. Para isso, era primordial que as narrativas fossem baseadas em experiências sobre alguma passagem da vida e que fossem pensadas para a narração oral.

As narrativas são baseadas nas passagens fundamentais da vida e a narração é direcionada aos ouvintes de acordo com a passagem enfrentada no momento. Não se trata, porém, de qualquer história; são histórias de trajetórias humanas capazes de reacender os mistérios da vida e da morte em que os sujeitos, ao atravessar tais mistérios, retornam transformados dessa experiência. Segundo o idealizador do projeto NP, um conto não é capaz de nos mobilizar em busca das grandes forças da vida e da morte porque não temos quem nos conduza a essas grandes forças; essa era a função do narrador:

Por que então, ao ouvir ou ler um "conto maravilhoso" não temos a mesma sensação de vivência de grandes forças? A resposta parece óbvia: porque não temos mais mitos e ritos, esses potentes lugares da imaginação e da experiência, para onde podemos ser remetidos. Em nosso mundo contemporâneo perdemos até a lembrança e a noção do que seja um rito. Ler um conto maravilhoso ainda provoca prazer, é certo, pela força de suas imagens, por sua atmosfera mágica, por seu território tão diferente do território real de nosso dia-a-dia, mas tudo parece um eco remoto de algo que não conseguimos distinguir bem o que seja. Um conto em si não é capaz de nos mobilizar a buscar as grandes forças que as imagens dele ainda guardam, porque perdemos a consciência das grandes forças da vida e da morte que estão presentes na vivência do mito e na experiência do rito. Nem temos quem nos conduza a elas, o que era a função do xamã por um lado e, por outro, do narrador. (ABREU, 2010, p. 14).

A narrativa é antropológica e fundamental para a compreensão da natureza humana. O filósofo Paul Ricoeur (2012) confronta dialeticamente o tempo lógico com o tempo vivido apoiado na narrativa e reflete, ainda, sobre a relação entre o tempo vivido (a experiência) e a narração (a consciência).

[...] existe, entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana, uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Ou, para dizê-lo de outra maneira: *o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação planária*

quando se torna uma condição da existência temporal. (RICOEUR, 2012, p. 93).

A narrativa pode ser também uma forma de auxiliar o paciente na compreensão de seu momento de enfermidade, pois possibilita a organização do caos em que está inserido no momento de crise através da forma narrativa; além de proporcionar que ele saia do mundo clínico para o mundo das histórias. A narrativa abre portas para coisas que estão escondidas e ele não está sozinho – está acompanhado das histórias, mais precisamente, das experiências contidas nelas.

Os primeiros esboços de narrativas consideraram o que Walter Benjamin (1994, p. 203, 204) denomina como “sóbria concisão que as salva da análise psicológica”. Os escritores buscavam imagens que sintetizasse a experiência, sem explicar os sentimentos e as ações, uma vez que o próprio filósofo alemão ressaltava que “metade da arte narrativa está em evitar explicações”.

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. Esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro. Se o sono é o ponto mais alto da distensão física, o tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica. O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. (BENJAMIN, 1994, p. 204).

As histórias possibilitam a compreensão em camadas mais profundas, pois, ao ouvir uma história, alguns significados surgem instantaneamente; já outros, em momentos mais distantes, como expõe a médica pioneira no aconselhamento de pessoas com doenças crônicas e terminais:

Muitos dos problemas que a Vida nos apresenta são aparentemente sem solução, bem semelhantes aos koans⁷ que o mestre zen apresenta ao discípulo. Contudo, significado e sabedoria emergem de uma das histórias de nossa Vida de maneira muito semelhante àquela como surge a resolução de um koan. Esperar por esse significado é quase como esperar um nascimento. Depois de viver ou ouvir uma história, ficamos grávidos de seu significado. Às vezes a gravidez pode durar semanas, até mesmo anos. Muitas vezes, grávidos de uma história, podemos dar à luz muitos significados, cada um mais profundo que o anterior. A maioria das melhores histórias que já vivi ou ouvi contar são assim. (REMEN, 1998, p. 257).

⁷ Koans - é uma narrativa, diálogo, questão ou afirmação no que contém aspectos que são inacessíveis à razão. Desta forma, o koan tem, como objetivo, propiciar a iluminação espiritual do praticante de budismo zen através da interrupção do seu fluxo de pensamentos. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Koan>>. Acesso em: 13 maio 2019.

Benjamin (1994, p. 205) também afirma que a narrativa é “uma forma artesanal de comunicação”, cujo objetivo não é transmitir informações, mas transmitir experiências, sabedoria de vida. Em seu ensaio “O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, o filósofo e crítico literário alemão chama atenção para como a ideia de morte perdeu gradualmente sua presença e sua “força de evocação” nos últimos séculos e como instituições criadas para cuidarem dos funerais e das pessoas doentes possibilitaram o distanciamento das pessoas do contato cotidiano e fundamental de antes. Em suas palavras,

É no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e, sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso -, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre diabo possui ao morrer, para os vivos ao seu redor. Na origem da narrativa está essa autoridade. (BENJAMIN, 1994, p. 207).

Os escritos do filósofo alemão sobre a arte narrativa nortearam e fundamentaram as histórias criadas pelos Narradores de Passagem, bem como seus apontamentos sobre o narrador e sua função. Outros estudos foram necessários para compor as narrativas, que destaco a seguir.

Também foram estudados os arquétipos que, segundo o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (2000), são imagens primordiais, guardadas no inconsciente coletivo, suscitadas por recorrências de experiências semelhantes durante gerações. Os personagens das narrativas eram inspirados nessas imagens arquetípicas de que trata Jung.

Já o mitólogo e escritor Joseph Campbell (2007) foi uma das contribuições mais apreciadas com seu conceito de monomito, também conhecido como “a jornada do herói”. O monomito é a compreensão de uma jornada cíclica que é percorrida pelo herói nos mitos. Campbell expõe como muitas narrativas clássicas de diversas culturas e tempos inclinam-se a essa estrutura, que reproduz de modo simplificado: separação é a partida do herói do mundo trivial para o mundo feérico (mundo das grandes forças da vida e da morte); iniciação é quando o herói, ao entrar no mundo feérico, inicia suas aventuras e o retorno é o momento em que o herói volta para o mundo trivial (para casa) com conhecimentos e poderes

adquiridos em sua jornada ou se mantém no mundo das grandes forças, porém, transformado.

Essa imagem cíclica da trajetória do herói é a base das narrativas de passagem por ser uma imagem mais acolhedora que transmite a ideia de transformação, não de finitude.

Luís Alberto de Abreu (2005) também trouxe como suporte os estudos do estruturalista russo Vladimir Propp (2006) que esmiuçou a estrutura dos contos maravilhosos para determinar elementos únicos e recorrentes nas narrativas. Na estrutura desses contos, o acadêmico identificou trinta e uma⁸ funções de ações de personagens, as quais ele classificou em sete esferas: o agressor, o doador, o auxiliar, a princesa e o pai, o mandador, o herói e o falso herói.

A contribuição do psicanalista Bruno Bettelheim⁹ (1980), para a criação das narrativas foi em comprovar a importância maior que a narrativa oral tem sobre a leitura para crianças pelo simples fato da relação estabelecida entre narrador e ouvinte. O psicanalista austríaco explica, também, que as histórias de fadas auxiliam as crianças com relação à fantasia, à fuga, à recuperação e ao consolo. É importante que a criança não saiba tal funcionamento e as histórias devem ser vivenciadas em sua imaginação para que, ao imaginar essas histórias, imprima suas referências pessoais e assim enxergar sentido e fomentar a capacidade de enfrentamento diante de seus medos e angústias.

Explicar para uma criança por que um conto de fadas é tão cativante para ela destrói, acima de tudo, o encantamento da estória, que depende, em grau considerável, da criança não saber absolutamente por que está maravilhada. E ao lado do confisco deste poder de encantar vai também uma perda do potencial da estória em ajudar a criança a lutar por si só e dominar exclusivamente por si só o problema que fez a estória significativa para ela. As interpretações adultas, por mais corretas que sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da estória, enfrentou com êxito uma situação difícil. Nós crescemos, encontramos sentido na vida e segurança em nós mesmos por termos entendido e resolvido problemas pessoais por nossa conta, e não por eles nos terem sido explicados por outros. (BETTELHEIM, 1980, p. 27).

⁸ Para saber mais, consulte “Morfologia do conto maravilhoso” de Vladimir I. Propp.

⁹ É importante ressaltar que os apontamentos considerados pelo projeto “Narradores de Passagem” sobre o autor Bruno Bettelheim são seus estudos referentes ao entendimento sobre o modo como concebemos os contos de fadas na imaginação e não com relação aos seus métodos de trabalho ou crenças.

Concomitante a esses estudos, a criação das narrativas de passagem foi iniciada e Abreu (2005) sugeriu um olhar matrilinear para contrapor ao patriarcado¹⁰. Segundo Campbell (1992), a cultura matrilinear reconhece a existência de uma Deusa no papel da Deusa Mãe ou Mãe Terra (divindade da religião entre os antigos que cultuavam as mulheres). Pode-se compreender a sociedade como patriarcal e a natureza como matrilinear, cíclica.

É possível perceber na história da queda da deusa-mãe Tiamat a passagem da cultura matrilinear para o patriarcado:

A história começa com um grande concílio dos deuses masculinos, no céu – cada deus era uma estrela –, e eles tinham ouvido dizer que a Vovó estava chegando, a velha Tiamat, o Abismo, a Fonte inexaurível. Ela surge na forma de um grande peixe ou dragão – e que deus teria coragem de se lançar contra a Vovó e matá-la? Aquele que teve coragem foi, é claro, o deus da maior cidade de então. Era o maior de todos. Assim, quando Tiamat abre a boca, o jovem deus Marduk, da Babilônia, despeja todos os ventos em sua garganta e barriga e a faz em pedaços. Em seguida, recolhe os pedaços e enfeita a terra e os céus com o corpo desmembrado de Tiamat. Esse motivo do desmembramento de um ser primordial, transformando-se o seu corpo no universo, aparece em muitas mitologias, sob variadas formas. Na Índia, desponta com a figura de Purusha, cujo corpo refletido é o universo. Pois bem, nas velhas mitologias da Deusa, a deusa mãe, ela própria, já é o universo, de modo que a grande proeza criativa de Marduk se constituiu num ato de suprema revogação. Ele não tinha necessidade de cortá-la em pedaços, nem de construir o universo a partir dela, porque ela já era o universo. Mas o mito de orientação masculina se impõe, e *ele* se torna, aparentemente, o criador. (CAMPBELL, 1992, p. 180).

A imagem de transformação e não de morte é mais confortadora, visto que esse olhar consola porque não existe uma ruptura brusca como a ideia de finitude. A noção cíclica enquanto característica da cultura matrilinear, como uma cultura agrária ligada em sua essência à natureza, foi apresentada por Abreu para o desenvolvimento das narrativas.

Essas foram as bases iniciais para a criação das narrativas de passagem. E, com as histórias concebidas, foi iniciada a busca pelo Narrador de Passagem contemporâneo e realizadas as primeiras experiências de narrações em campo.

¹⁰ Para mais informações verificar o capítulo 3 “*Humanização – Sobre Narrativas Oraís, Narradores e Cuidados Paliativos*” de Luís Alberto de Abreu no livro “*Cuidados Paliativos: diretrizes, humanização e alívio de sintoma*”. Editor: Franklin Santana Santos. São Paulo: Editora Atheneu, 2011.

2.2.2 Composição das Narrativas de Passagem

O projeto Narradores de Passagem (NP) iniciou a pesquisa pela criação das narrativas – processo bem diferenciado do narrador de antes que tinha a propriedade de ele mesmo concebê-las, oralmente, no momento da narração. Também não existia a comunidade de ouvintes que existia antigamente e seria necessário recriá-la.

O processo de composição das narrativas de passagem foi baseado nos estudos de Vladimir Propp, Walter Benjamin, Joseph Campbell e, principalmente, nas observações de Luís Alberto de Abreu.

As narrativas foram compostas a partir de uma experiência humana relatada que deveria ser transformada em ficção. Elas não deveriam explicar os fatos nem as sensações dos personagens, mas deveriam transmitir a experiência vivida através das imagens. Abreu (2005) ressaltava a importância de não confundir ações com “descrições de análises psicológicas dos personagens”.

Abreu (2005) elencou pontos necessários a serem considerados na escritura das narrativas e explicou cada um deles:

- ✓ Enredo: um relato curto sobre o conteúdo da história, como um roteiro de ações;
- ✓ Ideias: anotar as outras ideias surgidas durante o processo da escritura, mas não desenvolvê-las. Anotá-las e focar na ideia inicial e, só depois que a ideia inicial estiver elaborada, verificar se ainda são importantes mantê-las ou descartá-las;
- ✓ Enxergar as narrativas em imagens, como uma sequência de ações e não como um conceito. É importante ver (visualizar a imagem) o que se escreve.
- ✓ Estruturar a narrativa em: Ambientação/ Território (onde e em que época ocorre a história), Separação (o chamado recebido pelo herói), Iniciação (o enfrentamento da jornada/ passagem do herói), Retorno (o herói retorna transformado ou, mesmo que permaneça no local de enfrentamento, a transformação acontece, ele fica, mas modificado).
- ✓ Elementos fundamentais para a visualização: ritmo, sonoridade, figura humana e território.
- ✓ A narrativa deve terminar com uma imagem de esperança. Como um

renascimento. A imagem cíclica.

Assim, a estrutura das narrativas consistia em estabelecer os temas e identificar as imagens residuais (o que permanece na memória), investigar em torno dessas imagens e, através da oralidade, trabalhar os gêneros pertinentes à narrativa: no épico poderia reproduzir as imagens como uma sequência fugaz de imagens, já no dramático poderia mostrar a experiência que se desejava trabalhar de modo mais prolongado e no lírico minuciar a suspensão do instante narrado com maior lentidão para ser perceptível os movimentos pertencentes à narrativa. Assim, ao dividir esses movimentos da narrativa seria possível descrever cada movimento com a devida qualidade imagética, o que destacava Ricoeur (2012) como “o movimento de trazer à *linguagem* a experiência humana do mundo”.

Após esses apontamentos, os participantes iniciaram a criação das narrativas e, com os primeiros esboços em mãos, apresentavam nos encontros. Todos do grupo podiam falar suas impressões sobre a narrativa apresentada. Os autores¹¹ reescreviam apoiados nos comentários do grupo e do próprio Abreu.

Na época, Abreu trouxe a narrativa “Lenda do céu” de Mario de Andrade para ilustrar ao grupo os elementos acima citados. Recebemos a narrativa oralmente, através de uma gravação e lembro como a sonoridade das rimas ficou presente em minha memória.

Atualmente o projeto conta com o conjunto de 33 narrativas de passagem, sendo que as histórias “Lenda do céu”, “O Velho” e “A mulher da xícara” não foram produzidas especificamente para esse fim, mas foram incorporadas por serem adequadas ao projeto.

Houve algumas poucas narrativas que foram desenvolvidas para o projeto, nas oficinas de criação de narrativas ministradas por Luís Alberto de Abreu, porém, seus respectivos autores não as liberaram para a utilização em campo.

Todas as narrativas cedidas para o projeto NP, com os devidos créditos de autoria, constam no Anexo I desta dissertação e estão organizadas por ordem de recebimento no projeto para ilustrar ao leitor a estrutura de construção das narrativas expostas nesta pesquisa, bem como para eventuais curiosidades suscitadas pelos depoimentos dos ouvintes sobre determinada história.

¹¹ Para mais informações, consultar a dissertação “*Um novo olhar à figura do narrador: narradores de passagem*”. Isabela Cristina Terra Saraiva. Campinas. SP. 2009, onde a autora relata sua experiência pessoal na criação de uma narrativa de passagem.

A seguir, elenco todas as narrativas que fazem parte do repertório atual dos Narradores de Passagem.

Quadro 1: Narrativas da 1ª fase do projeto	
Narrativas de Passagem	Autores
Lenda do céu	Mário de Andrade
A linha da vida ¹²	Maria Tereza B. Rhein
Tarcirurga ¹³	Elizabeth Cardoso
Toda madeira tem nó	Rosani Madeira
A dona do igarapé	Daniela Rosa
Medo escuro	Marcio Castro
O menino que virou estrela	Isabela Terra
O homem do saco	Ana Paula Feltrin
Faustino e Margarida	Elizabeth Cardoso
Pétalas de flor	Alexandre Santo e Luís Alberto de Abreu
A curva do rio	Carlos Biagiolli
O tio e o menino	Elizabeth Cardoso
Cinderela, a história mais linda que já existiu	Silene Pignagrandi
Carlito	Lucienne Guedes
O planeta Kike	Daniela Rosa
Sissinho	Elizabeth Cardoso
Rafinho	Marcio Castro
Nunca mais o amor	Lucienne Guedes
O velho	Luís Alberto de Abreu
A mulher da xícara	Luís Alberto de Abreu
Histórias de vó Dé	Luís Alberto de Abreu

Quadro 2: Narrativas da 2ª fase do projeto	
Narrativas de Passagem	Autores
O incrível menino que imaginava	Adélia Maria Nicolete Abreu
O príncipe das cinco armas	Luís Alberto de Abreu
Amazona	Luís Alberto de Abreu
Cem noites para uma mulher	Luís Alberto de Abreu
Cem noites para um homem	Luís Alberto de Abreu
A Tonta	Luís Alberto de Abreu

¹² Primeira Narrativa de Passagem criada no núcleo para o público adulto.

¹³ Primeira Narrativa de Passagem criada no núcleo para o público infantil.

Quadro 3: Narrativas da 3ª fase do projeto	
Narrativas de Passagem	Autores
Sabiá	Luís Alberto de Abreu
Sonho é assim	Luís Alberto de Abreu
Milagres acontecem	Luís Alberto de Abreu
O menino que dizia sim	Luís Alberto de Abreu
Pequenas lembranças	Luís Alberto de Abreu
Lua Branca	Luís Alberto de Abreu

2.3 O Instituto Narradores de Passagem – INP

O crescimento do projeto, em 2008, levou o grupo a se institucionalizar e fundar uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) – o Instituto Narradores de Passagem (INP) que funcionou até 2014. O Instituto era coordenado pela autora da presente dissertação e o projeto Narradores de Passagem sempre foi coordenado por Luís Alberto de Abreu.

O nome Narradores de Passagem (NP), sugestão do próprio Abreu por se tratar de um grupo de narradores e não de escritores, a princípio surgiu pelas narrativas abordarem temas sobre passagens. No entanto, após algum tempo atuando em campo, percebemos que os ouvintes entendiam a palavra “passagem” por estarmos de passagem nos corredores e leitos, então, incorporamos também esse significado ao nome.

A imagem da borboleta, como logo dos NP, foi sugerida por uma das fundadoras do Instituto, Elizabete Kaczorowski, que ficou sensibilizada ao se deparar com o relato da psiquiátrica Elisabeth Kübler-Ross, narrada em um livro¹⁴, sobre sua passagem pela Polônia para ajudar a reconstruir o país e descobriu que as crianças, antes de morrerem, riscavam muitas borboletas nas paredes dos barracões dos campos de concentração Majdanek¹⁵. Foi essa passagem narrada pela médica Kübler-Ross e a ideia de transformação que a borboleta carrega em si

¹⁴ Palestra, relatada no livro “Viva agora e além da morte”, apresentada no Simpósio com o tema *O Centro de Cura do Futuro* da Universidade da Califórnia, em San Diego, onde a Dra. Ross coloca o amor como tema central e diz que “viver corretamente, na verdade, é aprender a amar”.

¹⁵ Konzentrationslager Majdanek é o nome de um campo de concentração alemão nazista construído na Polônia ocupada, a quatro quilômetros da cidade de Lublin, durante a II Guerra Mundial. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Majdanek>>. Acesso em: 31 dez. 2018.

que determinaram a escolha da borboleta para representar os Narradores de Passagem.

2.3.1 Cursos, Programas e Atividades do Instituto

O Instituto Narradores de Passagem (INP), desde 2009, oferecia cursos trimestrais de iniciação, denominados “Capacitação”, para que novos voluntários pudessem atuar como Narradores de Passagem (NP) em escolas, casas de repouso e apoio e hospitais. Além desses cursos para iniciantes, havia também um programa semanal de treinamento e reflexão para os Narradores já atuantes, denominado “Núcleo de Reflexão”.

O Instituto recebia voluntários acima de 18 anos sem limite final de idade. A pré-seleção era necessária por causa do espaço físico do INP que não comportava o número de inscritos interessados nos cursos. Os critérios de seleção eram: idade acima de 18 anos, disponibilidade para participar dos cursos e ser voluntário nas instituições atendidas pelo Instituto. A seleção nem sempre era fácil, pois tínhamos um limite de 30 vagas (sendo 15 para o período da tarde e 15 para a noite, este último muito mais concorrido), e tínhamos uma média de 150 inscritos a cada abertura de turmas. A seleção contava com o instrumental (ficha de inscrição) e entrevista pessoal. A entrevista consistia em explicar sobre o projeto, pois muitos candidatos vinham com o intuito de se tornarem contadores de história em livrarias ou se desenvolverem como ator ou professor e nosso curso era específico para quem tinha interesse em ser voluntário nas instituições atendidas.

O curso de Capacitação oferecido pelo Instituto objetivava aumentar o número de instituições atendidas, uma vez que havia uma lista de espera grande na época. O público atraído era de idades bem variadas, o que possibilitava uma troca muito rica e produtiva que unia jovens e idosos que, além de criar um sentido artístico e utilitário importante em suas vidas, promovia o desenvolvimento da responsabilidade social caracterizada pela doação de tempo, experiência e até mesmo carinho em prol da comunidade na construção de uma sociedade melhor.

A configuração do curso de Capacitação tinha a duração de três meses com encontros semanais de 3h e carga horária total de 24h, incluindo 2h de estágio em campo. O conteúdo programático era composto, no primeiro mês, pela introdução à

arte narrativa e exercícios de visualização de imagens com a narrativa “Lenda do céu” de Mário de Andrade ou “Sabiá” de Luís Alberto de Abreu. O segundo mês contava com exercícios práticos da narração e com o estágio dos novos voluntários acompanhados por um Narrador veterano nas Instituições que permitiam essa ação de treinamento no hospital. O terceiro e último mês era destinado à postura do Narrador nas Instituições e as regras específicas de cada local.

Ao final de três meses os voluntários passavam por uma segunda entrevista para avaliar seu interesse em participar do projeto e saber sobre sua disponibilidade de atuação em campo. Os aprovados nesta etapa entravam para o Núcleo de Reflexão. Todos os voluntários participantes do curso de Capacitação recebiam certificado de participação, porém nem todos eram aprovados para o trabalho em campo que considerava a compreensão do projeto, suas possibilidades de permanência e a disponibilidade de atuação.

Alguns voluntários desistiam de participar do projeto porque se desanimavam quando percebiam que o trabalho dos NP não contava com figurinos coloridos ou acessórios e instrumentos sonoros. Era apenas a voz e a história. Ao final do encontro narrativo no hospital também não havia aplausos, havia apenas o silêncio com olhares e sorrisos de gratidão, o que causava estranhamento e até certo desconforto aos Narradores iniciantes. Esse silêncio que incomodava alguns era uma pista do que o projeto buscava na experiência de escuta no encontro narrativo.

Já o Núcleo de Reflexão, também com carga horária de 3h semanais, era um programa de treino, como o próprio nome sugere, que funcionava como um espaço de reflexão da prática em campo. Os Narradores trocavam as experiências adquiridas e aprofundavam estudos sobre temas ligados à arte narrativa e/ ou sobre algumas enfermidades específicas, além de treinar a performance dos NP. A duração desse Núcleo era permanente e, ao voluntário, não era permitido participar no Núcleo sem atuar em campo, bem como não era permitido atuar em campo sem a participação nos encontros do Núcleo. Os conteúdos e atividades trabalhados nesse espaço eram sugeridos e orientados por Luís Alberto de Abreu que ministrava um encontro semestral com todas as turmas do Núcleo de Reflexão e o idealizador, através desses encontros, direcionava as atividades e conteúdos trabalhados semanalmente pelos multiplicadores.

O INP, em 2010, através do Fundo de Cultura de Santo André, ofereceu uma oficina de criação de Narrativas de Passagem ministrada pelo próprio Abreu, aberta

ao público em geral e uma oficina de treinamento sobre a performance prática da narração com Francisco Medeiros, apenas para os Narradores do Núcleo de Reflexão.

A partir de 2012 o número de voluntários cresceu consideravelmente, chegando a 60 pessoas e, com isso, o INP iniciou uma formação para multiplicadores de Narradores que assumiram o treino dos novos voluntários no mesmo ano. Nesse mesmo período foi aberto um grupo de NP em São José dos Campos sob a coordenação de Ivete Barone e supervisão do idealizador Luís Alberto de Abreu.

No Instituto também acontecia, semestralmente, rodas de histórias abertas à comunidade para compartilhar o trabalho dos NP em campo. Nessas rodas, os Narradores narravam ao público que também era convidado a narrar, caso quisessem. Em algumas rodas, houve convidados como Regina Machado¹⁶ que, além de abrilhantar o encontro com suas narrativas, também conversou sobre suas experiências como narradora.

2.3.2 Narradores de Passagem (NP)

Nesta dissertação, o termo “narrador de histórias” é escolhido para designar a figura que narra histórias que tratam de costumes e vivências próximas aos ouvintes com a função de transmitir a experiência contida nessas narrativas e com o foco na relação estabelecida entre narrador e ouvinte. Entretanto, isso não significa que as histórias clássicas são desconsideradas; elas são adaptadas ao contexto presente com a consciência da experiência que lhes originaram. Já o termo “contador de histórias” é utilizado apenas para contrapor ao narrador quando, assim, for necessário. Vale ressaltar que será escrito NP ou Narrador (com a primeira letra em maiúsculo) para caracterizar os Narradores de Passagem idealizado por Luís Alberto de Abreu e narrador (em minúsculo) para referências aos narradores em geral. É importante especificar que os termos “encontro narrativo” e “performance narrativa” serão utilizados como sinônimos para denominar o ato da narração que acontece no ambiente hospitalar.

¹⁶ Regina Machado é narradora, professora da ECA e estudiosa das histórias de tradição oral.

A segunda fase do projeto NP focava na prática dos Narradores, buscando resgatar sua função social na contemporaneidade e entender tal função em um ambiente estranho ao Narrador. Ao considerar o narrador tradicional como referência, sem a pretensão de copiar o que foi no passado, mas de refletir como seria essa figura no tempo presente e quais seriam as necessidades atuais de “possíveis ouvintes”, o treino inicial dos NP convidava resgatar a figura tradicional do narrador, unindo-o ao Narrador contemporâneo no contexto da sociedade atual, especificamente no ambiente hospitalar. E foi com as narrativas produzidas em 2005 que os integrantes do grupo iniciaram as narrações em casas de repouso e, posteriormente, em hospitais.

O início em campo foi caótico. As primeiras experiências em casas de repouso mostraram aos Narradores de primeira viagem que tinham muito a aprender, visto que os idosos tinham muito o que contar.

Na época em que o projeto era um núcleo de estudos na Escola Livre de Teatro ainda estava bastante voltado para a criação das narrativas, porém, com os Narradores ansiosos com as experiências que ocorriam em campo, o idealizador do projeto teve de redirecionar o andamento do trabalho e focar no treino prático do Narrador, o que já estava previsto dentro da proposta de trabalho. Então, Abreu iniciou a busca pelo Narrador contemporâneo, acompanhado das professoras Verônica Nóbili¹⁷ e Lucienne Guedes Fahrer¹⁸, responsáveis pelas práticas de corpo e voz.

A performance dos NP tinha como foco buscar uma presença para narrar. Tal presença não podia confundir ou escamotear a história; era uma presença quase invisível do Narrador para que a história se manifestasse e acontecesse na imaginação do ouvinte. Era preciso não comprometer a visualização das imagens da narrativa com gestos ou expressões corporais e vocais que pudessem roubar do ouvinte a possibilidade de imaginar o que a narrativa sugeria. Essa proposta era nova aos Narradores que foram convidados a estarem presentes de uma forma que não se destacassem à narrativa. A busca pela estética dessa presença focava na voz, que era a mediadora e que guiava o ouvinte às experiências contidas nas

¹⁷ Verônica Nóbili é atriz, ministrou aulas na Escola Livre de Teatro em Santo André (ELT) e foi uma das professoras do núcleo Narrativas de Passagem.

¹⁸ Dramaturga, atriz, professora e pesquisadora é graduada em Artes Cênicas com Mestrado e Doutorado em Artes – Teatro. Foi uma das professoras do núcleo Narrativas de Passagem. Para mais informações ver a dissertação: *Luís Alberto de Abreu – a experiência pedagógica e os processos criativos na construção da dramaturgia*. ECA/USP, 2011.

histórias.

As atividades apoiavam-se em exercícios de imaginação, oralidade, memorização e práticas de narração simuladas do ambiente hospitalar. Aos Narradores era solicitado que memorizassem as imagens contidas nas narrativas e não as palavras do texto. Assim, deveria se construir, através dos sentidos suscitados pela narrativa, significados em cada imagem contida nela. O intuito desse trabalho era dar corpo às imagens para que adquirissem vida, movimento e se materializassem na imaginação por envolver uma carga imagética fértil de sentidos.

Os Narradores também não deveriam perder a noção da participação do ouvinte no ato da narração, visto que a relação era de troca e não de apresentação como ocorre no teatro. Vale ressaltar que a busca era por uma estética que se distanciasse do teatro enquanto apresentação cênica com figurinos, vozes de personagens e acessórios cênicos; porém, as atividades de treino e efemeridade da ação eram muito próximas ao teatro. A investigação era por uma estética que evidenciasse a relação do contato humano e, principalmente, que ambos (NP e ouvintes) compartilhassem a história narrada na imaginação, cujo elo seria apenas a voz.

O processo, ao Narrador, é muito importante porque a narração ocorre apenas no encontro com seu ouvinte e não há ensaio com o ouvinte; quando o encontro narrativo ocorre, faz parte também do processo.

A proposta do idealizador do projeto NP surgiu com o desejo de restaurar a função social que o narrador de outrora desempenhava na sociedade, mas com a consciência de que hoje teria funções distintas do tradicional, uma vez que a sociedade atual é bem mais complexa e variada.

2.3.2.1 Narradores de Passagem/ Voluntários

Os Narradores de Passagem (NP) são voluntários desde o início do projeto. A importância em ser voluntário consistia em, por um lado, o Narrador querer atuar nesses espaços (hospitais) e, por outro, unir pessoas em prol de um objetivo comum, doando seu tempo e seu trabalho artístico na construção de uma sociedade mais solidária. O texto a seguir foi dedicado aos Narradores/voluntários como um agradecimento pelo trabalho desenvolvido:

“Sempre digo que o pior de uma guerra é não saber que estamos metidos nela. Estamos em guerra: contra o descaso, contra a negligência, contra a falta de solidariedade, contra a desumanização. Queremos um mundo melhor e lutamos e trabalhamos para isso. Com coisas muito simples, com armas muito simples. Com nossa presença, nossa solidariedade, nossas narrativas, com a seriedade de nossa preparação e nossas idas a campo. O que essas coisas valem nessa imensa guerra? Valem muito. E custam nosso trabalho, nosso tempo livre, nossa vontade. Não sei quanto tempo vai demorar, mas estamos modificando o mundo, estamos modificando nós mesmos. Nessa guerra estamos do lado dos que constroem o futuro, dos que querem fazer do mundo um lugar melhor pra se viver. No futuro, talvez ninguém se lembre de nós, mas, se o mundo estiver melhor lá na frente, sabemos que foi também por nossa causa. Obrigado a vocês, Narradores de Passagem”. (ABREU, 2013)¹⁹

A maioria dos primeiros integrantes voluntários era formada por artistas: escritores e atores. Após o núcleo ser transformado em um grupo independente, ainda abrigado na Escola Livre de Teatro (ELT) mas sem vínculo com a escola, os integrantes dos NP ainda eram de atores e escritores em sua maioria. Em 2008, após a saída do grupo do espaço da ELT para a sede e com sua institucionalização, o grupo de voluntários começou a ter uma minoria de artistas e passou a contar com integrantes de diversas profissões não ligadas à arte como, por exemplo, professores, engenheiros eletrônicos, advogados, psicólogos, enfermeiros, donas de casa, aposentados, estudantes, entre outras. As idades também eram diversificadas (de 18 a 86 anos), o que provocava uma troca extremamente rica entre os participantes do grupo. A partir desse período, a atuação em campo e as instituições atendidas aumentaram significativamente.

Essa diminuição de artistas no voluntariado dos NP não foi aleatória. Os cursos eram gratuitos justamente para angariar voluntários e, no início do projeto, houve dificuldades com os artistas que, depois de participarem dos cursos e dos treinos, saíam sem contribuir com o trabalho em campo porque, além da indisponibilidade para trabalharem como voluntários, havia diferenças significativas

¹⁹ Depoimento de Luís Alberto de Abreu dedicado aos Narradores de Passagem em 12/11/2013, registrado no *Vade-Mécum* pertencente aos Narradores.

nas práticas do treinamento do artista para o do Narrador. O foco no treinamento do artista, de um modo geral, está na apresentação do seu trabalho, no caso de um espetáculo teatral. Já o foco no treino do Narrador está na relação estabelecida no contato humano, está em compartilhar essa experiência. Em muitos casos o ouvinte nem percebe a ação dos NP como um trabalho artístico elaborado especificamente para esse encontro narrativo. Alguns artistas se frustravam com essa falta de reconhecimento do público ouvinte.

A narrativa não pressupõe apresentação e aplauso, como diz Luís Alberto de Abreu “a narrativa é para os ouvidos, não para os olhos” (informação verbal)²⁰. O treinamento do ator é diferente do treinamento do Narrador porque o ator representa e o Narrador estabelece uma relação de contato para compartilhar uma experiência através das narrativas.

Por esse motivo, decidiu-se fazer uma pré-seleção para a entrada nos cursos e mapear quem tinha real interesse em fazer parte desse trabalho como NP para atuar como voluntário nas Instituições atendidas pelo Instituto Narradores de Passagem e não apenas fazer o curso para se desenvolver profissionalmente.

A rotatividade do grupo sempre foi grande, mas havia um grupo fixo que não se alterava. Esse grupo fixo mais tarde se transformou nos multiplicadores de voluntários e são os que atuam ainda hoje no projeto de forma independente e autônoma.

Esses foram os primeiros esboços em busca do Narrador contemporâneo, especificamente a busca pelos Narradores de Passagem.

A seguir relato algumas de minhas experiências como multiplicadora de NP com o intuito de revelar algumas descobertas durante o processo de construção, bem como a própria experiência de passagem enfrentada na trajetória dos Narradores.

2.3.2.2 Minha experiência como multiplicadora de Narradores de Passagem

“A Narradora V., participava das primeiras turmas do curso de Narradores. Logo no início me contou sobre sua dificuldade em

²⁰ Informação fornecida por Luís Alberto de Abreu no curso Narradores de Passagem, em maio de 2005.

memorizar a narrativa, muito provavelmente por conta de sua doença ‘neurocisticercose’ (popularmente conhecida como ‘bicho do porco’). Eu realmente não sabia como ajudá-la porque, além da própria prática ser nova a todos nós, não tinha ideia sobre como essa doença podia afetar a memória. Pedi para que praticasse os exercícios propostos com frequência maior da solicitada aos outros participantes. Seria uma tentativa. A narrativa escolhida por ela foi ‘A mulher da xícara’, que falava sobre perda de memória, cuja construção era estruturada em relatos como se fossem flashes de memória. O fato é que ela memorizou a história inteira e, nesses ‘flashes’ da narrativa, ela fazia pausas que harmonizavam tão perfeitamente com a narrativa que essa Narradora me inspirou narrar essa história. Nunca soube se suas pausas, tão pertinentes à narrativa, eram esquecimento ou apenas sua narração; isso realmente não importava. Essa narradora é a inspiração que me acompanha, até hoje, quando narro essa história.”

“O Narrador E. tinha dificuldades na fala por causa de um problema na mandíbula. Estava em tratamento há alguns anos com fonoaudióloga e se inscreveu no projeto para ajudar como voluntário em qualquer coisa, menos para ser Narrador. Perguntei a ele se não queria narrar porque não tinha interesse ou por causa da dificuldade da fala. Ele confirmou que era pela dificuldade da fala e porque as pessoas poderiam estranhar ele narrar com a dificuldade que tinha, mas o que ele queria mesmo era ir ao hospital narrar. Perguntei se ele estava disposto a enfrentar o desafio porque teria de aprender a lidar com a situação de estranhamento, caso algumas pessoas estranhassem, mas também que teriam outras pessoas que enxergariam como uma superação e um exemplo de força. Ele topou e foi surpreendente como, em poucos meses, sua fala melhorou significativamente. Ele contava, também, que em campo as pessoas o admiravam pelo trabalho que fazia e nunca houve um comentário negativo sobre seu modo de falar, os comentários eram sempre sobre as histórias narradas por ele. Sua fonoaudióloga, também percebeu melhoras significativas durante o período em que ele permaneceu no projeto.”

“Dona T. era uma senhora simpática e divertida. Ela adorava ir às casas de repouso narrar. Dizia que era para já ir averiguando e escolhendo uma para quando ela tivesse de ir pra lá, porque se

recusava a morar com as filhas quando o marido partisse. Ela tinha certeza de que ele partiria antes. Narrava sempre a mesma história ‘Sabiá’ e, às vezes, esquecia a narrativa no meio. Como ela ia sempre no mesmo lugar com a mesma narrativa, os idosos do local já conheciam a história e eles mesmos completavam e a ajudavam a lembrar. Ela contava isso às gargalhadas.”

“A Narradora R. era uma senhora muito esforçada e estudiosa; memorizava uma narrativa por semana. Ela tinha problemas com depressão e, às vezes, isso dificultava o trabalho em campo, porque faltava ou, quando ia, entrava em locais não permitido aos Narradores. Quando ela estava nesses momentos difíceis, era afastada do campo e era trabalhado seu fortalecimento no núcleo de Reflexão até que pudesse retornar sem comprometer a atuação. Ela ficava muito brava quando não podia ir ao hospital, mas compreendia que era necessário. Ficou como voluntária até o fechamento do INP e foi afastada por três vezes, mas quando voltava, era extremamente dedicada. Ela contava orgulhosa que seus médicos suspenderam muitos dos remédios controlados que tomava e atribuíam essa melhora ao seu trabalho voluntário nos Narradores.”

“O Narrador S., também, era esforçado, porém tomava muitos remédios controlados e passava mal no ambiente hospitalar. Ele ficava nervoso, não conseguia terminar a narrativa e os próprios ouvintes ficavam ansiosos com isso. Várias atividades foram testadas com ele, mas não havia sinais de melhora da ansiedade. Ele ficava ofegante, esquecia de tomar alguns remédios e passava muito mal. Não foi uma decisão fácil, mas foi retirado do campo. Ele continuou como voluntário para auxiliar na organização do Instituto, porém não muito tempo porque ele queria mesmo era ser voluntário como Narrador no hospital.”

“J. era um senhor de 82 anos que falava sem parar. Na primeira vez que foi ao curso, bateu o carro. Na segunda vez, não encontrou o Instituto. Ele fez o curso inteiro, mas não foi selecionado para atuar como voluntário. Ficou muito chateado. Seus filhos foram até o Instituto, um pouco bravos, saber do ocorrido porque o pai queria muito participar. Ele narrava histórias tão bem, era uma delícia ouvi-lo, porém, não era apenas a qualidade em narrar histórias que contava nesse trabalho.”

“Em 2015, o grupo, já bem reduzido, trabalhava a criação coletiva de histórias através da oralidade, quando um dos Narradores faleceu inesperadamente. No velório, a esposa do Narrador pediu para que o grupo narrasse a primeira narrativa aprendida por ele ‘Lenda do céu’ na cerimônia de cremação, pois a família gostava muito de ouvir. Foi um momento bem marcante e significativo narrar essa história, a quatro vozes, naquele espaço, para a família e amigos em homenagem ao nosso querido Narrador.”

“Alguns voluntários não eram selecionados para atuar em campo por diversos motivos. Havia a questão do deslocamento e de algumas normas estabelecidas pelas próprias Instituições atendidas. No Instituto havia algumas regras como, por exemplo, quando o voluntário faltava no campo ou no encontro no Instituto por mais de 30 dias corridos, sem prévio aviso, era desligado do projeto. Esse rigor era importante porque o trabalho se apoiava na construção coletiva dos envolvidos. Quando a falta ocorria, perdia-se muito do processo de estudos no Núcleo de Reflexão, o que comprometia a atuação em campo. Muitos voluntários passaram pelo projeto, houve pessoas muito tímidas que se tornaram mais desenvoltas, outras expansivas e ansiosas que se acalmaram, outras ainda que diminuíram ou cessaram seus medicamentos; houve, também, casamentos, encontros e desencontros como é próprio da vida,”

2.3.3 Atuação em campo

O Instituto Narradores de Passagem (INP) abrigava o projeto dos Narradores com atuação voluntária em hospitais, casas de apoio, recuperação e repouso e em escolas públicas e havia, também, um grupo de narradores que atuava como arte/educadores apenas com crianças no “Espaço de Brincar” dos SESCs Pompeia, Belenzinho e Santo Amaro. Essa atuação nos SESCs proporcionava recursos financeiros para a manutenção do Instituto.

O início em campo foi conturbado, mas à medida que o trabalho de narração avançava nas casas de repouso e nos hospitais, mais descobertas aconteciam. Assim, os Narradores de Passagem (NP) foram ganhando segurança em sua atuação e, principalmente, experiência conquistada através dos próprios ouvintes

que eram extremamente generosos em escutar e acolher o trabalho com as inseguranças, incertezas e gagueiras dos Narradores iniciantes. Posso dizer seguramente que foram os ouvintes que me ensinaram e me ensinam a narrar e inclusive a compreender algumas histórias que se fazem presente apenas no momento do encontro.

Na atuação em campo, o Narrador não usava acessórios ou figurinos para a narração, apenas a sua voz. Nos hospitais era necessário o uso do avental (uniforme dos NP) e do álcool gel antisséptico para assepsia das mãos. Já nas casas de apoio e repouso e escolas os NP usavam a camiseta (também uniforme dos NP) para identificação do projeto. Em todos os locais de atuação os NP portavam consigo um crachá de identificação e um caderno de apontamentos denominado “*vade-mécum*”, que em latim significa “vai comigo” que funcionava como um caderno de registro. O *vade-mécum* oferecido aos ouvintes era destinado ao relato de suas impressões sobre o encontro narrativo. Muitos ouvintes deixaram relatos que serviram de fontes de inspiração para outras histórias. Já o dos NP era para que eles registrassem suas inquietações e reflexões sobre o trabalho. Ambos os modelos de *vade-mécum* constam no Anexo II desta dissertação.

Existem algumas especificidades dos locais onde os Narradores transitaram, como exemplifico a seguir:

2.3.3.1 Casas de apoio, recuperação e repouso

Casas de apoio e recuperação são locais (de internação ou não) que auxiliam as pessoas durante o tratamento ou a recuperação de alguma enfermidade como, por exemplo, as casas de apoio às pessoas com câncer ou casas de recuperação de cirurgias traumáticas. As casas de repouso são os antigos asilos. Uma especificidade em narrar nessas casas era o fato de narrar para grupos maiores de pessoas. Entretanto, em algumas situações a narração era feita no leito de cada ouvinte como ocorre no hospital. Dependendo da situação, no hospital também acontecia de a narração ser para um grupo maior de pessoas, ainda que não fosse o habitual. Nessas casas também não havia acompanhantes ou equipe profissional de saúde; eram apenas o Narrador e as pessoas do grupo em questão.

Nas casas de repouso a dificuldade inicial foi conseguir a escuta dos idosos, pois eles sempre estavam ávidos por falar, além de terem muito o que contar e, principalmente, tempo para isso. Percebi que tinha muito a aprender. O início nas casas de repouso, para meu trabalho como Narradora foi de extrema importância porque, ao observar esses narradores experientes, pude assimilar e desenvolver minha maneira de narrar. A partir da referência absorvida deles, da forma como narravam, gesticulavam, olhavam e como lidavam com as intervenções do local, aprendi meus primeiros passos sobre o ato de narrar que foram a base para minha atuação como Narradora em hospitais. A seguir apresento as Casas de apoio, recuperação e repouso onde os Narradores de Passagem atuaram:

Quadro 4: Casas de Apoio e Recuperação		
Qtde.	Instituições	Região
1	Viva Melhor grupo de apoio a mulheres mastectomizadas	Santo André
2	AVCC – Associação de Voluntários de Combate ao Câncer (grupo de apoio a mulheres mastectomizadas)	São Bernardo do Campo
3	Casa Ronald McDonald ABC	Santo André
4	GRAACC – Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer	São Paulo
5	Instituição Cláudio Amâncio (Adictos)	São Caetano do Sul

Quadro 5: Casas de Repouso		
Qtde.	Instituições	Região
1	Casa de Repouso Nossa Senhora das Mercedes	São Caetano do Sul
2	Casa de Repouso Santa Terezinha	Santo André
3	Casa ABEI – Associação Beneficente dos Idosos	Santo André
4	Casa Caminho de Ananias	Santo André
5	Casa Camile Flamarion	Mauá
6	Casa Nosso Lar	Santo André
7	Casa São Rafael	Santo André
8	Casa Recomeço	São José dos Campos
9	Casa Frederico Ozanan	São José dos Campos
10	Casa Recanto	São José dos Campos

2.3.3.2 Hospitais

O início da atuação em hospitais ocorreu no segundo semestre de 2006, no Hospital Municipal Vereador José Storopoli, na Vila Maria em São Paulo, conhecido como “O Vermelhinho”. Iniciamos na internação adulta e pediátrica. Essa experiência também foi fundamental para o contato com o ambiente hospitalar e com os trabalhadores desse local. Aprendemos a lidar com situações corriqueiras ao contexto hospitalar e desenvolvemos um “manual do voluntário” para orientar a postura do Narrador nesse ambiente.

O trabalho em hospitais específicos de cuidados paliativos veio apenas em 2009, ano em que os Narradores de Passagem também iniciaram workshops em Universidades voltadas à saúde e faziam as primeiras experiências em escolas estaduais. A narração nos cuidados paliativos diferenciava-se da narração nas internações comuns dos hospitais, visto que contava com uma equipe multidisciplinar e, em alguns hospitais, o Narrador fazia parte (também como voluntário, pois essa era uma premissa do projeto). Fazer parte dessa equipe significava que o Narrador participava das reuniões que discorriam sobre os pacientes e tinha voz para falar sobre questões que, muitas vezes, os pacientes falavam apenas para o Narrador. Nos locais em que os Narradores não participavam dessas reuniões, também havia espaço para que falassem com a equipe sobre as interações com os pacientes e acompanhantes. Desse diálogo com a equipe de saúde percebeu-se a necessidade de narrativas que tratassem do ato de cuidar, também compreendida como uma passagem.

O que diferencia a atuação dos Narradores nos hospitais dos demais locais de atuação é a experiência da escuta, que detalharei no tópico abordado sobre a experiência acusmática, que justifica a escolha do recorte desta pesquisa no ambiente hospitalar.

A seguir apresento os hospitais em que os Narradores de Passagem atuaram:

Quadro 6: Hospitais		
Qtde.	Instituições	Região
1	Hospital Municipal Vereador José Storopoli	São Paulo
2	Hospital Heliópolis	São Paulo
3	Hospital do Servidor Público Municipal – HSPM	São Paulo
4	Hospedaria do HSPM	São Paulo
5	Hospital Geral de São Mateus	São Paulo
6	Centro Hospitalar Municipal de Santo André	Santo André
7	Hospital Estadual Mario Covas	Santo André
8	Hospital Municipal Benedito Montenegro	São Paulo
9	Hospital Municipal Universitário de SBC	São Bernardo do Campo
10	Hospital Estadual de Diadema	Diadema
11	Hospital e Maternidade São Lucas	Ribeirão Pires
12	Hospital Marcia Braido	São Caetano do Sul
13	Hospital Maria Braido	São Caetano do Sul
14	Hospital Municipal Ignácio Proença Gouveia	São Paulo
15	Hospital Anchieta	São Bernardo do Campo
16	Hospital São Paulo	São Paulo
17	Hospital das Clínicas	São Paulo
18	Hospital do Servidor Público Estadual	São Paulo
19	Hospital Municipal Dr. Alexandre Zaio	São Paulo
20	Hospital São Luiz – Anália Franco	São Paulo
21	Hospital e Maternidade Bartira	Santo André
22	Hospital São José	São José dos Campos
23	Hospital Santos Dumont	São José dos Campos
24	Hospital Pio XII	São José dos Campos

2.3.3.3 Escolas Estaduais

A narração nas escolas surgiu do interesse de alguns jovens alunos em participar do projeto. Por atuarmos em hospitais, optamos por selecionar voluntários apenas maiores de idade. O Instituto era situado em um bairro com algumas escolas ao redor e era sempre procurado por esses jovens para fazer o curso. Na época não tínhamos condições de abrir vagas para esse público, então decidimos levar as histórias às escolas, especificamente às salas de aula.

Algumas escolas tinham a preocupação de que as intervenções com as narrativas atrapalhassem o andamento das aulas. No entanto, depois de algumas experiências percebeu-se que não atrapalhavam porque eram narrativas curtas e os alunos, além de prestarem atenção às narrativas e gostarem, continuavam na aula mais atenciosos que antes. A procura desse público pelos cursos no Instituto aumentou, mas nunca conseguimos atender essa demanda. É importante ressaltar que esses encontros estavam vinculados ao planejamento de aula do professor.

Uma particularidade nas escolas foi com relação ao *vade-mécum*. Os alunos faziam questão de deixar seus registros, muitos em forma de desenhos, e todos os alunos não só deixavam seus depoimentos como solicitavam outras folhas para deixarem mais de um relato. Os Narradores tinham de ir abastecidos com folhas de *vade-mécum*, pois, na primeira experiência na escola, faltou folha porque todos os alunos quiseram deixar seus depoimentos, o que nos surpreendeu.

Quadro 7: Escolas		
Qtde.	Escolas Estaduais	Região
1	Carlina Caçapava de Mello	Santo André
2	Amaral Wagner	Santo André
3	Antônio Adib Chamma	Santo André

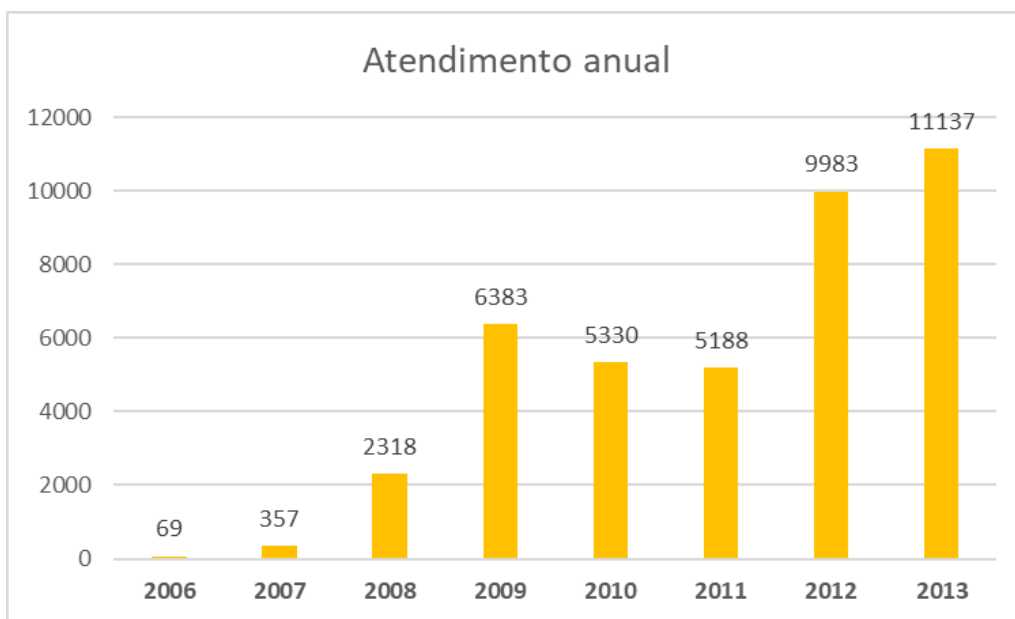
2.3.3.4 Cursos de pós-graduação

Há também a atuação com aulas em cursos de pós-graduação, geralmente em cursos ligados à saúde. Nesses encontros são compartilhadas as experiências em campo, bem como as atividades práticas pertinentes ao trabalho dos Narradores de Passagem e a narração de histórias em hospitais.

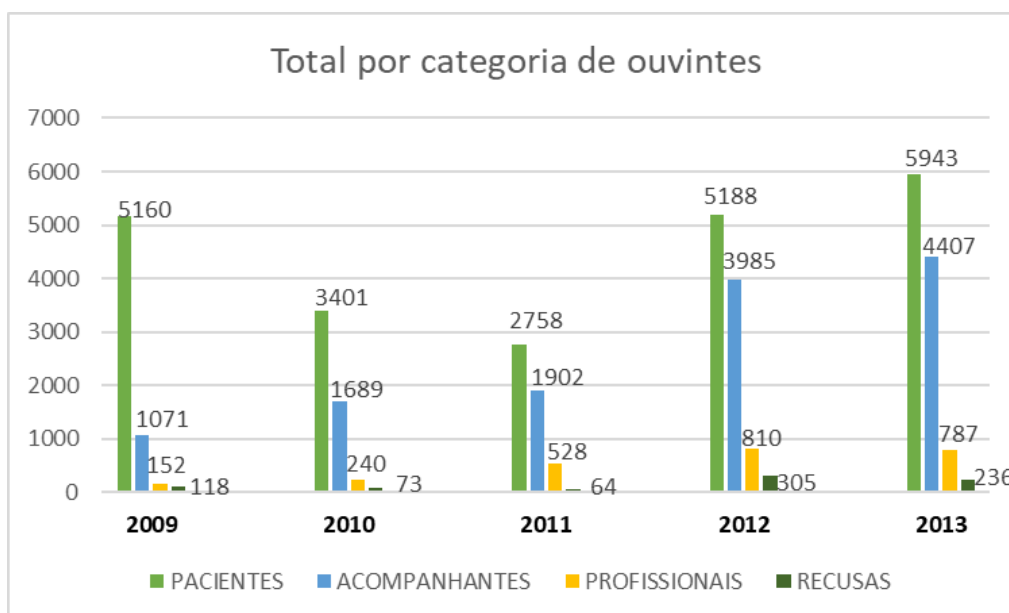
Quadro 8: Cursos		
Qtde.	Cursos	Universidades
1	Curso de Tanatologia	FMUSP
2	Especialização em Cuidados Paliativos	FMUSP
3	Teorias e Técnicas para Cuidados Integrativos	UNIFESP
4	Especialização em Cuidados Paliativos para fisioterapeutas	FMUSP

Entre alguns acertos e tantos erros, o Instituto Narradores de Passagem abriu uma subsede em São José dos Campos e atendeu mais de 10 mil pessoas entre pacientes, acompanhantes, profissionais de saúde e Narradores voluntários. A seguir seguem os quadros de atendimentos anual do INP referente apenas aos ouvintes, desconsiderando os voluntários. No Anexo III desta dissertação consta o instrumental “protocolo”, modelo utilizado para a coleta desses dados.

Quadro 9: Total de atendimento anual



Quadro 10: Total de atendimentos por categoria de ouvintes



A institucionalização do grupo exigiu muita dedicação de minha parte, uma vez que não tinha nenhuma familiaridade com questões administrativas e burocráticas e tive de aprender no dia a dia, conforme as demandas apareciam. Com o aumento considerável do atendimento, cada vez mais minha disponibilidade para atuar em campo como Narradora ficou comprometida. Alguns voluntários auxiliavam com as questões administrativas do Instituto, outros com a organização do espaço, mas, ainda assim, a parte burocrática exigia muito trabalho, o que acarretava na minha dedicação total à administração do Instituto.

Outro motivo para o encerramento foi a falta de recursos financeiros para o projeto que decorriam de doações recorrentes dos fundadores (Luís Alberto de Abreu, Mônica Roberta Antonio e Sandra Regina Jaskonis) e esporádicas de pessoas físicas e entidades sociais. Conforme o projeto crescia, maior era a necessidade financeira e o projeto não contava com nenhum tipo de patrocínio ou auxílio externo.

Em razão dessas dificuldades, optei, junto ao Abreu, pelo encerramento do Instituto Narradores de Passagem (INP) em 2014, ano em que contava com aproximadamente 70 voluntários. Decidimos manter o projeto de maneira mais autônoma, onde cada Narrador/voluntário fosse responsável por sua atuação em campo. Com o fechamento do Instituto, diminuiu consideravelmente o número de voluntários e, conseqüentemente, de atendimentos.

3 PRÁTICAS E PERCURSO DOS NARRADORES DE PASSAGEM

“O narrador pode ser definido, metaforicamente, como um ‘psicopompo’, para permanecermos próximos da origem mitológica da narrativa. Psicopompo, na mitologia grega, era a figura encarregada de levar as almas ao outro mundo. Poeticamente, a mesma função de psicopompo é desempenhada por Vergílio e Beatriz quando, respectivamente, conduzem Dante Alighieri ao Inferno e Céu do cristianismo. O narrador tem por função tirar sua comunidade de ouvintes do mundo cotidiano em que ela se encontra, e conduzi-la ao mundo das imagens onde seus integrantes vivenciarão significativas experiências humanas, quer tolas e risonhas, quer dramáticas e pungentes, amorosas ou raras.”

(Luís Alberto de Abreu)

Narrar é uma disposição humana. O narrador constitui-se como instrumento para que a narrativa toque o ouvinte e sua função é narrar, posto que é em sua voz que as histórias encontram escutas.

O escritor, historiador e poeta malinês Amadou Hampatè Bâ (1980, p. 208) afirma que “ninguém é contador de histórias a menos que possa relatar um fato tal como aconteceu realmente, de modo que seus ouvintes, assim como ele próprio, tornem-se testemunhas vivas e ativas desse fato”.

Walter Benjamin (1994) exemplifica dois grupos de narradores: o primeiro, do camponês sedentário que conhece as origens e tradições de sua comunidade, cuja função era reafirmar valores, crenças, e conselhos sobre a vida; já o segundo, é o grupo do marinheiro comerciante, alguém que vem de longe e tem o que contar, aquele que trazia ao conhecimento da comunidade notícias de fora, novos relatos de povos desconhecidos. Segundo Abreu (2010), esses dois grupos de narradores, distinguidos pelo filósofo alemão, estavam firmados, o primeiro nas tradições e o segundo na ruptura. Essa era a função do narrador tradicional: ao mesmo tempo em que preservava costumes e tradições no imaginário da comunidade, incorporava, também, novos valores e conhecimentos.

Basicamente o narrador benjaminiano se caracteriza pela transmissão da experiência humana e da tradição. Esse narrador não existe mais porque sua figura foi substituída pela comunicação baseada na informação, a qual deve ser nova e

explicável; oposto da narrativa e do narrador de antes, visto que sua arte consistia em contar a mesma história de novo.

Luís Alberto de Abreu (2005) destaca que “a função do narrador era preservar ou propor novos conhecimentos, que entrariam ou não no imaginário grupal, dependendo do interesse e necessidade da comunidade em preservá-lo”. O dramaturgo brasileiro destaca ainda que a singularidade do narrador estava em sua capacidade de criar narrativas (ficções) baseadas em acontecimentos e experiências reais e comunicá-las à comunidade de ouvintes tornando-as comuns a todos.

O narrador em tempos idos já foi personagem de importância fundamental em uma comunidade. A ele cabia relatar. Não se tratava, porém, de qualquer relato e relato não era informação ou mera notícia. O relato do narrador era algo especial. O conteúdo de sua história era extraído dos acontecimentos da vida, mas era artisticamente elaborado, pois seu objetivo não era refazer em palavras o acontecido, mas provocar nos ouvintes as próprias sensações do acontecimento. Assim, ele não noticiava o acontecimento, ele transmitia a experiência do acontecimento. Para isso era preciso arte. Arte no elaborar a narrativa, avançar passo a passo nos acontecimentos até o momento mais emocionante, mais sublime ou mais risonho. Arte em narrar, em estabelecer o suspense, em indicar a sensação da leveza e da dureza poéticas, em colocar a pausa e em acelerar a narrativa; arte em sentir a atenção e a expectativa das pessoas, arte para que tudo - narrativa, narrador e ouvintes - fosse uma só coisa, uma só experiência para que todos voassem no céu das imagens, palavras e sensações. Esse era o narrador em tempos idos e as experiências da comunidade, seus valores e saberes eram renovados em cada encontro do narrador com a comunidade de ouvintes. Os tempos de agora clamam o retorno desse narrador. (ABREU, 2013)²¹.

A proposta de Abreu para o Narrador contemporâneo é restaurar sua função social para não se tornar um mero noticiador de histórias. Segundo o idealizador dos Narradores de Passagem (NP), o narrador atual aproxima-se mais de um contador de histórias do que de um narrador, por estar afastado de seu contexto de comunidade de ouvintes de outrora. Ele perdeu sua função na sociedade contemporânea que o faz contar histórias sem exercer a função que existia naquele contexto: a de guiar sua comunidade de ouvintes para o mundo da ficção, das vivências e experiências contidas nas histórias, o que só era possível na época porque existia unidade no imaginário das pessoas, no conhecimento delas.

O distanciamento do narrador para o contador de histórias está relacionado, também, às histórias narradas. Algumas histórias perderam muitos dos significados

²¹ Texto *Palavras do Abreu* escrito por Luís Alberto de Abreu, em 2013, para o site dos Narradores de Passagem. Disponível em: <<http://www.osnarradores.art.br/palavras.html>>. Acesso em: 01 maio 2018.

que as experiências continuem, uma vez que reproduzem costumes de uma época que é muito distante hoje. Portanto, não reconhecemos tais costumes como nossos e, nesse sentido, não nos servem mais.

Antigamente as histórias funcionavam para as crianças como rituais. As narrativas de hoje também precisam nos preparar para as experiências que vamos enfrentar durante a vida, como acontece no rito. O Narrador pode suscitar essa preparação fomentando uma vivência significativa da experiência contida na narrativa, como se experienciasse ele próprio o ritual necessário para enfrentar determinada passagem. Porém, precisamos de narrativas que falem de nossa época, dos nossos costumes, de nossos medos e enfrentamentos. Sobre essa questão, Abreu declara:

Partindo do famoso ensaio 'O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov', de Walter Benjamin, o narrador é aquele que compõe uma narrativa a partir de uma experiência vivida ou ouvida de quem viveu. Isso de forma alguma significa que uma narrativa deva ser realista. O próprio Walter Benjamin propõe que a narrativa necessariamente deva ser ficcional. Ou seja, a narrativa é uma ficção que envolve uma experiência humana possível, donde se conclui que o que é ficcional é a narrativa, não a experiência humana. Nesse sentido, um conto de fadas do qual não se pode dizer que seja realista, envolve uma experiência humana verdadeira que pode nos maravilhar, envolver, emocionar e nos ensinar algo sobre o ser humano. O que isso tem a ver com a diferenciação que faço entre narrador e contador de histórias? A diferença pode parecer sutil, mas é fundamental. Quantas pessoas que contam as histórias de Branca de Neve ou de A Bela e a Fera sabem que tais narrativas se referem à uma complexa, difícil e importante passagem que envolve a morte da menina e seu renascimento como mulher, corajosa e consciente de seus poderes de mulher? É o que nos afiança o estudioso russo Wladimir Propp em seu clássico *Raízes históricas do conto maravilhoso*. Raciocina esse estudioso que quando tais histórias foram compostas elas se referiam a experiências reais de uma passagem feminina e não eram apenas histórias de entretenimento como muitas vezes são encaradas. Os milênios de distância do surgimento de tais histórias e a época contemporânea fez com que tais histórias sejam reproduzidas despidas de seus elementos mais importantes: a experiência que lhe deu origem. O narrador é aquele que tem consciência e transmite a experiência contida nessas antigas narrativas. O contador a encara apenas como uma arte de entretenimento. (ABREU, 2005).

Outra distinção importante de ressaltar é que a necessidade de narrar determinada experiência é que move o narrador. É importante e urgente narrar determinada experiência para determinado grupo de ouvintes. Com essas distinções esclarecidas, a prática dos Narradores de Passagem foi configurada em dois momentos: o primeiro, era um treino baseado em atividades relacionadas às técnicas de preparação para o trabalho em campo (corpo, voz, memorização,

imaginação, oralidade, postura em campo e estudos teóricos sobre as práticas narrativas e algumas enfermidades específicas) e, o segundo momento era a própria atuação em campo, o encontro narrativo com o ouvinte (focado na relação e no contato humano estabelecidos no encontro).

O corpo do Narrador precisava estar em estado de alerta porque, em sua performance estavam presentes imprevistos que tornavam necessário o rigor no treinamento para que os NP estivessem disponíveis e pudessem lidar com o inesperado durante a narração.

A seguir descrevo algumas práticas relacionadas à ação de narrar.

3.1 Narrar: vocalidade

Derivado do Latim, o verbo *narrãre*²² – narrar – significa “contar, relatar, expor”. Então, podemos compreender narração como a ação de trazer ao conhecimento das pessoas acontecimentos ou experiências através da ação de contar.

Segundo Luís Alberto de Abreu (2005), narrar é um ato dramático. O conteúdo e as imagens da narrativa são épicos, mas o ato de narrar é, essencialmente, dramático, já que se trata de uma ação dialógica do narrador executada num tempo e espaço determinados. Isso, também, não significa que tais conceitos não se misturem, enquanto performance.

A ação de narrar, concebida na oralidade, atribui uma presença humanizadora trazida das tradições. Sua configuração não se restringe apenas à fala; entretanto, como ato de fala, onde realização e recepção são simultâneas, a oralidade permite intervenção e sua manifestação é constituída de vários outros códigos pertinentes as interações face a face como cheiros, olhares, entonações, pausas, respirações e, principalmente, como um corpo que ressoa.

O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem. Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um

²² CUNHA, Antonio Geraldo. *Dicionário etimológico*. Nova Fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1982, p. 544.

diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra. (HAMPATÊ BÂ, 1980, p. 168).

O autor e educador francês Elie Bajard (1994) diferencia o “dizer”, relacionando-o à fidelidade ao texto escrito sem alterações, do “contar” que assume o texto constituindo-o através do contato oral entre as pessoas e pelas interferências que afetam esse contato.

Paul Zumthor (2010, p. 10), medievalista e crítico literário, reforça que “o sopro da voz é criador”. Propondo o termo vocalidade à oralidade, o linguista suíço atribui ao uso da voz uma função dialógica da linguagem na performance, o que a caracteriza pela efemeridade, transitoriedade e pelo movimento, contrariando a concepção de texto como um lugar fechado e fixo.

Segundo Zumthor (1993), citado pela escritora Jerusa Pires Ferreira,²³ (1999, p. 69), “A transmissão da boca ao ouvido *opera* o texto, mas é o todo da performance que constitui o *locus* emocional em que o texto vocalizado se torna arte e donde procede e se mantém a totalidade das energias que constituem a obra viva.”

A vocalidade é dinâmica, pois sua natureza é instável em suas manifestações e ela transita, através da linguagem pelos sons da palavra (da boca para chegar ao ouvido) que a recebe também através da linguagem, mas não pela palavra e sim pela imagem que lhe é concebida nessa escuta.

Trataremos a oralidade tomando emprestado o termo vocalidade, sugerido por Zumthor para o aprofundamento da presente pesquisa porque possui maior sentido ao trabalho dos Narradores, visto que é através da voz que podemos transmitir mais do que o discurso diz e por ser capaz de apresentar seu interlocutor.

Amadou Hampatè Bâ (1980, p. 173) nos diz que “a fala humana anima, coloca em movimento e suscita as forças que estão estáticas nas coisas”. Porém, segundo as tradições africanas, para tal efeito a fala deve ter cadência, já que em sua essência está o ritmo.

Na tradição africana a herança ancestral é transmitida por testemunhos orais através de geração a geração. Para o escritor malinês, a fala é força porque gera movimento e ritmo, portanto, vida e ação. Ao promover o elo entre o homem e a

²³ Jerusa Pires Ferreira é escritora, ensaísta e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, onde dirige o Centro de Estudos da Oralidade, e do CJE/ECA-USP. Disponível em: <<http://bocadoceu.com.br/jerusa-pires-ferreira/>>. Acesso em: 07 maio 2019.

palavra, a fala manifesta o testemunho oral, que, na tradição africana, é considerado como um dom de Deus; ela é divina em sentido descendente e sagrada em sentido ascendente. Por essa razão muitas sociedades orais tradicionais consideram a mentira uma lepra moral.

“Aquele que corrompe sua palavra, corrompe a si próprio”, diz o adágio. Quando alguém pensa uma coisa e diz outra, separa-se de si mesmo. Rompe a unidade sagrada, reflexo da unidade cósmica, criando desarmonia dentro e ao redor de si. (HAMPATÈ BÂ, 1980, p. 174).

A voz existe no movimento da relação entre texto e obra, entre fala e performance; o texto escrito não sofre mutações como o oral. Os vestígios da vocalidade em um texto poético não está em seu significado, mas na forma como esse texto é manifestado na voz. Como diz Zumthor (2005, p. 53) “a voz é nômade, enquanto a escrita é fixa.”

É a voz e o gesto que propiciam uma verdade; são eles que persuadem. As frases sucessivas que são lançadas pela voz, e que parecem unidas somente por sua conexão, entram progressivamente no fio da escuta, em relação mútua de coesão. A coerência última conseguida pela obra é um dom do corpo. (ZUMTHOR, 1993 apud FERREIRA, 1999, p. 68).

Bajard (1994, p. 86) diz que “o texto escrito assumido pela voz se mistura a outras linguagens que também acompanham a língua oral”. Porém, relembra como as estratégias de leitura e suas formas de transmissão podem variar não apenas pelas pessoas envolvidas no ato da fala, mas também de acordo com a função do tipo de texto:

Em certas ocasiões, essas linguagens sonoras podem ser neutralizadas. É o caso na leitura *recto-tono*, outrora realizada em seminários e conventos. O texto era dito na mesma altura, sem nenhuma inflexão da voz, nem ao longo da frase, nem no final. As pausas eram as únicas marcas sintáticas. Desse modo toda a carga afetiva era neutralizada e a máxima redução da participação do corpo deixava amplo espaço para o código verbal. Esse pode ser considerado o grau zero de uma “leitura em voz alta”, receosos de que ela seja confundida com práticas teatrais. (BAJARD, 1994, p. 86).

O coração da narrativa oral é a voz e sua completude acontece no encontro narrativo. A voz humana na forma narrativa está presente em expressões de força, coragem e sensibilidade. A prática dos Narradores de Passagem está em trabalhar a ambientação das imagens através do sensível, em especial dos elementos sonoros da vocalidade do Narrador.

O Narrador se torna um corpo invisível presente na voz e tem sua ação na imaginação dos ouvintes. Na ação de narrar, o imprevisto é constante porque a seleção do que é dito acontece simultaneamente à escuta e a reação do ouvinte. Assim, a voz possui papel fundamental no encontro narrativo porque ela conduz à memória, cujas lembranças despontam afetivamente, adormecidas ou não, dotadas de sentido.

A voz do Narrador no ambiente hospitalar acalenta e acolhe, o que a faz destacar-se, algumas vezes, por destoar das vozes costumeiras desse local. Através da voz do Narrador o ouvinte é conduzido a expandir sua imaginação e a se transportar para as experiências contidas na narrativa, o que o retira, por um instante, do ambiente hospitalar.

E qual seria a voz do ouvinte? As vozes dos ouvintes estão presentes nas histórias narradas. Há múltiplas vozes nas narrativas de passagem. Vozes de pacientes, acompanhantes, equipe profissional de saúde e também de Narradores. Vozes muitas vezes silenciadas pela prática cotidiana conquistaram espaços de escuta nas narrativas que conferem voz às histórias que precisamos e queremos ouvir. Essas vozes retiradas de relatos orais e escritos foram incorporadas às narrativas de passagem para serem devolvidas aos ouvintes.

Na prática em campo foram perceptíveis os benefícios de tais inclusões que influenciaram a aproximação entre os envolvidos e promoveram posturas mais positivas ante o sofrimento.

A proposta de narrar histórias específicas que tratam das passagens que as pessoas enfrentam nesse contexto foi ficando mais viva durante a atuação dos Narradores em campo. O impacto das narrativas na escuta dos ouvintes era verbalizado por eles ao relatarem que tinham a impressão que eu “contava os seus pensamentos”.

A experiência estética na performance dos Narradores explora nas narrativas a vocalidade e as vozes que carregam, o que pode trazer uma perspectiva diferente para o ambiente ao nosso redor. Ter a percepção do que a voz provoca é fundamental para esse trabalho uma vez que, além de instrumento e meio, revela o Narrador presente.

A voz do Narrador no ambiente hospitalar é uma experiência da escuta no sentido de instaurar um estado de suspensão capaz de transformar pessoas e ambientes.

3.2 Imaginar: os olhos de dentro

Luís Alberto de Abreu (2010, p. 4) diz que “a imaginação é uma força poderosa, às vezes, maior que o fato real. [...] Construir a solidez de uma experiência humana, apenas com imagens requer uma técnica e uma atenção bastante apuradas”.

O professor, filósofo e mitólogo Mircea Eliade (1991) alega que a existência é repleta de símbolos dos quais podem mudar de aspecto sem jamais desaparecer; contudo, a função de tais símbolos conserva-se a mesma. Para o mitólogo (ELIADE, 1991, p. 15): “Toda essa porção essencial e imprescritível do homem, que se chama imaginação, está imersa em pleno simbolismo e continua a viver dos mitos e das teologias arcaicas.”

As imagens organizam as representações mentais e expressam mais do que qualquer palavra é capaz de expressar. Por meio da escuta de histórias ou poesias é possível ampliar a compreensão da vida e descobrir outras possibilidades de relação do ser humano com sua realidade.

“Ter imaginação” é gozar de uma riqueza interior, de um fluxo ininterrupto e espontâneo de imagens. Porém, espontaneidade não quer dizer invenção arbitrária. Etimologicamente, “imaginação”, está ligada a *imago*, “representação”, “imitação”, a *imitor*, “imitar, reproduzir”. Excepcionalmente, a etimologia responde tanto às realidades psicológicas como à verdade espiritual. A imaginação *imita* modelos exemplares – as Imagens –, reproduzindo-os, reatualizando-os, repetindo-os infinitamente. Ter imaginação é ver o mundo na sua totalidade; pois as Imagens têm o poder e a missão de *mostrar* tudo o que permanece refratário ao conceito. Isso explica a desgraça e a ruína do homem a quem “falta imaginação”: ele é cortado da realidade profunda da vida e de sua própria alma. (ELIADE, 1991, p. 16).

Segundo o escritor britânico J.R.R. Tolkien (1966 apud KLIMICK; BETTOCCHI, 2015, p. 368) a imaginação é a ação humana de representar, criar o Mundo Secundário, um contraponto ao Mundo Primário cotidiano e tal criação ocorre através do que ele nomeia como “Fantasia”, que para ele é um ato racional de estruturação de um Mundo Secundário. Essa atividade artística exige muito trabalho e pesquisa para atribuir ao mundo imaginado uma realidade crível. O escritor britânico sustenta ainda que

Fantasiar é ser bem-sucedido em fazer ou vislumbrar outros mundos; não mundos possíveis, mas desejáveis. [...] O “drama feérico”, para Tolkien, é aquele que pode produzir Fantasia com realismo e cujo resultado é a suspensão da descrença, permitindo a imersão “corporal” no Mundo Secundário. Para Tolkien, essa é a arte élfica, mais bem expressada pela palavra “Encantamento”. (TOLKIEN apud KLIMICK; BETTOCCHI, 2015, p.369)

Há alguns profissionais da saúde que utilizam a imaginação como técnica terapêutica como, por exemplo, a dra. Raquel Naomi Remen (1993) que diz ser de valor inquestionável o uso da imaginação para curar o relacionamento entre a pessoa e a doença e ressalta que são técnicas bem simples.

Há também o psiquiatra americano, dr. Gerald Epstein (2009), que utiliza, com seus pacientes, a visualização mental e a traduz como o pensamento por meio de imagens. Ele esclarece que na realidade objetiva utilizamos o pensamento lógico na relação com o mundo cotidiano, mas, a realidade interior subjetiva é acessada pela visualização mental, onde utilizamos um tipo de pensamento não lógico, como a intuição, por exemplo. Em sua experiência clínica, o psiquiatra percebeu que os pacientes ao se aprofundarem em sua vida interior, a estruturavam por meio de imagens e que tal ação provocava alterações fisiológicas e efeitos benéficos surpreendentes para o corpo físico. A partir dessa percepção, passou a trabalhar com a visualização de imagens em suas práticas terapêuticas, visto que a técnica da visualização elimina pensamentos nocivos e os substitui por férteis. Epstein (2009, p.19) afirma, ainda, que “ao nos transformarmos em jardineiros de nossa realidade, a autocura se torna possível”.

A exploração das conexões entre mente e corpo na medicina tem despontado diversos estudos sobre o impacto do mental no físico como suporte e auxílio para a cura.

O mitólogo Mircea Eliade (1991, p. 16) já dizia que “a sabedoria popular muitas vezes exprimiu a importância da imaginação para a própria saúde do indivíduo, para o equilíbrio e a riqueza da sua vida interior”.

A imaginação tem importância fundamental para o trabalho dos NP porque as histórias se completam na imaginação dos ouvintes. O Narrador evoca as experiências humanas contidas nas histórias através das imagens e não das palavras. Nesse sentido, as palavras ganham a dimensão do gesto e da ação, visto que sai da palavra para se tornarem imagens visualizadas e experimentadas na memória, o que acentua a relação estabelecida nesse contato humano. O prazer

imaginativo e o envolvimento com as narrativas proporcionam uma compartilha fecunda ao encontro narrativo.

3.3 Memorizar: experimentar a memória

A memória possibilita reviver a experiência através da imaginação e da lembrança. Na maioria das vezes é compreendida apenas como competência para recuperar ou armazenar e preservar informações ou conhecimentos e experiências, porém, a memória tem o esquecimento como parte integrante, enquanto recurso de seleção.

Toda memória é social. [...] A memória que nos interessa prioritariamente aqui é a memória coletiva – não o somatório das memórias individuais, mas aquela que se fundamenta nas redes de interação, redes estruturadas e imbricadas em circuitos de comunicação. De maneira que, então, mesmo a memória autobiográfica é a que se realiza apenas enquanto reconstrução contextual, em situação – como comprovam os especialistas de História oral. Toda memória, diz Franco Ferrarotti, é uma experiência de comunidade, que nunca se efetiva em um vácuo social. Nessa ótica, quando se fala em perda de memória não deveria se tratar da perda de uma substância vulnerável, friável, frágil, que precise ser recuperada ou até depurada, mas tal perda deve ser entendida como perda dos elos comunitários. Esta, sim, é a perda efetiva. (MIRANDA, 2007, p.26).

Em sua conferência “Os Paradoxos da Memória”²⁴ o professor Ulpiano Bezerra de Meneses (2007) parte da perspectiva da memória como fato social e afirma que a memória é um mecanismo de esquecimento programado que possui a capacidade de descartar, eliminar, selecionar. Ele também cita, no campo biológico, o livro de Steven Rose “O cérebro do século XXI”, o qual declara que o cérebro não trabalha com informações, mas com significados e que esses são mutáveis.

O professor Meneses proporciona um entendimento mais ampliado do funcionamento da memória, importante para o trabalho dos Narradores porque ao memorizar as imagens das narrativas, imprimimos seus significados que são rastreados em nossas referências e vivências pessoais.

Nossa memória individual é única, pois mesmo tendo vivido as mesmas experiências que outras pessoas, cada um de nós seleciona e compõe seu próprio conjunto de registros, uma espécie de “patrimônio pessoal”. Por

²⁴ Conferência *Os Paradoxos da Memória*, do professor Ulpiano Bezerra de Meneses da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, publicada pelo SESCSP 2007.

outro lado, é importante ressaltar que apesar de únicos, somos sempre seres históricos, isto é, nosso jeito de ver o mundo, nossa linguagem, nosso jeito de vestir e finalmente de considerar o que é significativo ou não resulta do espaço e tempo em que vivemos. (WORCMAN; PEREIRA, 2006, p. 201).

A prática de memorização no treino dos NP consistia em experimentar a memória para buscar imagens sensoriais que traduzissem as experiências contidas nas narrativas. Nesse sentido, o treino de memorização não tinha como objetivo apenas fixar as histórias, mas de experienciar um acontecimento significativo.

Para essa busca eram feitas atividades com exercícios práticos de visualização onde, a partir de uma situação/cena proposta, era solicitado que os Narradores descrevessem o que estavam vendo através dos sentidos (cheiros, cores, temperatura, texturas, etc.) e iniciava-se, assim, uma história coletiva oralizada por todos. Em alguns momentos acontecia de um Narrador dizer algo totalmente contrário à descrição de outro e a orientação era para que se ouvissem e selecionassem uma imagem comum a todos para que pudessem continuar a visualização da situação/cena sem que a tornasse impossibilitada de visualizar por falta de coerência. Por exemplo: se um Narrador dizia que o sol brilhava e queimava na areia, o outro não poderia, na sequência, falar que a noite estava fria; a não ser que fosse feita uma costura do dia quente para a noite fria e todos os presentes pudessem acompanhar tal mudança. Essa atividade também era ótima como exercício de imaginação e escuta, uma vez que, além de imaginar a história criada, todos precisavam se ouvir.

Essa atividade, denominada “visualização coletiva”, era a primeira prática feita para verbalizar o que se via como imagens e não como palavras escritas em um texto. Assim, o treino para memorizar as narrativas passava por esse processo de visualizar as imagens que as histórias continham e, a partir daí, iniciar a memorização individual das histórias. Isso não significa que as histórias eram narradas desconsiderando as palavras escritas pelos autores. Após a sequência de imagens memorizadas das narrativas, iniciava-se o segundo momento da prática de memorização: encaixar as palavras do texto nas imagens memorizadas, o que possibilitava, também, refletir sobre o motivo da escolha por determinadas palavras e não outras. Nesse segundo processo, muitos Narradores alteravam palavras não percebendo que em alguns contextos, tal alteração podia dar sentido diverso do que

se pretendia; já em outros casos a troca de palavras não comprometia o sentido original da narrativa.

Apesar de o trabalho com a memorização não focar na capacidade de recordar as histórias, muitos Narradores, em especial os mais velhos (acima de 60 anos), perceberam que tinham melhorado sua memória para coisas simples do dia a dia. Eles relatavam, por exemplo, que após sua entrada no projeto, não esqueciam coisas que deveriam comprar no mercado mesmo sem levar lista de compras e, também, não se esqueciam de dar recados aos filhos ou não esqueciam mais a comida no fogo. O trabalho com a memorização dos Narradores, desde o início, foi focado na visualização das imagens contidas nas narrativas e continua até os dias atuais.

3.3.1 Processos de memorização das narrativas

Na primeira fase do projeto, para memorizar as narrativas e conceber suas imagens, os Narradores de Passagem (NP) recebiam as histórias através da escrita, ou seja, no papel. Além do exercício de visualização de imagens, já retratado anteriormente, havia uma atividade individual feita pelos NP que consistia em detalhar as imagens apresentadas na história, por escrito. Este era um processo que demandava um esforço inicial de disciplina porque acarretava, praticamente, em escrever uma segunda história. A atividade visava a apropriação da narrativa pelos NP, já que a riqueza de detalhes, concebida por eles, auxiliava na memorização da história. Apesar de nesse processo não demorar muito tempo para que os NP se apropriassem da narrativa e de ser rico em detalhes, com o tempo, percebeu-se que o contato direto com o texto escrito provocava uma mecanicidade na fala dos Narradores que afetava a fluência natural da oralidade, característica da fala. Então, o criador do projeto, Luís Alberto de Abreu, propôs um treino mais focado na oralidade, o que resultou em uma outra etapa no processo de memorização das narrativas e que foi denominado de “processo oral”.

A segunda fase desse processo foi baseada na oralidade, na qual os NP recebiam as histórias narradas pelos multiplicadores do projeto. O processo de memorização passou a ser realizado, então, pela escuta das histórias e não pela leitura do texto no papel. Durante esse período, não era permitido aos Narradores

escrever nenhuma palavra da narrativa. Por ser um processo lento, demorado para adquirir novas histórias, os multiplicadores ainda memorizavam através do texto escrito, mas, aos Narradores, eles transmitiam oralmente.

Essa fase do processo causou muito alvoroço na maioria dos NP, visto que os encontros eram semanais e, sem poder escrever nenhuma palavra da narrativa durante esse processo, acontecia o esquecimento do que haviam estudado na semana anterior. Assim, demorava-se muito tempo para memorizar uma narrativa inteira, o que dificultava também a atuação em campo que necessitava de novas histórias porque na maioria das Instituições encontravam-se os mesmos ouvintes.

Abreu insistia para que os Narradores buscassem apenas a memória auditiva e imagética da narrativa. Então, para agilizar o processo de memorização oral, algumas histórias foram gravadas em *Compact Disc* (CD) e distribuídas aos Narradores para que memorizassem a partir da voz na gravação e pudessem ouvir durante a semana, sem se esquecerem até o encontro seguinte dos NP. Esse processo, de escuta da gravação, agilizou bastante a memorização das histórias. Porém, tal processo se tornou caótico porque muitos Narradores retornavam com as histórias memorizadas exatamente igual ao CD, reproduziam a mesma voz artificial e a forma de narrar idêntica à da narração gravada, inclusive com as inflexões que, além de estranho, limava a singularidade de cada Narrador. O processo de gravação dos CDs foi descartado em dois meses de tentativas, pois o que antes era mecânico pela forma de decorar as histórias através do papel tornou-se mais mecânico e artificial pela voz registrada no CD.

Nessa etapa também foi perceptível a dificuldade do Narrador se manter fiel ao texto original. A narrativa, depois que ganhava vida em sua voz, adquiria outras palavras, o que causava certa perturbação pelo sentimento de “incompetência” em não conseguir manter, na memória, as palavras tão bem escritas do texto. Abreu, em seus encontros com os Narradores no INP, identificava que essas alterações não comprometiam a essência original da história e eram naturais por causa do contato vivo da narrativa com os ouvintes, uma vez que a cultura oral preserva o que é essencial.

Ainda assim, Abreu insistia em um processo mais oral no treino e, de tanto ouvir dos Narradores a dificuldade em memorizar a narrativa com encontros semanais para ouvir as histórias e sem poder escrevê-las, o idealizador do projeto decidiu escrever as narrativas também em sua memória, sem colocá-las no papel

como fazia costumeiramente. Assim, se deu início a terceira fase do processo: a criação coletiva oral das narrativas e sua consequente memorização. Essa foi a última fase do processo de memorização desenvolvida nos Narradores por Luís Alberto de Abreu e foi dividida em três momentos:

O primeiro momento foi iniciado em uma experiência do autor na oficina de escritura de narrativas oferecida pelo Instituto Narradores de Passagem (INP). O processo era totalmente oral – desde a criação das narrativas até a sua memorização. Baseado no exercício de visualização coletiva, apresentado anteriormente, Abreu, a partir de temas/imagens propostos, orientava o grupo na criação de uma história coletiva. Cada participante narrava o que visualizava e outro participante dava sequência à narrativa iniciada com coerência ao tema proposto, sem perder o foco que era escrever (na memória) a história criada naquele momento. Cada integrante descrevia uma parte da narrativa e os outros deveriam completá-la até a sua finalização. Essa experiência durou pouco tempo porque a turma não era um grupo fixo do Instituto, o que gerava rotatividade de pessoas e muita dificuldade em manter esse processo que dependia, consideravelmente, da continuidade dos participantes envolvidos no processo.

Já o segundo momento desta fase consistia em todos (Narradores e multiplicadores) receberem as histórias de forma oral, ou seja, narradas. A questão do tempo ainda era uma dificuldade, pois era mais demorado memorizar as histórias. Entretanto, quando a memorização acontecia dessa maneira, estava mais adequada à fala do Narrador, fluente e sem a mecanicidade de antes. Um fato que favoreceu bastante foi que as narrativas desenvolvidas nesse período eram bem menores e continham rimas e sonoridades que auxiliavam sua memorização.

O terceiro e último momento desta última fase foi memorizar a narrativa através de escutá-la repetidas vezes pela boca do próprio autor (Abreu) e repeti-la oralmente, também várias vezes, até que todos os integrantes do grupo estivessem apropriados da história. Nesse período o Instituto já havia sido fechado e o criador do projeto assumiu o treino dos NP, havendo, assim, uma transformação significativa na prática de memorização. Nesse último momento também foram feitas experiências com a criação de histórias coletivas, retomando o primeiro momento da terceira fase, visto que era um grupo coeso e fixo. Porém, as dificuldades cotidianas de falta de tempo também impediram a finalização desse processo.

Nos primeiros e terceiros momentos da terceira fase do processo de memorização das narrativas não foi concluída a criação de nenhuma história coletiva. No entanto, foram desenvolvidos exercícios preciosos à imaginação, à memorização e à escuta, o que possibilitou ao grupo compartilhar experiências tão solitárias ao trabalho do Narrador no processo de memorização das histórias.

3.4 Encontrar: a performance narrativa

O encontro narrativo é o momento de compartilhar as narrativas que auxiliam confortar e diminuir as angústias de quem está exposto ao sofrimento. Os Narradores de Passagem (NP) funcionam como instrumento que viabiliza o fundamental desse projeto: o encontro com as pessoas em situação de risco.

Considerando a arte como encontro, a estética relacional aparece como um espaço alternativo que compreende a dimensão do convívio e socialização também em encontros com pequenos grupos e, isso inclui, duplas.

Roland Barthes (1973, p. 47) exemplifica que “a narrativa, como objeto, é alvo de uma comunicação: há um doador da narrativa, há um destinatário da narrativa” e, sendo assim, “não pode haver narrativa sem narrador e sem ouvinte (ou leitor)”.

Reconhecida como recurso de humanização no ambiente hospitalar, a narração de histórias, nesse contexto, é expandida para a esfera afetiva e social do ser, capaz de reavivar vivências experienciadas no passado. Os NP ao convidar o ouvinte a novos ou antigos horizontes, possibilitam uma transformação poderosa no ambiente que, ativada por lembranças ou sensações despertadas, podem modificar o estado de ânimo dos presentes nesse encontro narrativo.

A atenção necessária neste ambiente visa a cuidados específicos para evitar riscos aos envolvidos. Tal atenção, nesse caso, não considera apenas o trabalho artístico que a narração demanda, mas a total atenção ao outro (paciente/acompanhante/profissionais) e ao espaço (hospital), para que não ocorram interferências invasivas ou impertinentes à rotina hospitalar. Transformar o peso do ambiente em algo mais leve e despertar nos ouvintes forças adormecidas em momentos de crise são as interferências almejadas.

Quando estamos doentes, não parecemos nem nos sentimos fortes. Entretanto, podem existir partes numa pessoa doente que continuam

maleáveis e cheias de recursos, partes que podem mesmo ter crescido e se desenvolvido numa reação à crise. Quando está presente e é reconhecida, a força dessas partes de cada pessoa pode ser despertada para lidar com o problema e colaborar no restabelecimento do bem-estar. [...] cada um de nós possui mais força do que acredita ter. As qualidades humanas que possuímos e que nos acompanham na doença, como *insight*, paciência, habilidade, engenhosidade, sabedoria e coragem, podem desempenhar um papel tão importante na recuperação da saúde quanto os tratamentos médicos mais sofisticados. (REMEN, 1993, p. 23-24).

Nesse contexto de atuação, há também a preocupação com o posicionamento do Narrador na configuração do espaço no momento da performance narrativa, para que o ouvinte perceba a voz e a presença dos NP, sem dificuldades em ouvi-los ou vê-los. A postura corporal e vocal mais favoráveis e adequadas ao espaço foram elementos descobertos durante os encontros. Há situações que, dependendo do estado do ouvinte/paciente, o Narrador não era visto, mas apenas ouvido e isso não prejudicava o encontro, visto que a performance narrativa se completa na imaginação do ouvinte por meio da voz do Narrador.

A transformação do ambiente hospitalar em um local mais acolhedor indica as possibilidades que as narrativas são capazes de fomentar nesses encontros. As histórias viabilizam a organização do caos vivido no momento de crise porque a forma narrativa auxilia os ouvintes na percepção de suas próprias histórias de vida ao promover ressignificações possíveis para o enfrentamento da passagem em que estão inseridos.

As pessoas em situação de vulnerabilidade, geralmente, sentem a necessidade de contar suas histórias para compartilhar suas experiências de vida, sentimentos e eventos que creem ser urgentes e significativos. A ação de narrar essas urgências significativas por si só já produz efeitos benéficos aos envolvidos no momento de crise, como um desabafo que produz alívio.

O psicólogo austríaco Bruno Bettelheim (1980) assegura que os contos de fadas têm efeito terapêutico porque promove um encontro com a solução de seus conflitos.

O conto de fadas é terapêutico porque o paciente encontra sua própria solução através da contemplação do que a estória parece implicar acerca de seus conflitos internos neste momento da vida. O conteúdo do conto escolhido usualmente não tem nada a ver com a vida exterior do paciente, mas muito a ver com seus problemas interiores, que parecem incompreensíveis e daí insolúveis. (BETTELHEIM, 1980, p. 33).

As histórias também contribuem para a evolução do autoconhecimento e

impulsionam ponderações sobre questões delicadas que concedem suporte aos enfrentamentos. Seu aproveitamento como estratégia terapêutica e didática aproxima-se da Medicina Narrativa²⁵, fundamentada em reconhecer, absorver, interpretar e atuar sobre as histórias e dificuldades dos pacientes. A metodologia consiste em ouvir as histórias dos pacientes, tendo ou não alguma relação com suas histórias clínicas.

Se aceitarmos que cada um de nós é potencialmente um transformador de experiência, pode haver uma maneira “saudável” de se ter uma doença, uma maneira “saudável” de se enfrentar uma crise. Pode haver uma maneira de se utilizar esses eventos comuns da vida como uma indicação para identificar o que já foi superado, para encontrar novas e melhores maneiras de ser e realizar. As tragédias e dificuldades da vida cotidiana podem se tornar uma maneira de saber quem somos e como desejamos viver. (REMEN, 1993, p. 102).

Curar não significa apenas a restauração da saúde - voltar ao estado saudável - pode ser a possibilidade de conviver com a doença de maneira digna e sem dor, de modo menos traumático. A voz do Narrador no ambiente hospitalar apresenta, através das narrativas de passagem, possibilidades de reafirmação da vida, contudo, sem a negação da morte.

A médica Raquel Naomi Remen (1998, p. 22) afirma que “oculta em todas as histórias está A história.” e diz, também, que cada pessoa é uma história. A dra. destaca a importância de dedicarmos tempo para ouvir as histórias dos outros porque quando não temos mais esse tempo iniciamos uma busca por especialistas que nos escutem e nos ensinem como viver adequadamente. Ela também ressalta que muitos pais sabem a importância de contar suas próprias histórias aos filhos e repeti-las muitas vezes para que eles conheçam e saibam quem são e a quem pertencem.

Quando eu era criança, as pessoas sentavam-se à mesa da cozinha e contavam suas histórias. Hoje já não fazemos isso com tanta frequência. Sentar-se à mesa e contar histórias não é apenas um modo de passar o tempo. É o modo como a sabedoria é transmitida. É o que nos ajuda a viver uma vida digna de ser lembrada. Apesar dos espantosos poderes da tecnologia, muitos de nós ainda não vivem muito bem. Talvez precisemos voltar a ouvir as histórias uns dos outros. [...] Histórias verdadeiras levam tempo. Paramos de contar histórias quando começamos a não mais dispor desse tipo de tempo, do tempo para parar, refletir, maravilhar-se. A vida nos

²⁵ Para mais informações ver: BENEDETTO, Maria Auxiliadora Craice de; GARCIA, Deborah; BLASCO, Pablo González. *Era uma vez... Narrativas em medicina*. Revista Brasileira de Cuidados Paliativos 2010.

impele, e poucas pessoas são fortes o bastante para se deterem sozinhas. Na maior parte das vezes, alguma coisa imprevista nos faz parar, e só então temos tempo para nos sentarmos à mesa da cozinha da vida. Para conhecermos nossa história, e contá-la. Para ouvir as histórias de outras pessoas. Para lembrar que o mundo real é feito exatamente dessas histórias. (REMEN, 1998, p. 21).

Os pacientes que ouviam as narrativas estavam internados e eram acompanhados por algum familiar ou por amigos ou cuidadores particulares. Era possível reconhecer em seus discursos as marcas da carência causadas pelo tempo de permanência no hospital e da solidão e do medo enfrentados diante da iminência de morte.

A realidade da maioria das instituições hospitalares, onde é frequente a presença de pacientes oncológicos sem possibilidade de cura [...] em estágio avançado e irreversível da doença oncológica, submetidos à terapêutica paliativa que, muitas vezes, constituem a população que vivencia os medos e angústias inerentes à terminalidade lenta. É nesta que há uma lacuna na assistência da equipe de enfermagem: os profissionais se afastam dos pacientes, não compreendendo as mensagens que são transmitidas de maneira verbal e não-verbal. Como no Brasil não há normas claras ou modelos difundidos de assistência ao paciente sem possibilidades de cura, a equipe não sabe exatamente o que fazer e, portanto, não planeja suas ações adequadamente, tendendo a não refletir e discutir a situação. O paciente sente-se isolado, vivenciando uma espécie de morte social. (ARAÚJO, 2006, p. 24).

Esse cenário pude conhecer de perto desde minha experiência como acompanhante de meu pai, bem como de Narradora nos hospitais em que estive semanalmente com pacientes, acompanhantes e equipes profissionais de saúde. Tais experiências fizeram-me testemunhar diferentes formas de afastamento e de descuido que estavam além da não presença, da não escuta; mas na indiferença perante o extraordinário e o sofrimento humano.

A contradição do ambiente hospitalar, cuja essência é o cuidado e atenção à pessoa, mas que muitas vezes externa pouco efetiva ao que se propõe, é o que torna esse espaço um cenário liminar capaz de fomentar experiências de alteridade e possíveis de escuta plena. Considero que aprender a ouvir é vital para narrar histórias, já que tal habilidade é baseada nesta forma fundamental de interação humana: a escuta.

O encontro narrativo no hospital, norteador pela relação no contato humano, acontece como uma prática solidária estimulada pela lacuna de carência relacional existente nesse espaço. Nesse sentido, a performance narrativa dos NP pode ser

identificada como prática liminar, conforme aponta a pesquisadora Ileana Diéguez Caballero (2011, p. 52, 59), como uma “arte inconclusa, em transformação contínua”. Ao demonstrar experiências de alteridade geradas através de situações de crise, a pesquisadora cubana aponta a predominância do caráter vivencial das práticas liminares “onde a marginalidade não é precisamente uma alternativa poética, mas uma consequência da estrutura social”.

Segundo Victor Turner (1988, p. 58) “a arte e o ritual são gerados em zonas de liminaridade onde processos de mutação, de crise e de importantes mudanças são dominantes”. O antropólogo define a liminaridade como

uma espécie de fenda produzida nas crises [...] uma situação de margem, de existência no limite, portadora de mudanças, proponente de umbrais transformadores. [...] ‘caos fecundo, ‘armazém de possibilidades’, ‘processo de gestação’ e ‘esforço por novas formas e estruturas’”. (TURNER, 2002, p. 99).

Para Turner (2002, apud CABALLERO, 2011; p. 37), os artistas são “gente liminar e marginal”, “observadores periféricos” que têm “espíritos de mudanças” e percebem as necessidades de mudanças antes da maioria que, nas palavras do antropólogo: “são artistas/cidadãos que desenvolvem estratégias artísticas para intervir na esfera pública.” Em seu estudo, Caballero (2011) nos traz à luz o termo *communitas*, apresentado por Turner:

A *communitas* representa uma modalidade de interação social oposta à de estrutura, na sua temporalidade e transitoriedade, onde as relações entre iguais dão-se espontaneamente, sem legislação e sem subordinação a relações de parentesco, numa espécie de “humilde irmandade geral”, que estão fixadas através de ações litúrgicas ou práticas rituais. (CABALLERO, 2011; p. 38).

No ambiente hospitalar, quando NP e ouvintes (pacientes, acompanhantes e equipes profissionais de saúde) se unem em comunhão na imaginação, no breve momento da narrativa, a configuração dos papéis dos sujeitos ali determinada é anulada; dessa forma é possível aproximar essa relação com o conceito *communitas* de Turner.

O encontro narrativo no ambiente hospitalar caracteriza-se pela comunhão efêmera da experiência. Tal comunhão pode funcionar como estratégia terapêutica porque, também, assiste os envolvidos nesses momentos de enfermidade. Os Narradores de Passagem e o instrumental *vade-mécum* (caderno de registros)

tornam-se instrumentos terapêuticos²⁶, no sentido de auxiliar a organização do caos vivido no momento de crise (pela forma narrativa oral ou escrita) e pelo contato humano estabelecido (a partilha de experiências), além de promover um ambiente mais acolhedor e saudável.

Os benefícios que a arte pode gerar para a saúde são tão evidentes que alguns países adotaram essa união para melhorarem suas políticas e práticas, como, por exemplo, o Parlamento Britânico que criou o All-Party Parliamentary Group on Arts, Health and Wellbeing (APPGAHW)²⁷. O grupo conduziu uma pesquisa sobre a prática das artes na saúde e assistência social, com o objetivo de fazer recomendações para melhorar as práticas existentes. No relatório da pesquisa, apesar de o grupo reconhecer a dificuldade de mensurar o efeito de maneira precisa, afirma que os dados são suficientes para relacionar o impacto positivo.

Outro exemplo é a National Arts and Health Framework (NAHF)²⁸, apoiada pelos Ministros da Saúde e das Artes em todos os estados e territórios australianos. O NAHF define que as artes na saúde se referem à prática de aplicar iniciativas artísticas a problemas de saúde e ambientes de promoção de saúde. Eles afirmam que além das práticas impactarem positivamente sobre os determinantes da doença, alteram as atitudes dos indivíduos em relação aos riscos para a saúde e apoiam a resiliência da comunidade. Tais iniciativas trazem benefícios a todos, incluindo Governo, operadores de serviços de saúde, artistas, profissionais da saúde e, claro, pacientes. (GIBSON, 2016).

É complexo traduzir o efeito positivo da performance narrativa dos NP em palavras, porém, é perceptível o benefício concretizado no ambiente hospitalar. Ao compartilhar histórias significativas aos ouvintes, nesse momento de crise e em um ambiente estranho a ambos, é possível instaurar uma escuta diferenciada da cotidiana. Os ouvintes se tornam mais suscetíveis à escuta plena pelo sentido que as narrativas e os Narradores representam nesse contexto. Entretanto, vale ressaltar que, na performance narrativa, os participantes compartilham imagens comuns significativas e não significados comuns.

²⁶ Para mais informações ver: ANTONIO, Mônica Roberta. *Narradores de Passagem em hospitais*. 2014. Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, São Paulo, 2014.

²⁷ Grupo sobre Artes, Saúde e Bem-Estar criado pelo Parlamento Britânico. Para mais informações consultar: APPGAHW, disponível em: <<http://www.artshealthandwellbeing.org.uk/appg-inquiry/>>. Acesso: em 18 set. 2018.

²⁸ Estrutura Nacional de Artes criada pelos Ministros da Saúde e das Artes na Austrália. Para mais informações consultar: NAHF, disponível em: <<https://www.arts.gov.au/national-arts-and-health-framework>>. Acesso em: 13 maio 2019.

4 A EXPERIÊNCIA DA ESCUTA

“Ouvir cria um silêncio sagrado. Quando você escuta generosamente as pessoas, elas podem ouvir a verdade em si mesmas, mesmo que pela primeira vez. E no silêncio de ouvir você pode conhecer a si mesmo em toda pessoa. Por fim, você pode acabar sendo capaz de ouvir, em todas as pessoas e além de cada uma, o oculto cantando baixinho para si mesmo e para você.”

(Raquel Naomi Remen)

– Olá, gostaria de ouvir uma história?

Desta maneira inicio a maioria dos encontros no hospital. Algumas vezes, apenas com um singelo “oi”, sou conduzida para uma “prosa boa” e a história é iniciada sem que o ouvinte perceba que se trata de uma narrativa elaborada especificamente para esse espaço. E assim, sem um modo predeterminado sobre como iniciar o encontro, convido e acompanho o ouvinte ao mundo das histórias, realizando essa passagem de maneira simples e tranquila, cujas narrativas funcionam também como pretexto para encontros e confrontos com as próprias experiências.

Retomo aqui o silêncio, que incomodava alguns Narradores iniciantes, para impulsionar a percepção desse momento. Ao final da narrativa, não havia aplausos e, na maioria das vezes, nem comentários. O silêncio que antecede a palavra e repousa na respiração é carregado de significados, sentimentos e sensações fortes como um momento de suspensão. Nesses instantes me retirava do ambiente sem interromper o silêncio sagrado que era instaurado na manifestação da experiência da escuta.

Susan Sontag (1987) apresenta que o silêncio propõe um estado de espírito como uma preparação para o aperfeiçoamento espiritual que culmina no direito de falar. O silêncio como estratégia pode transformar a arte e ela própria, enquanto emissária, pode atravessar valores humanos. Em suas palavras (1987, p. 25), “o silêncio é uma profecia e as ações dos artistas podem ser compreendidas como uma tentativa de, concomitantemente, cumpri-la e revertê-la.”

Mais um uso do silêncio: equiparar ou auxiliar o discurso a atingir sua máxima integridade ou seriedade. Todos têm a experiência de como as palavras, quando pontuadas por longos silêncios, adquirem maior peso

– tornam-se quase palpáveis; ou de como, quando uma pessoa fala menos, começa-se a sentir mais plenamente a sua presença física em um espaço dado. O silêncio solapa o “discurso ruim”, pelo que se pretende dizer o discurso dissociado – dissociado do corpo (e, portanto, do sentimento), o discurso não organicamente informado pela presença sensória e particularidade concreta do locutor e pela ocasião individual para o emprego da linguagem. Livre do corpo, o discurso se deteriora. Transforma-se em falso, inane, ignóbil, sem importância. O silêncio pode inibir ou se contrapor a essa tendência, proporcionando uma espécie de lastro, monitorando ou mesmo corrigindo a linguagem quando ela se torna inautêntica. (SONTAG, 1987, p. 27).

O convite é para se aproximar de uma escuta que demanda certo repouso da mente e reclama outro tempo: o tempo dedicado a escutar, pausa fundamental para que uma escuta diferenciada da costumeira se instaure e permita aos ouvintes abrirem outros espaços possíveis para a experiência humana compartilhada em um contexto de crise. Portanto, nesta pesquisa, proponho abordar a escuta para além do ouvir.

Ouvir²⁹, do latim *audire* – ouvido / audiência – significa perceber os sons. Já, “escutar”, do latim *auscultare* – escuta / tornar-se ou estar atento para ouvir – significa ouvir com atenção, estar consciente do que está ouvindo. Podemos compreender que escutar possui não apenas uma qualidade diferenciada do ouvir como também exige uma posição, como um movimento que se coloca em estado de escuta e que é estimulado pelo sentido atribuído ao som. Assim, ouvir e escutar se distinguem não pelo som ouvido, mas pelo sujeito que escuta e em como ele imprime sentido ao que foi escutado.

Considerando a escuta utilizada em práticas terapêuticas, o psicanalista e professor titular da USP, Christian Dunker (2018) declara que escutar implica em alguns movimentos, sendo que um deles consiste em deixar-se afetar e tal afetação pode ser pelo que o outro tem ou pelo que lhe falta. Um outro movimento consiste em agir: é a reação que nos desperta após ouvir o fato narrado. Ele ainda ressalta que a escuta é um procedimento de risco porque não sabemos se vai dar certo, não sabemos o que vem do outro; é como uma viagem que não conhecemos o caminho. Nossa comunicação é falha, cheia de ruídos e assumir que pode ser um fracasso é um primeiro passo para ter uma boa relação de escuta ativa, a qual o psicanalista define como “aquela que é capaz de suportar incertezas com a consciência que se trata de uma troca aberta, renunciando a postura de quem sabe tudo e o outro, que

²⁹ CUNHA, Antonio Geraldo. *Dicionário etimológico*. Nova Fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1982, p. 568.

fala, não sabe nada.” É renunciar a relação de poder e deixar que a linguagem esteja em primeiro plano. Nesse sentido, a forma narrativa é uma estética muito importante (informação verbal)³⁰.

Há também a prática de *Mindfulness*³¹, cujo conceito é “a arte de viver consciente” ou pode ser traduzida por atenção plena, que, similarmente, afirma que para alcançar tal atenção é necessário ter uma escuta aberta, livre de julgamentos.

Isto posto, percebe-se que para ocorrer uma escuta com atenção plena é necessário deixar os preconceitos de lado e entregar-se generosamente ao que se ouve. Entretanto, isso não diz respeito apenas a escutar o outro ou o mundo ao seu redor, mas implica também e, principalmente, em escutar a si próprio, uma vez que quem não se escuta, dificilmente escutará o outro. A dificuldade em escutar o outro passa pelo preconceito não apenas referente ao conteúdo abordado, mas também sobre quem diz tal conteúdo.

Desse modo, são importantes ações que busquem o autoconhecimento para identificar preconceitos e cuidar de silenciá-los para alcançar uma escuta livre e, conseqüentemente, relações mais autênticas entre as pessoas.

Um exercício trabalhado no treinamento dos NP, com foco no autoconhecimento para estimular a escuta plena, era a observação interna que o Narrador deveria fazer enquanto ouvia alguém narrar um fato bem diverso de sua opinião e, durante tal narração, deveria tentar perceber se realmente ouvia ou apenas avaliava e elaborava opiniões pessoais em sua mente sobre o fato narrado ou a pessoa que narrava. Nesse sentido, “ouvir realmente” significava colocar-se no lugar do outro e procurar compreendê-lo em suas ações a partir das vivências que aquela pessoa possuía. Já “avaliar e elaborar” significava pensar em maneiras que ele próprio reagiria na situação apresentada, ao contrário de ouvir a experiência do outro. Porém, essa ação, de se colocar no lugar do outro, não é algo feito instantaneamente ou simultaneamente à fala que se ouve; há um tempo para que a mente silencie os julgamentos e saia de si para adentrar às palavras escutadas e, assim, reagir ao que se ouve. Como destacou o professor Dunker, na palestra

³⁰ Declaração fornecida pelo psicanalista Christian Dunker na palestra de difusão da 33ª Bienal de São Paulo *A Educação do Olhar e a Leitura de Imagens*, na Fundação Bienal, em 28 de julho de 2018.

³¹ Atualmente é considerada uma ciência e seu surgimento foi em uma faculdade de medicina no Estados Unidos que utilizava técnicas de meditação e yoga para pacientes em estado paliativo. Para mais informações, ver: REGINA MONTEDONIO. Disponível em: <<http://reginamontedonio.wda.ag/mindfulness/>>. Acesso: em 30 set. 2018.

citada: “é como um sair de si para acolher ao outro e depois retornar a si com uma compreensão do outro” (informação verbal)³². Tal ação é um movimento difícil porque não estamos acostumados a esse treino de compreensão. Apenas com esse treinamento do olhar é possível ser afetado e, conseqüentemente, transformado. Quando somos afetados, somos suscetíveis às transformações.

4.1 História Oral

Outro importante recurso que depende basicamente da escuta é a metodologia de pesquisa conhecida como História oral, apoiada na realização de entrevistas gravadas com pessoas que dão testemunhos sobre acontecimentos ou outros aspectos da história³³.

História oral são narrativas colhidas de fontes orais e dedicadas, principalmente, à escuta. As pessoas ao narrarem suas histórias afetam e são afetadas nesse momento de interação.

Segundo Alessandro Portelli (2016, p. 9), “a história oral é primordialmente uma *arte da escuta*”. A expressão “história oral” é abreviada, de modo simples, pelo autor italiano “como o uso de fontes orais na História ou nas Ciências Sociais”. Ele ainda reforça que é uma arte que envolve respeito e não se trata apenas do evento, mas também do lugar e do significado que tal evento tem na vida dos narradores orais.

Pioneiro em história oral na Grã-Bretanha e autoridade mundial na reflexão e utilização do método para o registro histórico, o professor Paul Thompson expõe sua opinião:

Permitam-me começar apresentando uma definição ampla, pois muitas vezes me perguntam: “O que é história oral? É um método? Uma disciplina? Um tema novo?” Na minha opinião, é uma abordagem ampla, é a interpretação da história e das sociedades e culturas em processo de transformação, por intermédio da escuta às pessoas e do registro da história de suas vidas. A habilidade fundamental na história oral é aprender a escutar. Gostaria de enfatizar que considero a história oral como um campo interdisciplinar. Ela não é simplesmente histórica, mas também sociológica [...], antropológica e é parte dos estudos culturais em geral, pois

³² Declaração fornecida pelo psicanalista Christian Dunker na palestra de difusão da 33ª Bienal de São Paulo *A Educação do Olhar e a Leitura de Imagens*, na Fundação Bienal, em 28 de julho 2018.

³³ Fonte: CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em: 21 out. 2018.

ela se baseia nessa forma fundamental de interação humana, que transcende as disciplinas. (THOMPSON, 2006, p. 20).

As primeiras narrativas desenvolvidas no projeto “Narradores de Passagem” foram de fontes orais colhidas dos primeiros integrantes; porém, com a diferença de que tais fontes sabiam que suas histórias não seriam reproduzidas na íntegra como um registro histórico, uma vez que seriam apenas a inspiração inicial para transformá-las em ficção nas narrativas de passagem.

Essa forma fundamental de interação humana que o professor Thompson nos chama a atenção, vincula-se à sonoridade, à cadência e ao ritmo que têm papel relevante nessa arte, visto que são através desses elementos que somos movidos para a ação de escutar. O poder da escuta na relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo está na importância de fazer sentido a ambos (a quem narra e a quem ouve), mesmo que os efeitos sejam diversos. É possível acontecer de uma mesma experiência de escuta causar efeitos contrários aos ouvintes, dependendo de suas vivências individuais. Por exemplo: ao experimentar a escuta do som ou a memória do som de uma árvore sendo cortada, um ouvinte pode se emocionar positivamente ao lembrar da infância junto ao pai que executava essa tarefa; já outro, pode se emocionar negativamente lembrando a mudança de cidade causada pela chegada do progresso com as grandes madeiras em sua comunidade e há ainda aquele que será indiferente a tal som.

Concernente a esses apontamentos, percebe-se que a experiência da escuta, com seus múltiplos atravessamentos culturais e temporais, resulta em diversificadas escutas que se esforçam em compreender a vastidão da existência humana e, sendo assim, vale refletir sobre a instauração dessa escuta plena e atenta que ocorre, em alguns momentos, no ambiente hospitalar.

4.2 Experiência acusmática

Derivada do grego, a palavra adjetiva akousmatikós³⁴, refere-se à projeção sonora, cuja causa geradora do som não é identificada visivelmente, ou seja, significa ouvir sem ver a origem do som.

³⁴ Fonte: DICIO. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/acusmatico/>>. Acesso em: 10 ma. 2019.

Em 1955, Jérôme Peignot usou a palavra acusmática em uma emissão radiofônica para designar a situação em que o ouvinte escuta a música concreta, isto é, quando não se vê as fontes sonoras, assim como pelo rádio, pelo toca-discos ou pelo telefone. No próprio texto dessa emissão [...] Peignot explica a analogia que faz com os acusmáticos: “discípulos de Pitágoras, que durante cinco anos escutavam o seu mestre dissimulado por detrás de uma cortina, observando o mais rigoroso silêncio.” (CHION; DELALANDE, 1986, p. 107).

Fabrizio Augusto Corrêa de Melo (2007, p.64) cita o Tratado *Acousmatique*, ou *Traité des objets musicaux* de Pierre Henri Marie Schaeffer (1966), no qual o francês “aproveita o caráter iniciático do termo para denominar o campo de estudo que inaugurava, o qual buscava uma nova maneira de escutar os sons a partir das novas situações de escuta, proporcionadas pelos meios de gravação”.

Em seu Tratado, o compositor francês demonstrou como a acusmática altera a escuta “tradicional”, submetida aos outros sentidos (em especial o sentido da visão) para a escuta “pura” (sem distrações) que, ao ser abalada por não estar condicionada ao reconhecimento da fonte, desenvolve novas possibilidades de relação auditiva. Schaeffer (1966, p.93) afirma que “muito daquilo que acreditamos escutar, realmente, era apenas visto e explicado pelo contexto”.

A acusmática, como formulada no *Traité*, é a experiência primordial que permitiu a Schaeffer lançar a atitude de escuta que considero poética. Ao restituir a posição central da escuta dentro dos mecanismos de percepção, a acusmática potencializa o sentido da audição, abre caminho para sua compreensão mais aprofundadas e para sua apropriação renovada. (REYNER, 2012, p. 99).

A proposta de Schaeffer sobre a escuta foi uma renovação da percepção que revitalizava a escuta condicionada, utilizada no cotidiano. Assim, tal escuta é capaz de acessar a realidade de maneira mais profunda e atenta, como ouvir pela primeira vez o já escutado.

E o que a escuta acusmática de Schaeffer tem a ver com os Narradores de Passagem?

A voz do Narrador no ambiente hospitalar é, em muitos casos, uma voz invisível ao paciente que não reconhece sua proveniência. A experiência da escuta ocorrida neste contexto é similar à experiência acusmática no sentido de não reconhecer a fonte pela visão, o que favorece a escuta pura, indicada pelo compositor e teórico musical francês. Lembro-me de ser abordada diversas vezes por pacientes que tinham escutado as narrativas enquanto estavam na Unidade de

Terapia Intensiva (UTI) ou em estado alterado de consciência por causa de medicamentos e dores fortes, ou ainda os que estavam apenas nos quartos sem estado de alteração da consciência, mas que, em determinado momento da narrativa, embarcavam na história e se desligavam da minha presença visual e percebiam apenas minha presença vocal; então não me viam, apenas ouviam minha voz. Esses pacientes ao me ouvirem novamente no hospital, saíam de seus leitos para me procurar nos corredores e quartos porque reconheciam a minha voz no ambiente hospitalar, mas não sabiam como eu era. Costumavam dizer: *“Ouvi sua voz aqui, não sabia como você era, mas reconheci a sua voz, sabia que essa voz era da contadora de histórias do hospital”*. Já outros diziam: *“Não sabia que você existia de verdade, achei que tivesse sonhado”*.

O que diferencia a atuação dos NP no ambiente hospitalar dos outros espaços de atuação dos Narradores efetivamente é a experiência acusmática que ocorre nesses espaços porque o Narrador entra no quarto do hospital, narra a história e se retira, na maioria das vezes, com o ouvinte ainda imerso no mundo das histórias. O objetivo é compartilhar a experiência contida na narrativa e não abordar sobre os objetivos do projeto.

Já nos outros locais de atuação, como escolas, faculdades e casas de apoio, os Narradores, após narrarem, apresentavam aos ouvintes informações sobre o projeto e as experiências ocorridas em campo, visto que esse era o objetivo principal da atuação nesses outros espaços. A presença visual tornava-se, assim, também marcante. Os ouvintes também se desligavam e embarcavam nas histórias, mas ao final da narrativa, retornavam para o diálogo sobre o projeto.

A recordação de que os pacientes reconheciam a voz do Narrador no ambiente hospitalar sempre esteve presente em minha memória e foi essa lembrança a inspiração para esta dissertação.

4.3 Escuta acolhedora

Do latim *accōlligère*, acolher³⁵ significa “dar acolhida a, hospedar, recolher”. Assim, podemos interpretar o acolhimento como a recepção, a hospedagem de algo

³⁵ CUNHA, Antonio Geraldo. *Dicionário etimológico*. Nova Fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1982, p. 10.

ou alguém que pode abranger um período determinado ou não. Sendo assim, o acolhimento é suscetível à transformação.

Assim, a escuta como o acolhimento, abordada nesta pesquisa, é pelo acolhimento do outro que se instaura de maneira sensível pela palavra e pela relação estabelecida. A escuta compartilhada na performance narrativa sustenta e acolhe o contato humano que, através da linguagem, se inscreve na memória como imagens fortalecedoras que funcionam como portal para o contato ativo.

Psicóloga social e doutora em educação, Ana Lucia Coelho Heckert (2007) destaca que a contribuição de Freud, com relação à escuta, foi perceber que esta não pode ser ensinada pedagogicamente como a transferência de um conteúdo para ser utilizado.

Se entendemos que ensinar é abrir-se ao estranhamento, àquilo que em nós não há respostas prévias e é índice de nossa ignorância, também poderíamos dizer que ensinar a escutar é tarefa impossível. E esta impossibilidade se daria porque estaríamos transitando num campo de simplificação da escuta, reduzida, exclusivamente, ao “ouvir pedidos”, a coletar dados a partir de perguntas encaminhadas com respostas prontas, a uma técnica a ser operacionalizada. Sairíamos do campo da escuta como experimentação e nos manteríamos no terreno da confirmação de hipóteses previamente traçadas. Ou seja, permanecemos capturados num método de escuta em que a meta tem a primazia em relação ao caminhar (*metahodos*). Mas, se aceitamos o desafio de que a escuta requer transitar num terreno complexo, talvez seja necessário entendê-la como *hodos meta*, isto é, no caminhar é que a direção (*meta*) se constitui. (BENEVIDES; PASSOS, 2000 apud HECKERT, 2007, p. 200).

A escuta acolhedora retratada nesta pesquisa possui uma qualidade diferenciada da escuta que ocorre em nosso cotidiano. Essa escuta estabelecida entre Narrador e ouvinte, instaurada pela voz do Narrador no ambiente hospitalar, é uma disposição para silenciar parte de nós e acolher o outro. Tal disposição é um exercício constante como forma de pensar e atuar no mundo. Então, o que faz com que essa disposição aconteça em alguns momentos e em outros não? O que é ativado nesses momentos que desloca a escuta comum de uma pessoa para uma pessoa à escuta? Como o silêncio e a audição dos ouvintes podem se tornar tão integrantes à história quanto a fala do Narrador? Tais questões são fundamentais para observar o funcionamento dessa escuta que é capaz de possibilitar práticas de cuidar e de se relacionar mais humanizadas e conscientes no cuidado e atenção à pessoa.

A escuta se faz nos interstícios, entre vozes e silêncios, entre forças e formas, exercitá-la é nosso desafio (in)terminável, (im)possível, posto que é nas errâncias dos processos de formação que a escuta se abre como arte, como modo de compartilhamento de experiências. (HECKERT, 2007, p.211)

A escuta acolhedora equivale a um gesto de escutar, como um movimento de disposição para silenciar parte de nós e acolher o outro em nós e, como diz a pesquisadora Heckert, é nosso desafio exercitá-la para que essa disposição à escuta esteja presente em nossas relações, compartilhadas e experiências. É pela necessidade do exercício constante que a escuta não ocorre em todos os encontros no hospital; ocorre em sua maioria, mas não em todos.

Luís Alberto de Abreu (2019) descreve como a experiência da escuta ocorre na narrativa, através do Narrador:

Se o Narrador conhece o tipo de experiência envolvida numa narrativa, seja escrita contemporaneamente ou uma antiga narrativa de cinco mil anos, é claro que ele vai colocar em relevo alguns elementos. E, se esses elementos não estão claramente expressos na narrativa escrita, o Narrador vai construí-los em sua própria narração, na interação com os ouvintes. Por isso, a experiência da escuta envolve tanto o Narrador quanto os ouvintes e, isso é feito de tal forma que o Narrador coloca em evidência elementos, muitas vezes, não presentes no texto, mas, os torna vivos na performance narrativa. O Narrador coloca a narrativa escrita no contexto da experiência humana, muitas vezes, ocultas ou latentes numa narrativa. (ABREU, 2005).

A escuta decifra, degusta, acolhe, fala, internaliza o apreendido e o devolve amplificado. Escutar é abrir-se ao desconhecido, como uma possibilidade de transformação e, principalmente, não se escuta apenas sons ou ruídos, mas signos, sentidos; escutam-se histórias.

A psicóloga social destaca ainda a expressão “escuta surda” como “práticas que ouvem sem escutar” e atribui tais práticas como consequência das rotinas de “formação intimidadoras³⁶”, baseadas em princípios científicos de neutralidade que se distanciam do fluxo natural da vida em razão da precisão e objetividade, o que colabora com a recorrência dos métodos estabelecidos. Em suas palavras, “a escuta surda produz como efeito a tutela e a culpabilização dos sujeitos, uma vez que fala por, fala de, em nome de, no lugar de falar com o outro”. (HECKERT, 20017, p. 203; 208)

Os apontamentos de Heckert (2007) dialogam com a escuta acolhedora

³⁶ “Intimizar a vida quer dizer colocá-la para dentro, destituí-la da história das práticas humanas, esvaziando sua multiplicidade de formas e de conexões”. BAPTISTA (1999, apud HECKERT, 2007, p. 203).

apresentada nesta pesquisa, no sentido da necessidade de abordá-la enquanto alteridade, deslocando a ideia de “escuta como técnica para escuta como experimentação”.

A escuta-experimentação não visa a apreender uma realidade, uma verdade do sujeito, e sim abrir espaço para criação de modos de existência compatíveis com uma vida solidária e generosa, acompanhar os movimentos que criam paisagens por vezes suaves, por vezes endurecidas, por vezes mortificadoras. Afirmar a escuta como experimentação significa indicar que as necessidades do outro, com o qual lidamos, precisam ser incluídas, não por uma operação humanista e piedosa, mas como elemento perturbador e analisador dos modos de vida naturalizados, das práticas de saúde instituídas. Mas uma escuta sensível implica, necessariamente, ouvir os vestígios, ver os movimentos. (HECKERT, 2007, p. 211).

Entretanto, para tal escuta, é necessário um envolvimento que, segundo Lavrador (2006 apud HECKERT, 2007, p. 211) solicita a “escuta do outro, das vozes e dos silêncios do mundo”.

A experiência da escuta acolhedora instaurada no encontro dos Narradores de Passagem abre caminho para a experimentação da alteridade e se assemelha à escuta como experimentação, pesquisada por Heckert. Uma escuta que, atravessada pelos movimentos da vida com a complexidade de seus pulsos estáveis e instáveis, demanda a reinvenção de si, o que capacita o ser descobrir outras possibilidades de atuar no mundo.

4.4 Percurso

“A voz do Narrador no ambiente hospitalar: a experiência da escuta de uma Narradora de Passagem” parte de uma abordagem de natureza qualitativa, fundamentada em estudo teórico-empírico, apoiada na revisão da literatura e seleção de depoimentos dos ouvintes (pacientes internados em ambientes hospitalares: enfermarias e unidades de terapia intensiva, familiares/acompanhantes, profissionais de saúde do ambiente hospitalar, e de Narradores de Passagem; bem como, na experiência empírica da autora do estudo como Narradora e multiplicadora do projeto) colhidos nos anos de 2009 a 2019 que corroboravam com o escopo dessa pesquisa: experiências de escuta acolhedora.

Segundo Pedro Demo (2000, p. 21), a pesquisa teórico-empírica é “[...]”

dedicada ao tratamento da face empírica e fatural da realidade; produz e analisa dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e fatural”. Tais dados acrescentam percepções que podem auxiliar a aproximação e a compreensão da prática e, como afirma o autor, a interpretação dos dados empíricos vai sempre depender do referencial teórico.

A revisão da literatura compreendeu a leitura de textos, a reflexão e a crítica de dissertações, teses e artigos científicos sobre temas pertinentes ao objeto desta pesquisa, localizados pelo site Google acadêmico, selecionados do período entre 2009-2017. Foram selecionados o total de 08 (oito) depoimentos, sendo 06 (seis) em hospitais, com a participação de: 02 (dois) depoimentos de pacientes, 02 (dois) da equipe profissional de saúde e 02 (dois) de acompanhantes; e, do Instituto Narradores de Passagem, foram selecionados 02 (dois) depoimentos de Narradores de Passagem, sendo 01 (um) da Narradora autora do presente estudo.

Também foram utilizadas pesquisas na Internet no site dos Narradores de Passagem www.osnarradores.art.br e anotações de observações da prática em campo.

As análises foram apoiadas no campo das observações da autora desse trabalho como Narradora e multiplicadora do projeto “Narradores de Passagem” que serão correlacionadas aos depoimentos dos ouvintes e à revisão da literatura presente neste estudo.

4.5 Ressonâncias

Dentre a revisão da literatura e os depoimentos selecionados, todos estão relacionados ao impacto da escuta quando instaurada com qualidade de atenção diferenciada da recorrente.

A revisão da literatura selecionada aborda a escuta nas práticas artística, pessoal e de saúde e traçam possibilidades oriundas desse estado humano acolhedor tão necessário aos dias atuais.

Os depoimentos apresentam a perspectiva dos ouvintes e Narradores, logo após a partilha das narrativas. São relatos que contam apenas suas impressões no momento do encontro, uma vez que não havia perguntas disparadoras. As impressões registradas são diversas desde as histórias narradas e o encontro

narrativo ao próprio trabalho voluntário no hospital.

4.5.1 Revisão da literatura

A procura no Google Acadêmico por temas pertinentes ao objeto desta pesquisa resultou na escolha de 5 (cinco) estudos do tipo dissertação, tese e artigo científico. As palavras-chave empregadas foram: escuta, ouvido, voz, dizer e hospitais e a seleção ocorreu pela pertinência do tema especificada na obra.

A tabulação dos trabalhos científicos selecionados para essa pesquisa está ordenada por: ano, autores, título, especificações da obra e local encontrado, como mostra o quadro 11.

Quadro 11. Trabalhos científicos selecionados

Ano	Autores	Título	Especificação da obra	Local encontrado
2009	BARBOZA, Juliana Jardim	Vestígios do dizer de uma escuta (repouso e deriva na palavra).	Tese: Retrata possibilidades no trabalho do ator referente à experiência a partir da palavra originada no aprofundamento da escuta.	Biblioteca digital USP
2012	CAMILLO, Simone de Oliveira; MAIORINO, Fabiana Tavoraro	A importância da escuta no cuidado de enfermagem.	Artigo Científico: Expõe como a escuta do profissional de enfermagem propicia ao doente a sensação de alívio ao ser compreendido.	Revista Cogitare Enfermagem UFPR, V17, N3
2015	CARRARA, Paula Antonia Silva	[CORPO VOZ ESCUTA] – Rastros de uma prática, reflexões em processo.	Dissertação: O trabalho se dedica a olhar para a relação entre corpo, voz e escuta no trabalho do ator, visando buscar a transposição da separação entre corpo, voz, escuta.	Biblioteca digital USP
2017	CASTRO, Rodrigo Spina de Oliveira	Entre o ouvido e a voz.	Tese: O estudo busca entender a relação entre o sentido da audição e as vocalidades do ator; vinculando toda emissão da voz ao que o ator escuta de outro – conceito de Encontro Vocal.	Biblioteca do Instituto de Artes – Universidade Estadual de Campinas
2017	PASCUCCI, Maria Verónica	Sobre a escuta como acolhimento do outro: fragmentos de uma poética da escuta como caminho de formação humana.	Artigo Científico: Este trabalho retoma o sentido ético da escuta como condição primordial de acesso à verdade, espreitando os sons que constituem a singularidade dos sujeitos e do mundo.	Revista Conjectura: Filosofia e Educação UCS, V22, N3

4.5.2 Depoimentos

Os depoimentos de pacientes, acompanhantes e equipe profissional de saúde foram selecionados do instrumental denominado “*Vade-mécum*” (cadernos de registros), os quais os Narradores levavam aos hospitais e, após as narrações, disponibilizavam aos ouvintes que demonstravam interesse em deixar relatos escritos sobre a performance narrativa no hospital.

Já os depoimentos dos Narradores de Passagem foram selecionados, também, através do *vade-mécum*, porém, do instrumental que pertencia ao Narrador para suas anotações de estudo individual e que não era disponibilizado aos ouvintes.

Os depoimentos foram selecionados no período entre 2009 a 2019 e a seleção ocorreu por revelarem a relação compartilhada entre Narradores e ouvintes e por mostrarem vestígios da manifestação da escuta acolhedora no momento do encontro. Eventuais erros ortográficos foram mantidos, bem como repetições e abreviações de palavras com o intuito de reproduzi-los na íntegra. Todos os depoimentos constam fotocopiados no Anexo IV desta dissertação, resguardados de acordo com as exigências de confiabilidade, exceto o depoimento da Narradora, autora desta dissertação, pelo fato de alguns relatos terem sido desenvolvidos especificamente para este estudo.

4.5.2.1 Depoimentos de Pacientes

Paciente 01

“Como suas histórias encanta a alma e acalma o coração, tanto dos pacientes quanto dos acompanhantes. Suas estórias nos faz pensar na vida, no nosso tempo, nos faz apreciar as coisas belas e simples. Nos faz refletir para uma vida melhor. Parabéns.” (Paciente, 30/09/2016)

Paciente 02

“Estávamos todos sentados em uma sala de recepção quando olha lá a contadora de causos, disse alguém imediatamente e, imediatamente iniciou-se mais uma linda história de um menino e um gavião que num instante tornaram-se um só, engraçado, assim que

começpu, logo percebi, lá estava eu voando e enxergando tudo que era narrado, vi então as matas os rios as pessoas e até outros animais, também vi o nosso planeta bem azul e distante e cada vez mais longe ficava. De repente estrelas e outros planetas na imensidão escura, opa pessoas aqui; Quando me aproximei, vi tanta gente conhecida, meus parentes e entes queridos, meus amigos que há tanto tempo não via, todos com um largo sorriso no rosto e eu cada vez mais curioso. Tava na hora de voltar. Aí me dei conta, já não era mais só o gavião e o menino, havia algo estranho olha lá. Olha lá estava eu voltando junto com eles para a realidade. Que pena! Estava tão bom lá, sem sentir dor nem rancor e uma gota de gratidão tomou conta do meu ser aliviado de tantas coisa fiquei sentado ali pensando na viagem que fiz e ansioso pela próxima que um dia com certeza vira. Um grande abraço a todos.” (Paciente, 01/08/2013)

4.5.2.2 Depoimentos de Acompanhantes

Acompanhante 01

“Como essas histórias que a Monica conta são maravilhosas entra dentro do coração da gente faz a gente lembrar de coisas do passado hoje acordei com mtas saudades da minha mãe e a histórias de hoje foi sobre mãe que linda acabei até me emocionando. A Monica tem uma voz tão amável e doce que faz até eu esquecer de problemas hoje foi a segunda vez que ouvi a história dela entrou dentro do meu coração de uma certa forma que fez o meu dia se tornar mais feliz. Parabéns Monica pelo seu grande desempenho de fazer outras pessoas felizes, que você continue levando felicidade para outras pessoas. Obrigada”. (Acompanhante, 16/09/2017)

Acompanhante 02

“A moça entrou no quarto e, espantando todos os medos, nos trouxe de volta à infância. Não foi ciência, não foi magia, foi a simplicidade do amor humano”. (Acompanhante, 20/06/2013)

4.5.2.3 Depoimentos de Equipe profissional de saúde

Equipe Profissional de saúde 01

“Aprendi o efeito dos Narradores de Passagem ouvindo as histórias que eram contadas para a equipe da qual faço parte e sendo tocada por elas. A cada narrativa uma descoberta, ainda que fosse uma história já contada anteriormente. Além de modificar positivamente a ambiência hospitalar com a presença discreta do Narrador, a atuação dos Narradores de Passagem é um potente dispositivo de transformação de perspectiva diante do adoecimento e internação e um poderoso atenuante de sofrimento. As histórias resgatam recursos subjetivos, emocionais e humanos do paciente (e de quem ouve as narrativas com os ouvidos atentos) para o melhor enfrentamento do momento que ele vive; provocam também remetimentos importantes que, sem a história, o paciente não faria, tornando a internação uma fecunda oportunidade para reflexões pessoais. Pelo efeito que exercem, o Narrador e a narrativa têm o poder de cura de feridas da alma e de mobilizar o doente para a sua própria história”. (Psicóloga de cuidados paliativos, 17/08/2017)

Equipe Profissional de saúde 02

“Achei muito bonito e que com certeza diferenciou o meu dia de trabalho! Na correria diária não paramos para refletir em alguns princípios e valores, por muitas vezes, esquecidos ou guardados dentro de nós, profissionais de enfermagem, no caso. Com o passar do tempo, criamos uma barreira que nos separa do mundo de alegrias, para um mundo de tristezas, doenças, medos, angústias e muito, muito sofrimento! Parabéns pela iniciativa e pelas palavras tão bem narradas, que nos tocou, a mim, de forma incrível! Continuem dando apoio aos que precisam, cuidar de quem cuida da gente! Não deixem esse trabalho parar, semeiem as palavras para que os sentimentos possam continuar chegando a outras pessoas!!!” (Enfermeira, 05/02/2013, após ouvir a narrativa “A tonta”)

4.5.2.4 Depoimentos de Narradores de Passagem

Narradores de Passagem 01

“Não existe momento igual durante as narrativas! Me explico melhor: em cada quarto, com cada paciente o momento é sempre único. A comunhão de sentimentos e o envolvimento de cada um, faz com que

os minutos durante a história contada sejam sempre marcados por algum detalhe. Quando terminamos o nosso 'dia' de Narradores de Passagem nos hospitais refletimos cada período procurando gravar as sensações, os olhares e as reações que foram causadas em nós e nos que nos ouviram. Algo marcante que pude guardar dentro de mim foi o olhar cheio de lágrimas de um descendente de japonês. Em um primeiro flash ele poderia ser analisado como uma pessoa dura, rígida. Mas, o seu olhar penetrante e concentrado, viajando com a narrativa, sentindo os aromas, degustando os sabores que a história tinha como objetivo, fez com que a análise do primeiro instante se modificasse completamente. Difícil mensurar o abstrato e dizer precisamente as sensações vividas no outro, mas algo de mágico acontece que podemos perceber através de uma ligação, também abstrata, o envolvimento do paciente com a história. Nestes momentos percebemos o poder da narrativa e quão longe ela leva o ouvinte. Quando acontece este encontro, respirações profundas e calmas normalmente finalizam o recebimento do Gran Finale que marca todas as narrativas. Rostos marcados por quem fez uma viagem e pra longe do leito foi buscar momentos de paz, tranquilidade seja em contato com a natureza, com o céu ou com a força interior de cada um. O rosto do Sr. que mencionei me marcou pela suavidade e pela profunda entrega no momento em que ele ouviu a história. Com certeza, nos dois aprendemos muito e saímos modificados do momento mágico da narrativa.” (Narradora de Passagem, 2009)

Narradores de Passagem 02 (autora da dissertação)

Minha experiência como Narradora de Passagem

“A primeira vez que fui narrar lembro que o sentimento era de ansiedade, estava nervosa com o que iria encontrar em campo. Era uma casa de repouso para senhoras. Saí de casa com uma sensação boa de ‘ajudar ao próximo’, mas, quando narrei minha história para as primeiras ouvintes, narrei tão rápido que ninguém ouviu a história, nem mesmo eu. O lugar era frio com os corredores e escadas azulejados. Nos quartos havia quatro camas com um criado mudo para cada senhora. As camas ficavam bem próximas entre si. Nesse dia, ouvi muitas histórias das minhas ‘ouvintes’, que contaram sem atropelos nem ansiedade, com alegria e ainda com muita ‘graça,’ narravam com uma naturalidade invejável. Voltei para casa um pouco envergonhada porque saí com o intuito de ‘ajudar’ e retornei com a certeza de que eu é que tinha sido ‘ajudada’, pois aprendi muito

nesse dia, mesmo sem ter conseguido executar meu papel de Narradora. Quando fui ao hospital pela primeira vez, a sensação era a mesma, porém, já conseguia controlar melhor a ansiedade e voltava para casa também com imensurável aprendizado. Foi assim, também, na primeira vez nos cuidados paliativos e percebi que esse trabalho até podia fazer bem aos ouvintes, mas fazia muito bem a mim mesma. Eu simplesmente narrava histórias porque me fazia muito bem. Somente depois que aprendi a silenciar a ansiedade é que foi possível degustar o encontro na performance narrativa e perceber os eventos preciosos que aconteciam nesse instante de compartilha.”

“A primeira vez que fui ao hospital, narrei ‘A Linha da Vida’ para Dona A. Ela se identificou com a narrativa porque, na história, ‘eu’ voava. Ela disse que também havia voado e me contou sobre sua experiência quando chegou ao hospital. Contou-me que as nuvens eram branquinhas e marronzinhas e que voava igualzinho a mim, mas, quando chegou num portal, um homem barbudo não a deixou passar. Ele colocou a mão em seu peito e a empurrou de volta para que retornasse. Ela acordou com a pressão no peito, na UTI, quando a equipe médica fazia os procedimentos para reavivá-la. Hoje ela também me contou um pouco sobre sua vida difícil. Fiquei comovida com seu semblante que se iluminava a cada palavra pronunciada, mesmo com ela narrando suas angústias e tristezas. Ela me disse que entendeu a história que narrei porque aconteceu assim com ela e continuou a falar coisas dela. Ao me despedir, agradeceu e disse que estava muito feliz com a visita porque teve alguém para escutá-la. Esse foi meu primeiro encontro no hospital e me marcou profundamente. Há tantos outros momentos marcantes nesses mais de dez anos de narração em campo. Escolho relatar alguns que registram a força e a sutileza da experiência da passagem dos Narradores nos hospitais.”

“Um dia, enquanto narrava uma história no hospital, olhava a filha do paciente que fazia a barba em seu pai acamado. Ele muito debilitado pela enfermidade olhava para o teto e ela, com muito cuidado, estava atenta a lâmina. Era tão tocante presenciar esse cuidado amoroso da filha com o pai. A narrativa ‘Sabiá’ falava do cuidar e no trecho da história que diz ‘o sabiá já velhinho caído no chão’ foi o ponto em que nossos olhares se cruzaram e ficaram suspensos, conectados por

alguns instantes. Desde então, essa imagem me acompanha sempre que narro o ‘Sabiá’.

“Nem sempre eu narro histórias, às vezes, eu escuto. Outras vezes, o ouvinte recusa. E é importante que o paciente possa dizer não. Ainda quando era iniciante no trabalho em campo, havia uma paciente muito nervosa que sempre recusava-se a ouvir a história. E recusava de uma maneira bem ríspida e agressiva, parecia que tinha raiva. O Abreu dizia que, nos casos de recusa, era importante retornarmos na semana seguinte e oferecer a narrativa novamente porque a pessoa podia mudar de ideia ou, mesmo que continuasse a dizer ‘não’, recusar podia ser importante para eles. Foram mais de dez meses, semanalmente, em que eu oferecia a narrativa e a paciente, zangada, recusava. Certo dia, eu passei direto pelo corredor e não ofereci, visto que ela nunca aceitava. Nesse dia, ela me chamou e perguntou se eu não ia oferecer. Ofereci e ela, ríspida, recusou novamente. Nesse momento compreendi as palavras de Abreu quando disse que “recusar podia ser importante a eles”. Então, continuei a oferecer a narrativa toda semana. Um dia ela aceitou. Fiquei tão surpresa que não sabia nem qual narrativa contar e eu só sabia uma história. Para ganhar tempo, perguntei várias vezes se ela realmente queria ouvir a história e ela, muito zangada, pediu para eu parar de enrolar e contar logo. Enfim, consegui narrar a história e ela ficou lá, pensativa e com uma feição serena, nada zangada. Na semana seguinte voltei ansiosa para saber se ouviria novamente ou como reagiria, mas ela havia falecido no dia seguinte ao que ouviu a história.”

“Às vezes, me perguntam como eu escolho as histórias para narrar. Porém, muitas vezes penso numa história e narro outra. Não sei por que isso acontece, mas quando acontece, algumas vezes descubro que a história narrada era importante para o ouvinte. Têm vezes que narro histórias que não gosto. Sim, há algumas histórias que eu não gosto de narrar, mas narro. Certa vez, entrei num quarto de hospital e comecei a narrar a história ‘Carlito’. Essa narrativa tinha uma introdução grande sobre vídeo game. No quarto só havia pessoas mais velhas e fiquei com raiva porque comecei narrar essa história que era mais infantil. Depois de um ano reencontrei o paciente que ouviu essa narrativa na ocasião e ele relatou que foi muito importante ouvi-la naquele momento porque ele a tomou de exemplo e agiu como o personagem da narrativa. Na época ele estava com suspeita

de câncer e os médicos iam fazer os exames determinantes no dia seguinte. Os resultados do exame deram negativo ao câncer e ele atribuiu à sua atitude de agir como na narrativa. Era um paciente que havia se aposentado cedo por causa da enfermidade e passava muito tempo jogando vídeo game. A seguir transcrevo o depoimento que ele fez questão de deixar um ano depois do ocorrido:

Paciente: *'Estava eu aqui outro dia em um quarto de hospital passando por mais uma de muitas dificuldades de minha vida. Como sou um paciente popular na unidade, não estava sozinho, havia comigo alguns amigos junto. Entre eles, outros pacientes e enfermeiros(as). Ali, conversando sobre vários assuntos, quando de repente entra no quarto uma moça: 'Boa tarde, meu nome é Monica, sou contadora de histórias. Vocês querem ouvir uma história?' Meu Deus, eu ali sofrendo com meus pensamentos, sem saber exatamente o que tenho, talvez fosse um câncer e minha vida estaria por um fio e, meu pensamento voava para minha família, filho, esposa, pai, mãe e todos os outros e ela querendo contar estórias, mas todos naquele quarto concordaram para que ela comesse, e assim foi feito. Então ela contou uma estória de um menino que adorava vídeo game e que fazia tudo para permanecer jogando. Um dia adoeceu e foi para o hospital e passou grandes dificuldades e venceu a batalha. Imediatamente tomei como exemplo e iniciei a minha própria batalha e sem deixar a doença chegar, impedi como um jogo e venci. (Paciente R)'*

"Uma vez cheguei ao hospital e a psicóloga responsável pelo setor me procurou e solicitou que eu narrasse uma história que tratasse da passagem da morte, em um quarto específico, pois o paciente havia sido enganado pelos médicos e a família, que estava inteira no quarto, não aceitava. Segundo o médico, o paciente tinha apenas 1% de chance de sobreviver e a família, muito religiosa, se agarrava a essa chance. Quando entrei no quarto encontrei o paciente muito debilitado e com uma coloração esverdeada. Eu nunca tinha visto uma pessoa nesse estado. A família estava toda no quarto e rezava muito. A psicóloga havia pedido para que eu narrasse uma história que falasse da passagem morte e eu narrei uma de superação: a narrativa 'Carlito'. Enquanto narrava, o paciente demonstrava muito interesse e a família certo desconforto, pois a narrativa contava as dificuldades de um garoto ao enfrentar a doença e, os médicos, não tinham mais remédios para tratá-lo. Na narrativa, tudo levava a crer

que o garoto da história padeceria, porém ele sobrevive. Ao final da narração, com o desfecho de superação, a família demonstrou gostar muito e comentavam que 'Deus opera milagre e tudo é possível aos olhos do Senhor'. Já o paciente, ao ouvir tal desfecho, pareceu melancólico e até suspirou desanimado. Saí do quarto preocupada com a situação, pois havia narrado uma história bem diversa da que foi solicitada e não sabia explicar o porquê dessa atitude. Mesmo pensando em outra narrativa, era a história do Carlito que escapava da minha boca. Conversei com a psicóloga sobre o corrido e ela, muito atenta, disse para eu não me preocupar porque, se assim ocorreu, devia ser porque todos ali precisavam ouvir aquela narrativa. Ainda assim fiquei preocupada, mas já tinha acontecido e não havia mais nada que pudesse fazer. Após alguns meses, reencontrei o paciente e a família no mesmo hospital. Demorei a reconhecê-lo porque estava corado e forte, a família que me lembrou quem eles eram. O paciente havia se recuperado mesmo com poucas chances e ficou 'famoso' no hospital porque nem os médicos entenderam o que aconteceu. Todos atribuíram a Deus.

Outra situação parecida foi quando atuava numa casa de cuidados paliativos e a médica responsável solicitou que eu narrasse uma história que falasse da passagem da morte para um paciente específico que não aceitava seu diagnóstico. Subi as escadas pensando em narrar a história 'Toda Madeira tem nó', cheguei ao quarto preparada para narrar essa história e quando iniciei a narração, a história que narrei foi o 'Príncipe das 5 armas', a primeira narrativa desenvolvida sobre o tema de superação. Quando cheguei no momento da história que narra a luta entre o Príncipe e o Ogro, o paciente lutava junto inclusive movimentava a mão fechada como num soco. Ao final da narrativa ele fez diversos comentários sobre como era importante lutar até o fim e sobre como ninguém pode determinar quando é o fim de uma pessoa, nem os médicos. Há um trecho com uma passagem na história que diz isso 'Não é você, monstro, quem escreve minha história, e não sabemos se aquele que dá a vida e a toma pelos séculos, escreveu aqui a última frase do meu destino.' Também saí do quarto cismada e expliquei à médica o ocorrido. Então, ela me disse para narrar a história que tinha em mente na outra semana. Entretanto, quando retornei na semana seguinte, o paciente havia voltado para casa. Voltar para casa, em cuidados paliativos, significa estar em condições de ser tratado fora

do hospital, podendo controlar as dores da doença, sem a necessidade dos aparelhos. Significa ter maior qualidade de vida nos dias que tem de vida. O hospital de cuidados paliativos promove isso e, às vezes, o paciente fica tão bem restabelecido que consegue ter essa mesma qualidade em casa. Esse paciente faleceu, em casa como ele queria, quase um ano depois de ter retornado à sua casa, mas seu prognóstico, na época era de, no máximo, duas semanas. Isso revela que, por mais que eu pense ou escolha uma narrativa no momento, a situação é que me convida a narrar determinada história. É no momento do encontro que a história necessária se faz presente, bem como a necessidade e urgência em narrar determinadas experiências contidas nas histórias que reclamam ser narradas.”

“No início da atuação dos Narradores em campo, eu costumava solicitar ao Abreu e aos escritores que escrevessem narrativas menores, pois, além de serem mais fáceis para memorizá-las, não teríamos grandes dificuldade com as interferências recorrentes em campo. Porém, com as experiências práticas em andamento, percebi que, em alguns casos, as narrativas longas eram fundamentais. A primeira vez que percebi isso foi quando fui narrar para um senhor que gemia muito de dor porque a morfina não fazia mais efeito. Ele estava internado há algumas semanas e, apesar do prognóstico curto de vida, já fazia mais de um mês na internação. Como eu havia narrado a maioria das histórias para ele, naquele dia optei por uma maior, que ele ainda não conhecia ‘Toda Madeira tem nó’ de Rosani Madeira. Enquanto iniciava a narrativa, o paciente gemia muito alto, eu já estava me adaptando a narrar nessas situações, mas em determinado momento da história, os gemidos cessaram. Só percebi ao final da narrativa, quando me virei para sair do quarto e vi as enfermeiras na porta que me perguntaram o que eu havia feito. Eu apenas havia narrado a história. Elas me disseram que era difícil o paciente não gemer, visto que as dores eram muito fortes naquele estágio da doença. Fui para outro quarto e deixei as enfermeiras ali, enquanto verificavam os sinais vitais do paciente. Confesso que fiquei um pouco preocupada, pois não sabia se elas pensavam que eu havia feito algo e, enquanto pensava nisso e narrava no quarto ao lado, ouvi o senhor voltar a gemer com toda força que ainda lhe restava. Encontrei as enfermeiras no corredor que me disseram que, ao tocarem no paciente, ele voltou a gemer instantaneamente. Inferimos que, provavelmente, a história havia feito o paciente se

esquecer da dor e, assim, anestesiá-lo por alguns instantes. As enfermeiras me pediram para que eu contasse mais histórias longas para esses pacientes, onde a morfina não fazia mais efeito. Teve um médico que cogitou a possibilidade de fazer exame nos pacientes antes e depois de ouvirem a história para averiguar o que acontecia ao corpo. Porém, devido a enfermidade em estágio avançado desses pacientes, essa sugestão foi descartada porque não tínhamos esse objetivo.”

“Certa vez, entrei num quarto de hospital e havia dois pacientes idosos com acompanhantes. Um paciente estava com a filha e o outro com o filho. O paciente que estava com a filha gemia muito e estava morrendo. Ele também estava acompanhado da assistente social do hospital que dizia para ele ir tranquilo que todos ali ajudariam a sua família, que era para ele não se preocupar. A filha chorava muito e reforçava o que dizia a assistente social. O outro paciente do quarto, junto ao seu filho, ambos estavam com os olhos arregalados, pois tinham acabado de chegar no hospital. Entrei nesse momento e a primeira reação que tive foi dar um passo para trás, com a intenção de sair dali, porque tive a impressão que iria atrapalhar. Foi quando ouvi a voz do Abreu dizendo: ‘Você veio narrar histórias, narre.’ Que bom que não fui embora! Perguntei ao paciente e ao acompanhante que estavam de olhos arregalados se queriam ouvir uma história e prontamente eles aceitaram. Iniciei a narrativa na tentativa de me acalmar e, conforme a narrativa surgia, o ambiente foi abrandado. Quando terminei a narrativa, o ambiente estava mais sereno, o paciente não faleceu nesse momento, o que concedeu tempo para trocá-lo de quarto. Seguramente narrei uma história para me tranquilizar nesse dia, pois foi a primeira vez que vivenciei a presença da morte nesse trabalho. O paciente em questão faleceu naquela mesma noite. Ouvi da filha acompanhante como foi importante ouvir aquela história no momento que percebeu que perderia o seu pai para a doença, pois a narrativa tratava do medo e isso foi o que a confortou naquele momento, ela percebeu que não estava sozinha; e ouvi do acompanhante do outro paciente que a história confortou seu coração naquele momento angustiante.”

“Havia uma paciente que estava em coma e, segundo os médicos, não entendiam como ainda estava resistindo. Estava acompanhada de sua irmã que estava bem desgastada pelo tempo de acompanhamento no hospital. Quando entrei no quarto a irmã me

contou toda a história delas desde que tinham chegado de Portugal, sua terra natal. Contou-me, também, que a irmã acamada cuidava de três andorinhas. Ela acreditava que a irmã estava partindo, pois ficou sabendo que, desde a internação da irmã, e isso já fazia muitos meses, duas andorinhas já haviam morrido e a terceira estava ‘apagadinha’, como ela me disse. Na mesma hora narrei ‘Lenda do céu’, uma narrativa que fala de andorinha. Fiquei sabendo, dias depois, que a paciente veio a óbito logo após ouvir a narrativa. Fiquei tocada por compartilhar a narrativa com essa paciente momentos antes de sua partida.”

“Sempre ouvi nas UTIs que os pacientes em coma escutam perfeitamente. Dizem que o último sentido perdido é a escuta. Ficava desconfiada porque pareciam que estavam dormindo profundamente, mas fui surpreendida algumas vezes ao presenciar situações em que, após narrar aos pacientes em coma, eles demonstravam alguns sinais de escuta como por exemplo, sorrisos, suspiros e até palavras soltas repetidas das narrativas ouvidas. Outras vezes, quando saíam do coma e voltavam aos quartos, alguns pacientes diziam se recordar da minha voz contando histórias quando estavam desligados.”

“Essa cantiga foi Dona E. que me ensinou para eu contar aos pacientes e, assim, levá-la comigo sempre: ‘Vovó me contava histórias, quando eu era menina. Histórias de mula sem cabeça e de Saci Pererê.

Em algum momento adormecia e o fim da história nunca sabia. Um dia ela me contou uma história linda, linda. Eu queria ouvir o resto da história que eu não sabia ainda. Nesse dia, vovozinha, foi quem dormiu, foi quem dormiu’.”

“Minha trajetória nos Narradores de Passagem é feita desses momentos de partilha. Entretanto, há alguns encontros narrativos que me marcaram profundamente pela força surpreendente e fascinante dessa relação tão potente estabelecida no contato com os ouvintes. Encontros que me espantaram pela potência transformadora ocorrida neles. Ao longo da minha caminhada, percebi que, após esses encontros, eu evitava narrar as histórias que eu havia compartilhado ali. Talvez minha resistência era porque, ao narrar as mesmas histórias, pudesse reviver a experiência forte desses encontros. Ou porque, para a potência do encontro acontecer

é necessário instaurar uma escuta diferenciada, o que exige muito esforço físico e psíquico. O fato é que saía desses encontros esgotada fisicamente e precisava de um tempo para respirar. Atualmente não evito mais narrar essas histórias, porém, isso não significa que são minhas primeiras opções. Geralmente, quando essas histórias se fazem presente na narração, pouco tenho a ver com a escolha. Foram esses encontros potentes, ocorridos em espaços tão diversos, que despertaram meu olhar para o fenômeno da escuta acolhedora tratado nessa pesquisa.” (Narradora de Passagem, 2019)

4.6 Reflexões

O ponto de aproximação entre os cinco textos, citados na revisão da literatura, é o impacto positivo nas pessoas quando é instaurada uma escuta com qualidade plena de atenção. Os estudos encontrados dialogam com a escuta acolhedora, apresentada neste estudo, ao respaldarem que uma escuta diferenciada pode contribuir no fortalecimento do ser para o enfrentamento de dificuldades físicas e psicológicas. Tal escuta possibilita uma compreensão da complexidade da condição humana e, assim, cuidado e atenção à pessoa mais significativos.

Nos depoimentos apresentados, é possível observar a manifestação da escuta acolhedora e como a performance do Narrador no ambiente hospitalar pode contribuir para práticas mais saudáveis e conscientes nesse contexto, além de apoiar, motivar, integrar e tranquilizar os envolvidos no momento efêmero da narração.

4.6.1 Vestígios do dizer de uma escuta (repouso e deriva na palavra)

Juliana Jardim Barboza (2009) retrata em sua tese de doutorado as possibilidades para o ator provocar o aprofundamento da escuta ao apoiar-se na palavra proferida do texto. Um aspecto importante, para que tal aprofundamento ocorra, é a quietude, o silêncio necessário à escuta, visto que precisa partir de um lugar onde não há excessos e exige esforço para cessar o “barulho” do corpo. A autora sugere “burlar, de certa forma, o ‘falamos continuamente’”.

O lugar des-encoberto a partir desse *durar*, tudo o que se abre de escuta a partir dele, pode ser, então, o nascedouro do dizer do texto. Em minha experiência dentro dessa prática na qual insisto muito, o que acontece nesse *corpo em duração perdurante*, frequentemente, é o imperar, de uma ofuscante clareza, do solo de silêncio onde nasce a palavra. Depois de passar pelo horror de contenção que o ritmo ultralento exige desse meu corpo apressado e barulhento – sacrifício muscular algumas vezes insuportável –, vivo uma amplificação da consciência do percurso da palavra dita (enquanto lida) ao passá-la *dos olhos* (origem) *para a boca* (primeira destinação antes da orelha, do ouvido). Percebo, na maior parte das vezes, com muita exatidão, sua trajetória: as bordas da boca como portal do meu dizer da palavra aprendida com os olhos, traçada pelo interno de meu corpo, ecoada nos abismos espaciais receptivos naquele momento ali dentro e destinada a um ouvir, a um dar-a-ver, a uma escuta que já me esperava, pois já me guiava antes mesmo de os olhos chegarem ao papel. Por isso insisto que o texto entre na continuidade do encontro com a *duração*, para que o *aprendizado de alguma demora* perdure. (BARBOZA, 2009, p. 65-66).

“O *corpo perdurante* é o imperar de uma ofuscante clareza” de que trata Barboza (2009), pode ser relacionada com a disposição de um corpo que escuta e redescobre seu sentido essencial, como demonstrado no depoimento a seguir:

“Na correria diária não paramos para refletir em alguns princípios e valores, por muitas vezes, esquecidos ou guardados dentro de nós, profissionais de enfermagem”. (**Equipe Profissional de saúde 02**)

A enfermeira percebe o “barulho” que dificulta a escuta da essência de sua profissão **“na correria diária não paramos”** e redescobre que é importante parar e refletir em alguns momentos para não se perder e retomar o sentido primordial do seu trabalho (cuidar de pessoas olhando para valores e princípios importantes à ela); compreensão causada pelo impacto da escuta que a levou a interiorizar as palavras da narrativa e acordar a escuta de si, despertando sua presença.

Outra aproximação com a tese apresentada ocorre no depoimento:

“para a potência do encontro acontecer é necessário instaurar uma escuta diferenciada, o que exige muito esforço físico e psíquico”
(**Narradores de Passagem 02**)

A Narradora constata o esforço físico exigido para silenciar o corpo e alcançar uma escuta potente.

O norte principal aqui é cuidar, com suas impressões, para que o outro não se distancie de si, que inicie seu dizer a partir de algum recolhimento. Esta percepção pode conter muitos distanciamentos, ela não se quer certa, guia para uma forma específica. Busca abrir espaço para o ator experimentar o *lugar cuidador* e, com isso, despertar alguma possibilidade de ele mesmo cuidar de si, de sua presença, de sua própria escuta, de recolher a palavra ao doá-la. E contém, claro, todo o imponderável de uma improvisação ao ser, ele mesmo, no gesto cuidador, levado a buscar alguma interioridade durante sua relação com o outro. Ao aproximar-se do dentro do outro, com alguma delicadeza em sua própria trajetória para escutá-lo, ele mesmo *escuta-se* nela, sem esforço, quase sem notar. Cuida de si quase sem nenhum *querer para si*, ao cuidar do outro nalguma intimidade solicitada pela proximidade. [...] Retornos a esse lugar cuidador devem acontecer muitas vezes, para que, com as revisitações, um lugar (cuidar e ser cuidado) doe ao outro a consciência serena da escuta aberta neste recolhimento. Um repouso para si (o que está dentro) nascido justamente de um repouso do outro (aquele que cuida), para que este ator possa sempre cuidar da palavra com simplicidade. (BARBOZA, 2009, p. 95).

A autora também chama à atenção para a aproximação de textos que expandem para “um dizer *escutante*”, o qual denomina de “estado do narrador”, que trata da lembrança e da experiência como sendo um narrador. Assim, concomitantemente ao lembrar dos narradores e das narrativas ouvidas, os acontecimentos são lembrados como experiências vivenciadas por terem sido apropriadas. Tal apropriação é um processo intrínseco ao Narrador de Passagem, que examina sua intimidade em um movimento contínuo de escutar-se para escutar ao outro e, nesse movimento de audição é possível se transportar ao universo do outro e retornar a si, porém, transformado.

4.6.2 A importância da escuta no cuidado de enfermagem

Simone de Oliveira Camillo e Fabiana Tavoraro Maiorino (2012, p. 550) consideram que escutar é uma “maneira de examinarmos a ampla experiência humana”, porém, ressaltam também que é “um universo comunicacional permeado de ruídos”.

Quando alguém nos fala, em vez de escutar até o fim o que se tem a dizer, começamos a comparar quase que imediatamente, o que está sendo dito com nossas ideias e referenciais prévios. Portanto, nossa dificuldade de escutar pode ser explicada, pelo fato de que cada indivíduo apresenta sua história de vida com valores, cultura, significados, razões, propósitos e objetivos próprios. Cada pessoa apresenta uma perspectiva de vida (uma forma de pensar), com seus próprios pressupostos. Percebe-se então que para escutar é de extrema relevância aprender a suspender nossos pressupostos, tentando atenuar os nossos condicionamentos, para que não

deixemos nos levar por uma visão de mundo estreitada e obscurecida. Sempre que nos defrontamos com uma ideia ou situação nova, nossa tendência é compará-la de imediato com nossos referenciais. Logo, acreditamos que a fixação em determinadas ideias constitui o principal motivo de nossa resistência para escutar o outro. (CAMILLO; MAIORINO, 2012, p. 550).

As autoras atentam para o desenvolvimento de habilidades no ato de escutar. Segundo Camillo e Maiorino (2012, p. 550), “se a função precípua da Enfermagem é o cuidado ao ser humano, é necessário enfatizar a complexidade humana, focando a compreensão e o respeito ao outro, por meio de uma escuta atenta e sensível” para excluir os pré-julgamentos e declaram, ainda, que os pacientes associam esse ato como bom atendimento e tratamento, pois se sentem compreendidos quando são escutados. No trecho do depoimento:

“Fiquei comovida com seu semblante que se iluminava a cada palavra pronunciada, mesmo com ela narrando suas angústias e tristezas. Ela me disse que entendeu a história que narrei porque aconteceu assim com ela e continuou a falar coisas dela. Ao me despedir, agradeceu e disse que estava muito feliz com a visita porque teve alguém para escutá-la.” (Narradores de Passagem 02)

Fica evidenciado o alívio provocado pela sensação de ser compreendido e por ter alguém disponível à escuta. Porém, não é qualquer escuta. É necessária uma escuta sensível, livre de pré-julgamentos, porque só assim o outro se sente acolhido e disponível a falar sobre suas angústias e aflições.

“Algo marcante que pude guardar dentro de mim foi o olhar cheio de lágrimas de um descendente de japônês. Em um primeiro flash ele poderia ser analisado como uma pessoa durona, rígida. Mas, o seu olhar penetrante e concentrado, viajando com a narrativa, sentindo os aromas, degustando os sabores que a história tinha como objetivo, fez com que a análise do primeiro instante se modificasse completamente” (Narradores de Passagem 01)

No depoimento acima, a Narradora mostra claramente os ruídos das observações de pré-julgamentos sendo silenciados ao longo do encontro, enquanto a escuta foi se instaurando no encontro com seu ouvinte.

4.6.3 [CORPO VOZ ESCUTA] – Rastros de uma prática, reflexões em processo

Paula Antonia Silva Carrara (2015), em sua dissertação, compartilha com o leitor suas descobertas sobre uma compreensão ampliada da voz como comunicação e presença, algo que ocupa espaço dentro e fora do corpo. Ao aprofundar a natureza relacional da voz, a autora descarta sua fusão porque é sua singularidade que revela os emissores presentes na relação. A voz também é, ao mesmo tempo, canal e instrumento para evocar a escuta. É importante esclarecer que a autora utiliza as palavras [Corpo Voz Escuta], entre colchetes '[]', ora individual, ora em pares, ora na tríade, para relembrar o leitor da integração constante entre os termos.

A [Escuta] cruza os fios entre o dentro e o fora – há um movimento do [Corpo] de trazer a si a percepção do que o ambiente oferece. A [Escuta] é uma atitude mutável, sempre em andamento, sempre em conquista, pois o 'si', o Eu-[Corpo], é um processo em constante inacabamento. A [Escuta] alimenta o campo da memória, mas é sempre viva, presente, destituída da fixidez aos hábitos comuns e disponível ao encontro. E esse encontro do componente acústico, antes mesmo de ser processo sonoro, revela traços de uma *presença*. A [Voz] amplia os espaços do [Corpo] no espaço – e é essa extensão do si-mesmo que adentra o outro pela [Escuta]. a [Voz] é uma evocação da presença! (CARRARA, 2015, pp. 40-41).

O depoimento a seguir pode ser associado a escuta de si (Narrador) que percebe o outro e o ambiente ao seu redor e, a partir dessa percepção ampliada, narra uma história que não havia escolhido a princípio. Quando isso acontece, os ouvintes relatam que “coincidentemente” foi importante terem ouvido aquela história naquele momento.

“Isso revela, por mais que eu pense ou escolha uma narrativa no momento, a situação é que me convida a narrar determinada história. É no momento do encontro que a história necessária se faz presente, bem como a necessidade e urgência em narrar determinadas experiências contidas nas histórias que reclamam ser narradas”
(Narradores de Passagem 02)

É possível aproximar o evento de ouvir a si no outro também no depoimento:

“criamos uma barreira que nos separa do mundo de alegrias” (Equipe Profissional de saúde 02)

A enfermeira, ao utilizar a palavra **“criamos”** para falar pelos **“profissionais de enfermagem”**, escuta a si no outro, porque parte da sua percepção individual é projetada no outro.

A reflexão de Carrara sobre o movimento da escuta como uma ação de abertura para trazer a si a percepção do outro e do ambiente, avizinha-se do movimento de escutar, de que trata o psicanalista Dunker, de sair de si e retornar a si transformado, cujo ato é um processo permanente na ação dos Narradores de Passagem.

O lastro de um pensamento sobre o homem apoiado nas dicotomias acaba por deslocar nossa atenção da percepção, o que antecipa a experiência. Somos levados a nos distanciar da condição de termos o tempo por inteiro e de estarmos presentes; dissociamo-nos da consciência de sermos uma unidade, e, por consequência, desaprendemos a sentir, ver, Escutar de forma plena. No sentido contrário, à medida que nos abrimos novamente ao exercício da [Escuta], entendido não apenas no sentido do ‘ouvir’, mas como ampliação da percepção em vários níveis, podemos acessar uma qualidade que potencializa nossa exploração de [Corpo Voz]. (CARRARA, 2015, p. 15).

Carrara (2015, p. 43) destaca que, apesar da escuta ser uma qualidade nata, perdemos a capacidade de escutar efetivamente porque “escutar incorre riscos”.

4.6.4 Entre o ouvido e a voz

Rodrigo Spina de Oliveira Castro (2017), em sua tese de doutorado, observa o ser humano e seu sentido de audição, responsável pela comunicação oral, para estudar a qualidade da escuta do ator a partir da alteridade de seu ofício na troca com o outro (ator, espaço cênico ou público). Ao escolher o silêncio como o primeiro impulso à percepção auditiva para aprofundar em si, Castro (2017, p. 58) reconhece que “apaziguados os ruídos externos da vida ao redor, quando deixamos os ouvidos completamente silenciados, surgem novas possibilidades de escuta, mais íntimas e profundas”.

Segundo Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2007, apud CASTRO, 2017, p. 24), “o silêncio não é o vazio, ou o sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de uma instância significativa. Isso nos leva à compreensão do ‘vazio’ da linguagem como um *horizonte* e não como *falta*.”

No Ocidente, o ouvido cedeu lugar ao olho, considerado uma das mais importantes fontes de informação desde a Renascença, com o desenvolvimento da imprensa e da pintura em perspectiva. Um dos mais evidentes testemunhos dessa mudança é o modo pelo qual imaginamos Deus. Não foi senão na Renascença que esse Deus tornou-se retratável. Anteriormente ele era concebido como som ou vibração. (SCHAFFER, 2011, apud CASTRO, 2017, p. 43).

O autor expõe que, durante nossa atenção aos sons, ocorre uma elaboração interna, capaz de criar reações e memórias; assim, nas palavras de Castro (2017, p. 39) é demonstrado como “a atenção é uma qualidade bipolar clara entre os universos objetivos e subjetivos.”

Segundo Sylvia Freitas Machado (2003, p. 44), “a atenção é uma força ideal de caráter mental, o que implica que, o comportamento, particularmente o perceptivo, sempre contém um aspecto de seletividade e um aspecto de intensificação.”

Para um primeiro adensamento de criação, o ator, ao silenciar-se poderá perceber seus verdadeiros estados naquele momento pré-criação; poderá ouvir claramente seus pensamentos, detectar seus ritmos, afastando-se de suas questões cotidianas, trazendo o foco de atenção profunda a si mesmo, sobre os fluídos internos – tanto os físicos quanto os psíquicos. Poderá, afinal, conduzir-se a um estado de prontidão que o trabalho cênico exigirá de seu corpo integralmente. Ouvir-se para esquecer-se – e lembrar-se simultaneamente –, um processo de vai-e-vem fluídico e extremamente volumoso, em silêncio. (CASTRO, 2017, p. 60).

Machado (2003) reconhece que há dificuldades em definir a percepção da modalidade auditiva, visto que a audição, na percepção da fala, sucede na mobilidade do tempo, pois “são sons que se organizam no tempo”. Diferentemente da modalidade visual cujos fatos se organizam no espaço. Só é possível a reprodução dos fatos auditivos, que acontecem e se findam no tempo, se forem gravados ou se há certa disposição física e/ou psíquica. A autora chama à atenção para o fato de que, apesar dessa diferença entre as modalidades, é aplicado o “mesmo conceito de discriminação e de memória nas duas modalidades, desconsiderando inclusive que a organização das vias nervosas do cérebro é diferente para cada uma delas”. (MACHADO, 2003, p. 45)

Ao escolher o silêncio como portal de acesso para o aprofundamento de si, o pesquisador concentra sua pesquisa na palavra e na vocalidade, refletindo assim, sobre como o ato primeiro desses fatos está na potência do silêncio e, como o próprio pesquisador recorda, o “silêncio fundador” de Orlandi, que contém todas as

vozes e todas as palavras. (CASTRO, 2017, p. 24).

“encanta a alma e acalma o coração” (**Paciente 01**)

“provavelmente a história havia feito o paciente se esquecer da dor e, assim, anestesiá-lo por alguns instantes.”; “Somente depois que aprendi a silenciar a ansiedade é que foi possível degustar o encontro na performance narrativa e perceber os eventos que aconteciam nesse instante de partilha” (**Narradores de Passagem 02**)

Os trechos dos depoimentos citados acima expõem ao mesmo tempo sutileza e a força ocorrida na performance narrativa, que identifica vestígios de uma escuta potente, que precisou de certo silêncio para ser instaurada. Como evidencia esta tese, para tal aprofundamento é necessário certo silêncio que é mais um portal de acesso a interioridade/ profundidade do ser do que uma quietude vazia de significados.

Centrado no “Encontro Vocal”³⁷, o autor busca compreender a relação entre o sentido da audição e as vocalidades do ator contemporâneo. Seus apontamentos sobre a escuta e o silêncio são pertinentes às reflexões sobre o objeto de estudo desta pesquisa, no sentido de que ao abrandar os ruídos externos e internos é possível ampliar a compreensão do ser e possibilitar outro estado de criação e ação no mundo.

Percebe-se, assim, que o silêncio é a primeira etapa para a abertura de uma escuta amplificada.

4.6.5 Sobre a escuta como acolhimento do outro: fragmentos de uma poética da escuta como caminho de formação humana

Maria Verónica Pascucci (2017, p. 574) concebe a ação de escutar como gesto essencial da condição física para enfrentar pressões da época atual. A autora

³⁷ Conceito que vincula toda emissão da voz ao que o ator escuta de um outro, pelo qual ele recebe novos materiais pelas ressonâncias no espaço, dilatando suas percepções de forma integral, redimensionando sua poética por meio de uma conexão sensível entre as fisiologias em estado de criação, em estímulos sonoros percebidos e trocados. (CASTRO, 2017)

estabelece relações entre o *Logos* (música encantatória que comunica, segundo Heráclito) e a *mousiké* grega (na qual seu poder de *en-cantamento* traz aos sujeitos a verdade como voz que orienta a vida). No artigo, a autora destaca também as artes da existência apontadas por Michel Foucault na *epiméleia heautou* associada a *melos* e *melodia*, aquilo que canta e encanta.

Pascucci (2017) atribui a causa do afastamento afetivo nas relações humanas ao avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação que são tecidas em redes emaranhadas em diversos apelos, nos interstícios que ressoam ruídos sonoros, visuais e olfativos, que constituem a “paisagem sonora”. A autora aponta ainda que esses “ruídos” interferem no corpo físico-sensório, cujas transformações ocorrem, de maneira profunda, na pele, na respiração, no ritmo cardíaco, na oxigenação do cérebro, no deslocamento do equilíbrio labiríntico.

A audição, quando atrofiada no seu sentido primeiro, aquele pelo qual conseguimos nos posicionar no tempo e no espaço encontrando o ponto de equilíbrio que nos sustenta, gera silenciamento de outras formas de percepção da realidade empobrecendo a experiência que temos do mundo, dos outros e de nós mesmos. (PASCUCCI, 2017, p. 563).

Pascucci (2017, p. 564) propõe retomar o que ela designa de “sentido ético da escuta como condição primordial ao acesso à verdade e caminho de formação humana que conduz à experiência radical de alteridade constitutiva de todos nós”:

O ouvir autêntico, portanto, é um recolhimento concentrado, que pertence à multiplicidade do que é dito, auscultando-o como um todo coeso, perpassado por um sentido. Quando o homem assim escuta podemos então dizer que ele é “todo ouvidos”, pois é todo recolhimento e concentração no dito. Não ouvimos, portanto, quando apenas escutamos meras palavras pronunciadas por alguém, mas quando pertencemos ao que está sendo dito. (CORDEIRO, 2015 apud PASCUCCI, 2017, p. 564).

Assim, o envolvimento de quem ouve com o que é ouvido se faz necessário na relação de escuta que, segundo Pascucci (2017, p. 563), “na escuta, há um envolvimento do sujeito em relação àquilo que é ouvido; e, mais ainda, há um movimento de dobra do sujeito que se doa, se entrega, pertence e obedece.”

Esse “ouvir autêntico” indicado pela autora conta com a presença integral dos participantes, o que pode ser vinculado ao momento de suspensão ocorrido no encontro narrativo no hospital.

Nos depoimentos a seguir percebemos que ocorreram instantes de suspensão da realidade, provocada por uma escuta diferenciada da cotidiana, que permitiu aos ouvintes e Narradores viajarem juntos na história, levados pelo encantamento que os envolveu e transportou para outros tempos e espaços.

“Como essas histórias que a Monica conta são maravilhosas entra dentro do coração da gente faz a gente lembrar de coisas do passado hoje acordei com mtas saudades da minha mãe e a histórias de hoje foi sobre mãe que linda acabei até me emocionando”
(Acompanhante 01)

“espantando todos os medos, nos trouxe de volta à infância”; “foi a simplicidade do amor humano” **(Acompanhante 02)**

“lá estava eu voando e enxergando tudo que era narrado”; “Estava tão bom lá, sem sentir dor nem rancor e uma gota de gratidão tomou conta do meu ser aliviado de tantas coisa fiquei sentado ali pensando na viagem que fiz” **(Paciente 02)**

“modificar positivamente a ambiência hospitalar”, “é um potente dispositivo de transformação de perspectiva diante do adoecimento e internação e um poderoso atenuante de sofrimento”, “têm o poder de cura de feridas da alma e de mobilizar o doente para a sua própria história” **(Equipe Profissional de saúde 01)**

“Não existe momento igual durante as narrativas!”, “comunhão”; “envolvimento de cada um”; “algo de mágico acontece”; “respirações profundas e calmas”; “momento mágico da narrativa” **(Narradores de Passagem 01)**

“a narrativa tratava do medo e isso foi o que a confortou naquele momento, sabia que não estava sozinha” e “Era tão tocante presenciar esse cuidado amoroso da filha com o pai. A narrativa ‘Sabiá’ falava do cuidar e no trecho da história que diz ‘o sabiá já velhinho caído no chão’ foi o ponto em que nossos olhares se cruzaram e ficaram suspensos conectados por alguns instantes”.
(Narradores de Passagem 02)

Esses depoimentos revelam que o encontro com a experiência de alteridade surgido nesses instantes é como um chamamento que transporta os sujeitos para

outros tempos e espaços, para um momento mágico de encantamento que, acessado através da linguagem e instaurado pela escuta, é capaz de transformar o ambiente ao redor.

Alexandre da Silva Costa (2012, p. 80) descreve que, para a filosofia de Heráclito de Éfeso, assim como *lógos* é palavra das palavras, “o ouvir será o verbo dos verbos. Diante da linguagem, a escuta.”

O professor de filosofia declara que, para Heráclito, o homem é a medida da sua escuta e a audição é o seu principal sentido porque é o que lhe dá acesso ao conhecimento, visto que linguagem e escuta são indissociáveis, como mostrado no Fragmento 19: “Não sabendo ouvir não sabem falar” (BORNHEIM, 1994, p. 37).

Então, compreende-se que a escuta é fio condutor que pode guiar o homem ao conhecimento do mundo e de si. Segundo Costa (2012), se a escuta é o que norteia a vida, é através dela que os sujeitos podem se constituir e acessar a verdade.

Considerado o pai da dialética, Heráclito apresenta, no Fragmento 08, que o oposto é “a mais bela harmonia”, pois, na harmonia são necessárias “forças antagônicas”, como são as tensões na vida com os movimentos de oposição verificado no Fragmento 34: “Ignorantes: ouvindo, parecem surdos; o dito lhes atesta; presentes, estão ausentes”. (BORNHEIM, 1994, p. 36; 38).

Segundo a compreensão de Heráclito, a vida e o mundo são um discurso em contínuo movimento, um andamento do ser – o devir – que, ao instaurar-se como a linguagem da *phýsis*, não só não pode deixar de ser ouvida, como *deve* ser ouvida. Se a natureza fala, o homem não *pode* deixar de ouvi-la; mas pode ouvi-la desde a sua surdez, caracterizando assim uma escuta deficiente. (COSTA, 2012, p. 89).

Segundo Michel Foucault (2006 apud PASCUCCI, 2017, p. 568), a escuta é “como um dos elementos constitutivos do sujeito através da qual ele pode ouvir os *lógoi*, discursos de verdade fundados na razão e transformados em matrizes orientadoras da própria vida.”

Assim sendo, a escuta é condição primordial de acesso à verdade, e, sem ela, não haveria subjetivação nem transformação. Nas práticas do cuidado de si (ou práticas da existência) será pela escuta que o sujeito pode captar tanto as verdades vindas do mundo externo quanto aquelas que vêm do interior do mesmo. Portanto, a escuta permite o exercício e a apropriação das artes da existência para transformar a própria existência numa obra de arte. (PASCUCCI, 2017, p. 568).

Foucault (2006 apud PASCUCCI, 2017), identificou na Antiguidade clássica as artes da existência como instrumentos de conhecimento e cuidado de si. O filósofo nomeou como *epiméleia heautou*, caracterizada como atitude (práticas pelas quais os sujeitos se transformam) e *mélei moi* caracterizada como um canto de chamamento, no sentido que me convoca, me chama, me encanta.

A palavra *encanta*, do Latim *incantare*, apontaria a algo que *canta em* ou *canta na*, indicando um movimento para dentro. Segundo o *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, o prefixo *in* significa guarnecer, prover, encher, transformar e transformação. Já na *Enciclopédia Brasileira Mérito*, o prefixo *in* remete a um estado e modo de ser, motivo pelo qual se pratica um ato. Assim, *incantare* pode ser interpretado como um modo de ser que transforma *cantando*. Poderíamos deduzir que a escuta é um modo de estar na presença do *lógoi*, verdade orientadora da vida que se manifesta ao sujeito como som, como melodia, como aquilo que canta e encanta, ocasionando sua transformação. Estar à escuta dessa melodia individual é uma experiência única e singular, íntima e transformadora que faz parte da vida de todos os sujeitos. (PASCUCCI, 2017, p. 569).

Para Pascucci (2017, p. 574), “a música, como a linguagem do ser, é dobra, oferta, que abre a *disponibilidade do indivíduo para o acolhimento-encontro com o outro: de si, do outro, do mundo*”.

É também demonstrado a consonância desse artigo com o trabalho dos NP com relação à escuta, para além do ato de cuidar, pois a consciência da necessidade de disposição interna de atenção promove uma abertura sensível e acolhedora, exigida no ato de escutar. Tal disposição suspende temporariamente pressupostos que impedem as respostas automáticas. Para essa escuta é preciso estar atento também aos nossos sentimentos e pensamentos, pois só assim podemos escutar genuinamente o que o outro pensa e sente para acolhê-lo.

Nos depoimentos selecionados, “a música [...] que abre a *disponibilidade do indivíduo para o acolhimento-encontro*”, como diz a autora, foi a narrativa que, através da escuta acolhedora, convocou e encantou com o canto encantatório do conto.

Quando a Pascucci (2017, p. 572) diz que “somos sons orquestrados na grande sinfonia do mundo cujas ressonâncias formativas dependem do gesto de escutar”, percebe-se uma presença que escuta a voz do ser em sua essência e que só se completa mutuamente no encontro. Escutar não é apenas silenciar, como a própria autora destaca, mas é a disposição para receber a presença do outro, de si e

do mundo em nós mesmos. Nesse sentido, o diálogo com o trabalho dos Narradores vai muito além de investigar a escuta para narrar, mas trata-se de aprender a ouvir para se colocar no mundo. Atuar como Narradores de Passagem é também uma formação humana; uma postura para atuar no mundo.

Dentre os textos encontrados na revisão da literatura, o artigo de Pascucci (2017), é o que mais dialoga com a atuação prática dos Narradores de Passagem, tanto no treinamento do Narrador como na atuação em campo no hospital. A autora aborda, ao passar por diversos autores, uma disposição do indivíduo para com o outro, consigo e com o mundo, a qual ela denomina como “acolhimento-encontro”. Tal designação inspirou a denominação do objeto dessa pesquisa como “escuta acolhedora” por compreender o “acolhimento-encontro”, de que trata a autora, muito similar aos encontros acolhedores dos Narradores de Passagem com os ouvintes.

Referentes aos aspectos que dialogam com o objeto desta pesquisa, os depoimentos selecionados revelam a prática dos Narradores em campo e corroboram com a sensação de impacto positivo dessa ação no ambiente hospitalar. Nos textos expostos estão presentes uma escuta diferenciada, a qual os autores destacam como uma escuta que silencia os ruídos do ser e do mundo, mais profunda, provocada por uma presença que permite alterar ações, situações e experiências que podem nos servir como guias norteadores para uma vida mais autêntica. No momento da performance narrativa no hospital, a escuta acolhedora fomenta também essa presença integral entre os participantes no momento da narração.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte, de modo geral, tem se configurado cada vez mais como produto com valor de mercado e, conseqüentemente, se distanciado das pessoas. É descartada não apenas pelos interesses dos poderosos, mas também por uma considerável parte da sociedade que não considera seu sentido e sua importância em um mundo tão carente das necessidades mais básicas. É necessário e urgente restituir sua importância em transcender e despertar para outros mundos, outras culturas, vivências e experiências tão necessárias ao humano e resgatar sua função social através de uma prática de ação solidária é um caminho possível.

Ao refletir sobre a escuta nas práticas artística, pessoal e de saúde, a literatura encontrada delineou possibilidades acolhedoras e urgentes em contraponto ao descuido e carência dos dias atuais. Os depoimentos relatados também demonstraram os vestígios dos efeitos positivos da ação dos Narradores, em um momento tão delicado na vida dos participantes, ao testemunharem sensações de apoio, tranquilidade e motivação após compartilharem as narrativas. Esta pesquisa mostrou o impacto da escuta quando manifestada com um grau de atenção incomum ao usual no cotidiano.

É relevante reconhecer que a escuta permeia todo o processo do trabalho dos Narradores de Passagem, desde a criação das histórias à apropriação das narrativas; dos depoimentos e treinamento dos Narradores à narração em si. Em muitos momentos, durante minha performance narrativa, experimentei meu próprio processo de escuta ao escolher e ouvir a narrativa que eu contava para me tranquilizar, me confortar também nesses momentos.

Apesar de reconhecer a dificuldade de mensurar o impacto da escuta durante o processo de enfermidade, é perceptível sua eficácia no encontro narrativo no ambiente hospitalar.

Os desafios que apareceram no processo de elaboração dessa pesquisa contribuíram para apoiar progressos do trabalho em campo e para o treino de futuros Narradores, além de demonstrar que práticas apoiadas pela escuta revelam possibilidades acolhedoras na ação de cuidar e promovem caminhos mais saudáveis e menos dolorosos durante o enfrentamento da doença. São processos singulares, o que torna a experiência da escuta instaurada pela voz do Narrador no ambiente hospitalar, objeto deste estudo, inesgotável e exige maior reflexão e novos

estudos para aprofundar essa investigação.

O testemunho que desejamos demonstrar nesta pesquisa é que a importância do trabalho dos Narradores está no encontro com as pessoas em situação de vulnerabilidade, mais precisamente na relação estabelecida nesses encontros e que, através das narrativas orais é possível confortar e diminuir angústias perante o sofrimento e a morte. Porém, para que isso aconteça é necessária uma escuta acolhedora e, escuta aqui é compreendida como uma relação de contato estabelecida no encontro. Assim, Narradores de Passagem é uma voz presente essencial ao humano; é uma maneira de ser e estar no mundo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luís Alberto. **Palavras do Abreu**. Santo André, 2013. Disponível em: <<http://www.osnarradores.art.br/palavras.html>>. Acesso em: 01 maio 2018.

_____. **Humanização - Sobre Narrativas Oraís, Narradores e Cuidados Paliativos**. In: SANTOS, F. S. (Org). *Cuidados Paliativos: diretrizes, humanização e alívio de sintoma*. São Paulo: Atheneu, 2011.

_____. **O narrador contemporâneo**. Considerações a partir do narrador de Walter Benjamin [apostilada]. Projeto Narradores de Passagem. São Paulo. 2010.

_____. **Narradores de passagem** [anotações cadernos do curso Narradores de Passagem]. Projeto Narradores de Passagem, Santo André. 2005.

_____. **A restauração da narrativa**. O percevejo, São Paulo, n. 09, p. 115-125. 2000.

ALL-PARTY PARLIAMENTARY GROUP ON ARTS, HEALTH AND WELLBEING (APPGAHW). **Creative Health: The Arts for Health and Wellbeing**. July 2017. Reino Unido. Disponível em: <<http://www.artshealthandwellbeing.org.uk/appg-inquiry/>>. Acesso: em 18 set. 2018.

ANDRADE, Mário de. **Obras Completas**. V I. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2013.

ANTONIO, Mônica Roberta. **Narradores de Passagem em hospitais**. 2014. 62 folhas. Monografia (Especialização em Cuidados Integrativos). Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, São Paulo, 2014.

ARAÚJO, Monica Martins Trovo. **Quando “uma palavra de carinho conforta mais que um medicamento”**: necessidades e expectativas de pacientes sob cuidados paliativos. 2006. 141 folhas. Dissertação (Mestre em Enfermagem). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2006.

BAJARD, Elie. **Ler e dizer**: compreensão e comunicação do texto escrito. São Paulo: Cortez, 1994.

BARBOZA, Juliana Jardim. **Vestígios do dizer de uma escuta** (repouso e deriva na palavra). 2009. 129 folhas. Tese (Doutorado em Artes). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2009.

BARTHES, Roland. Et. al. **Análise estrutural da narrativa**. Seleção de ensaios da revista “Communications”. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes; 1973.

BENEDETTO, Maria Auxiliadora Craice de; GARCIA, Deborah; BLASCO, Pablo González. **Era uma vez... Narrativas em medicina**. Revista Brasileira de Cuidados Paliativos. 2010, p. 19-25, maio 2010.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense; 1994.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1980.

CABALLERO, Ileana Diéguez. **Cenários liminares**: teatralidades, performances e política. Uberlândia: EDUFU; 2011.

CAMILLO, Simone de Oliveira; MAIORINO, Fabiana Tavolaro. **A importância da escuta no cuidado de enfermagem**. *Revista Cogitare Enfermagem*. Paraná: UFPR; 2012, p. 549-555, Jul/Set 2012.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento; 2007.

_____. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena; 1992.

CARRARA, Paula Antonia Silva. **[CORPO, VOZ, ESCUTA] – Rastros de uma prática, reflexões em processo**. 2015. 101 folhas. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade de São Paulo, SP, 2015.

CASTRO, Rodrigo Spina de Oliveira. **Entre o ouvido e a voz**. 2017. 220 folhas. Tese (Doutorado em Artes). Universidade Estadual de Campinas – SP, Campinas, 2017.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC). **O que é História Oral**. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>> Acesso: em 21 out. 2018.

CHION, Michel; DELALANDE, François, (Org.). 1986. **La revue musical**. In: *Recherche musicale au GRM*. Paris: Richard-Masse; 1986, p. 394-97. Disponível em: <<https://www.francois-delalande.fr/publications/classement-par-domaines/recherche-musicale-au-grm/>>. Acesso em: 10 maio 2019.

COSTA, Alexandre da Silva. **HERÁCLITO, fragmentos contextualizados**. Tradução estudo e comentários de Alexandre Costa. São Paulo: Odysseus, 2012.

CUNHA, Antonio Geraldo. **Dicionário etimológico**. Nova Fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1982.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2010.

_____. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 1991.

EPSTEIN, Gerald. **Imagens que Curam** - Práticas de Visualização para a Saúde Física e Mental. 1ª ed. São Paulo: Agora; 2009.

FAHRER, Lucienne Guedes. **Luís Alberto de Abreu: a experiência pedagógica e os processos criativos na construção da dramaturgia**. 2011. 208 folhas. Dissertação (Mestrado em Artes). Escola de Comunicação e Artes/ Universidade de São Paulo, SP, 2011.

FERREIRA, Jerusa Pires (Org.). **Oralidade em tempo & espaço: Colóquio Paul Zumthor**. São Paulo: EDUC; 1999.

GENNEP, Arnold Van. **Os Ritos de Passagem** - Coleção Antropologia. Petrópolis: Vozes; 2011.

GERD, A. Bornheim (Org.). **Os filósofos pré-socráticos**. São Paulo, Cultrix: 1994.

GIBSON, Kim; GOEDHART, Liesbeth. **Examination of the use of the arts to improve health and healing in western Australian hospitals**. June 2016.

HAMPATÈ BÂ, Amadou. **A tradição viva**. In.: J. KI-ZERBO, História Geral da África Vol. 1 – *Metodologia e pré-história da África*. São Paulo/Paris, Ática/UNESCO: 1980.

HECKERT Ana Lucia Coelho. **Escuta como cuidado: o que se passa nos processos de formação e de escuta?** In: Pinheiro R, Mattos RA, organizadores. *Razões públicas para a integralidade em saúde: o cuidado como valor*. Rio de Janeiro: ABRASCO/CEPESC; 2007. p. 199-212.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KLIMICK, Carlos; BETTOCCHI, Eliane. Fantasia e imaginação de mundos: ato poético refigurador. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taíza Mara Rauen (Org.). **Contaço de Histórias: tradição, poéticas e interfaces**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015, p. 368-370.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. Hardo, Trutz (Org.), Jannini, Karina (trad.). **Viva Agora e Além Da Morte: Reflexões Da Médica Psiquiatra Que Mudou A Percepção Sobre A Morte**. São Paulo: Pensamento, 2016.

MACHADO, Sylvia Freitas. **Processamento auditivo: uma nova abordagem**. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

MELO, Fabrício Augusto Corrêa de. **De “Introduction à la musique concrète” ao *Traité des objets musicaux*: gênese do solfejo dos objetos musicais de Pierre Schaeffer**. 2007. 115 folhas. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Minas Gerais, MG, 2007.

MIRANDA, Danilo Santos de (Org.). **Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2007.

MONTEDONIO, Regina. **Mindfulness**. Regina Montedonio, 2018. São Paulo. Disponível em: <<http://reginamontedonio.wda.ag/mindfulness/>>. Acesso: em 30 set. 2018.

NATIONAL ARTS AND HEALTH FRAMEWORK ALL-PARTY (NAHF). **What we do**. Disponível em: <<https://www.arts.gov.au/national-arts-and-health-framework>>. Acesso em: 13 maio 2019.

PASCUCCI, Maria Verónica. **Sobre a escuta como acolhimento do outro: fragmentos de uma poética da escuta como caminho de formação humana**. Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 22, n. 3, p. 561-575, set./dez. 2017.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2006.

REMEN, Raquel Naomi. **Histórias que curam: conversas sábias ao pé do fogão**. 3ª ed. São Paulo: Ágora; 1998.

_____. **O paciente como ser humano**. 1ª ed. São Paulo: Summus; 1993.

REYNER, Igor. **A escuta e, Pierre Schaeffer: uma perversão poética**. In: SEMINÁRIO MÚSICA CIÊNCIA TECNOLOGIA: RONTREIRAS E RUPTURAS, 4., 2012, São Paulo. **Anais**. São Paulo: ECA/ USP, 2012, p.95-101.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa: 1 A intriga e a narrativa histórica**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2012.

SARAIVA, Isabela Cristina Terra. **Um novo olhar à figura do narrador: narradores de passagem**. 2009. 146 folhas. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Estadual de Campinas, SP, 2009.

SCHAEFFER, Pierre Henri Marie. **Traité des objets musicaux: essai interdisciplines**. Paris: Seuil, 1966.

SONTAG, Susan. **A vontade radical: estilos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

THOMPSON, Paul. **Histórias de Vida como Patrimônio da Humanidade. História oral: patrimônio do passado e o espírito do futuro**. In: **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. P. 17-43.

TURNER, Victor. **Antropología dei Ritual**. Comp. Ingrid Geist. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, Escuela Nacional de Antropología e Historia, 2002.

_____. **El proceso ritual**. Estructura y antiestructura. Madrid: Taurus, 1988.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: UFMG; 2010.

_____. **Escritura e nomadismo**: entrevistas e ensaios. São Paulo: Ateliê; 2005.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Coord.). **História falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

ANEXO I: Narrativas de Passagem

1. *Lenda do céu – (Mário de Andrade)*

Andorinha, andorinha, andorinha voou, andorinha caiu, curumim a pegou. 'Piá, não me maltrata, não! Eu levo você pro mato pra enxergar bichos tamanho e correr com os guanambís.' O menino brincava, andorinha sofria. Ia de um lado pra outro e atordoada gemia: 'Piá, não me maltrata, não! Eu levo você pro mar, ver as ondas, ver as praias, ver os peixinhos do mar.' O menino malvado taperá machucou e já morre-morrendo a coitada falou: 'Piá não me maltrata, não! Eu levo você pro céu e nunca ninguém não cansa de ver as coisas do céu. É um sítio bonito mesmo, beiradeando o trem-de-ferro. Lá, você acha sua gente que faz muito que morreu. Assegure em minhas penas, vamos embora com Deus.'

Andorinha, andorinha, andorinha voou, foi subindo pro céu, curumim carregou. 'Assegure bem, menino, não olhe pra baixo, não! Não tem saudade do mundo que o mundo é só perdição.'

E avoando, avoando, afinal se chegou. Andorinha desceu, curumim apeou. Abriu os olhos e viu: era o céu. Oh, boniteza! Tinha espingarda, gangorra, estilingue. Tinha bicho e tinha tanta surpresa que era mesmo um desperdício. 'Olha um cachorro jaguar! Olha a ave siriema! Olha aquelas três marias da gente bolear inhambus.' Era que nem um pomar com tanta fruta aromando que o ar ficava que ficava bonzinho de respirar. O curumim caminhava, seguindo os postes da linha. Lá pelo varjão se ouvia uma fordeca assustada. E no meio-dia quente, amolengando maneiro, um aboio tão chorado que acoava no corpo o doce sono do brasileiro. Tinha mandioca e açaí, mate, arroz, café, muita banana e feijão, milho, cacau, tinha até, pra lá do cercado novo cheio de taperobás, um rancho do nosso povo com seu mastro de são João. No galpão, um homem comprido, de uma quente morenês, de uma pele bem sapecada pelo sol deste País, gemia numa sanfona uma mazurca tão linda que se parava um bocado o ouvido cantava ainda. O menino olhou pro homem e gritou: 'Boas tardes, tio!' "Meu sobrinho! Entra no rancho! Nossa gente já está aí." E o piá se rindo matava a saudade do coração. Tomava benção da mãe, do pai, abraçava o irmão. Afinal topou com o primo que era unha e carne com ele e, comovidos os dois, os dois se deram a mão. E foram brincar pra sempre pelos

pagos abençoados do meio-dia do céu. No céu sempre é meio-dia. Não tem noite, não tem doença e nem outra malvadez. A gente vive brincando e não se morre outra vez.

2. A Linha da Vida – (Maria Tereza B. Rhein)

Eu me lembro bem que quando criança, no catecismo o padre falava “todos somos irmãos por parte de Deus”. Frase repetida tantas e tantas vezes pela mãe, pelo pai, pela avó, pela professora... Então, pensava, “fora meus irmãos de sangue ainda tenho mais um tantão de irmãos por parte de Deus”. “Tanta gente diferente e tudo irmão!” Mas quando pensava em uma certa colega da classe ou naquele primo grandão metido a besta, uma raiva surda me crescia dentro do peito. Que nada! Esses não! Esses não podem ser meus irmãos nem por parte de Deus. (A verdade é que não eram só estes dois não. Tinha mais alguns que eu não queria como irmãos de jeito algum. Até irmão de sangue!)

E era nisto que eu pensava naquele entardecer cinzento, enquanto fazia minha caminhada diária no parque, cruzando com tanta gente diferente e estranha, gente desconhecida. “São todos meus irmãos!” Velhas lembranças... Que hora! Perante Deus éramos uma grande família. Toda a humanidade irmã! Bonito.

Foi então que vi aquela mulher esquisita sentada naquele banco. Gorda, saia rodada, blusa bufante, lenço na cabeça, chinelo de dedo... Ao lado uma sacola. Era um quadro que me atraía apesar da esquisitice.

- Filha, vem cá. Deixa eu ler a sua mão.

Sorri às velhas lembranças. Aquela velha senhora também era minha irmã. Ou melhor, minha mãe, pois se eu era sua filha... Uma cigana, ou mendiga, ou feiticeira... Que importa! Do seu olhar, um intenso brilho me hipnotizava....

Aproximei-me mais e estendi-lhe as mãos, olhando bem para ela, no seu traje roto, nos seus pés grossos e calejados, nos dedos com garras retorcidas. Então reparei naquelas mãos enrugadas e pintadas pelo tempo que seguravam entre elas, a minha mão...

Só ouvi quando ela disse que aquela era a linha da vida. Da minha vida.

E ela começou a puxar aquela linha que ia saindo da minha mão. Puxava, puxava e ia deixando cair no chão, junto a seus pés, a linha da minha vida

enrodilhada feito caracol. Puxava que puxava e nunca que acabava. Então ela abaixou-se e pegou a ponta da linha do caracol no chão e foi desfiando novamente, repassando a mesma linha como se fosse uma conferência.

- Quando aparece um nó como este, dizia ela, não puxe com força. Põe entre os dedos e calmamente vá esfregando, esfregando... que ele se desfaz. E continuava a desfiar em minha frente a linha da minha vida. Com delicadeza ia esfregando e desfazendo os nós que apareciam.

Uma hora ela esfregava que esfregava um nó entre os dedos. E quanto mais o fazia, mais a linha se emaranhava. Divertidamente, fiquei aguardando curiosa o desfecho daquilo. Queria ver como ela desmancharia aquele nó que se agigantava na ponta dos seus dedos. Assustada e incrédula eu a vi puxar e quebrar a linha ao meio. Era a minha vida que se quebrava.!

Depois, arrancou o nó e o jogou fora. Em seguida juntou as duas pontas, lado a lado, e esfregou-as entre a palma das mãos.

- Não vai amarrar? Perguntei.

- E refazer o nó? Não. Apenas esta junção resolve. Com o tempo se emenda.

- E não tem perigo de se quebrar? Quis saber.

- Quebra não! Fica mais grossa, mais áspera, mais feia até. Fica uma emenda... Mas é melhor assim meio que defeituosa, do que deixar seguir a linha com um nó que seja, se arrastando e formando outro nó, e mais um, e mais outro, numa sequência sem fim.....

E continuou a desfiar aquela linha. Um novo caracol foi se formando em seu colo, da mesma linha que ela ia erguendo e puxando do chão. A outra ponta continuava presa a minha mão. E quando terminou a linha do velho caracol, puxou-me para mais perto. Ficamos próximas. Muito próximas.

Um constrangimento angustiante me unia àquela mulher. Eu olhava para a linha esticada entre suas mãos e a minha.

- E agora? Perguntei aflita.

- Não sei. Respondeu meneando a cabeça desconsoladamente.

Apavorada, sem saber o que fazer, recuei. Recuei e percebi que ela soltava a linha. Fui me afastando, afastando e comecei a flutuar; enquanto ela ia dando linha como se empinasse uma pipa. E eu subindo. Lá do alto eu via tudo muito pequeno, insignificante até. Eu me sentia enorme, inflada pelo ar. Uma gostosa sensação de

liberdade e leveza, dava-me a tranquilidade necessária para desfrutar daquele momento. Flutuando no horizonte, subindo e subindo; e sumindo pelos ares.

Olhei para minha mão. Não havia linha alguma. Não havia mão. Eu era uma estrela na imensidão.

3. Tarcirurga – (Elizabeth Cardoso)

Como a última noite é longa. Principalmente dentro de um ovo. Depois de 49 longos dias e noites, Tarcirurga esperava pelo quentinho do sol, que a ajudaria arrebentar a casca, abrindo caminho pelo mundo rumo ao mar.

Vez por outra Tarcirurga trocava umas palavrinhas com as tartaruguinhas instaladas nos ovos ao lado do seu, mas o escuro de dentro do ovo e o som do mar, vindo de baixo da areia, davam um sono; e ela passava quase todo o tempo dormindo.

Na longa última noite dentro do ovo, Tarcirurga, mais uma vez sonhava acordada. Quando chegasse ao mar ela ia nadar com calma, testando a largueza do espaço e a leveza de seu próprio corpo. De repente avista um lindo pé de algas pronto para ser saboreado e, em pouco tempo, passa de centímetros para metro e com toda sua força e sabedoria ganha águas estrangeiras, areias de outros portos, novas amizades. E quando chegar o momento, volta para aquela praia de origem, deposita sua ninhada e depois ganha o mundo mar novamente.

Seus pensamentos são interrompidos pela algazarra vinda dos outros ovos. O dia estava amanhecendo. Ela iria nascer para o mar.

Tarcirurga já estava em sua terceira tentativa de vida em águas do Atlântico, prestes a ter sua casca rebentada e, então, sair correndo, mas “não com as patas e sim com o coração.” Esse era o conselho do Tartugo Manso, o velho sábio, responsável por treinar as tartarugas bebês, antes do nascimento. O velho Tartugo Manso sabia das coisas, afinal ele viveu mais de 150 anos nas águas do mar e quando saiu estava tão esperto que o colocaram para dar conselhos às tartaruguinhas de primeira viagem.

Tarcirurga não entendeu todas as lições do Tartugo, mas ela sabia que o maior desafio não era correr, era correr o mais rápido possível para escapar das gaivotas gigantes que têm tartaruguinhas como prato favorito. E a Tarcirurga já tinha

passado por isso duas vezes, sempre sem alcançar o mar. “Acho que é uma maldição”, disse Tarcirurga.

O Tartugo riu: “não tem maldição nenhuma. É que as gaivotas gigantes - assim como nós - querem viver e para viver elas precisam se alimentar, tal como você precisa chegar ao mar”.

“Então é a minha vida ou a dela? Muito justo tendo em vista que eu tenho três centímetros e a gaivota gigante um metro de comprimento e ainda ataca por cima”, respondeu a Tarcirurga revoltada. “Mas muitos de nós conseguimos chegar ao mar”, animou o Manso Tartugo.

Seus pensamentos foram interrompidos por uns estalos e a luz do sol passando pelas frestas do ovo. E, seguindo seu instinto, ela rasgou a casca e correu, correu, desesperadamente pela areia em direção ao mar. O mar era aquela massa azul transparente bem próxima, mas que de repente se afastou. Ela olhou para o céu e viu as gaivotas se aproximando pela direita. E ela se lembrou das outras vezes em que o mar a enganou ficando ora perto, ora longe, mas dessa vez não tinha erro, ela corria com o coração. Chegou a ouvir gritos das companheiras incentivando o grupo: corre, corre, vamos conseguir!

A areia molhada denunciou a vitória e a próxima onda a levou sã e salva para dentro de sua nova casa fluída e transparente. E Tarcirurga suspirou. E nadou incansável, de costas, de barriga, só com as nadadeiras dianteiras, só com as nadadeiras traseiras, de lado, ... uma festa. Entre uma acrobacia e outra deu de cara com uma estrela do mar, que disse com superioridade: “Que animação tartaruguinha, até parece que nunca viu o mar.” E a Tarcirurga, nadando em torno da estrela do mar, respondeu: “É minha primeira vez. Nunca tinha passado da areia”. “Meus parabéns”, disse a estrela, “e, você já deu o seu primeiro mergulho profundo?” O mergulho profundo era um dos seus grandes sonhos. Pois é no primeiro mergulho profundo que as tartarugas marinhas testam suas habilidades.

“Não, ainda não”, disse a Tarcirurga. “Então vamos, eu te acompanho”, se ofereceu a estrela do mar.

Tarcirurga se concentrou, fechou os olhos, tomou impulso e foi direto para o fundo, ficou rente, rente com o chão. Lá, pode ouvir as nadadeiras de suas companheiras abrindo caminho nas águas, a respiração dos peixes que quase estourava em seus ouvidos e o ruído das algas contra as pedras que parecia tecido raspando na pele. A pressão da água parecia querer esmagá-la e ela já estava

subindo quando a estrela do mar gritou: “Hei mocinha, onde vai com tanta pressa? A estrela do mar se aproximou e entregou uma linda casinha de caracol colorida. “Leve com você como presente, para lembrar que tudo passa. E tudo volta. Agora, vai, e volte, sempre”, disse a estrela do mar.

Tarcirurga agradeceu o presente, guardou a pequena casa de caracol embaixo de seu casco e lembrou que após o mergulho profundo era a vez de testar seu senso de direção

E Tarcirurga se juntou a turma das tartaruguinhas que festejava a vitória contra as gaivotas. Tarcirurga era uma das mais animadas, dava saltos, organizava corridas, puxava cantigas e comemorava sem parar. Foi quando percebeu que suas companheiras fugiam dela, sem entender do que se tratava olhou para trás e viu uma boca enorme de um escuro sem fim vindo ao seu encontro.

De volta ao berçário das tartaruguinhas bebês, a Tarcirurga reencontrou o Tartugo Manso, que com naturalidade perguntou: “já de volta, marinheira?”

“É seu Tartugo, descobri que as gaivotas gigantes não são as únicas a nos devorarem”.

E o Tartugo disse: “ótimo. O importante é aprender. Agora vamos embora que você tem muito trabalho pela frente até a próxima leva de ovos partir”. Ao dizer isso o Tartugo Manso estendeu a mão para a Tarcirurga e ela gelou ao ver em seu dedo mindinho um anel com uma casa de caracol, toda amarelada pelo tempo. Seus olhos ficaram vidrados na joia. E o Tartugo explicou: “ganhei de uma estrela do mar, há muito tempo”. Tarcirurga não disse mais nada, apenas engoliu seco, pegou na mão do Tartugo e foi se juntar às outras tartaruguinhas que estavam chegando.

4. Toda Madeira tem nó – (Rosani Madeira)

Seu Madeira e sua saúde de ferro. Na lembrança dele, a única doença que o derrubou foi uma bronquite asmática. Se gabava dizendo que ele mesmo curou aquela asma. Tudo por causa de uma desobediência.

Onde a família morava havia muito mato e, bem no fundo do terreno, um laguinho quase escondido pelas goiabeiras, limoeiros e capim alto. Claro que a molecada vizinha descobriu rapidinho o grande tanque de água escura e aquilo virou um parque de diversão.

Um dia, daqueles de inverno de trincar osso, o menino Madeira não só ignorou a ordem da mãe pra não tomar friagem como arrancou calça, camisa, sapato e meia e pulou dentro do laguinho. Enquanto o danado se esbaldava, a mãe saiu pro quintal berrando: “Você vai morrer com essa bronquite, moleque! Sai da água!! Quer me matar do coração?!”

O menino só escutava o movimento dos braços e pernas batendo na água. Nadava de um lado pro outro, exibindo seu estilo cachorrinho.

Quando saiu, teve de correr de cueca, pingando e tremendo de frio, pra não apanhar de vara de taquara na frente dos curiosos.

Até hoje, ninguém sabe a explicação, mas depois daquele dia nunca mais deu chiadeira nem falta de ar no peito dele.

E o Madeira foi crescendo, esticando feito uma araucária e alargando como uma sequoia. E sem nenhuma doença, só aquelas facinhas de resolver com chá de erva. O menino Madeira virou adulto sem nunca, nunquinha precisar de consulta com doutor formado.

O Madeira também tinha muita força nos braços. Era bom de briga. Não envergava na frente de nenhum malandro. Era imponente que nem uma figueira de galhos compridos e raiz esparramada. Quando a raiva subia quente nos miolos, as toras do Madeira caíam sem dó nos safados. As toras tinham o peso de um mogno decepado pela motosserra, e levando com fúria pro chão tudo o que estivesse em volta. O Madeira só dava lição assim em gente que não sabia conversar, gente ignorante. Pra ele, ignorância se resolvia com ignorância.

Esse homem tinha a fortaleza de um jequitibá. E com essa saúde, deu pra cometer alguns abusos. Fumou desde cedo – fumo de corda, cigarro sem filtro – e logo descobriu a alegria do álcool na bebida. Gostava de pimenta, gordura e temperos fortes. Já casado e pai de três filhas, costumava terminar o dia no bar. E abria a rodada de conversa com uma ou duas doses caprichadas de cachaça.

Em casa, já viu... Sobrava bate-boca com a mulher. As filhas ouviam e viam tudo quietinhas, pareciam gravetos de eucalipto prontos pra ir pro fogo. Seu Madeira sabia ameaçar, ah, pra isso mostrava um talento! Uma vez, virou a mesa do almoço e cacos e restos de comida se misturaram no chão. Fazia toda essa cena, mas nunca encostou um dedo na mulher nem nas filhas. Nunca bateu em mulher.

O casamento, hoje, passa dos cinquenta anos.

Há alguns meses, seu Madeira completou setenta e cinco anos. Nesse tempo todo de vida, enterrou mãe, pai e os três irmãos mais novos. Do sobrenome português, só sobrou ele e nele ia terminar porque herdeiro homem não foi feito. Ele era a única raiz viva dos Madeira.

Setenta e cinco anos. E o homem ainda era pau pra toda obra. Um carvalho com boa idade. Ah, e o Seu Madeira parou de fumar.

Aos poucos foi ficando menos inquieto, mais preguiçoso, sem vontade pra quase nada. Não saía de casa. Acabou plantado no sofá na frente da tv, parecendo um xaxim agarrado na terra.

Nesse período, começou uma dorzinha ardida no canal da urina. A mulher fez de todo tipo de chá de erva, mas não resolveu. Não teve jeito: pela primeira vez na vida, Seu Madeira precisou ir pro hospital, esse sim, o maior pavor da vida dele. As pernas tremiam como talos de junco novo.

E lá ele foi examinado por um grupo de homens e mulheres de capa branca. Prestava atenção neles e refletia: “Essa gente toda sabe resolver os problemas na conversa.” Pior foram os exames que ele teve de fazer, dava uma vergonha de humilhação! A coragem que sobrou, Seu Madeira usou pra aguentar tudo calado: a dor e a vergonha de ser violado nas partes íntimas. Aguentou tudo com o mesmo orgulho que se tem diante de uma árvore de pau-brasil.

Na enfermaria, todo dia entrava e saía paciente. Mal dava tempo de fazer amizade. Alguns colegas vinham com doença pior, outros recebiam alta, rapidinho. O Madeira continuava lá, vendo a troca de paciente. Tinha a esperança de ficar novinho em folha logo, logo. Planejava o que fazer quando voltasse pra casa. Queria uma vida melhor

aproveitada. Ir à praia, assistir menos televisão, parar com a cachaça, caminhar, consertar o portão, trocar o chuveiro, agradar mais a mulher... “Ou será que não dá tempo pra fazer tudo o que a gente precisa na vida?”

Quando soube que iam operar sua barriga, Seu Madeira se sentiu como uma seringueira da Amazônia. Viu o caule ser rasgado pra coleta da seiva branca. Seria o choro ou o sangue dela que sai?

Pela primeira vez quis saber se a gente tem o tempo de vida marcado antes no livro do chefão lá em cima. Às vezes variava das ideias: em vez de Madeira podia ter nascido Oliveira, Angico, Pereira, Amorim, Nogueira... É, seu Madeira já não se sentia mais um jacarandá. Não nasceu árvore, mas um pedaço dela. Era matéria-

prima e podia virar mesa, prateleira, porteira, cadeira de balanço... Quando menino, sua mãe, já cansada da lida na cozinha, passava as tardes cochilando na cadeira de balanço que chiava pra frente e pra trás, pra frente e pra trás...

Seu Madeira queria ser transformado em alguma coisa de utilidade. Andava meio triste, se sentia um pau que nasce torto. Depois descobriu que tinha uns assuntos de culpa pra resolver. Teve medo de morrer na mesa sem se desculpar com quem precisava.

Emocionado durante as visitas, Seu Madeira às vezes chorava. Olhava firme pro rosto da mulher e pedia perdão, lembrando acontecimentos antigos. A mulher já não tinha tão boa memória, não sabia direito do que o marido falava, mas dizia que perdoava. E completava, de alguma forma se desculpando também: “ninguém nesse mundo é santo, meu velho”.

As filhas, agora, estavam preocupadas em salvar o pai. Precisavam impedir a derrubada de um velho ipê-roxo atacado por cupins.

Veio o dia da operação e tudo correu bem, apesar da delicadeza da doença. Seu Madeira voltou pro quarto confiante, ainda anestesiado, mas firme como uma imbuia. Durou pouco: logo descobriram as complicações dentro da barriga dele.

E os dias passavam com o seu Madeira olhando pela janela, sem entender direito aquela espera nem a mudança de estação. Era inverno e fazia calor.

Deu tempo de se imaginar virando brinquedo de madeira, como no seu tempo de criança pobre, quando ele juntava tocos e pedaços de caixote para inventar um caminhãozinho. Lindo demais. Se via também como um bilboquê, carrinho de rolimã, um pião. Um pião! Rodando frenético e zunindo em cima da bacia de alumínio da mãe. E se virasse um tabuleiro de jogo da velha? Tão facinho de fazer! Uma tábua quadrada, entalhada com quatro linhas. O resto eram só os pedacinhos quadrados e redondos de madeira para os dois times. Seu Madeira, agora matéria-prima de brinquedo só precisava mesmo de um sinal, não importava de quem: dos santos, dos vivos ou dos mortos. Queria mesmo, quando chegasse a sua hora, ser levado pela mãe ou pelo pai que não via há um tempão. Mas como eles reconheceriam seu Madeira se, hoje, o filho estava mais velho do que os pais quando morreram?!

Na sua quietude, viu na sua frente o velho laguinho de água escura, no fundo do quintal da família. Aquele que curava bronquite. Ali, tão pertinho. Quis virar um pedaço de tábua. Uau! Tinha todo o lago só pra ele. Podia deslizar em silêncio, sem

chamar a atenção de ninguém. Navegaria em águas calmas, sem pressa, sem espera, sem porto.

Seu Madeira riu, tirou o pijama e entrou com cuidado por causa dos pontos que ainda doíam. Foi largando o peso na água morna. Virou de barriga pra cima pra boiar e ver o céu. Ficou assim, leve, solto, sem sentir dor nem medo, livre das culpas. Em volta dele, os colegas pacientes continuavam suas rotinas pós-operatórias, sem enxergá-lo. Seu Madeira boiava e mexia lentamente as mãos e os pés só pra ouvir o barulhinho suave da água morna naquele dia de inverno esquisito.

Só esperava que quando a mãe viesse buscá-lo não trouxesse a vara de taquara, nem gritasse com ele.

5. A dona do igarapé – (Daniela Rosa)

Roni era um menino de cinco anos que morava numa mata do Pará. Por morar ali adorava subir em árvores e brincar de sagui.

Ele tinha uma irmãzinha que ainda era um bebê, ela dividia seu tempo em mamar na mãe e dormir na rede.

A casa deles era muito simples, todos dormiam em redes e Roni adorava brincar de canoa no rio bravo, sempre que subia na sua rede. As paredes eram de barro, que o pai dele pegou do chão e construiu e o telhado era de palha seca que também ele colheu.

Sua mãe plantava mandioca e colhia frutas, seu pai caçava animais como a paca e o tatu e pescava peixes no igarapé.

Existiam dois caminhos para chegar ao igarapé. Um mais longo, porém mais fácil, era plano e o pai de Roni sempre cortava o mato. O outro caminho era um atalho, mas também era uma subida, por isso era mais difícil nos dias de chuva.

Roni gostava muito do igarapé e passava todos os dias mergulhando no poço, ele ia pulando o mato pelo atalho, fazendo o caminho da onça, como ele chamava.

Quando a noite chegava, chegava também a hora de ouvir seu pai contar as aventuras da caçada do dia, todos ficavam dentro de casa com a lamparina acesa, porque a noite na mata é muito escura e pertence aos bichos que caçam de noite. Quando a lua é cheia a noite fica mais clara e as pessoas da mata saem de suas casas para se reunirem em volta da fogueira e contar histórias sobre a natureza.

Roni adorava essas noites de lua cheia, ele via a luz prateada que desenhava todas as árvores e clareava todas as trilhas. Nas noites escuras ele ficava tentando olhar da porta de casa, mas sempre era assustador, qualquer som que vinha da mata no meio da escuridão fazia aparecer animais ferozes na imaginação de Roni, o pai dele ria muito, porque muitas vezes eram corujas, cigarras e outros bichos inofensivos.

Numa noite depois da história já contada e da lamparina já apagada, Roni fechava e abria os olhos e não conseguia dormir, ficava pensando na história do pai, que naquele dia enquanto procurava alimento tinha ouvido a onça. Roni sentou-se na rede e ficou se balançando, procurando o sono, e no meio da escuridão viu uma luz sobre a rede da pequena irmã. A princípio ele achou que era um vagalume, mas então a luz foi crescendo, crescendo se transformando em um vulto e antes que ele pudesse realmente ver algo, gritou pela mãe. Assustado sua mãe concordou em deixar a lamparina acesa, porque assim Roni acreditava que a luz não viria novamente lhe visitar. E assim ele fez durante meses, pedia que a lamparina ficasse acesa até ele dormir.

Em um ensolarado dia de primavera, como de costume, Roni foi ao Igarapé enquanto seu pai fora caçar alimento. Quando o sol já estava alto e Roni flutuava na água do poço, sonhando que matava a onça, foi chamado pela mãe que estava na beira do igarapé com as cabaças na mão pegando água para terminar o almoço. Ela lhe disse que a comida já estava pronta. Faminto, ele mergulhou como um peixe nadou até a margem e pegou o atalho chegando em casa antes da mãe.

Quando entrou, viu que uma mulher muito bonita vestida com uma roupa feita de lírios brancos segurava sua irmãzinha no colo. Ela usava colares de pedras do rio e seus cabelos eram presos por galhos e flores. Ela levantou a cabeça olhou para ele e sorriu, seu sorriso tinha um brilho tão intenso e crescente que fez ofuscar a vista de Roni e quando ele olhou novamente ela havia desaparecido.

Ele correu até a rede da irmã, e a bebê estava lá sorrindo para ele, neste momento sua mãe chegou. Ele contou o que havia visto e ela riu dele dizendo que ele tinha a imaginação mais forte que a de seu pai.

E na noite daquele mesmo dia, a bebê adoeceu, seu corpo ardeu em febre, Roni ficou acordado junto com seus pais, eles não sabiam mais o que fazer até que a febre foi baixando e com a chegada dos primeiros raios de sol, a irmãzinha de Roni foi se aquietando e quando já era dia ela estava morta. A mãe de Roni, inconformada, só sabia chorar. Ela mal dava conta dos afazeres. Roni sentia

saudades da irmã mas tinha muita pena de sua mãe que passava os dias chorando. Ele passou a cuidar da mãe, ia todos os dias ao igarapé para encher as cabaças de água, e no caminho ainda pegava algumas flores para presentear a mãe e ver em seu rosto um breve sorriso.

Um dia , quando quatro luas já haviam se passado desde a partida da pequena irmã , Roni foi ao igarapé buscar água para sua mãe e teve a ideia de também pegar algumas pedrinhas para lhe fazer um colar de presente, enquanto trançava o cipó para prender as pedrinhas escolhidas, seus olhos foram ofuscados por um brilho que vinha de dentro do igarapé , Roni olhou e pode ver a imagem da mulher que vira em sua casa, ela estava segurando sua irmã no colo. Ele olhou para trás e não a viu. Então gritou e pediu que ela devolvesse a menina para sua mãe.

A mulher sorriu e de seu sorriso de luz ela novamente apareceu diante de Roni.

Disse ser a dona do igarapé e que sua irmã não poderia mais voltar, ela agora era uma estrela do céu. Roni perguntou o porque transformá-la em estrela, e ela lhe disse que só uma criança tem a luz necessária para se tornar uma estrela verdadeira.

E Roni perguntou o porque de mais estrelas se no céu já existem tantas? E ela lhe explicou que só a luz das estrelas, refletidas nas águas do rio podiam iluminar as nascentes fazendo com que as águas cristalinas brotassem das pedras dando vida a correnteza do igarapé que matava a sede e a fome de muitas famílias como a dele. A mulher se aproximou de Roni e colocou um colar de pedra em seu pescoço e disse que aquela pedra continha a força de seu bisavô, ela também lhe disse que o espírito dos moradores mais velhos tinha virado as pedras do rio, que protegiam aquelas águas.

Naquele dia Roni voltou para casa contente por levar para sua mãe sua irmãzinha dentro das cabaças e um colar que tinha preparado como presente que continha o espírito da avó, mãe de sua mãe.

E naquela noite Roni, sentiu-se forte, foi até a mata na escuridão porque carregava em seu pescoço o espírito do maior caçador de onças da região e também foi ele quem contou a aventura do dia sob a luz da lamparina e ao terminar a história beberam todos juntos aquela água , certos de que a pequena estrelinha estaria sempre com eles.

6. Medo escuro – (Marcio Castro)

A moça perdeu o medo do escuro. A verdade é que, pra moça, nem parecia que era tão escuro assim!

Sempre teve um medo assustador do escuro! Parecia coisa besta! A moça, com seus vinte e poucos anos de idade, com medo dos olhares penetrantes da Sra. Assustadora, ou o bafo de Sr. Feio! “Toma vergonha na cara”! Era um “toma vergonha” que não saia do lugar! Mas tomou!

Ela tomou e não foi fácil não! É a mesma coisa que você estar na ponta de uma cachoeira e ter que saltar! Tem um monte de gente atrás de você, inclusive os mais corajosos te empurrando, mandando ver.

Aí você pula! Aquela batida forte na água, uma sensação de que não vai mais voltar pra superfície, um leve momento de silêncio... uma suspensão natural do equilíbrio entre a água do lago e o peso de seu corpo, e de repente lá está você de novo, tossindo, com os olhos e o peito ardendo, mas urrando de alegria, porque você está ali...

Quantas vezes ela, a moça, ficou na porta do escuro e um monte de gente atrás dizendo: vá, você se acostuma, e até gosta. Mas a porta abria para fora, e não para dentro! E se de repente a porta fechasse e ela não conseguisse empurrar de volta? E se tivesse alguém de fora segurando e rindo dela que estava lá dentro sozinha, berrando de medo?

Passou tempo que não se conta nos dedos nem nas vezes que cortou os cabelos nessa vida.

Um dia, ela, a moça, parou de frente aquela porta. Sua fechadura prateada refletia um tom azulado, neon, igual ao crepúsculo de todos os dias.

Ela olhou para a passagem, e novamente Sra. Assustadora parou no pensamento em sua frente: Será que estava lá? E se de repente ela lhe agarrasse? Ou gritasse? Ou até mesmo risse dela? Essa Sra. assustadora, que tanto lhe atormentou durante a vida, com sua forma sem explicação, ali de novo, não era justo! Mas o caminho era aquele, precisava perder aquele medo!

Então, após muito tempo de indecisão, chacoalhou a cabeça, firmou os pés no chão, e sem muita cerimônia a moça passou começou a passar pela porta do escuro! Disse que dava pra sentir a gravidade a puxando pra dentro. Quando ela sentiu, relaxou, pois nada mais sincero em um mundo do que a gravidade, pois ela

simplesmente é a ordem natural das coisas. Quando se deu conta já estava dentro, e se deixou levar... e de repente a luz neon da fechadura

começou a perder a força até desaparecer totalmente, e então percebeu que tinha passado pela porta do escuro.

A porta continuava aberta! Não tinha ninguém do lado de fora pra fechar. E mesmo morrendo de medo, foi até a porta e a fechou.

Não tinha lado! Tudo era uma coisa só... e de repente ficar sozinha ali não era tão ruim assim! Disse que dava pra ouvir o barulho do oxigênio de nossa vida andando, navegando e pairando no ar! Sentia o cheiro da coberta de retalhos da Vó que sempre estava dobradinha do lado do travesseiro da cama.

Então, com o tempo naquele lugar sem lado, olhos foram acostumando com o escuro, e pernas cada vez mais foram ficando mais firmes. Ela, a moça, sentiu uma vontade imensa de por a mão no escuro, isso ao mesmo tempo que tremia as mãos de medo de tocar na verruga da Sra. Assustadora. Quando ela esticou o braço sentiu uma leve coceira na ponta dos dedos, e então sentiu o cobertor: o cobertor da vó feito de retalhos. Passou a ponta dos dedos suavemente naquele monte de linhazinha trançada e quentinha, depois o travesseiro, os livros, o vinho, a vida. Percebeu que estava acolhida neste mundo mesmo sem referência, sem lado, sem comparação, sem conhecimento.

A moça disse que estar no escuro realmente é saltar no desfiladeiro de uma cachoeira pela primeira vez! Só que a emoção é impossível transmitir para qualquer pessoa, você guarda tudo pra você.

E lá estava ela! Urrando e gritando, uma lágrima escorrendo pra dentro de si mesma alegre e, tranquila, pois o escuro agora fazia parte de sua vida, e era só ter calma, que logo logo os olhos e o corpo começavam a se acostumar.

7. O menino que virou estrela – (Isabela Terra)

Numa cidade no interior de São Paulo, há pouco tempo atrás, havia um sítio chamado “Perfume da manhã”. Esse sítio tinha esse nome, porque lá havia um pomar cheio de macieiras e laranjeiras. Quando amanhecia e o sol começava a aparecer, era possível sentir o cheiro deste pomar de muito longe.

Neste sítio, morava um menininho que acordava feliz todos os dias por sentir o cheiro do pomar. Era só o sol começar a sair, que o cheiro vinha como se fosse uma brisa para acariciar o rosto do menino. O menino, percebendo o carinho, respirava bem fundo e soprava o ar de volta bem devagar retribuindo o carinho recebido.

Esse menino chamava-se Aristides. Ele era um menino muito inteligente. Tinha 6 anos de idade e as bochechas vermelhinhas como maçãs. Seu cabelo era como gema de ovo: bem amarelo.

Aristides vivia somente com sua mãe. Desde pequeno ouvia sua mãe e os doutores falarem que tinha sopro no coração. Sopro? Vento? Pensava consigo mesmo quem é que havia soprado lá dentro, mas não encontrava nenhuma resposta.

Todos os dias brincava de ser o dono do lugar: ia até a porteira do sítio e recebia fazendeiros invisíveis, mostrava-lhes o sítio todo, colhia laranjas maduras e distribuía para eles. Passava dias inteiros assim. Brincava de ser o cavaleiro corajoso: pisava em todas as formigas. Matava minhocas e mostrava sempre para seus amigos invisíveis. Num desses dias, quando estava colhendo laranjas para seus companheiros, Aristides viu uma minhoca. Decidiu que iria capturá-la para morar em seu quarto com ele. Começou a perseguição: a minhoca estava apavorada e escorregava no meio das folhas secas enquanto Aristides ia tirando folha por folha para encontrá-la. Até que quando ele viu que não tinha mais saída gritou:

- Socorro! Socorro! Mamãe!

Vendo aquilo, Aristides ficou apavorado.

- Você fala?

- Claro que sim. Falo, tenho família, sou viva e não quero morar no seu quarto, menino. Não me prenda!

- Ai, dona minhoca, não sabia de nada disso! Desculpa? Pode ir, vai...

Aristides ficou ali parado um tempão pensando. Só depois que a minhoca foi embora é que percebeu que ele não tinha dito que iria capturá-la em voz alta, que só havia pensado aquilo. Como é que a minhoca adivinhou seu pensamento?

- Ah, deixa pra lá.

E continuou brincando com seus amigos invisíveis. Ah, esqueci de falar da mãe de Aristides!

Bem, a mãe de Aristides era muito nova e sorridente. Trabalhava o dia todo nas plantações. Muitas vezes, quando ficava muito tempo sem chover, sua mãe tinha que sair no começo da noite para regar as plantas.

- Por que você não faz isso durante o dia? Aristides perguntava.

- Porque as plantas podem queimar com o sol, filho. Temos que esperar o brilho da noite para que elas absorvam toda a água.

Aristides não gostava de ficar sozinho. Tinha muitas perguntas em sua cabeça. Ele perguntava sempre o porque de todas as coisas. Quando sua mãe estava em casa ela respondia com a maior das paciências.

Mas havia um porque, uma pergunta dentro dele que nem sua mãe conseguia responder: é que de noite, quando estava em seu quarto e sua mãe saía para regar as plantas do sítio, Aristides sentia um vazio dentro dele. Esse vazio é igual quando a gente acorda à noite para ir ao banheiro durante a noite e todas as luzes da casa estão apagadas: quando o vazio começa, não se vê mais nada. Ele só enxergava tudo preto. O vazio começava sempre no mesmo lugar: no coração de Aristides. Então era como se escorresse uma tinta preta de seu coração que ia cobrindo o quarto todo: a cama ficava preta, o chão, a porta, até que Aristides não enxergava mais nada ao seu redor. Seu coração batia muito rápido como se quisesse pular para fora de seu peito. O preto ia aumentando, o coração batia mais rápido até que ele gritava – MÃE!!!!

Sua mãe vinha correndo para socorrê-lo. Assim que ela entrava no quarto, todo aquele preto sumia. Pensava consigo mesmo durante horas: por quê será que isso só acontece quando estou sozinho?

Bem, em uma das férias escolares, Aristides teve que ficar sozinho de novo. Seu coração começou a acelerar e ele já sabia: era o vazio. Aquela tinta preta escorria cada vez mais. Ele tentava controlar, mais não conseguia.

- Hei, menino, vem cá!

Era uma minhoca que estava parada na janela e resolveu falar com Aristides. O vazio desapareceu assim que a minhoca falou.

- Será que você poderia me ajudar? O que é isso dentro de mim? Essa tinta preta que escorre de meu coração é...

- Ah, só quem sabe os porquês são as estrelas, que conseguem ver tudo e ouvir tudo.

Aristides não entendeu nada. As estrelas? Tão pequenininhas, com um brilhinho tão...

- Acontece, que lá de cima elas sabem tudo o que nós pensamos e perguntamos. Disse a minhoca.

- Como é que você sabe o que eu estava....

- Bem, como você é um menino de muito bom coração, vou te ajudar. Pra chegar lá, você tem que pensar bem forte e es-co-lher. É um caminho sem volta. Só os meninos corajosos seguem por esse caminho.

A minhoca então continuou andando até entrar num buraco da madeira da janela. Aristides não se conformava com tudo aquilo. Escolher? Será que ele teria que ir até as estrelas pra descobrir o que era aquela tinta preta em seu coração? Se ao menos não tivesse medo dela... E ele era corajoso, porque não podia seguir o caminho?

- Que se dane! Pensou. Agora vou dormir.

Virou prum lado, virou pro outro, virou de novo. Tum. Tum tum tum tum. Seu coração começava a acelerar. Não queria chamar sua mãe de novo. Ela não entendia, ninguém entendia. Só ele sentia esse vazio.

De repente o vazio foi aumentando, aumentando, transbordando pelo quarto e tudo foi ficando preto, vazio, a cama estava flutuando por um mundo preto. Num buraco preto. Aristides estava desesperado: gritava por sua mãe, mas ela não ouvia. Tum tum tum tum tumtum. Seu coração batia rápido como nunca. Corria de um lado para o outro do quarto preto, tropeçava, levantava e continuava tentando achar a porta. Não conseguia. Pensava em sua mãe, o que ela pensaria se ele escolhesse perguntar para as estrelas? Sua respiração foi ficando cada vez mais rápida. Corria, andava, apalpava no escuro do vazio e quando aquilo ficou insuportável, quando ele não sabia mais pra onde correr, gritou:

- Eu quero me livrar dessa tinta preta! Estrelas, me ajudem!

Como num passe de mágica um caminho de estrelas surgiu bem na frente de sua cama. Todo aquele preto ficou iluminado por estrelas. Seu coração voltou a bater normalmente. Aristides parou na frente do caminho. Respirou fundo, como fazia todas as manhãs, pegou seu brinquedo preferido e deixou em cima de sua cama com um desenho para sua mãe. Começou a subir por esse caminho iluminado. As estrelas, vendo que Aristides estava nervoso, começaram a fazer cócegas em suas perninhas, o que o distraiu e o aqueceu. Eram suas amigas

verdadeiras. Riam muito. Corriam e voavam junto com ele. Quando Aristides percebeu, estava irradiando uma luz muito forte, como a das estrelas. Cada vez que ficava mais feliz e ria mais, o brilho aumentava. Olhou para o lado. Viu que todas as estrelas eram meninos como ele, brilhando muito. Todos foram abraçá-lo e beijá-lo. Voaram muito. Riram muito. Aristides viu sua mãe lá embaixo e mandou o brilho de felicidade mais forte que conseguia. Sua mãe ficou feliz e aquecida com aquele brilho todo. Brincou para sempre. O vazio não existia mais.

8. O homem do saco – (Ana Paula Feltrin)

Era uma vez um homem do saco. Sabe, o homem do saco? Desses que a gente vê andando na rua, com um saco enorme nas costas, de quem as crianças morrem de medo? Esse mesmo.

Ninguém sabia seu nome, mas estava sempre por aí, andando com aquele saco redondo nas costas, cheio de coisas tantas que não dá nem pra dizer. Aquilo tudo, era tudo o que tinha. Sempre calmo, de movimentos lentos. Parecia um caramujo, um caracol, ou coisa assim. Rua abaixo, rua acima, nas praças, nas ruas, nas esquinas... De uma liberdade invejável; fazia o que queria; ia e vinha e desaparecia. Nunca ficava muito tempo num lugar só; sempre caminhando, sempre com seu saco, com seu mundo, carregando sua vida.

Até que um dia: - Olha lá! Que monte de gente em volta de algo que não dá pra ver o que é! A praça parou; ninguém mais passava. E eu, que via de longe, resolvi ouvir o que o povo dizia enquanto chegava mais perto:

É aquele sujeito que está sempre por aí!

A criançada morre de medo dele!

Coitado! O que será que aconteceu?

Mas ele foi atropelado?

Não! Caiu no chão sem mais nem menos, assim, puft...

E foram tantos os comentários que fiquei tonto. Ao longe já se ouvia a ambulância se aproximando, mas ainda deu tempo de ver, jogado ao chão, aquele saco cheio de todas as coisas de que precisava pra viver. Foi quando eu vi que o saco tinha um rasgo. Um furo considerável; não era grande como as cuecas do Sr. Barriga, nem tão largo quanto a boca de um tubarão gigante, mas era o suficiente

pra começar a escapar dali, pequenas coisas que o homem tinha juntado durante toda a sua vida... Nesse exato momento o barulho da sirene ensurdeceu os meus ouvidos chegando bem ao meu lado. E no meio de todo aquele alvoroço o povo abriu passagem e o homem do saco foi levado embora com saco e tudo pro hospital municipal. Eu tava lá! E vi que as pessoas demoraram um pouco pra voltarem a se mexer. Mudas, só ouviam o som do silêncio; parecido com aquele que a gente escuta quando enfia a cabeça inteira embaixo d'água e fica por um instante.

Por um tempo ele sumiu das ruas, das praças, das esquinas, do cotidiano daquele lugar.

Então um dia... Eu o vi! E foi numa tarde nublada, úmida, fria e sem chuva, que eu o vi num relance pelas ruas.

Aconteceu assim: Quando o homem acordou no hospital, viu o teto. Sim, porque a primeira coisa que doente vê em hospital é o teto. Depois olhou para os lados e viu um homem também muito doente. Era o seu companheiro de quarto que respirava com dificuldade. Precisava de um coração novo. Por último, o homem do saco olhou pra si mesmo e percebeu que sua vida se esvaia sem que pudesse conter. Então, tomou coragem e se levantou. Pegou seu saco furado de vida e saiu andando espalhando vida por aí. E ele viu que podia pegar a vida que caia na forma de um pozinho luminoso dourado e brincar com ela; em vez de deixá-la cair ao chão, marcando um rastro de pó luminoso, começou a jogar a sua vida pra cima e onde o pozinho caia tudo se transformava.

O dia nublado ganhou luz e arco-íris. As pessoas sorriam ao aspirar o pó do saco de vida daquele homem.

Parece engraçado, mas o homem sorria mais ainda quando jogava aquele pó de vida pra cima e caísse onde fosse, alguma coisa acontecia.

Caiu na calçada perto do poste, bem num vãozinho onde não tinha cimento e bastou pra crescer uma trepadeira que subiu poste acima se enrolando nele todinho; e não parou por aí não, o verde se alastrou pelas redondezas e por todos os postes da praça, como se pintasse de verde o cinza concreto que saia do chão. Era lindo de ver.

O homem brincava maravilhado com o que podia fazer com sua vida. Até então, não havia reparado que a vida era tão boa assim. Foi quando passou por entre suas pernas um cachorrinho pequeno, maltratado, desses que moram mesmo na rua; mancava com uma de suas patinha encolhida, machucada de dar dó. E não

é que o pó foi bater bem na pata do cachorro que curado danou a pular feito doido chamando a criançada pra brincar. A vida começou a estourar que nem pipoca aos olhos de quem estivesse perto para olhar.

E de tanta alegria, o homem começou a pular sem parar e cada vez que pulava ia mais alto. Subia e voltava, voltava e subia, subia tanto que quase alcançava as copas das árvores... e voltava ao chão que parecia ser de elástico: Toing, toing, toing. Até que numa hora puloou e não voltou! É! Ficou lá em cima flutuando. A sua felicidade era tamanha que começou a andar no ar. E ele gostou porque lá de cima podia ver melhor onde queria jogar seu pó.

Então percebeu o que faltava: jogou seu pó luminoso em todas as copas das árvores e delas brotaram flores. Em cada copa um tipo de flor. Pra cada tipo, uma cor. Pra cada cor, um perfume.

O cheiro doce chegou até a colméia que havia lá no alto da árvore mais antiga. Então as abelhas saíram em comitiva escoltando a rainha pra que ela pudesse agradecer ao homem por todas as flores que fez nascer com o seu pó luminoso.

Quem estava embaixo via pela primeira vez um balé de abelhas em torno de um homem que flutuava. E a praça mais uma vez parou.

Só o trânsito seguia rápido: Quem dirigia, passava sem perceber; afobados pela pressa e pela mania de não parar nunca, seguiam o fluxo como que fígados pelo que havia à frente; mal sabiam que o melhor estava ali; naquela praça onde explodiam flores pra tudo que é canto.

E canto mesmo era o que não faltava, pois o vento levou o pó até os ninhos das árvores e dos ovinhos foram nascendo os bem-te-vis, os pardais, as rolinhas e até os colibris. As aves todas da praça se triplicaram e se fizeram muitas.

A menina de saia que brincava com o cachorro, esfolou o joelho que jorrava sangue até as canelas. Não deu quase tempo da menina chorar; o homem correu jogar o pozinho dourado e o sangue estancou na hora. Do machucado, não ficou nem casquinha.

E o homem ria. Aquele homem que parecia não ter nada, agora tinha tudo. Por um momento o mundo ficou supimpa. Supimpa azul que é melhor ainda, como diz um amigo meu. E era como se não existisse mais dor ou preocupação. O inverno virou verão, primavera, outono, tudo junto de uma só vez e era de um encantamento de perder o fôlego... E por falar em fôlego, o homem se deu conta de que o saco

que continha o resto de sua vida se esvaziara por completo e estava murcho, sem luz nenhuma. O tanto de vida que lhe restava estava entre suas mãos. Então ele pensou bem e voltou ao hospital.

Assim que chegou, percebeu que o lugar estava iluminado demais. Era uma luz clara, branca, branca, que só o homem via... Já cego por conta de tanta claridade entrou em seu quarto onde estava internado e com tamanha pressa e delicadeza ao mesmo tempo levou o que restava em suas mãos do pozinho luminoso dourado e colocou bem no peito do seu companheiro de quarto. Aquele que precisava de um coração.

Feito isso, foi embora e desapareceu de vez das ruas, da praça, das esquinas e do cotidiano daquele lugar.

9. *Faustino e Margarida – (Elizabeth Cardoso)*

Quanta tristeza cabe no coração da gente? Perguntava-se Faustino olhando a mulher acender mais uma vela, depositar mais um macinho de primavera ao pé da Santa e entoar sua oração pela milésima vez.

Inclina, ó tu das dores, Mãe Divina, a meu penar tua alma luz!

No seio a espada, vê traspassada, Teu Filho morto sobre a cruz.

Trases mortais envias, e ais ao Pai do Céu por teu Jesus:

Quem sente que ardente penar me abrasa, ah! Quem?

O que meu ser triste anseia, o que treme, o que pranteia, só tu sabes, mais ninguém!

Por onde ande, onde eu for, que dor, que dor, que dor, meu coração transpassa!

Mal a sós me demoro, eu choro, eu choro, eu choro, meu peito se espedaça.

As flores na janela de lágrimas cobri, quando de madrugada, as apanhei pra ti.

Quando o sol me alumeia, cedo o quartinho estreito, sentada em agonia me encontra, já, no leito.

Da morte, ah! Salva-me! Do horror! Inclina, ó Mãe Divina, clemente olhar a meu dolor!

A oração para a Virgem Santa era o único alívio para a dor da mãe sem filho. Faustino padecia dobrado, pois não aguentava mais ver a mulher sofrer, perambulando pela casa, se lembrando do menino em cada perna de mesa, em cada mancha no tapete, num lapezinho vermelho esquecido na gaveta junto a desenhos e rabiscos. Vez ou outra ela deixava escorrer um sorrizinho de canto de boca passando de memória algumas das travessuras do filho, que uma febre levou sem mais nem menos.

Num dia, quando Margarida acabou sua reza, Faustino mandou que pegasse o que tinha de valor, pois iam embora, só os dois, levando apenas o essencial da sobrevivência. Iam começar vida nova em outro lugar.

Margarida não pensou, não perguntou, não gostou, nem desgostou, só obedeceu. Foi até sua cômoda e pegou seu velho violino. Subiram na carroça e rumaram para o norte. O povo da cidade seguiu o cortejo com os olhos, um nó na garganta e um adeus calado de pra sempre nunca mais.

Faustino e Margarida foram começar vida lá pras bandas do longe, pra baixo do rio, depois do monte alto, adentro do vale, beirando os confins das Serras Gerais. Lugarzinho bem sossegado. Por lá, de vida falante mesmo, só Faustino e Margarida.

Os dois palmos de terra e o casebre armado não eram assim um patrimônio, mas dava bem para eles.

Desde o início Faustino estranhou o lugar atrair tantas borboletas. O que havia ali que agradava esses seres em constante transformação, em eterna morte-vida permeada por seus casulos?

De início instalou-se uma guerra contra as borboletas. Faustino e Margarida tentavam se livrar delas, com veneno, rezas e vassouradas. Nada dava resultado. As borboletas só faziam se multiplicar. Mas com o passar dos anos, o casal não só se acostumou com a presença das criaturas aladas, como travou intensa amizade com elas.

Faustino e Margarida, na verdade, ficaram agradecidos por aquele existir tão lindo ter escolhido a casa deles como moradia. E era mesmo um acontecimento vistoso as borboletas, em dias quentes, enfeitando árvores, roseiras, arbustos e cercas. Olhando de fora, dava pra ver o telhado forrado delas. Pareciam frutos maduros prontos para serem colhidos. Eram brancas, rosas, azuis, lilases, amarelas, salpicadas, marrons, grandes, miúdas, miudinhas. Quando o sol baixava, elas iniciavam um voo desorganizado de uma a uma, mas todas juntas era um balé.

Quem trazia essas novidades eram os viajantes, que estando perdidos passavam por lá. Alguns jagunços voltando de guerra, religiosos regressando de missão no sertão ou gente do governo chegando de fiscalizar onde ninguém vai. Eles traziam notícias de Faustino e Margarida e diziam que de longe dava pra ver a casa arroteada de borboletas voando em redor das paredes elaborando dança para a música triste que saía do violino de Margarida e ecoava até os inícios do sertão.

Margarida se dava muito bem com a nova vizinhança. Além de tocar violino para a dança das borboletas, a mulher conversava com elas, pedia para trazerem coisas para a casa e as bichinhas chegavam em filas com flores, macinhos de salsinha, pés de alface. Multidões de borboletas se reuniam para carregar baldes de água do poço até a cozinha. De longe parecia uma bola colorida voadora, mas de perto eram as borboletas por baixo, dos lados e na alça do balde poupando Margarida do esforço. Já as borboletas maiores davam conta de tarefas ainda mais árduas como entrega de gravetos para o fogo, estender roupas no varal e colheita de frutas para o suco da bem servida Margarida. O marido ficava bobo de ver como as borboletas traziam velas e primaveras até Margarida e pousavam ao seu lado, diante da Santa. Margarida entoava sua oração e depois do “Ó Mãe Divina, Clemente olhar a meu dolor!” vinha a revoada e ele fazia o sinal da cruz.

Com o envelhecer do tempo, Faustino e Margarida nem se lembravam que um dia quiseram acabar com as borboletas. O convívio do grupo era fraternal e pacífico. Tanto que

quando o casal se deixava abater pela dor da saudade, as borboletas vinham em bando para os pés da cama e organizavam verdadeiros espetáculos de acrobacias e sincronia rítmica. No começo eles se faziam de durões, mas era irresistível não abrir um sorriso diante das borboletas formando ondas de mar que se agigantavam aos pés da cama e estouravam em sua guarda, ou, quando formavam círculos dentro de círculos, como uma espiral, e depois de um tempo rodando, rodando, quando Faustino e Margarida já estavam hipnotizados, elas voavam rapidamente para fora do quarto. Os dois corriam para ver onde iam, mas os olhos não alcançavam as asas.

Depois de momentos assim a vida quase voltava ao normal. Faustino ia lidar com a roça e Margarida ajeitar a casa e a roupa. As borboletas sempre por perto, prontas para carregar uma ferramenta ou estender uma cama. Foi nesses arroubos de vida que Faustino e Margarida acabaram transformando a casa de pau a pique

em um confortável lar, tudo feito por eles e pelas borboletas: casa, varanda, móveis, cortinas, toalhas, lençóis, jardim, cerca e até um sistema de abastecimento de água do poço direto para as torneiras da casa: o maior orgulho de Faustino.

Foi após um desses espetáculos acrobáticos que Margarida disparou: “devemos ter um novo filho. Vamos tentar novamente”. Faustino ponderou que já fazia muito tempo, eles tinham sofrido tanto para conseguir viver novamente, pra que começar isso de novo e além do mais eles já estavam muito velhos para pensar em filhos.

Mas, ao ver a mulher luzindo como quem quer vida, Faustino pediu um tempo para pensar e Margarida deu a ele nove meses, o tempo que levaria para a criança que estava esperando nascer.

Sete meses se passaram e o casal em agonia olhava para aquela barriga tão pequena. O bebê devia ser muito frágil por causa da idade dos pais, os dois viviam preocupados com isso, mas se alegravam quando o filho se mexia dentro da barriga de Margarida fazendo surgir ondulações. E ela dizia sentir cócegas e morria de rir.

Um dia desses Margarida não levantou, estava sentindo violentas cócegas e rindo sem parar. O marido não sabia o que fazer, oferecia água, compressa, toalhas brancas e nada das cócegas pararem. Margarida urrava de tanto rir.

Foi quando ele ouviu a mulher dizer: vai nascer, é agora. E sua voz foi cortada por uma revoada de borboletas vermelhas, laranjas e brancas que saíam de sua boca, nariz e ouvidos. O quarto foi tomado pelas borboletas que voaram por cima da cama de Margarida, como um lençol flutuante. Faustino extasiado tentava abraçar sua cria. Margarida desmaiava e

acordava, desmaiava e acordava até que desmaiou de vez. Faustino abriu as janelas para que o ar entrasse e as borboletas ganharam o mundo céu a fora. O pai gritava da janela: voltem, voltem filhas nós precisamos de vocês. Mas não teve jeito se foram com o vento.

De volta ao quarto, Faustino viu Margarida desacordada e se desesperou. O que será de mim? Gritou para o corpo de Margarida. Na guarda da cama cinco borboletas brancas, do tamanho de uma mão olhavam para ele com piedade e afeto. Exausto, Faustino deitou ao lado da mulher e viu o quarto ser invadido por milhares de borboletas que sem pressa se acomodavam em cima dos móveis, no chão, em baixo da cama, nas cortinas. Dava para ouvir a presença de milhares de asas formando um zumbido contínuo dentro e fora da casa.

Antes de fechar os olhos, Faustino ainda viu quando as cinco borboletas brancas, sem nenhuma explicação, passaram a envolvê-los num enorme casulo. Todas as borboletas ficaram ali, estáticas, esperando o desenrolar natural das coisas. E assim foi, o casulo gigante se rompeu e duas novas borboletas nasceram e saíram voando vale a fora em busca de novas transformações.

10. Pétalas de Flor (Alexandre Santo e Luís Alberto de Abreu)

Dona Rosa, 83 anos, cabelos prateados que iam até os ombros, corpo magro, olhinhos vivos e passinhos miúdos voltou, enfim, à sua antiga velha casa. É verdade que, por trás da vivacidade dos olhos apontou uma luz meio triste quando ela atravessou o portão do quintal e lançou o olhar para seu jardim onde o mato sufocava suas rosas. Ninguém cuidara dele na sua ausência. Nem os vizinhos que nos muros e na calçada acompanhavam uns com simpatia, outros com dó, a sua volta à velha casa. Amparada por uma vizinha gorda, estrangeira, que eu nunca soube pronunciar o nome, Dona Rosa atravessou seu jardim e entrou em sua casa. Fiquei triste. Não sabia muita coisa na altura dos meus dez anos, mas entendi que dona Rosa estava muito doente e o dia foi perdendo o gosto na mesma proporção em que eu me alarmava com aquele fato novo: pela primeira vez eu convivía com alguém muito doente.

Não posso dizer que gostava de dona Rosa. Ela era meio seca, sem muitos sorrisos, falava com poucas pessoas o que para despertava desconfiança para a criança que eu era. Despertava também curiosidade. Eu e a molecada inquieta da rua, debruçávamos no muro e espalhávamos nossos olhos pelas frestas das cercas quando ouvíamos a voz de dona Rosa cantar naquelas tardes amenas da infância enquanto cuidava de suas rosas no jardim. “O cravo brigou com a rosa...” Ficávamos ouvindo em silêncio o canto daquela mulher que achávamos meio doida e logo estourávamos em gargalhadas. Tudo era feito sem combinação nem razão nenhuma, apenas movidos pelo prazer advindo de nossa crueldade infantil. E saíamos em correria, gritos e risos, sob as pragas e xingamentos enraivecidos de dona Rosa. A bem da verdade, acho até que ela gostava e tanto a irritação dela quanto a nossa zombaria tornou-se uma espécie de brincadeira rude que não podíamos deixar passar. O fato é que gostávamos de vê-la absorta, perdida em que

sei lá que pensamentos, enquanto cantava, cuidava e falava com suas rosas, mas por alguma razão infantil nunca explicada, tínhamos de agredir e quebrar esse momento com gargalhadas de galhofa.

Eu morava do outro lado da rua e corri para dar a notícia a minha mãe. Ela já sabia da chegada de dona Rosa e estava agitada e triste enquanto meu pai com sua calma fora de hora tentava consolá-la com sua habitual rudeza dizendo que não era nada e que velho era assim mesmo. “Mulher de poucos amigos!”, definiu ele para minha mãe que enxugava uma lágrima no avental de xadrez azul como se isso justificasse a pouca importância que se deveria dar à vizinha da frente. “Uma mulher que cultivava flores não devia ser tão má a ponto de não ter amigos, pensei com a certeza de quem tem dez anos. E depois, a figura pequena e frágil de dona Rosa ao entrar no portão de sua casa me inspirou acho que pena, acho que simpatia. “Voltou para morrer em casa!” determinou meu pai como juiz que profere uma sentença, repetindo talvez o que teria dito o médico no hospital. Saí pra rua com raiva de meu pai e precisei gastar a tarde inteira jogando bola, brincando de luta e correndo pra cima e pra baixo para esquecer a impressão que a chegada de dona Rosa e as palavras de meu pai me haviam causado.

Os dias passaram, passou um mês, dois e, para minha alegria, a sentença de meu pai não se cumpriu. Ao contrário, o zum-zum-zum das mulheres na rua era de que dona Rosa tinha “escapado”. Numa tarde de sol e de preguiça, na rua, ouvi a canção do cravo que tinha despedaçado a rosa e corri pra grudar meus olhos na cerca: do outro lado, dona Rosa, curvada sobre o canteiro, vagarosamente arrancava os matos para que suas rosas respirassem. A certa altura ela percebeu minha presença, me olhou, sorriu e vi novamente a luz vivaz dos seus olhos. “Boa tarde, dona Rosa,” eu disse e me afastei rapidamente porque ainda tinha um resto de medo dela. Voltei pra casa exultante, com a certeza que minha rua e o mundo tinham voltado à paz e a normalidade de antes, sem as ameaças de doença e morte, coisas que naquele tempo não entendia e até hoje não entendo muito bem. Mas, não demorou muito e a aflição de minha mãe e das vizinhas e pedaços de conversas ouvidas dos adultos me confirmaram que a saúde de dona Rosa havia piorado. Consternado, senti que meu pequeno mundo tinha outra vez perdido a solidez. Minha mãe passou a ser responsável pelos cuidados da mulher.

Um dia, num fim de tarde, minha mãe resolveu pedir para eu dar uma olhadinha enquanto ela fosse ao mercado. Fiquei assustado, mas ou porque queria

me mostrar crescido ou por querer me convencer que era corajoso, concordei. Dona Rosa, deitada no sofá da sala parecia mais frágil, um fiapo de gente com os olhos ainda vivazes, mas que só pareciam esperar. Minha mãe não chegava e o relógio parecia apressar minha ansiedade. Aí, não sei mais ao certo o que aconteceu, se dormi, se sonhei, se imaginei, se vi, mas o certo é que ouvi sons que vinham do quintal! Sons de galhos secos quebrando no chão! Me aproximei da porta devagar e vi! Era uma menina linda, que aparentava ter a minha idade, colhendo rosa no canteiro de rosas de Dona Rosa. Branquinha feito nuvem, tinha olhos pretos da cor da noite, cabelos negros ondulados que iam até os ombros, usava um vestido azul clarinho e cantarolava a canção que Dona Rosa costumava cantarolar: ‘O cravo brigou com rosa... Colheu uma rosa e antes que lhe perguntasse alguma coisa voltou-se para mim e sorriu. E entrou sala adentro para entregar a rosa para D. Rosa. A expressão de Dona Rosa mudou, sorriu. “É neta dela”, tive certeza, enquanto dona Rosa se sentava cheia de ânimo no sofá e perguntava de parentes distantes, de uma irmã que se desconstrara da família e que não via há anos, dos netos. Todos estavam bem, com mais ou menos saúde, com bons momentos e agruras como é próprio da vida, disse a menina, mas todos esperam dias melhores! Então, como duas crianças afastaram os moveis, desenharam com pedacinho de tijolo o chão e brincaram de amarelinha. E eu ria, ria... Ria até doer minha barriga de ver a recuperação incrível de dona Rosa... Por fim, cansadas, sentaram no sofá. A menina ajudou Dona Rosa deitar disse alguma coisa e riram as duas. Depois se despediu e foi. Atravessou o jardim, bateu o portão de madeira e se perdeu na tarde. Eu fiquei ali, ainda encantado com sua beleza, fazendo companhia à dona Rosa cujo peito subia e descia suavemente ao comando de sua respiração. À noite, acordei no sono e pelos ruídos dos passos apressados de minha mãe e palavras baixas ditas ao meu pai adivinhei o que tinha acontecido na casa em frente. Voltei ao sono sem tristeza.

Talvez se Dona Rosa fosse flor aquela seria a época em que suavemente cairiam suas pétalas. E depois das pétalas caídas se levantaria o vento. E o vento varreria as pétalas para um lugar que não se conhece de tão distante. E, presa ao chão, ficaria uma haste seca em cuja ponta, ali onde havia a flor, se esconderia uma pequena semente... que esperaria o momento de tombar e ser engolida pela terra. E quieta, lá dentro do escuro da terra, espera e sonha que caiam as primeiras chuvas para subir em busca do sol.

11. A curva do rio – (Carlos Bagiolli)

Quando eu era menino eu não sonhava muita coisa, não...

A minha vida corria bem solta, bem dona de si, naqueles dias e noites cheios de suor brincalhão pelo corpo inteiro. Quer saber da verdade? O trabalho era mais da Vida do que meu, isso sim.

Sonhos nem sonhos eram! De repente, quando as listras de sol da persiana descascada me lambiam a cara, meus olhos se abriam e a minha vida simplesmente continuava... com o cheiro quentinho do café cantarolado pelo surrado coador de pano lá do balcão da cozinha.

A vida não tinha muito porque nem por-cause... Eu sentia fome e comia. Nem um grãozinho a mais nem a menos, sabe... E era a mesma coisa com a laranjada da Tia Zopha, quando a sede aparecia, sempre de repente...

Era como se eu fosse um dos meus barquinhos de jornal solto, boiando ao sopro da brisa marota, num lago pintado de céu.

Não tinha essa história de dia, de tarde e de noite: tudo era uma mesma coisa só e eu era um gigante, que estava em tudo que era lugar, ao mesmo tempo, brincando tudo quanto era brinquedo sem perder tempo entendendo a vida, como faz gente grande. Era tudo pra valer! Era o brinquedo que valia a vida, isso sim.

Quem duvidar de mim é só perguntar lá pros moleques: quanto mundaréu a gente não virou do avesso nos cantos daquele vale imenso?

E os moleques também vão lembrar da vendinha de cacarecos da Dona Martônia. Eles por um motivo. Eu, por um motivo a mais do que eles... pois, atrás da vendinha daquela “espanhola de sangue bretão”, como ela se chamava, se estendia um descampado enorme, cheio de coluninhas verdes espalhadas por entre uma meia-dúzia-de-três-ou-quatro árvores imensas, duas delas sequinhas de dar dó, que davam moldura pro crepúsculo ou serviam de trave pro glorioso e tão goleado Pimbagol Futebol Clube!...

Eu vivia indo naquele tapetão-sem-fim, que mudava de cor várias vezes no decorrer do dia, pra fazer absolutamente nada. Mas minha mãe via chifre na cabeça de burro pastando naquele descampado, porque minhas idas pra lá sempre me valiam versículos gemidos da bíblia pelas minhas orelhas adentro.

Perdi as contas das vezes que tentei levar mamãe pra passear comigo lá no descampado da vendinha, pra ela conhecer o meu ninho de sabiás ou a Fofélia,

uma cabrita que fazia a festa de um dos moleques, o mais velho... Bobagem, a minha. Ela nem ia e nem me deixava ir lá. Até hoje eu escuto a sua voz ranheta, jurando que “pro bem da certeza vale até a marvadeza, por isso, se preciso fosse, te tranco lá no quartinho do fundo”, que era um dois-por-dois entulhado de pedaços de madeira e metal, que meu pai usava pra trabalhar, antigamente, antes de ele...

Bom, mas a verdade é demorou um tempão até eu conseguir ligar a Léinha, filha caçula da dona Martônia, à aflição besta que arranhava o coração da minha mãe!

Eu e a Léinha, a gente vivia lá no descampado, sim. Os moleques simplesmente sumiam de perto. Mas as curvas que causavam comichão nas minhas partes baixas (e também nas médias e altas) na verdade eram as nuvens do céu, mornas, que umedeciam e coloriam o rosto da gente, enquanto faziam desfilar só pra nós dois o Quixote, o Gato de Botas ou o Pererê, a Cuca, a Rainha Malvada e o Rei pensando com Robin Hood...

Não tinha quartinho do fundo que me fizesse largar mão disso tudo... Eu não era louco! Eu preferia ficar ali, escutando toda a ladainha que a minha mãe proferia lá do balcão da cozinha, preparando a sopa e quentando o pão, que a gente ia comer junto, depois do meu banho de bacia, no fim da tarde... respirando entre um raio de luar e outro... distraído com alguma borboleta ou muriçoca...

Ela adorava me contar uma parte ou outra da saga que trouxe ela lá do fundão da Espanha, apaixonada pelo carpinteiro de origem inglesa... O sono sempre vinha me salvar daquela história que eu já conhecia de cor-e-salteado. Então ela me pegava no colo e me acomodava na minha cama, ao pé da janela aberta para as cantigas da noite.

Quando eu era menino, a vida era assim, sim... Mas veio o dia que, de noite, póft!, um estampido rasgou o silêncio da madrugada.

Não ficou na árvore do fundo uma só das corujas que me enchiam a imaginação antes do sono me levar noite adentro, pra outros descampados.

Póft! Depois daquele estampido, a Noite deixou de ser a noite nossa de cada dia. E o rio da minha vida fez uma curva sinuosa...

Nos dias seguintes, apareceram barras de ferro em todas as janelas da casa e eu troquei minha brisa marota por noites abafadas.

Sem nem sermãozinho que fosse, mamãe me esfregou nas fuças a chave enferrujada do quartinho do fundo, caso eu voltasse ao descampado da dona

Martônia. E, com a respiração suspensa, eu vi outro alguém surgir detrás do olhar da minha mãe...

Da noite pro dia, póft!, meu mundo mudou.

No colégio, o semblante da dona Loretinha Gouveia, a terrível, pedia socorro. Sorria demais. Isso não tinha o menor cabimento naquela minha professora. Perdoou meus erros de grafia e até um carinho na Mariinha Preta ela fez!

O suor que me escorria não era mais o mesmo, porque era viscoso e embolorante.

Da janela trancada a cadeado, ao lado da minha carteira, meu olhar acompanhava o padre Silvano pulando da farmácia pra Liga Feminina Municipal e depois pra Santa Casa de Misericórdia...

Então veio a ordem do Diretor Almeida: todo mundo no salão paroquial, já. O Dodô Sarmento, o boticário, foi encontrado morto, com um tiro de sua própria espingarda na boca, lá no descampado...

Não tivesse o seo Siqueirinha colocado boa força sobre mim, eu teria disparado pro meu descampado, atrás da árvore seca, do meu ninho de passarinhos, dos tobogãs de relva, das minhas nuvens, da Léinha... Mas a coragem me trapaceou e foi por isso, minha gente, que a vida deixou de me levar...!

Ainda nos braços musculosos do velho Siqueirinha, eu me borrei inteiro. E, depois que ele me deixou na diretoria da escola e todos se afastaram de mim, eu voltei a me borrar e a me borrar novamente. Chamaram minha mãe, que apareceu e me levou, sem dizer um pio que fosse.

Parecia que a vida, que antes corria, agora recuou, me jogando num mundo que eu não fazia a menor ideia do que fosse e que não me causava boa impressão...

Então, pro desespero da minha mãe, eu mesmo me internei no bendito quartinho do fundo. Pra compreender o significado da minha vida, coisa que nunca teve importância pra mim. Mas eu não estava mais na Terra do Nunca!...

Agora, enquanto eu, no quartinho, me afundava em minha própria bosta e pensamentos, eu ia ensopando com lágrimas tão desconhecidas quanto cheias de raiva e saudade os cacarecos deixados pelo abandono do meu pai...

Estava tudo esfacelado. E um enjoo sem alívio me levava numa viagem sem chão nem sol fosse nem lua.

Eu nem sei quantos dias fiquei ali, trancafiado, acordando e adormecendo, imundo, cagado, me coçando feito um louco, até que finalmente brotasse à flor da minha pele o meu próprio batimento cardíaco... Uma festiva e verdadeira algazarra no fundo do meu peito.

Foi então que, novamente, POFT!, um novo estrondo mudou o curso do rio.

Tudo, tudo explodiu dentro, fora, em cima, embaixo e aos lados de mim... Nuvens vermelhas e mornas estilhaçaram com suas luzes tempestivas todas as frestas do meu quartinho querido, trazendo graça e calor à nudez da Léinha e levando pra bem longe os moleques, se esfolando inteiros numa corrida sem graça nem linha de chegada... Mas a dona Martônia despachou a Léinha com dona Loretinha, prum colégio lá da Capital... As minhas nuvens perderam a cor... O meu descampado virou terreno baldio... E os moleques? Ah, eu sei lá dos moleques!

E eu deixei de ser menino.

Então passei a sonhar com muita coisa, sim... Se perdi meu descampado foi porque ganhei o mundo inteiro, com muitas árvores secas e ninhos de pássaros incríveis para me cuidarem, desovando leinhas e mais leinhas... E se passei a correr atrás da vida, pro bem da verdade ganhei o prazer de brincar de esconde-esconde e cabra-cega com ela...

12. O tio e o menino – (Elizabeth Cardoso)

Mais um dia de esperas e filas envolvidas pelo cheiro do éter. Da condução lotada, da recepcionista mal-humorada, da criança choramingando de dor e náusea, do médico com cara de pouco saber, de pouco entender ou de nada se importar, da pipoca doce murcha e da dor contínua e aguda que sentia, o que mais lhe massacrava era os cuidados excessivos da mãe. Como gostaria de poder ir ao banheiro sozinho.

Ao voltarem para casa ele se esforçava no sorriso, no passo decidido e na disposição de correr para pegar o trem estacionado na plataforma. O sacrifício era grande, mas a recompensa pagava a pena. Nessas horas a mãe parecia acreditar nele novamente.

Quando chegaram, como de costume, havia a comitiva de familiares e amigos esperando as novidades. Uma porção de carinhas angustiadas teimando na esperança, querendo ouvir a narrativa de um milagre.

E o menino ouvia sua mãe orgulhosa reinventar duvidosamente as palavras do médico sobre as melhoras, os novos medicamentos, os modernos aparelhos e a inesperada disposição física do filho.

O público ouvia, sem acreditar, comparando o discurso da mãe com a pele amarela, o suor frio e as mãos tremulas do menino. Logo, logo alguém pensaria com cara de quem diz “Deus lhe dê uma boa passagem” e a mãe o enterraria na cama até a próxima consulta.

Mas, neste dia o ritual foi quebrado por um ronco de motor estacionando e um fechar de portão estrondoso, de fazer tremer o muro e as paredes. A avó olhou para a porta como se adivinhasse o autor de tamanho barulho. Ele mesmo: seu filho mais novo, sumido há 13 anos, sem dar notícias, sem deixar rastro. Chegou com festa e naturalidade, como se viesse do bar da esquina ou do futebol.

O menino lembrava pouco do tio, mas tinha ouvido várias histórias sobre as irresponsabilidades deste homem doido, que vivia perdido na neblina das madrugadas gastas em noites.

Todos na casa sentiam pelo tio uma mistura de admiração e raiva. Os dois sentimentos pelo mesmo motivo: ele só fazia o que lhe dava vontade. Comia e bebia o quanto, como e o que queria. Era adorado pelas mulheres, que viviam em grupos em volta deles. Seus amigos eram os mais fiéis e povoavam a terra.

Vivia viajando em sua motocicleta caindo aos pedaços ou de carona nos caminhões e até em automóveis familiares. Vez ou outra aparecia no portão gente desconhecida, vinda do país inteiro, para lhe trazer uma recordação, saber notícias ou cobrar dinheiro. A vó ficava furiosa com isso, menos pelo incomodo e mais pelas lembranças que eram despertadas.

Um dia desses, surgiu do nada um argentino-paraguaio-chileno trazendo um livro presentear o tio. Deram um café para o indivíduo e contaram sobre a longa viagem que o tio estava fazendo. O livro ficou um tempão rolando pela cozinha até que o menino folheou algumas de suas páginas. Mesmo com a ajuda de um dicionário, não deu para entender muita coisa, só que deveria ler saltando capítulos, indo para trás e para frente, e não do começo para fim. Tentou brincar o jogo, mas acabou desistindo. O tio não desistiria, adorava ser desafiado. Era daquelas

peessoas que quando todos estão sentados na sala em dia de domingo, propõem: vamos procurar um rio para dar uns mergulhos. Se algum desavisado topasse podia estar certo que não iria ao trabalho na segunda-feira.

Mas falando assim parece que o tio era um tipo de vagabundo. Não, ele também trabalhava muito, em alguns períodos, pintava paredes. Fazia tudo com tanto cuidado e carinho que ninguém do bairro deixava outro por a mão em suas paredes, portas, portões e muros. Demorava um pouco, mais ficava bom. Assim foi. E num dia de domingo ele saiu sozinho procurando um rio e estava sumido até então.

Os pensamentos do menino foram cortados pelo tio grandão e forte que o pegou no colo e o rodou no ar 3 vezes, como quando era criança. O menino sorriu e gritou upa, upa, upa, como antes.

Todos correram para acudir o menino, para salvá-lo do translocado. O pai era o mais alarmado. “Não faça isso, ele não pode passar por emoções fortes”. O tio colocou o menino no chão e ele escapoliu para quarto. Não queria ouvir toda a história dos exames, das consultas, das cirurgias e das recomendações médicas.

Encolhido na cama ainda escutou quando o pai gritou com tio sobre ele não ter o direito de chegar sem-mais-nem-menos e atrapalhar o tratamento. “Os médico dizem que não há chances, mas ele terá conforto e segurança. Está frágil, temos que ter cuidado”.

O menino ainda deixou que uma de suas últimas lágrimas escapasse dos olhos e dormiu chorando.

Logo cedo acordou com uma música alta vinda da sala, mal abriu os olhos, a mãe e a avó já estavam entaladas no pequeno quarto pedindo desculpas pelo barulho e dizendo para não se preocupar, pois o tio não havia de ficar muito em casa e de mais a mais iam mandá-lo para a casa da tia-avó, enquanto o tio estivesse por lá. O menino sentou na beirada da cama desanimado em ver morrer sua última esperança de vida. Foi então que o tio entrou no quarto, de boné, bermuda, cigarro na mão e sorriso na boca e avisou: “vou pintar a casa, você me ajuda?” Perguntou para o menino. Enquanto a mãe e avó gritavam sobre a loucura do tio o menino se aprontou, pegou um pincel e uma lata de tinta que estavam na sala e foi saber por onde começar. Resolveram começar pelo muro, porque dentro de casa o clima estava muito tenso. As duas mulheres choravam de medo do que o cheiro de tinta e o sol quente poderiam causar ao menino. O tio o ensinou os

movimentos certos, mas eles mais conversavam do que pintavam. O tio contava sobre suas viagens e aventuras e o menino de boca aberta vivia tudo aquilo. No final do dia, o pai chegou do trabalho e ficou sabendo do acontecido. Teve uma discussão imensa com o tio. O menino trancado no quarto ouviu tudo sobre os exames, as cirurgias, o dinheiro gasto com os remédios e necessidade de paz e segurança. Fora as ofensas contra o tio: vagabundo foi o mínimo. O menino quase morreu: de vergonha.

Depois, fez-se um silêncio em toda casa e passado uns minutos o tio entrou no quarto, fechou a porta, puxou uma cadeira e sentou ao seu lado.

“Então que dizer que logo logo, segue meu exemplo e sai de viagem?”, perguntou o tio.

O menino riu desconfiado.

“Bom nessas horas temos que ser práticos, se está resolvido a não ficar por essas paragens por muito tempo, tenho a obrigação de lhe apresentar o que temos de melhor”, propôs o tio.

O menino riu abertamente daquela conversa maluca e do jeito normal com que o tio conversava com ele. Era quase uma conversa de homem para homem. Gente sadia fazendo planos.

“Não sabe o que temos de melhor por aqui?”, perguntou o tio.

O menino com a cabeça, disse que não. O tio encurvou o corpo e falou baixo ao seu ouvido: “estradas”.

O menino arregalou os olhos.

“É isso aí. Hoje você descansa, amanhã ganhamos o mundo”.

Nesta noite o menino não dormiu. Ficou imaginando como seriam as estradas, dormir em barraca, fazer fogueiras, se perder no mato, descobrir uma cachoeira, conhecer gente diferente da gente de sempre, viver de lanches, caçar para comer. Será que o tio deixaria ele pilotar a moto? Será que o tio deixaria o levaria conhecer o mar e o deixaria entrar na água a noite? Será que haveria meninas na viagem? Será que daria tempo de chegar até a Argentina e ver a neve? Foi com todo o horizonte pela frente e flutuando em cima da moto que o menino embalou no sono dos bons e dos justos.

E quando estava quase amanhecendo, escuro ainda, o tio entrou no quarto, chacoalhou seu ombro e disse baixinho: “vamos, que a vida não espera”. A frase fez sentido. O menino pulou da cama, tirou o sono dos olhos e colocou a melhor

bermuda de antes. Procurou o tio na sala vazia e o encontrou na cozinha lendo um mapa estendido em cima da mesa. Assim que entrou, o tio dobrou o mapa e disse: “vamos ver o mar. Vamos para Ubatuba”. Cada um pegou uma mochila e saiu. O menino ainda fez um gesto de ir até o quarto se despedir da mãe, mas o tio informou que já tinha deixado um recado e apontou para a geladeira, onde o menino leu o bilhete de uma palavra só: “fomos”.

E foram mesmo. Mochilas nas costas, capacetes nas cabeças, mãos firmes na cintura e no guidão. A cidade foi ficando longe, longe. A estrada aos poucos iluminada pelo sol ia ganhando paisagens, cores, gentes.

Pararam para abastecer. O frentista viu o menino magrelo curioso com a moto, com a bomba de gasolina, e perguntou: “Para onde vão?” E o menino respondeu: “viver”. O tio passou o braço por cima de seus ombros, cheio de orgulho do aprendiz aplicado.

13. Cinderela, a história mais linda que já existiu – (Silene Pignagrandi)

Essa história aconteceu há muito tempo atrás num reino bem longe daqui. Todo mundo conhece essa história. Mas tem uma parte dela que quase ninguém sabe.

“Era uma vez uma menina que passou por algumas tristezas, mas um dia ela cresceu e virou uma linda mocinha. Conheceu um príncipe muito bonito num grande baile. Eles se casaram e viveram felizes para sempre”. Essa era uma das muitas histórias que a mãe contava pra filha todas as noites antes de dormir. E essa filha todo mundo já conhece. O nome dela é Cinderela.

Antes de Cinderela ficar famosa, ela vivia com o pai e com sua mãezinha numa casa grande, quase um castelo.

Uma noite, sua mãe não pôde vir contar uma historinha a Cinderela, e aí ela demorou bastante pra conseguir dormir. Uma semana depois, a mãe, de novo, não veio contar histórias, e foi mais difícil ainda pegar no sono. E na noite seguinte, Cinderela é que teve que contar... carneirinhos, porque história que era bom, nada!

Com olheiras enormes nos olhos, Cinderela levantou-se numa manhã, deixou o seu quarto, desceu as escadas, e achou a casa muito silenciosa. Não encontrou ninguém nem na cozinha, nem nas salas. Voltou para cima. O quarto de sua mãe

ficava lá no fim do corredor. A porta estava entreaberta. Tudo estava muitíssimo silencioso. Empurrou a porta e foi andando devagarinho, mas nem bem entrou surgiu uma mulher alta, forte, com olhos quase esbugalhados, e com sua mão imensa agarrou o braço de Cinderela e a puxou pra fora do quarto.

- Sua mãe está doente e eu sou a enfermeira que vai cuidar dela. De agora em diante você só vai entrar aqui se eu deixar! – e a empurrou de volta pro corredor, fechando a porta do quarto.

Cinderela olhou para aquela porta por um tempo. Virou-se devagar, e começou a andar. Foi andando, e pensando. Andando, e imaginando as piores coisas que podiam estar acontecendo com sua mãe. Andou tanto, e sofreu tanto, que foi parar muito longe de casa.

Acontece que um gato de pêlo muito brilhante e olhos malvados tava por ali, no mato, esperando alguma coisa, balançando a enorme cauda peluda. Depois de alguns instantes desceu do céu um passarinho, pra beber a água de um prato que tava no chão. Era uma armadilha. O gato avançou e com uma tigela cobriu o prato com o passarinho dentro. E no chão ele girava e girava o prato; o malvado ainda sorria, e já tava arreganhando as unhas, quando Cinderela agarrou o gato. Ele deu um arranhão tão grande nela, que ela derrubou ele no chão. Ele deu aquele miado bravo e fugiu.

Cinderela levantou a tigela devagar, e viu que o passarinho tava tontinho, tontinho. Ela pegou ele no colo e foi fazendo carinho nele, até que ele deu um pio e voou feliz ao redor dela.

De volta ao castelo, nos dias seguintes, Cinderela sempre encontrava a enfermeira, entrando e saindo do quarto de sua mãe. Ela viu também um homem que levava lá muitos vidros de remédios, e que sempre olhava pra ela, sério. Uma tarde, Cinderela se encheu de coragem e foi até ele, mas não conseguiu perguntar nada sobre sua mãe. Pior, ficou apavorada quando ele a levou pelo braço até sua mesa de poções. Lá ele pegou um vidro e derrubou um pouco do líquido na ferida que o gato tinha feito nela. Depois, sem ninguém falar nada, o senhor dos remédios lhe entregou bastante alpiste.

E assim, pertinho do castelo, Cinderela dava um pouco daquele alpiste a todos os pássaros dali, mas aquele passarinho que ela salvou foi se tornando seu melhor amigo. Cinderela falava com ele sobre tudo o que tava acontecendo. Contou que não queria entrar no quarto da mãe porque tava com medo da enfermeira brava.

Então pareceu que o passarinho teve uma ideia: voou até a janela do quarto da mãe, deu uma espiada pra ver se havia alguém lá dentro, e piou bastante, como se chamasse Cinderela. Ela foi.

A porta do quarto tava meio aberta, e Cinderela entrou. Viu sua mãe, dormindo, pálida, e com cara de dor. Ela chamou:

- Mamãe, mamãe!

A mãe acordou e viu Cinderela aflita.

- Mãe, tá doendo muito?

Foi então que a mãe falou uma coisa muito importante a ela.

- Filha, um anjo virá em breve, e eu não vou mais ter dor nenhuma!

Depois, ela deu um abraço bem gostoso em Cinderela. Ficaram assim, juntinhas, matando a saudade de muito tempo.

Desde então, toda vez que Cinderela queria ver a mãe, era só ver se o passarinho estava cantando na janela.

Mas a doença da mãe foi piorando, e o movimento na casa aumentando. Até que a enfermeira não deixou Cinderela nem ficar no corredor. Depois, ela viu o pai chorando escondido. Algo ruim estava acontecendo, e Cinderela precisava ver sua mãe. Triste, ela saiu chorando do castelo. Seu coraçãozinho tava apertado, e ela chorava muito. Todos os passarinhos cantaram para ela, e nem o carinho de seu passarinho amigo adiantou. Foi então que algo impressionante aconteceu. Uma luz começou a brilhar ao redor do passarinho, a luz foi aumentando e então aquele amiguinho tão querido revelou ser, na verdade, uma linda fada. A fada acariciou o rostinho de Cinderela, enxugou suas lágrimas, e disse:

- Cinderela, você vai poder ver sua mãe por uma hora, e ninguém vai saber que é você. Mas lembre-se: quando o sino da igreja der seis badaladas, você terá que ir embora. Depois disso, a magia acaba, e todos vão te reconhecer!

A fada levantou sua varinha e todos os pássaros foram se unindo atrás de Cinderela. E lentamente, a união de passarinhos transformou-se em duas asas magníficas. Com mais um toque da varinha da fada, essas asas fizeram Cinderela parecer um lindo anjo brilhante, e ela começou a voar, a voar, até a janela do quarto da mãe.

No quarto estavam o senhor dos remédios, o pai de Cinderela, a enfermeira rabugenta, e todos ficaram assustados com aquele anjo que entrava pela janela, menos a mãe de Cinderela. Ela foi a única a reconhecer a filha tão amada. Cinderela

se aproximou da mãe. Não entendendo o que estava acontecendo, eles viram que a mãe começou a contar uma história a esse anjo, uma história linda, que ninguém jamais tinha ouvido.

Ouve-se ao longe a primeira badalada... A segunda, e a terceira. Mas a mãe tava agora contando justamente o finzinho da história, e Cinderela queria saber! Os outros viram que a luz do anjo começou a diminuir, foi diminuindo e uma pessoa conhecida foi aparecendo ali, mas finalmente a mãe conseguiu terminar de contar a mais linda história que já existiu. E ao ouvir-se a sexta badalada, ela fechou os olhos, tranquila, e morreu. E ao seu lado, eles viram não mais um anjo, e nem mais uma menina, mas viram uma linda moça: Cinderela!

O senhor dos remédios e o pai sorriram para ela, e a enfermeira estava com o queixo caído e os olhos mais arregalados ainda!

Depois da história tão linda que sua mãe contou, Cinderela nunca mais precisou ouvir histórias para conseguir dormir. O que aconteceu depois que a mãe de Cinderela morreu, todo mundo já sabe...

14. Carlito – (Lucienne Guedes)

“Carlito, vem jantar!” Era isso que ele escutava todo santo dia. “Carlito! Vem jantar, menino, larga isso e vem jantar!” Era a mãe que ralhava com ele, ficava gritando daquele jeito, só porque ele demorava pra descer a escada. É que era muito difícil largar o jogo bem na hora que a mãe queria. Ela não entendia, ele tava quase conseguindo passar de fase, não dava pra “parar”. A mãe também não sabia que não era só dar pausa pra depois continuar, porque quando ele dava pausa o videogame dava “pau” e ele perdia todo o trabalho. Imagina sair bem quando quase tinha destruído todos os monstros inimigos, quase ganhando um bônus de energia superpotente? Imagina começar tudo de novo? Bom, ele começava tudo de novo, porque não resistia quando escutava a mãe com aqueles passos duros na escada, já pronta pra descer um “croc” na cabeça dele, daquele jeito, com a mão bem fechada. Carlito escutava os passos, desligava rápido tudo de qualquer jeito, se adiantava e quase sempre conseguia chegar no banheiro antes de ela ver: “Já vou, tô só lavando beeemm a mão e já vô!” Porque aí a mãe não brigava, se ele falasse que demorava por causa das mãos, ela até esquentava de novo a comida e ele até

ganhava um elogio: “Viu só que bonito, como ele lava as mãos desse jeito?” Até beijo ele ganhava, às vezes. Mas quando não dava tempo de chegar no banheiro ou desligar o vídeo game...

A mãe não entendia, ela não entendia como ele gostava de jogar aquilo. Carlito era muito bom no jogo, muito bom mesmo. Ele conseguia vencer todos os inimigos. Cada dia ele vencia mais uma fase, cada dia ele aprendia um truque novo. Ele treinava muito, sem desistir, até conseguir passar por cada dificuldade. Era talvez por isso que ele não sentia fome, nem pensava nisso. Ele adorava quando conseguia chegar no placar final, aquele em que você põe seu nome no “ranking”. Como só podia pôr três letras, ele punha C-A-R. Ele gostava de ter carro no nome. Como ele ficava feliz! Dava uns socos no ar de tanta alegria, assim daquele jeito que fazia o Pelé quando marcava um gol, sabe? Rhhuuuu! No ar! E então ele “fechava” o jogo, é como ele gostava de dizer: “fechar”.

Agora eu vou contar o que aconteceu com Carlito, depois das férias de julho. Talvez você não vá acreditar, mas aconteceu assim. Foi surpreendente pra todo mundo. Foi difícil de acreditar, pra quem não viu acontecer, mas é verdade. É assim: como o mês de julho foi muito frio naquele ano, frio de doer mesmo, de rachar os lábios só de respirar, o ar saía da boca com aquela fumaça... esse frio de rachar a gente prejudicou muito a saúde do Carlito. Ele tinha uma febre que não passava de jeito nenhum. A mãe dele fez de tudo: todos os chás que ela conhecia, raiz de não-sei-quê que ensinavam pra ela, foi a todos os médicos que existiam por ali. E nada. Nada da tal febre ir embora. Coitada da mãe, ela se sentia culpada por aquilo, achava que ela é que não havia cuidado bem dele, e todo fim de dia a gente podia ver, de longe, ela lá na soleira da porta dos fundos, enxugando as lágrimas com um aventalzinho branco com as rendinhas na ponta. Carlito, claro, teve que ir para o hospital, ficar “em observação constante”, foi o que o médico explicou. Ele ficou lá muitos dias. Mas para ele, tudo bem, porque a mãe tinha deixado ele levar o vídeo game, o pessoal do hospital também deixou. Ele passava seus dias, então, alternando a tristeza de ver a mãe com cara de choro e a alegria de poder jogar seu jogo.

A febre inexplicável de Carlito não ia embora de jeito nenhum. Já fazia quase quarenta dias. No quadragésimo primeiro dia a médica veio conversar com ele e disse assim:

- Carlito, eu preciso conversar com você, te explicar uma coisa. Eu e os outros médicos, as enfermeiras, sua mãe, todo mundo está cuidando de você e tentando fazer o melhor pra ver se essa febre vai embora. Mas eu já tentei todos os remédios que eu conhecia, todos os exames, e eu não tenho mais nada que eu possa fazer. Sabe, como no seu vídeo game? Esse que você joga todo dia? Você tem aí dentro de você um monte de inimigos pra lutar e vencer. Monstros verdes muito fortes e armados até os dentes. Ogros gigantes. Só que agora não há mais “energias” pra pegar e ganhar mais vidas. Não tem nenhuma energia pra você ganhar, eu não tenho mais nada pra te dar. Agora, você tem que tentar vencer com aquilo que você ainda tem.

A médica, que era uma pessoa muito legal, saiu do quarto, então. Carlito, sozinho ali, entendeu: tinha uma batalha forte e difícil pra jogar. Uma batalha dentro dele mesmo. E começou, afinal ele era muito bom naquilo. Não havia aparecido ainda alguém melhor que ele.

Quando a mãe entrou no quarto, devagarinho, ela viu Carlito recostado na cama, um pouco sentado. Ele estava como se olhasse para a tela do vídeo game, mas com os olhos fechados! E a tela estava desligada! “Que estranho!”, pensou ela. E resolveu entrar devagarinho e se sentar perto dele.

Carlito estava jogando o jogo dentro dele! Os olhos fechados se mexiam de um lado pro outro, dava pra ver! Seus dedos estavam sobre suas coxas, e se moviam rápido, com a precisão necessária.

Era um jogo muito difícil. Tinha muitos ogros, inimigos de um outro mundo, que soltavam fogo pela boca. Ele teve que se esforçar muito pra conseguir passar da primeira fase. Os dedos até doíam, as costas e as pernas também. Tão decidido ele estava a conseguir lutar que não parou por umas quatorze horas.

Ele de olhos fechados, se mexendo, os dedos que não paravam... as vezes o corpo inteiro fazia um golpe, dava pra ver. Às vezes ele dava uma paradinha, como se estivesse congelado, pra logo depois tentar um golpe certo. E ele ali: ts! Tststsst! Aiaiaiai! Uhhhh! , e respirava fundo, assim: fhuuuuuu! Ts! Ugh! Ugh! Ugh!, quando se faz muita força! E respirava fundo de novo: Fhuuuuuu! Umas quatorze horas, por aí. Ele estava muito cansado, e achou que não ia conseguir.

E a mãe ali, do lado. Carlito ficou surpreso quando percebeu a mãe do lado dele, torcendo pra ele vencer todos os monstros. Ele ficou contente. “Vai filho, força,

não desiste não!”, ela falava bem baixinho. Ela entendeu! Ele ficou muito contente que ela havia entendido!

Foi então que ele percebeu um novo truque! Não adiantava querer destruir o Ogro rei, o maior, com a arma; ele percebeu. Ele conseguia destruir os outros, mas faltava aquele, o maior. Qualquer arma não serviria para nada.

O que ele tinha que fazer, então? Ele achou que devia dar um golpe certo, sem arma, sem dúvida um golpe que gastaria toda a energia que ainda restava, mas se acertasse ele vencia o jogo. Era muito perigoso, ele teria que arriscar toda a energia para conseguir vencer num só golpe, sem nenhuma arma. Então ele treinou bastante, muito mesmo, até que conseguiu entender bem o movimento dos dedos na velocidade certa. Ele ficou treinando uma tarde inteira, com a mãe ali do lado, torcendo. Então, já com as mãos e as costas em frangalhos, ele arriscou toda a sua energia e conseguiu!! Ele deu um pulo de alegria que até assustou a mãe! Sem entender direito o que acontecia, ela pulou também, ali no quarto. Carlito abriu os olhos e mostrou aquele sorriso muito manso e aberto, sorriso que ela conhecia como ninguém. Ela deu um beijo nele, e pediu desculpas por tantos “croc” que já tinha dado nele. “Viu só, que bonito, você conseguiu, e sozinho!”.

Agora ele queria descansar: estava exausto. Queria descansar muito. No dia seguinte, Carlito saiu do hospital, sem febre. E voltou pra casa, ainda muito cansado, claro!, mas sem febre. Fome ainda não tinha, então pediu pra mãe se ele podia comer depois de dormir. A mãe deixou, tudo bem!, ele agora precisava descansar, o Carlito, seu herói. Não havia no mundo menino mais corajoso e forte que aquele Carlito, filho dela.

15. O Planeta Kike – (Daniela Rosa)

Numa noite fria dessas de lua, Henrique acordou para ir ao banheiro fazer xixi. Acendeu sua luminária de foguete, calçou as pantufas de alienígena, saiu do quarto, cruzou o corredor e chegou ao banheiro. Quando ia acender a luz percebeu uma luzinha refletida no espelho. Mesmo no escuro pode ver que era de seu peito a luz surgia. Levantou a camisa do pijama de estrelinhas e mais forte a luz se mostrou. Intrigado fez xixi e mais uma vez olhou no espelho, a luz continuava lá. Estou sonhando acordado, pensou o garoto de 11 anos, é melhor eu voltar a dormir.

Na manhã seguinte levantou e correu até o espelho para ver se a luz ainda estava lá, mas no lugar dela havia apenas uma mancha como se tivesse batido em algum lugar. Não deu importância. Vestiu o uniforme do colégio, pegou seu trabalho de ciências, desceu as escadas até a cozinha, aonde sua mãe o esperava com um sorriso e seu café da manhã. Tomou, deu um beijo na mãe e foi para a escola. Ele estava ansioso pois naquele dia iria apresentar seu trabalho sobre os astros. Henrique adorava estudar os planetas, sabia o nome de todas as constelações e no último natal até ganhara um telescópio de seu avô.

De volta à casa, almoçou, brincou um pouco e, de tadinha, foi para o quarto fazer sua tarefa de escola. Sentou na cama e sentiu aquele soninho gostoso que toma conta da gente. Cochilou e até sonhou.

Era um astronauta! Tinha uma roupa especial e por meio de uma bebida científica ele podia atravessar o espaço e mudar de dimensão como se seu corpo pudesse viajar na velocidade da luz. E descobriu um novo planeta, que era muito parecido com o nosso, muito bonito, que ele batizou de planeta kike, que era seu apelido.

Quando acordou já era noite, e no seu quarto escuro pode ver, de novo, a luz que saía debaixo de sua camisa. Correu ao banheiro e percebeu que, além do peito, brilhava também sua barriga abaixo do umbigo. Sua surpresa foi quebrada pela voz de sua mãe que chamava para o jantar. Comeu rapidinho e voltou ao quarto. Ficava acendendo e apagando a luz diante do espelho e constatou que elas só brilhavam no escuro; no claro, eram apenas manchas.

O tempo foi passando, e a cada noite uma nova luz surgia em seu corpo e, a cada dia, uma nova mancha. Ele resolveu guardar segredo daquilo, pois não queria preocupar seus pais, mas numa manhã o segredo foi descoberto: sua mãe notou uma mancha em seu pescoço e, preocupada, resolveu examiná-lo. E viu outras manchas no peito e também nas costas. Naquele dia Henrique não foi na escola, foi ao médico.

O médico fez cara de preocupado, e a mãe de Henrique fez cara de assustada e o menino riu porque imaginou a cara deles quando vissem o corpo dele durante a noite. E assim aconteceu: quando a noite chegou, para a surpresa de todos, menos a de Henrique, seu corpo ficou cheio de luzes que saíam dos lugares onde de dia eram manchas. O médico chamou outro médico, que chamou outro médico, e não parava mais de virem médicos que cochichavam e nada entendiam.

Decidiram tirar sangue para examinar e, surpreendentemente, o sangue do menino era um líquido iluminado, a seringa parecia mais uma lanterna e ninguém sabia o que fazer. E Henrique ficou no hospital e aos amigos e os familiares Henrique pedia que eles sempre viessem visitá-lo de noite, pois queria mostrar para todos as luzes que saiam de seu corpo. E os meses foram passando e a cada dia uma nova luz lhe surgia e, numa manhã, Henrique teve a certeza que estava próximo o dia em que seu corpo seria só de luz. Pediu que a mãe trouxesse o telescópio, juntou amigos e familiares e, naquela noite, riu ao ver a luz rasgando o pouco de corpo que lhe restava e, como um cometa, ele saiu pela janela do quarto. Antes ainda gritou: me vejam no telescópio! Atravessou o céu iluminando a escuridão da noite e, como em seu sonho, viajou através do espaço e se transformou num novo planeta.

É assim todas as noites o avô de kike conta essa história para outras crianças e com o telescópio ele procura entre as estrelas a luz de seu neto. E sorri e acena quando encontra.

16. Sissinho – (Elizabeth Cardoso)

A história se deu no Nascente. É lá pras quebradas do rio em fio. Seguindo a estrada de terra até o final, beirando o rio, dobrando as direitas, continuando reto, rodiando os morros. Quando as águas ficam estreitas, se chega. Logo se vê porque o nome do lugarzinho é Nascente.

Sissinho vive lá, mais sua mãe e avô, desde muito criança bebê. Chegaram lá num final de tarde. Aquela horinha em que o Sol já se foi, mas a Lua ainda não se apresentou. Pelo menos era assim que seu avô contava. Sissinho não se lembra, era ainda muito criança, mas de tanto seu avô contar tomou posse da lembrança e vê com exatidão a luz que saía e a que vinha chegando nas aguazinhas do riacho, o barulhinho bom delas batendo nas bordas, o vô matando a sede da pele e a mãe linda refrescando rosto e pescoço, lavando a criança de colo, como se fosse batizado.

Viagem dura até o Nascente, mas as qualidades das paragens valiam o esforço: água fresca, terra boa e proteção do compadre Afrânio.

Sissinho nunca que nem não viu o compadre e sua proteção, mas o Nascente nem por isso largava de ser bom.

Quando se vem de tristezas o melhor é lugar de água. Isso foi mais um tequinho de memória dos outros que Sissinho apanhou para ele. Sissinho também

sabia que a tristeza para se curar no Nascente era a mortezinha besta de seus dois irmãos. Uma febre baixou neles, como um anjo, e os levou para junto de Deus. Era assim que sua mãe contava e recontava. Um dia Sissinho ouviu a mãe perguntar ao avô se ficar falando dos meninos não fazia mal para as alminhas deles. O avô disse que não, disse que a vida sem o lembrar é morte.

Sissinho nunca viu os irmãos. Mas de tanto ouvir sobre eles era como se conhecesse e no rio, em banhos em dia de sol perto da cabeça, Sissinho brincava com eles.

A vida viveu, o tempo passou. E Sissinho cultivou suas próprias lembranças, que para ele eram mais sabidas do que todas, pois dentro delas tinha as vidas vividas pela mãe e pelo avô, que falava da vida de mais uns 100. Já a memória de Sissinho era privada. Não por nada, mas nem a Mãe e nem o avô queriam ouvir o que Sissinho tinha para contar; ele, por sua vez, era todo ouvidos para um bom causo recordado.

O Nascente era um pedacinho de terra abençoado. Assim de bobeira você comia um caju, jogava o caroço no chão e no outro dia já estava a planta brotando. O quadro era de por em sala de visitas: o campo verde da grama rasteira, ponteadado pelo rio manso, lá no fundo, fechando o caminho um conjunto árvores nem altas nem pequenas, depende de seu tamanho. A porção de moradia dos homens era casa, puleiro, curralzinho e um puxadinho para as redes no verão. A casa, o puleiro e o curralzinho tinham mais serventia para a noite, porque durante o dia as pessoas e os bichos ficavam eram soltos no terreiro ou no puxadinho deitados na rede. No quintal era cada um com seus afazeres. Quase tudo na beira do rio: pescar, lavar roupa, tomar banho, aproveitar a fresca e ver o rio passar. O Nascente era só felicidades de conversas e pôr de Sol.

Foi tanto que a notícia correu. Dia desses antes do almoço, aportou por lá outra família, uma completa de pai, mãe e meninos. Para os visitantes famintos ofertaram pirão e carne seca. Foi tudo de melhor. Ficaram.

Sissinho aprovou muito, era mais gentes para conversar e acumular lembranças. Era gente sabida, viajada, já tinha até andado por cidades feitas de prédios e automóveis. Dos meninos gostou principalmente de Neco, assim assim de sua idade e tamanho. Os dois não se largavam. Era de fazer ciúmeira nas gentes. Se não estavam na falação, estavam na correria.

O Nascente quase que era só deles dois. Subir em árvores, nadar no rio, catar coquinho, armar arapuca para caçar passarinho e depois soltá-los, só para ver a alegria da liberdade, ouvir histórias, contar histórias, esconde-pegas, juntar os cabritinhos, pegar ovo no puleiro, morrer de rir, escutar o silêncio, sentir dó da surra do outro, dividir a farinha, pedir a Jesus pela vida do outro, sonhar com o dia brincado. Tudo isso era parte da amizade de Sissinho e Neco.

Numa tarde chegaram Neco, sua mãe e irmãos com um prato cheio de tapioca doce e um chapeuzinho colorido de balões e palhaços. A mãe de Neco colocou o chapéu na cabeça de Sissinho e começou a bater palmas e cantar uma canção bonita que no final repetia Sissinho, Sissinho, Sissinho. Todos ficaram encantados. Enquanto comiam a tapioca, a mãe de Neco explicou que era assim que a turma da cidade aplaudia o dia de nascimento de alguém e como ela ficou sabendo que era dia de anos de Sissinho, quis dar esse presente ao menino. Mas foi um agradecimento geral. Quando a tapioca já estava para acabar, Neco chamou Sissinho para fora, andou com ele até os fundos da casa e de trás de uma pedra tirou uma arapuca nova. Quantas alegrias cabem num dia de aniversário? Neco ficou satisfeito com a surpresa do amigo e se sentiu muito esperto de conseguir preparar a arapuca sem Sissinho desconfiar de nada. Neco falou um tempão de quando seu pai o ensinou a fazer arapucas, de quantas já tinha feito e de como aquela era especial. Sissinho foi capturando palavra por palavra: mais lembranças para sua memória.

Mas o tempo não pára de passar e um dia Sissinho e Neco andaram e correram demais atrás de um coelhinho fujão. O Nascente ficou longe, longinho. Quando se viu, a noite tomou conta de tudo. Só a Lua lanternava as vistas.

Neco com a barriga roncando reclamou de fome e começou a procurar um de comer. Sissinho ponderou que melhor era ir indo até o Nascente, lá comiam.

Neco nem ouvidos pôs, só tinha olhos para o que a terra dava. Cavou e colheu uma raiz. Nem pensou, começou a triturar a mandioca com vontade. Sissinho correu para cima dele disse que aquilo era como veneno, parecia mandioca mais não era.

Neco reclamou que Sissinho de nada sabia nem de fomes nem de comidas. Sissinho alertou usando as palavras ouvidas do avô. Mas Neco deu de ombros, dizendo que “primeiro diz que sabe, agora já é outro que te contou, ou se viveu ou

não se sabe”. Sissinho se irritou, tomou a raiz da mão do amigo e atirou o resto para a Lua.

Seguiram calados até o Nascente, cada um para os seus. Com o Sol conversariam.

Nem Sol ainda se via e mãe de Neco já gritava no terreiro. “Acodem, acodem, Nequinho parece que se vai”.

Todos correram para a rede do menino, que agora era só barriga indo e vindo numa respiração difícil.

Sissinho fez o que todos fizeram: rezou chorando pelo amigo. Mas vendo que aquilo não dava resultado, fez um pouquinho mais. Chamou Jesus para um particular lá fora, bem rente ao início do rio.

Quando chegou lá encontrou Jesus já de prontidão, metido no seu vestidão alvo de doer as vistas, a barba longa, as mão para o céu. E Jesus já apressado dispensou apresentações e cumprimentos.

“Diga Sissinho, o que quer me falar que carece de tantos segredos?”

Sissinho se ajoelhou solene e sem encarar Jesus também foi direto ao assunto.

“Neco é para mim assim como um irmão. Não, um irmão não, um pai menino. Vale valor de ouro”.

E Jesus já impaciente.

“Sissinho tenho outros encontros marcados, se apresse”.

“Pois é então, queria pedir para o Neco ficar e em troca o senhor leva a minha memória”.

“E o que?”, perguntou Jesus incrédulo.

“E isso, eu fico com o Neco e o céu com minha memória”, repetiu e continuou diante do silêncio constrangedor de Jesus. “A memória de Sissinho contém várias pessoas por dentro, inclusive Neco. Deixa ele pra nós e leva essa gente toda que está em minhas lembranças”.

Um grito de desespero saltou da boca da mãe de Neco e tomou conta do Nascente.

Sissinho pôs a mãozinha na boca e adivinhou o acontecido. Os olhos vertendo águas buscaram em Jesus uma explicação pra um mundo onde tantos meninos morrem.

Jesus sentou nas bordas e foi dizendo sem pressa com um tanto grande de sentimento de santo.

“Sissinho, olhe para rio, tá vendo que ali na frente parece que ele acabou? Mas se você for até lá vai perceber que era só uma curva, que ele continua até a próxima curva, e mais uma e mais outra, até se encontrar com a imensidão do mar. O rio não tem fim, só começo. De mais a mais, você tem suas lembranças sobre Neco e isso vai deixá-lo vivo junto de você. Por exemplo, a gente já tinha se visto antes, assim, pessoalmente? E mesmo sem me ver você não sente que estamos sempre juntos? Então, com o Neco vai se dar o mesmo. Lembre-se da amizade de vocês, que ele vai continuar vivo. Assim como seus irmãos estão vivos para sua mãe e sua família. O resto deixa que eu cuido. Lá no céu tem um lugarzinho especial para meninos”.

E Sissinho enxugando as lágrimas viu quando Jesus foi embora sem nem deixar fumaças ou purpurinas, apenas sumiu no ar.

O menino ainda ficou ali, no riozinho, chorando sentido de soluços, passando de memória sua vida de amizade com Neco, garantindo o lembrar que dá vida.

17. Rafinho – (Marcio Castro)

Nunca parava em casa, Rafinho acordava sempre de manhãzinha, sabe, ligava a tv que ficava na sala naquela estante alta... Assistia um desenho ainda de pijama, quando sua mãe dizia: Vem tomar seu leite! E ele ia. Era só leite. Purinho, de deixar o bigode branco quase parecendo um sorriso.

E aproveitava que a mãe descia as escadas pra por o lixo pra fora e fugia por entre as pernas dela. E por aquele monte de carro que cruzava a rua ele gritou do outro lado, entre um e outro: vou - - - na - - - casa - - - do - - - Naldinho! A mãe, mordendo o canto da boca, deu dois passos pra trás, entrou e fechou o portãozinho. Todo dia era assim.

Assim, como todo dia a dona Lourdes, mãe do Naldinho, deixava o portãozinho de madeira aberto pro menino entrar. Já sabia o caminho pra chegar no quarto do Naldinho. Então, abria a janela, puxava o lençol e começava: era travesseiro voando pra lá e pra cá, pontapé, chute, empurrão, nada pra machucar, mas sabe essas brincadeiras que só moleque entende? Então a mãe do Naldinho

chamava, e mais uma vez um copão de leite goela abaixo do Rafinho. Mas então, naquele dia... Ah! Eu tava me esquecendo! Toda vez que o Rafinho saía de casa era preparado: carrinho de rolemã sendo arrastado, mochila nas costas com bola de gude e na mão, uma pipa. E era aquela coisa: Os dois paravam no topo do morro da rua com os carrinhos de rolemã, e quem ia na frente, que quase sempre era o Rafinho, descia rua riscando o chão com tijolo vermelho de construção, formando aquela pista cheia de ziguezague. Descia até lá em baixo, aquele barulho de trem pesado, misturado com o foguinho que saía da rodinha no chão. Chegavam, levantavam, arrastavam o carrinho até lá em cima. Demorava pra chegar sim, cansava, mas quem disse que a gente tinha medo de se cansar? Ainda mais aqueles dois! E chegava, e descia, e parava, e subia, e descia... E toda vez que levavam bronca da mulherada da rua, fugiam, pra se esconder que nem lagartixa pela fresta. Mas então: nesses dias eles paravam no outro morro, o de lá debaixo, no fim da rua, do lado de um monte de fio de luz no céu, e aí colocavam as pipas pra dividir lugar com aqueles fios...Olha, o que eles levavam de bronca, castigo porque soltavam pipa ali não era pouco não, mas é que ali não vinham os meninos da rua de baixo, que era uns grandão que, quando não cortava as pipas deles, tomava com lata de linha e tudo. E de besta eles não tinham nada: eles podiam tá ali, disputando com as outras pipas tirando “Taia” mas se o Rafinho via um “mandadão”, uma pipa boiando naquele céu, descia rolando barranco abaixo pra correr atrás da pipa, e sempre pegava, só não quando chegavam depois os meninos da rua de baixo. Era assim. Mas, finalmente naquele dia, o Rafinho parece que não levantou tão cedo. A sua mãe estranhou, e ele ainda tava dormindo. E ela, por nada, deixou. Então ele acordou, foi pra casa do Naldinho, mas os dois nesse dia não andaram de carrinho de rolemã, ficaram no quintal. Com o tempo, o Rafinho não saia muito mais de casa, e agora era o Naldinho que acordava mais cedo. Então, o que se conta é que o Rafinho não tava mais dormindo em casa, tava dormindo no médico. E desse dia em diante nunca mais se viu o menino. E se sabe porque.

Um dia, o Naldinho entrou escondido no médico pela janela, e acordou o Rafinho. Naldinho, com uma mochila nas costas, dizia: Tem um rolemã lá fora que é pra dois. Vamo dá uma volta? Só se for na rua lá de casa – respondeu o Rafinho. E pegando em cima do armário do quarto uma roupa sua, calçou um chinelo e pulou a janela junto com o Naldinho, e foram até a sua rua, e lá na ponta do morro

colocaram o carrinho no chão, e o Naldinho sentou atrás, sempre era o Rafinho que descia e ia na frente né?

Sentado naquele carrinho, com as duas mãos no chão, Rafinho deu o impulso e devagarzinho o carrinho começou a descer. O barulho do trenzão daquelas rodas começou a aumentar. Olhando pro chão ele via aquelas faixinhas amarelas que ficam no meio da rua piscando cada vez mais rápido, cada vez mais rápido, e corria cada vez mais... O ar começou a ficar gelado, o olho começou a coçar, e ele ficava cada vez mais grudado com as mãos no carrinho. Era estranho, não era tão rápido assim antes... Será que o Naldinho pôs mais graxa nas rodas? E daquele medo ele começou a se ajeitar melhor no carrinho até que ele soltou os braços pro ar! E junto agora, as faixinhas que piscavam, o chão que tremia, as casas da rua que não dava mais pra ver, era muito rápido! Só via uns riscos do seu lado passando: amarelos, vermelhos e azuis de janelas, portões, carros, pessoas, árvores, um monte de coisa! Parecia um túnel do guerra nas estrelas, aquele monte de coisa que não parava. Foi quando o Rafinho olhou pro céu, e percebeu que as nuvens quase não saiam do lugar, e o céu azul, aquele marzão azul lá em cima tava tão tranqüilo... E viu uma pipa, mas uma grande pipa: grande demais, amarelo e azul feita de um bambu duro, grosso, prateado, com uma linha também grossa, branquinha, além de uma rabiola, de saquinho de supermercado mesmo, que parecia não ter fim. Ela tava lá, paradinha, sozinha. Então no meio disso tudo, ele chegou, mas não conseguia mais olhar pro Naldinho: Não sei meu, não enxergo mais nada aqui, só consigo olhar pro céu. E aquela pipa, que sozinha ficava voando de um lado pro outro, desbicou e começou a descer que nem um avião caindo, dava pra ouvir o barulho dela cortando o ar. E ela começou a voar pra cima deles. No primeiro impulso os dois saíram correndo, abaixaram a cabeça como quem foge. E levantaram. Mas parecia que a pipa não desistia, voltou pro alto do céu só pra pegar mais força, e desbicou de novo pro chão e desceu rasante perto da terra do morro. De surpresa, o Naldinho pegou na mão do Rafinho e o puxou pra cima do pipa! E o vento foi, levando os meninos, mais alto, pro céu. E foi surgindo mais uma quantidade enorme de pipas voando, enchendo aquele ar de coisa colorida dançando. E no meio de tantas pipas, vermelhas, azuis, de jornal rasgadas rasgando o ar, aquela do Rafinho era a mais bonita que já tinha subido ao céu, dançava feita uma folha solta.

E o Rafinho dali de cima via cada vez menor o mundo. Via a rua que parecia enorme e agora era do tamanho de seu dedo, a casa de dona Parecida, dona

Lourdes, sua mãe. E lá dividindo e ganhando espaço entre os peixinhos, capuchetas e raias. Era bonito de se ver.

E numa coceira no ouvido, o Rafinho percebeu algumas coisas vindo de longe: tinha um barulho que parece que ele já conhecia, e no meio daquelas nuvens o barulho foi aumentando, parecendo um estardalhaço, quando se deu conta que este barulho poderia ser reconhecido... e aos poucos o barulho começou a se transformar em gritaria, riso e barulho de carrinho andando no asfalto quente. E as nuvens tão duras como parede, foram se desmanchando como uma serração de dia de frio, e por elas começou a chegar uma coisa bem de pertinho. Parecia... Uma rua! Era uma rua mesmo! Cheio de gente lá. E tinha uns carrinhos também! Uma galera descendo essa rua do céu com um monte de carrinho de rolemã fazendo barulho muito maior do que ele já tinha feito. Não tinha ninguém que enchesse o saco, dava pra ficar ali o dia inteiro! Teve vontade de ir pra lá, curtir um pouco aquela ladeira do céu. E a molecada de lá, olhou pra trás e todos pulando e gritando os chamavam pra dar uma volta por lá. Nesse momento, a pipa de novo desbicou pro chão e começou a descer como quem afunda na piscina, e quando deu um rasante no chão, o Naldinho pulou pra terra.

Vamo voltá, Rafinho! E o Rafinho, no meio de tanta brincadeira, tanto suspiro bom e diversão, não queria deixar aquele lugar tão cedo assim. Então, como num sorriso de alegria, começou a chorar, e depois de sua terceira lágrima cair lá pra baixo feito uma gota de chuva de verão, grossona, pesada, gritou: Vou fica mais um pouco por lá! E então o Naldinho levantou as duas mãos bem pro alto e deu um grande tchau!

A pipa foi indo, Mandadão, boiado, correndo solto por meio a tanto outros pipas, nuvens e ceuzão azul. Os meninos da rua foram correndo atrás dele, da pipa, do Rafinho, o mandadão que arrastava aquele monte de moleque correndo atrás. Não sei se alguém conseguiu pegar a pipa, o que eu sei é que ninguém parou, desistiu de correr atrás da pipa antes que ela sumisse, longe.

18. Nunca mais o amor – (Lucienne Guedes)

Aconteceu durante o inverno. O moço caminhava de cabeça baixa pelas ruas da cidade movimentada. Ele nem olhava direito para atravessar. Andava direto e

lento como se a calçada e a rua fossem a mesma coisa. Parecia que o moço olhava para dentro de si, sabe?, e parecia também que nem tinha medo de ser atropelado!, nem de trombar feio com alguém. As pessoas que cruzavam com ele pareciam, de alguma maneira, entender pelo que passava aquele moço e desviavam seus corpos carinhosamente para evitar um choque.

O moço nem sequer se importou com o cadarço desamarrado que ia se sujando e se enroscando na sujeira da rua, nem se importou. Quando começou uma chuvinha fraca, ele parou o passo um instante, sem tirar os olhos do chão, e deixou que alguns pingos molhassem de leve sua cabeça, que estava quente. Quando as gotas começaram a escorrer-lhe pelo rosto, ele voltou a caminhar. Sempre lento. Direto e lento, com a cabeça baixa. E agora o cadarço do tênis estava, além de sujo, muito molhado.

Foi naquela noite que uma amiga do moço convidou: “por que você não vai passar umas semanas na minha casa da praia? Vai lá, pode ir, vai lá ficar sossegado e olhar um pouco para o mar!”

O moço aceitou, porque não tinha nada a perder mesmo...

Então ele foi para a casa da praia. Era uma casa toda de madeira branca, cheia de janelas, que ficava à beira da areia, a alguns poucos metros da água. Ficava numa praia meio deserta, não tinha nenhuma outra casa por perto. Em volta da casa, metros e metros quadrados de um mato rasteiro e seco. A montanha ficava lá atrás, longe, a serra!, precisa ver que bonito!, e fazia uma moldura para a casa, para quem a visse da praia. Uma montanha distante, de vegetação bem verde escura, que fazia um contraste com o mato seco rasteiro e a casa branquinha.

Havia uma única árvore por ali, na lateral da casa, um chapéu de sol, com a copa bem larga. Embaixo da árvore, um banco de madeira, feito provavelmente pelo caçara que tomava conta da casa quando ela estava vazia.

O moço, passados alguns dias, escolheu esse banco sob a árvore como o seu lugar predileto. Era ali que ele costumava passar a maior parte dos dias, vencendo com sua paciência o vento que teimava em querer levar as folhas do bloco de papel no qual ela tentava escrever. O que será que o moço escrevia, ali, todos os dias, sozinho naquela praia, naquele inverno frio, coisas que interessavam por demais aquele vento?

NUNCA-MAIS O AMOR, era o que ele escrevia. NUNCA-MAIS O AMOR, escrevia e escrevia de novo. Repetia no papel essas poucas palavras, um sem-fim

de vezes. NUNCA-MAIS O AMOR era também o que mais doía naquilo tudo. E era aquilo que ele jamais confessaria, para ninguém.

Escrevia e escrevia sem parar. Às vezes o vento o pegava desprevenido e levava uma de suas folhas de papel para perto da água. Ele corria atrás da folha como um desesperado, e sempre vencida o vento e resgatava a sua folha de NUNCA-MAIS O AMOR. Voltava ao banco, se sentava, voltava a escrever. Cada vez mais determinado: NUNCA-MAIS O AMOR. NUNCA-MAIS O AMOR.

O moço sabia que estava com uma doença. Sabia que dentro dele os seus dias estavam contados. Isso, em si, não o deixava triste, “todo mundo vai morrer mesmo, um dia”, ele dizia e repetia o que sempre tinha ouvido de sua mãe. O que o destruía e o deixava com todo aquele sofrimento era a certeza de que não poderia mais amar e ser amado até o dia de sua morte. Era esse o problema, era esse o NUNCA-MAIS O AMOR, porque amar tinha sido pra ele a coisa mais importante da vida. E voltava a escrever as mesmas palavras no papel que o vento daqui a pouco ia tentar levar. Aquilo que ele jurava que jamais confessaria a ninguém. Aquilo que impedia que ele escrevesse qualquer outra palavra existente no mundo. NUNCA-MAIS O AMOR, até escurecer naquele banquinho sob a árvore. NUNCA-MAIS O AMOR, de manhã ele começaria de novo.

Aí aconteceu que o inverno passou e no verão chegou o outro.

“Que droga”, o moço pensou. Por que a amiga tinha feito isso? Por que tinha convidado outra pessoa para a casa onde ele estava?

E o outro ali, com a malinha na mão, na frente dele, na frente de seu banco, com os cabelos meio compridos revirados pelo vento que agora começava a se tornar um vento quente. O outro ali parado, ameaçando um sorriso num rosto bem cansado da viagem longa.

O moço rapidamente tentou esconder seus papéis para que o outro não visse o que escrevia, mas, como toda pressa é descuidada, acabou vendo todas as folhas levadas numa rajada de vento. Todas as folhas estavam espalhadas na areia, por todos os lados.

O outro entendeu que não deveria ajudar a pegar os papéis, depois do gesto brusco com a mão que o moço tinha feito. Então o outro esperou pacientemente que se resolvesse o desespero do moço em vencer aquele jogo brincalhão que o vento insistia em jogar.

O outro apenas se abaixou e pegou a caneta do moço que havia caído a seus pés. Limpou a areia grudada da caneta em sua camisa branca e devolveu para o moço quando ele voltou vitorioso de sua batalha com o vento. Então o outro conseguiu finalmente dar o sorriso que tinha ensaiado e disse:

- Sempre venta assim por aqui?

O moço fez que sim com a cabeça. Esticou a mão para que o outro devolvesse a caneta e agradeceu:

- Obrigado.

Foi aí, nesse momento em que o moço estendia uma das mãos para pegar a caneta, nesse momento em que seus olhos se encontraram pela primeira vez desde que o outro havia chegado... foi bem nesse instante que o vento passou dos limites e levou todos os papéis de novo.

- Deixa! Deixa aí! Deixa o vento levar isso de uma vez! Já me cansei. Vamos entrar, vai.

Caminharam, então, pela areia até a porta da casa. E as folhas sendo todas molhadas pela onda leve! Algumas ainda rodopiavam soltas por ali, mas logo iriam ser levadas pela onda também. Tudo era uma questão de tempo, agora... O moço estava um pouco envergonhado daquilo tudo; envergonhado e com muita raiva da amiga.

Alguns dias se passaram, e numa noite os dois resolveram ver a lua sentados naquele banco sob a árvore. Já estava bem quente, o verão chegou pra valer. Aquela lua insistia em ser vista, era mesmo outra intrometida que chegava sem pedir licença e insistia em ser recebida. Estavam assim: o moço sentado e o outro em pé a seu lado, aquela lua grande lá em cima. O moço ainda de mau humor.

O outro disse:

-A nossa amiga te contou?

O moço não entendeu. "Contou o quê, do que é que ele está falando, agora?"

O outro insistiu:

-Ela te contou?

O moço não respondeu. Olhou para a lua como quem fizesse de conta que estava sozinho ali.

-Posso me sentar a seu lado?, pediu o outro.

O moço fez que sim com a cabeça.

O outro, então, encostou a palma da mão na mão do moço. A pele era lisa e fina, e também muito fria, o que fez o moço estremecer um pouco. O moço ficou duro, como se tivesse virado pedra, ali em contato com a mão do outro por cima da sua.

-Eu também.

O moço não entendeu. O outro repetiu:

-Eu também.

O moço ainda não tinha entendido aquela história! Por que tinha que ficar ali escutando aquele outro que insistia em não tirar a sua mão?

-Que você também o quê?

-Eu também estou doente.

O moço ficou branco e entendeu tudo de repente! Foi como um raio que passou no céu em cima deles dois. Ele tinha um igual! Alguém como ele! Rapidamente ele procurou com os olhos, por ali mesmo, na areia, para ver se encontrava uma folha que fosse, queria voltar a escrever o NUNCA-MAIS O AMOR. E a mão ali presa no contato do outro. Olhava rapidamente pra todos os lados (é claro que ele não ia achar papel nenhum ali, é claro!), mas tentava como se fosse possível. Sem achar nenhum papel, mas sem desistir de fazer alguma coisa rapidamente, ele fechou os olhos com força, franziu a testa e falou muitas vezes sem parar, com os dentes fechados, assim: NUNCA-MAIS O AMOR, NUNCA-MAIS O AMOR, NUNCA-MAIS, NUNCA-MAIS, NUNCA-MAIS, NUNCA-MAIS O AMOR... Ficou repetindo por muito tempo isso, enquanto sentia uma raiva imensa da amiga e daquela mão que insistia em ficar ali, sobre a sua, aquela mão gelada e lisa. Não precisava de ajuda, não queria, não queria ninguém perto dele, não queria, ainda mais uma pessoa iguala ele!

O outro ficou quieto, não soube dizer nada naquele momento e então ficou quieto, que é a coisa mais sábia a se fazer em horas como essa. Ficou quieto e duro, congelado, esperando que acontecesse alguma coisa, que o vento aparecesse ou a noite virasse dia de uma vez.

Então o moço foi se acalmando. Algo dentro dele aconteceu. Parou de falar aos poucos, desfranziu a testa aos poucos e devagar abriu os olhos. Os dois agora olhavam a imensa lua, aquela que de visitante intrometida se tornou o presente da noite para os dois. O vento quente e cheiroso do verão à beira do mar passava por ali de vez em quando, agradecido por não mais ter o trabalho de fazer voar os

papéis dos segredos do moço. Agora o vento só fazia brincar com os cabelos dos dois.

O moço tirou a sua mão debaixo da mão do outro, devagar, e com o auxílio de sua outra mão pegou a mão gelada e lisa do outro entre as suas. Ainda olhavam a lua. Os dois, ali sentados como dois príncipes em seu trono. Belos, inacessíveis como dois príncipes amaldiçoados e por isso mesmo mais nobres. Belos e nobres. E o vento em seus cabelos.

O que aconteceu depois daquilo? Talvez tudo, talvez nada. Não importa. Porque aquele era só o começo. Porque era cedo demais e nunca tarde. Apenas havia começado o início da não-morte dos dois.

Já amanhecia e ainda se podia vê-los ali sentados. Sem sono. Sem cansaço. Só se escutava o barulho da onda mais madrugadora, indo e vindo, indo e vindo, um barulho que desmancha a areia e depois escorre para alisar.

*Escrito a partir de Caio Fernando Abreu,

em Depois de Agosto

19. O Velho – (Luís Alberto de Abreu)

Um dia, uma tarde, um velho, desses bem gastos, sentou numa pedra no fundo do quintal. Era um sol de maio, desses que esquentam sem queimar, que amornou o corpo do velho e lhe trouxe uma sonolência boa. Primeiro ele se recostou junto ao muro, depois o chão de capim farto e verde lhe pareceu melhor cama. Deitou. A terra, também morna, tinha um cheiro bom e o velho se abandonou e dormiu. A tarde já estava no fim quando ele acordou com um comichão no umbigo. Levou a mão pra coçar e estranhou a resistência do que lhe pareceu uma planta não muito maior que a metade de um dedo. Puxou e as folhas se partiram do pequeno caule ao mesmo tempo que o velho, com um “ai”, sentiu um forte puxão no umbigo. Curvou-se espantado, arreganhou com dois dedos o centro da barriga e viu, assombrado, o talo da planta ainda preso na boca do estômago. Puxou devagar e percebeu, ao ver o fundo do umbigo virado para fora, que as raízes estavam firmemente presas nas dobras da cicatriz. Com cuidado, tempo e alguns gemidos conseguiu arrancar a planta pela raiz e limpou a sujeira que, por anos, tinha

procurado, ali, no umbigo, abrigo contra a água e sabão do banho. Anoitecera e ele, encasquetado, levantou-se e, lentamente, andou para casa.

Morava sozinho o velho, numa casinha pequena, caiada de branco, arrumada e varrida, todo dia, desde o portão de entrada ao fundo do quintal.

--- Deve ser essa mania minha de mexer com planta. --- concluiu o velho. Podia ser porque, por todo o muro e paredes da casa, o velho dependurava latas de óleo, abertas de comprido, com avenças, gerânios, amor-perfeito, bálsamo, dólar, tudo que é folhagem e flor.

--- Quem sabe, pensou, não foi alguma semente que voou, pra cair justo ali e brotar. --- riu. No banho lavou o umbigo até avermelhar pra não correr o risco de novas brotações. Jantou o resto do almoço e sentou na cama, como sempre fazia, para lembrar. E sentiu o desconforto da saudade quando lembrou da mulher morta há dois anos, dos vizinhos antigos que, aos poucos, venderam suas casas, derrubadas para a construção dos prédios que espremiavam sua casinha de chão entijolado. Pensou que estava ficando velho demais quando lembrou que os amigos todos, de antigamente, tinham já morrido. Deitou e, como tinha medo de perder a memória, repassou na cabeça, como fazia sempre, o nome de todos os amigos e colegas da rua, da escola e do trabalho, desde a infância. O sono o adormeceu quando, feliz, lembrou-se do último nome da extensa relação.

Acordou às quatro e meia da manhã, como sempre fazia, mas não se levantou. Gostava de aproveitar um pouco mais o quentinho da cama antes de sair para o frio das manhãs de maio. Esfregou as mãos, por debaixo da blusa do pijama para aquecer-se mais e sentiu na pele alguma coisa estranha. Acendeu a luz, levantou a blusa e, espantado, verificou que, emaranhado nos pêlos do peito, justo sobre o mamilo direito, nascera um viçoso pezinho de ameixas como pode ver pelas duas únicas folhinhas verdes, um pouco amarrotadas, que brotavam de um pequeno talo. O velho não arrancou de pronto. Levantou-se e fez um demorado exame. Verificou, intrigado, que as raízes da planta estavam firmemente presas à pele e, assustado, procurou por todo o corpo outros brotos de planta. Não encontrou. Suspirou aliviado e com pinça, agulha, álcool e tesourinha, iniciou a pequena operação. Esgaravatava a pele com a agulha e puxava as raízes, à mostra, com a pinça. As raízes mais profundas ele simplesmente cortava com a tesoura. Ao fim de tempo conseguiu arrancar a planta. Limpou o pequeno sangramento, desinfetou com

álcool, plantou a ameixerazinha numa lata de leite e saiu ao quintal para pensar no assunto.

Pensou, pensou, pensou e não conseguiu explicar a coisa estranha que estava acontecendo. Tinha horror a hospital e por isso nem lhe passou pela ideia procurar um médico. Ao meio-dia não teve fome e às três da tarde sentiu uma leve tontura. Chupou uma laranja e segurou os caroços bem apertados na mão pra ver se eles brotavam. Nada aconteceu. Às quatro e meia o sol se tornou mais manso e amarelo e ele procurou a pedra no fundo do quintal e se sentou. O muro, a pedra e o chão de capim verde estavam mornos e uma sonolência boa foi imperando nele. E ele viu que estava feliz com a tarde, feliz em estar vivo, feliz com o entorpecimento do sono. Deitou no capim. Dormiu e sonhou.

Sonhou que de um caroço aparecido sobre o ombro esquerdo começou a nascer uma pitangueira, logo reconhecida pelo tom avermelhado de suas pequenas folhas. Não arrancou, ficou quieto observando o rápido e vigoroso desenvolvimento do pé de fruta. Logo sua atenção foi desviada para um leve movimento no baixo ventre e viu que, pela braguilha aberta, saía, já com dois palmos de altura, um viçoso abacateiro. As raízes estavam firmemente presas ao sexo e ele riu associando o crescimento da planta a um prazer já esquecido. Aos poucos percebeu que o corpo inteiro estava passando por rápida transformação. Nos braços --- ele teve a impressão --- o lugar dos pêlos ia sendo tomado por fios que pareciam capim. E eram, confirmou surpreso. Aqui e ali, na barriga, nas costas, nas coxas, nos pés, estouravam brotos de tiririca, guaxuma, capim mimoso, maria-senvergonha e carrapicho, além de um pé de limão-rosa, uma dália que já mostrava a primeira flor lilás e um pequeno gerânio que nascia em seu pescoço. No alto da cabeça, as raízes de um pé de milho taludo desciam aos ouvidos e o tronco alto já mostrava três espigas maduras.

Foi então que o velho percebeu que seu corpo, aos poucos, se misturava na confusão de terra, caules, insetos e que a força das raízes, em crescimento contínuo, partia seus velhos ossos. O sol começava a se por. Um casal de maritacas se empoleirou no pé de milho para comer e gritar. Sanhaços, bem-te-vis e sabiás disputavam os frutos vermelhos da pitangueira e um abacate maduro despencou do alto e se esborrachou a poucos centímetros de seu rosto já coberto de musgo verde-vivo. A noite passou rapidíssima e pela manhã o lugar já estava tomado pela luxúria

da vegetação. O velho riu ao ver que dele só restavam alguns ossos e reconheceu uma pequena obturação de ouro engastada em seu dente incisivo. Ao meio dia um cachorro deitou-se à sombra do abacateiro e o velho percebeu que não se lembrava mais dos amigos e colegas de rua, de escola e de trabalho. Riu e não se importou. Continuou a sonhar e tanto gostou que nunca mais acordou.

20. A mulher da xícara – (Luís Alberto de Abreu)

Na rua em que eu vivi, três casas para baixo, em frente a uma quaresmeira que todo abril se cobria de flores roxas, morava a velha Encarnación. Velha muito velha, velhinha de cabelos brancos, corpo meio curvado e sorriso sempre o mesmo. Encarnación ficava no quintal olhando para a rua, para a gente com um sorriso que não dizia nada. Fui vizinho dela por muitos anos e sei que chegou da Espanha antes da guerra e, agora, na velhice a memória lhe foi sumindo devagar. Tudo começou a lhe faltar: palavras, imagens... Algo em sua mente secava persistentemente... O esquecimento chegou aos poucos, um pouco de névoa a mais a cada dia como num longo outono. Ela talvez tivesse aflição e medo de perceber aquilo acontecendo com ela mas não sabia dizer isso em palavras... Então, foi virando um problema, coitada! Ficava deprimida, quieta, sentada no quintal olhando para o nada, algumas vezes agressiva... Passou a não conversar mais, não reconhecia as pessoas, ficava só agarrada a uma xícara de louça branca, de desenhos azuis e frisos dourados.

Em sua memória, primeiro se apagaram os lugares: a velha aldeia, ruas, casas e cheiros. Depois, pessoas da infância, parentes... fatos recentes...

A xícara, me contaram, era a última peça de um jogo de chá, presente de casamento, mais de sessenta anos atrás... O casamento, me contaram também, foi uma festa linda que reuniu pais, parentes, amigos, vizinhos, riso e música. E o noivo, contaram, era belo como um deus jovem que se teme e deseja... Mas aquela mulher já não se lembrava mais.

O marido que ela já não reconhecia fazia tempo morreu velho, de repente. Coração. Ela, acho que nem deu pela falta, não deu mostras, mas o mundo lhe pesou e doeu.

Já começava a anoitecer em sua memória e a névoa que lhe ocupava a mente engoliu um velho poste de luz de 1940, o retrato oval de seu pai na parede da

sala, os móveis da casa, a imagem de sua santa de devoção, filhos. Então, tudo, tudo, se tornou para ela absolutamente estranho. Eu ainda a vejo andando pelo quintal, desmemoriada, carregando aquela xícara e sorrindo sem que nem pra quê.

Depois que morreu o velho ela desandou em tristeza que não era suspiro nem gemido. Era quietude e alheamento.

Acho que só lhe restava a xícara. Ela sorria para seu friso dourado na borda e suas estampas de flores. E penso que sentia algo indizível: a sensação de um casamento que já não lembrava, um cheiro que já não definia, amigos e parentes que não sabia o que eram, uma festa sem sons nem imagens. Mas sentia. Principalmente sentia um noivo sem rosto, mas que era um deus jovem que temia e desejava. Não posso dizer com certeza mas desconfio que na velha xícara dormiam as memórias perdidas e, nelas, as sensações do mundo.

O que sei com certeza foi que um dia os filhos se reuniram. Asilo, pensaram, asilo, decidiram! Lá, tentaram lhe tirar a velha xícara. Pra ela não se machucar, disseram. E foi aí que a risonha velhinha espanhola, a velhinha caduca, coitada, virou fera: se abraçou à xícara, gritou, mordeu, irrodeputa!, xingou. E ninguém a separou daquela pequena xícara de louça. E ela, me contaram, ficou lá, no asilo, vagando pelo pátio com seu vestido escuro, seu xale de lá, seu sapato baixo, sua xícara... com tão pouco, mas com tudo que precisa!

Dizem, se é verdade não sei, que essa mulher perambula agarrada àquela pequena coisa de porcelana que lhe recorda todos os dias a sua história. É verdade, se acreditam, não sei.

21. Histórias de vó Dé – (Luís Alberto de Abreu)

Todo dia depois que o sol descamba pra trás das montanhas e a noite desce devagarinho sobre as encostas da Mantiqueira, Vó Dé fecha o trabalho do dia e vem sentar na varanda pra ver os últimos raios do sol. E espera. Ela sabe que depois do banho e da janta os netos começam a chegar, se ajeitam pela varanda e, não demora muito, vem o pedido de sempre: conta uma história!

Vó Dé levanta os olhos do bordado e só espera as crianças se acomodarem em volta dela, no banco, no chão de tábuas da varanda, no velho tamborete de couro, herança de sua mãe, vindo de um sítio distante. E ali vai, com a voz pausada,

tecendo um causo, uma história, ao mesmo tempo em que a agulha e a linha vão desenhando flores azuis no tecido branco. E, logo, começa a levar as crianças todas para um mundo onde tudo é possível, qualquer medo é vencido e qualquer sofrimento sempre tem fim.

Vó Dé pertence a uma linhagem de gente muito antiga, a uma nobreza mais velha e importante que muito rei e príncipe: pertence a linhagem das contadoras de história, gente rica de imaginação e com poder de calar a bulha dos pequenos e acalmar o coração dos grandes.

De tudo que vê, ouve, lê e vive Vó Dé tira motivo para suas narrações. Inventava histórias que junta ao lado de outras que ouviu de sua mãe que junta ao lado daquelas que lê nos livros que junta ao lado daquelas histórias que vai recolhendo dos vizinhos e amigos. Vai guardando tudo bem enfileiradinho lá dentro de sua cabecinha que já começa a branquear e não esquece um “a” de nenhuma delas.

E lá está ela rodeada pela criançada, iluminada pela fraca luz da varanda. Quem olha de longe a casa de varanda plantada no meio da montanha só vê um ponto de luz que mal clareia e pouco revela a atenção e os olhinhos ávidos de cada criança. Não importa. A bem dizer, nem as crianças estão mais ali. Devagarinho, devagarinho já estão entrando no mundo da imaginação, levadas pelas imagens que a voz segura e pausada de Vó Dé desenha no ar. Todas elas estão agora caminhando por um campo imenso que é por onde começa a história do dente de leão.

Dente de leão é aquela florzinha de campo cheia de pétalas bem amarelinhas. Mas no campo não tem nenhuma delas, não é tempo. O que têm é capim meio amarelo e folhas, muitas folhas que o vento arranca das árvores, flutuam por um momento no ar e caem à terra. Hoje o vento está forte, varre o campo, forma redemoinho de folhas e sibila vergando o mato rasteiro. Vento que traz chuva, frio, dias cinzentos e noites escuras. E assim passa o tempo.

Se vocês não sabem, no mundo tem um lugar onde é sempre escuro e não é caverna, nem porão nem quarto sem luz. Neste lugar mais escuro que a noite, onde nada se vê, onde tudo é apertado, alguma coisa viva faz muito esforço, geme, se contorce e, devagarinho, se move até um pequeno ponto de luz. Um último esforço e salta de vez: é um talinho de planta que surge da terra entre duas pedras. O tempo agora é quente e uma chuva leve cai de vez em quando refrescando a terra. Ao redor, outros brotos começam a surgir, mas aquele primeiro, protegido pelas pedras,

crece vigoroso e, logo, na ponta de seu talo começa a inchar um botão de flor que se abre em inúmeras pequenas pétalas amarelas: é o primeiro dente de leão da temporada. Durante dias ele reina solitário e belo no campo, assistindo ao por do sol luminoso e colhendo o orvalho das manhãs. De longe é só uma bonita manchinha amarela no campo esverdeado por uma infinidade de brotos que saltam da terra. E logo, numa manhã, o campo se forra de dentes de leão, movidos pelo vento como ondas amarelas inquietas. E cigarras, joaninhas, besouros, abelhas, gafanhotos, louva-deus, cantam, trilam, esvoaçam, pousam, zumbem, rastejam e louvam a manhã. Vagalumes luzem no escuro das noites quentes e borboletas coloreem as manhãs de sol. E o tempo outra vez passou.

Um dia, aquele primeiro dente de leão acordou murcho, com suas pétalas fechadas sobre si mesmo. Algo acontecia ali dentro, pois passou um tempo e ele se abriu de novo mostrando uma cabeleira redonda espetada de muitos fios. Na ponta da cada fio, uma sementinha firmemente presa na polpa redonda que havia sido a flor. E bem no centro da polpa, protegida por aquela cabeleira de fios e sementes, uma delas se destacava: brilhava como ouro ao sol, como mínimo ponto de luz dourada na clareza da manhã.

Parece que foi um sinal: nos dias seguintes milhares de cabeleiras se abriram e enfeitaram o campo, embaladas pelo vento que as movia como ondas de algodão, bonita de ver. O tempo podia parar e a vida podia até ser sempre assim, essa harmonia e beleza todos os dias.

Mas tudo na vida muda e não demorou muito o tempo mudou. Uma tarde, uma nuvem carregada escureceu o céu e o vento soprou com mais força descabelando árvores, vergando outras até o chão, formando redemoinhos de folhas e assustando os dentes de leão. Chicotadas de vento arrancaram as cabeleiras deles sem dó e elas voaram, trombando desencontradas, rodopiando sem rumo no ar agitado. Aquele primeiro dente de leão, protegido pelas pedras, tremia com as rajadas de vento e conservava ainda intacta sua cabeleira. Mas o vento sibilava bravo, varria cada pedacinho do campo e logo lambeu, bateu nas pedras e desabou sobre o dente de leão. Vigoroso, ele resistiu, vergou, segurou sua cabeleira numa luta desigual e vã. Uma a uma as sementes foram arrancadas. A semente dourada ainda resistiu a duas lufadas de vento agarrando-se como podia à planta, mas o vento levantou um redemoinho puxou-a para o ar e ela separou-se para sempre.

Como se tudo fora feito de propósito o vento amainou, a nuvem escura esfiapou-se e o sol retornou para mostrar o resultado da fúria do vento: galhos partidos, silêncio e tristeza. As hastes dos dentes de leão, com suas cabeças nuas, não se aprumaram mais: murcharam, deitaram e secaram dias depois.

Mas longe dali não havia tristeza. O vento que havia carregado as cabeleiras dos dentes de leão soprava agora sem fúria e as sustentava no ar. Inúmeras, as sementes giravam, subiam e desciam, trombavam, roçavam, pousavam umas sobre as outras numa confusão alegre de festa de criança. Conduzidas pelo ar quente e seco, viajavam sem peso e sem direção certa. Entre elas brilhava a semente dourada. Chegou a noite e o céu se pintou em escuro salpicado de estrelas, raiou o dia e a semente dourada percebeu que estava só. Durante a noite cada semente tinha tomado seu rumo. O ar esfriou, o céu se abriu e choveu. Uma grossa gota a abraçou em sua descida e a semente dourada despencou do céu. No chão, foi arrastada na enxurrada junto a folhas, galhos, terra e foi, por fim, engolida por aquela massa em movimento. Depois de tempo o movimento parou e tudo se aquietou. Estava muito escuro apertado e não se sabe quanto tempo passou.

Um dia a semente dourada sentiu que havia chegado sua hora. Como era semente e as plantas são sábias não teve medo do que estava para acontecer. Inchou, doeu e começou a morrer. E, morrendo como semente, brotou como uma haste pequenina. E fazendo muito esforço, gemeu, se contorceu e, devagarinho, se moveu até um pequeno ponto de luz.

Se vocês não sabem, no mundo tem um lugar onde é sempre escuro e não é caverna, nem porão nem quarto sem luz. E a haste saltou desse lugar para o dia e para ser o primeiro dente de leão da temporada.

22. O incrível menino que imaginava – (Adélia Maria Nicolete Abreu)

Lá, longe, muito longe, no coração da mata era noite e em volta de uma fogueira velhos índios contavam a seus netos velhas histórias do tempo do nascimento do mundo. Foi então que voando na noite como um floco de algodão levado pelo vento chegou o gavião branco. Pousou e cumprimentou ao se aproximar dos índios.

Dá licença, povo do chão para um bicho do ar se esquentar ao fogo?

Seja bem chegado que somos todos um povo só - disse o índio velho. Se acheque ao fogo que a noite tá fresca demais. De onde vem, meu parente?

Venho da mais distante e inacreditável viagem que minha raça já fez.

Então, coma, beba e conte. Os olhos das crianças faiscaram e cresceram sobre o gavião na espera do relato. E ele começou assim:

Correu notícia que tinha nascido um menino diferente: não falava, não se mexia, só olhava. Vivia lá longe, na cidade, e desde muito pequeno adorava ficar olhando pras coisas. No começo, quando ainda era só um bebê, a mãe ficava assustada, pensando que ele tinha parado de respirar, porque ficava deitadinho, com os olhos parados. É que naquela época a mãe não sabia que o menino estava mesmo era olhando alguma coisa: um brinquedo pendurado, um bichinho no teto, ou simplesmente o rosto dela, de quem ele gostava tanto. O menino olhava, só isso. Era como se engolissem as coisas e as paisagens com os olhos, e guardasse lá dentro dele.

Como gavião é também bicho que gosta de olhar quis logo conhecer esse estranho menino. E voou muitos dias, choveu e fez sol, capim cresceu e os frutos amadureceram nas árvores, então o gavião chegou. Pousou na janela do quarto e espiou dentro.

O menino quieto, deitado lá na caminha dele, apenas olhava o teto. Deve ser parente já que gosta tanto de olhar as coisas, o gavião pensou e pensando se aproximou de mansinho, abriu as asas o mais largo que pode e soltou um pio bem alto, que era pra ver mesmo a reação do menino. É claro que o menino tomou um susto, mas, em vez de soltar um grito ou sair correndo, ele simplesmente arregalou os olhos, maravilhado.

E foi aí que aconteceu: os olhos dele mergulharam nos olhos do gavião e quando deram conta os dois estavam voando. O menino virou ave e o gavião virou menino, tudo misturado num vôo só, o vento batendo na pele, nas penas.

A primeira coisa que fizeram foi visitar os avós do menino, que moravam no interior. Eles viviam numa casa, bem perto de um riozinho, e do lado de uma grande montanha. O menino deu pra ficar olhando as plantas crescerem. Conseguiu ver um pintinho nascendo, desde a primeira bicadinha no ovo. Aprendeu a ver as estrelas, a ver as águas correndo rio abaixo, sem cansar.

Depois voaram para o alto da montanha pra olhar o vale lá de cima. Ele viu os avós trabalhando na horta, viu as galinhas ciscando no quintal, os cachorros

brincando. Quietamente, a tudo o menino olhava. E respirava fundo aprendendo o mundo e rindo, rindo que só ele, por ter virado irmão do gavião. E o gavião feliz por ter virado irmão do menino.

E no instante seguinte já haviam deixado a montanha e estavam de novo no ar, voando. A casa dos avós virando casinha, o riozinho virando um fiapo na terra, os bichos ficando miúdos feito formigas.

E quem disse que o menino tinha medo? Quanto mais alto ele voava, mais alto queria voar. O gavião é que olhava espantado pra tanto lugar novo que ele nunca tinha ido. E tão alto subiram que mergulharam no espaço infinito e viram a própria terra se afastando, feito bolinha azul de vidro.

E então fez-se um grande silêncio. Um silêncio de lugares escuros onde nada se via, só se ouvia o coração batendo no peito porque o gavião e o menino tinham alcançado a órbita dos planetas. Nesse lugar o silêncio só é cortado pela passagem de um meteoro apressado. Alguma coisa assim: chuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu! Ou então chiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii! E o que se via era um rastro dourado atravessando a escuridão. E voando nessa escuridão sem fim aos poucos lá no fundo começou a brilhar um ponto avermelhado. Olha o planeta Marte, gritou o menino quando se aproximaram daquela bola vermelha. E voaram até a lua prateada, até o fogo do sol – mas passamos longe, pra não queimar. O menino, a essa altura, voava sozinho, porque lá em cima não tem gravidade, e ele brincava de flutuar entre uma estrela e outra. Foi numa dessas brincadeiras que o menino encontrou o buraco negro.

Pra quem não sabe, os buracos negros são um dos maiores mistérios do universo. E logo o menino e o gavião branco se jogaram no vazio e, quando viram, estavam diante da maravilha mais maravilhosa que poderiam imaginar. Demoraram ainda um tempo para perceber onde estavam. Tiveram de respirar um pouco antes de acreditar que um lugar daqueles existia.

O que que tinha lá, perguntou, impaciente, um dos indiozinhos, pois o gavião branco parara de contar para atizar o fogo e tomar um pouco de suco de jenipapo para refrescar a garganta.

Pois aquilo era uma mistura de natureza, gente e bicho, coisa nunca vista, continuou o gavião branco. Um lugar com árvores altas e plantas rasteiras, à beira do mar, mas com um rio passando logo ali perto. Uma cachoeira descendo depressa pela montanha, mas com um lago sereno e cheinho de peixes bem ao lado. Os

bichos de terra que havia, pastavam tranquilos. E, de longe, começava a chegar gente pra receber os visitantes. Ei, menino, você por aqui? Deixa eu te dar um abraço, meu menino! O menino olhou bem nos olhos da mulher e a reconheceu. Era sua tia Nininha, tão querida e boa, que já não estava mais na terra. E depois reconheceu o bisavô Eliseu, o tio Ângelo e até a cachorra Farinha, que tinha sido atropelada por aquele caminhão de gás. Estavam todos lá! Como era possível? Faziam festa para o menino, que ria, ria demais, de contentamento. Até o gavião branco, teve surpresa também. Encontrou por lá seu avô, imagine, e o amigo dele, gavião-rei, meio sem penas, velhinho coitado, mas engraçado que só ele! Voaram juntos e eles lembraram as velhas histórias perdidas no tempo.

Passaram horas e horas ali. Os parentes queriam saber as novidades e o menino contava tudo o que tinha visto desde que eles partiram. E quando perguntaram de sua mãe, o menino lembrou que precisavam voltar pra terra!

Hora de voltar, ele disse. Gavião e menino se olharam e de novo mergulharam um nos olhos do outro, despediram-se de todo mundo e tomaram o caminho de volta. Buraco, infinito, estrelas, planetas, asteroides, chuuuuuuuuuuuuuuu! Pousaram gavião e menino no alto da montanha.

Gavião, me leva de novo pra voar contigo outra vez?, o menino pediu.

Mas foi você que me fez voar!, disse o gavião.

Como, se não tenho asas?, o menino se espantou.

Vou lhe contar um segredo, disse o gavião. O que me faz voar não são as asas, não. Eu vôo mesmo é com os olhos de fora, que enxergam qualquer distância neste mundo. Mas esse vôo que fizemos, foram os seus olhos de dentro, sua imaginação, que guiaram nosso rumo e me fez conhecer mundos e gente que eu nunca tinha pensado alcançar. Os olhos de dentro enxergam muito mais longe, coisas que os olhos de fora nem desconfiam.

E o menino imaginou sua casa e sua mãe e num pedaço de instante lá estavam eles voando e logo o menino estava quietinho na cama e o gavião pousado em sua janela. Abriu as asas para voar. E o menino me olhou como se dissesse "volta logo pra gente viajar juntos de novo." O gavião levantou vôo deixando ali na cama aquele menino que não andava, não se movia, não falava, só olhava o mundo e as coisas do mundo. Foi de lá que eu cheguei, agora, disse o gavião.

Os velhos índios e as crianças índias em volta da fogueira ficaram pensando no mistério daquela aventura do gavião branco. Só um indiozinho, o menor deles, rompeu o silêncio:

Queria ser igual àquele menino! Os outros riram e aprovaram o desejo do menino.

Numa tardezinha de verão e de sol manso o menino que não andava, não se mexia, não falava, mas olhava o mundo e as coisas todas do mundo, olhou sua mãe que sorriu, lhe beijou os cabelos e saiu fechando a porta. Um barulho na janela chamou o seu olhar.

Pra onde vamos viajar hoje, menino?, perguntou o gavião branco que acabava de pousar. O menino não respondeu, só olhou e logo os dois, menino e gavião branco estavam cruzando o céu no rumo dos lugares e dos mistérios de que são feitos a imaginação e o mundo.

23. O Príncipe das cinco armas – (Luís Alberto de Abreu)

Longe, muito longe, nas terras das Índias, e muito antigamente no tempo das fábulas, tempo de florestas impenetráveis e escuras onde viviam seres terríveis e monstruosos, nesse tempo de medo e de sombras, vivia um príncipe de nome Waisda, o príncipe das cinco armas. Mereceu esse título por que havia passado toda a juventude aprendendo de grandes mestres as habilidades no manejo de cinco armas: a espada que corta, a flecha que penetra, o machado que talha, a lança que atravessa e a maça que quebra e rompe. Assim armado, e coberto da coragem e da confiança que a juventude lhe dava, saiu pelo mundo numa tarde de sol amarelo e morno. Por tempos e tempos percorreu as grandes distâncias das Índias derrubando adversários, vencendo disputas e maravilhando a todos com suas habilidades com as armas. Tornou-se assim conhecido, esperado em todas cidades e aplaudido por todos caminhos onde passava. Um dia, ao entardecer, próximo da noite, cruzou caminho com um lavrador na entrada de uma floresta.

Senhor Príncipe, disse o lavrador, em nome do que o senhor mais respeita, não entre nessa floresta. Alí vive um ogro, animal fera e espírito maligno num só ser. Seu uivo faz tremer de medo os ossos do homem mais forte e em seu pelo duro, comprido e pegajoso arma nenhuma penetra. Ele agarra cada ser humano que

encontra e se alimenta de sua carne ainda viva. Não queira encontrar com essa bestial criatura.

Obrigado, bom homem, respondeu o príncipe, mas o caminho da vida se faz sempre para a frente e se o destino colocou tal fera em meu caminho, devo enfrentá-la. E, depois, até hoje nunca encontrei criatura que me vencesse. E confiante e sem temor como um leão adulto o príncipe entrou na floresta.

A noite caía rapidamente e a última claridade do dia desapareceu quando o príncipe penetrou no coração da floresta. Ali, nem o rufar de asas, nem pio de ave, nem rumor de animais, só o silêncio que gela o coração. E até o Príncipe das cinco armas estremeceu quando o uivo do ogro rasgou o silêncio e sacudiu a escuridão. A lua acabara de nascer e iluminou o chão forrado de ossos brancos de homens que não se sabe os nomes. E iluminou também as feições do monstro: enorme como uma casa, coberto de pelos, dentes agudos e curvos que escapavam da boca, nariz como bico, braços que se estendiam até quase o chão e olhos pequenos que faiscavam maldade.

Sua carne é minha, gritou o ogro.

Sou o Príncipe das cinco armas e com elas tenho vencido todo inimigo, respondeu o Príncipe com destemor.

Quando seus ossos secarem ao sol ninguém vai saber que eles tinham um nome, riu o ogro. O Príncipe, então retesou o arco e disparou suas flechas, mas todas elas se emaranharam no pelo do ogro sem penetrar sua pele. O Príncipe tomou da espada que sibilou ao cortar o ar, mas perdeu o fio no pelo do ogro. Tentou o machado, mas foi incapaz de retalhar o corpo da fera e a lança quebrou sem perfurar a pele do monstro. Finalmente, o Príncipe pegou a maça e girou sobre a cabeça, a corrente com pesada bola de ferro com farpas pontiagudas e golpeou o monstro com todas suas forças. E o ogro riu do esforço do Príncipe enquanto a maça se perdia em seus pelos pegajosos. O Príncipe pareceu sentir uma ponta de temor, mas recobrando o fôlego gritou: mais forte que minhas armas é meu destemor, não serei derrotado! E atingiu violentamente o ogro com a mão direita fechada. O ogro cambaleou, mas riu outra vez quando viu a mão direita do Príncipe presa em seus pelos. Então o jovem desferiu um segundo golpe mais violento ainda, com a mão esquerda e esta ficou igualmente presa ao monstro. Então, irado, o Príncipe desferiu um pontapé e outro e tanto seu pé esquerdo como o direito ficaram presos ao ogro. Como recurso final o Príncipe juntou todas suas forças e

desferiu a mais terrível cabeçada que a fera já havia recebido em todos os seus encontros com guerreiros. O monstro perdeu o fôlego, mas nem um osso se partiu, nem uma veia se rompeu. E o ogro falou com alguma admiração.

Você foi o mais terrível adversário que enfrentei, um verdadeiro leão humano, mas sua história acaba aqui. Sua carne é minha, rosnou o ogro e o Príncipe sentiu o cheiro podre de sua boca que aberta se aproximava. Então, o Príncipe de nome Waisda, ergueu os olhos para ogro e sem medo respondeu: Minha carne pertence aos meus ossos como minha vida pertence a um poder maior que o seu! Não é você, monstro, que escreve minha história, e não sabemos se aquele que dá a vida e a toma pelos séculos, escreveu aqui a última frase do meu destino.

Por todos esses anos que assolo essas estradas nunca encontrei um homem como este, sem medo, pensou o ogro. E perguntou: Por que não tem medo se você está perto de morrer em meus dentes?

A morte é condição da vida, respondeu simplesmente o Príncipe. E não tenho medo porque trago comigo, dentro do peito, a minha última e melhor arma: um relâmpago, uma faísca de luz indestrutível que é a fonte da vida. Se me comer, você não será capaz de digerir esta arma. Ela vai retalhar o seu interior, romper seus ossos, perfurar sua carne com a força com que a vida vence a morte. Nesse caso, morreremos os dois. Por isso não tenho medo.

O ogro, então, ficou aterrorizado pelo temor da morte e libertou o Príncipe que se afastou para fora da floresta, caminhando entre os ossos de outros guerreiros dos quais não sabemos o nome. E lamentou a sorte de todos que não usaram, talvez por não crer ou por não conhecer, a poderosa arma que todos recebemos ao nascer. Então, saiu da floresta e narrou aos homens essa história antiga que por gerações e gerações foi contada até chegar ao meu conhecimento, descer ao meu coração e através da minha boca chegar aos seus ouvidos.

24. Amazona – (Luís Alberto de Abreu)

'Sou uma amazona!' disse Marina e quando franzi a testa sem entender direito, riscou nos olhos dela uma faísca de luz e ela soltou aquela risada inesperada e boa que nunca vi em outra pessoa. Marina é uma dessas figuras que a gente guarda no coração pra sempre sentir e na memória pra nunca mais esquecer. Uma

dessas amigas que o trabalho, o ritmo da vida e outros rumos afastam da gente. Desencontramos, ela viajou, nos perdemos uma da outra, três anos, e agora ela estava ali, de novo. 'Sou uma amazona', repetiu. E, depois que lembramos as saudades, as lembranças dos velhos tempos e outras miudezas, me contou o principal. E o principal, ela falou, foi as três vezes que havia ficado sem roupa na frente do espelho grande do banheiro de sua casa. Numa das vezes, ela se olhou no liso do espelho e viu a cicatriz ainda recente. Então lhe deu um desamparo de criança que se perdeu da mãe no meio de uma praça cheia. E, antes do choro que veio farto e com razão, brilhou como relâmpago em sua memória a imagem daquela mulher do sonho. Ela, a Marina, tinha sonhado três meses atrás, antes mesmo de saber que precisava de uma cirurgia de urgência, com aquela mulher. Sabe aqueles sonhos que no dia seguinte não saem da cabeça? Foi um desses. A mulher apareceu assim como um vulto que aos poucos a gente consegue ver direito, bem nítido: era linda! Um cabelo bonito, longo, brilhante, mas as feições davam um pouco de medo. Não tinha nada com o rosto, não, que era muito bem feito... eram os olhos, sérios, fortes, que olhavam lá no fundo da gente, definiu Marina. E continuou: ela abriu a boca para me dizer alguma coisa que eu sabia ser importante, mas não consegui ouvir. E logo a imagem dela desapareceu. Estranho, né? Essa imagem ia e voltava na minha cabeça, continuou. Mas porque estou desabando em cima de você toda essa história, se perguntou. E se respondeu com uma meia risada: porque você é minha amiga e eu estou muito feliz.

Um mês antes, na outra vez que ficou em frente ao espelho, sua imagem estava embaçada pelo vapor do banho e ela, subitamente, paralisou os dedos que, ágeis, se movimentavam examinando o seio esquerdo. Alarmada, com uma das mãos abertas limpou o vapor do espelho, mas não conseguiu ver o que as pontas dos dedos da outra mão seguravam. Mas sentia, tinha certeza e teve medo.

O sonho todo era assim como vou contar e se repetia sempre da mesma maneira: era domingo de tardezinha e Marina andava sozinha por uma rua de asfalto e vazia.

A cidade inteira estava em silêncio e parecia não ter mais ninguém além dela.

Um pressentimento de que alguém a seguia a fez apressar o passo e correr até chegar a um portão de ferro, velho e enferrujado, onde a rua acabava. Do outro lado do portão, uma mata que começava a ficar sombria no final da tarde. Olhou para trás e viu uma mulher velha. E, no sonho, Marina ficava ali parada, com medo

de ir frente, com medo de voltar. Era nesse momento que aquela mulher linda e cujos olhos lhe davam tanto medo, saía da mata e caminhava em sua direção.

A imagem dessa mulher do sonho penetrou dentro de sua revolta naquele dia em que ela voltava a pé para casa vindo do consultório do médico. Trazia na mão o exame e se perguntava: por que eu? Eu que fiz tudo certo na vida? Marina parou e olhou em volta. E se sentiu sozinha no meio daquela cidade que se espalhava a partir dela. No meio do mundo. Retomou seu caminho. Ela chorava um pouco sem se importar com as pessoas que cruzavam com ela: tinha todo o direito. Depois disso choveu, ventou, dias compridos e noites curtas, cirurgia, semanas sobre semanas, o inverno se estendeu além da conta e a primavera vinha não vinha; seu cabelo caiu todo e ela se sentia caminhando sozinha numa cidade cheia de gente. Dentro dela, tudo de pernas para o ar, a única coisa que não mudou foi o sonho que volta e meia voltava no seu sono.

Agora estava pela terceira vez em frente ao espelho, seis meses após tanto susto, solidão e medo. Olhou a cicatriz e sorriu, e lembrou-se da noite passada, a última vez que sonhou com a mulher. Como das outras vezes Marina chegava ao portão de ferro e, como das outras vezes, a mulher surgia da mata, mas dessa vez ela ouviu quando a mulher lhe fez um sinal e disse 'Não tenha medo! Vem! E, então, teve certeza de conhecer aquela mulher. Aquela mulher linda que caminhava em sua direção, nua da cintura para cima, e que tinha apenas um único seio.

No dia seguinte, Marina se lembrou onde tinha visto aquela mulher. Folheou um velho livro de mitologia e reconheceu na pintura de um artista a mulher do sonho: uma amazona. E soltou no ar, pela primeira vez depois de muitos meses, aquela risada inesperada e boa. Uma amazona, uma daquelas mulheres guerreiras das antigas histórias da Grécia. Mulheres guerreiras, fortes e corajosas, que lutavam para defenderem sua liberdade, seu território, sua forma de viver, seus desejos. E para melhor manejar o arco e a flecha na luta elas próprias cortavam um dos seios.

Foi isso o principal que aconteceu comigo nesses anos em que estivemos separadas, disse a minha amiga Marina. E completou: no sonho, deixei para trás a velha mulher que me assustava, atravessei o portão e entrei na mata com coragem. A cicatriz ainda trago aqui comigo, mas não é nada que uma cirurgia plástica não resolva. Aliás, nem a vejo como uma cicatriz, vejo como uma marca da mulher que estou me tornando. A amazona agora sou eu. E Marina soltou no ar aquela sua risada inesperada e boa.

25. Cem noites para uma mulher – (Luís Alberto de Abreu)

Contam que essa história foi narrada por muitas bocas e muitos ouvidos a guardaram através dos tempos. E não duvidem dela, porque, no começo de tudo, estava uma moça que viu com os olhos e com o coração todos os acontecimentos que vou narrar. Um dia essa moça, bonita como a lua, ouviu falar de um rapaz que estava completamente apaixonado por ela. Ela riu e falou com um pouco de desprezo e muito de descrença: “Conheço essas paixões. São feitas de palavras e palavras são apenas vento e som, não duram mais que poucos dias. O amor que acende essas paixões se apaga ao sopro das primeiras dificuldades, disse ela. E continuou: Coração da gente é tesouro e não é qualquer um que merece tocá-lo.” Assim disse a moça e disse mais isso ainda: Que ele passe cem noites debaixo de minha janela e depois, talvez, eu lhe abra uma fresta da porta do meu afeto!

O rapaz ouviu, concordou e cheio de esperança sentou-se debaixo da janela da moça para passar ali a primeira das cem noites. Informada, a moça não deu importância e dormiu na paz e no silêncio de que são feitas as noites. Mas na noite seguinte, um comichão de curiosidade a levou até a janela e, pela fresta, ela viu o rapaz sentado, o rosto erguido e os grandes olhos fixos em sua janela. Não desgostou do aspecto, nem do semblante, nem do jeito do moço, mas deu de ombros, e foi dormir. De manhã, acordou cansada. Vasculhou a noite anterior, mas não se lembrou de momentos de insônia, nem de sonhos bons ou maus que a tivessem perturbado. Não deu muita importância ao fato, mas o cansaço se repetiu na terceira e na quarta manhã como se tivesse passado as noites em claro. Na quinta noite acordou no meio do sono com o coração agitado. Correu à janela e olhou pela fresta: lá estava o rapaz, olhar fixo na janela. Iluminado pela leve luz da lua, o rosto dele pareceu-lhe delicado, os olhos grandes eram bonitos e limpos, a expressão era boa e o corpo e os gestos, suaves e agradáveis. Não se sabe se essa impressão que o rapaz lhe causava se devia aos seus olhos ou ao seu agitado coração. Quis voltar à cama, mas não arredou pé dali e quando conseguiu se deitar trouxe consigo a imagem dele e quando finalmente dormiu a imagem do rapaz passou a morar em seus sonhos. Durante uma semana, irritada e de mau humor, negou todas as evidências, mas na décima-terceira noite reconheceu: era paixão. Seu primeiro impulso foi escancarar a janela e dizer ‘sim’, sorrir e dizer ‘vem!’, o segundo impulso foi conter seu coração. E assim se manteve por dias, indecisa, ora

sonhando em se deixar levar pelo sopro do desejo ora negando cada sonho e cada desejo.

Na vigésima noite choveu e ela viu na escuridão o vulto do rapaz, imóvel, sob o vento que agitava a cortina de chuva. Duas noites depois ouviu o primeiro acesso de tosse, depois percebeu a febre que ela adivinhou pelo corpo trêmulo e pelos ovos vermelhos que ele mostrava, imóvel, debaixo de sua janela. Na trigésima terceira noite ela chorou de dó e de medo ao ver o rapaz consumido pela febre. E lastimou o sofrimento do rapaz e o próprio sofrimento. Levou a mão à janela para abri-la, mas a mão ficou no ar sem tocar o trinco. Se abrisse significava que escolhia o rapaz, mas ela ainda não tinha certeza que seria ele o companheiro de sua vida, afinal nem um terço dos cem dias se haviam passado. Às vezes, por amor, temos de ser cruéis ela pensou com alguma sabedoria. E esperou. Aflita, com pedra e chumbo no peito, ao ver sob a chuva que não cessava, a figura friorenta, cambaleante, que esperava a janela se abrir. Mas ela voltou a sorrir quando dias depois a chuva cessou e sem ela a tosse e a febre se foram. E as noites seguiram iguais em sonos tumultuados, coração sobressaltado ora por um desejo forte, ora por uma infinita ternura por aquele homem cuja determinação e sacrifício ganhava mais e mais sua admiração.

A noite número sessenta trouxe consigo um vento furioso e um frio de cortar lábios, endurecer pés e esfriar o coração. Foi então que chegou aos ouvidos da moça o murmúrio do povo: 'coração de pedra!' 'Até quando, por puro capricho, vai torturar assim o pobre rapaz?!' 'É uma desalmada!' chegou a gritar, uma tarde, uma velha que passava em frente a sua casa e para expressar sua pura raiva atirou uma pedra contra sua janela e arrematou com palavras duras e maldições. A moça, primeiro se espantou, depois entristeceu, finalmente sentiu uma ponta de dúvida: será que ela não foi exigente demais? Arrogante demais? Cem noites é muito tempo, talvez tempo demais! Anoiteceu e ela correu à janela e, pela fresta, viu chegar um rapaz emagrecido e triste, uma sombra cansada daquele rapaz esperançoso que começou aquela espera. E gelou de medo que ele se cansasse, que ele adoecesse de novo, que o sentimento dele durasse menos que cem noites e ela perdesse para sempre alguém que por mais de dois meses tinha passado tanto sofrimento por ela. E chorou, não se sabe se de dó, se de medo, se de gratidão, se de amor. Ou de cansaço. Digo isso porque quem visse a moça ia perceber: depois de tantas noites mal dormidas ela também era só uma sombra do viço e da beleza que tinha sido. O amor exige muito daqueles que amam, ela pensou, e eu digo que

ela foi sábia em pensar assim. E assim passaram-se outras noites até a noite número 77. E guardem os acontecimentos dessa noite porque foram os mais importantes de toda esta história. O ar estava quente e parado e se alguém acendesse uma vela lá fora a chama permaneceria completamente imóvel naquela noite sem sopro de brisa. A moça enxugou o suor do rosto e olhou para fora. Primeiro gelou de preocupação: o rapaz estava tombado ao chão. Depois, o desprezo tomou o lugar da preocupação: o rapaz simplesmente dormia! Uma raiva repentina lhes subiu à garganta e ela abriu a janela com violência para gritar ao rapaz se era dormindo que ele guardava sua janela. Mas segurou a raiva dentro da boca e fechou novamente a janela. Decepcionada, sentou-se à cama e chorou lágrimas confusas, de raiva e de compaixão. Um suspiro de tristeza a leva até a janela: lá embaixo o rapaz aperta com as mãos a cabeça desorientado, indo e vindo como louco. Ela, então, se coloca dentro do cansaço dele, dentro de tantos dias da espera dele, e entende que o desespero dele é pelo medo tê-la perdido. E talvez a tivesse perdido de fato. Ou talvez não, nem ela sabia. O fato é que a partir dessa noite ela passou a viver num canto distante da casa, não queria mais sofrer tanto. Mas começou a sofrer um tanto mais: começou a ter medo de que o rapaz desistisse e o imaginou se levantar e se afastar com rosto raivoso e passos duros maldizendo a tortura dos cem dias que ela havia pedido em sacrifício. E quis voltar à janela para vê-lo ou pelo menos ouvir algum ruído do lado de fora que denunciasse a presença dele. Mas se manteve fiel à sua promessa. E quis que tudo se acabasse logo, estivesse ele lá ou não. Paixão é mistura de muitas grandes coisas, ela pensou. E assim passaram outras noites. Na última semana seu coração lhe deu uma certeza: ele não estava mais lá. Ela exigira demais. Essa certeza a torturou até a última noite que passou muito mais lenta que todas as outras. Os primeiros raios da manhã anunciaram o fim de espera e ela vai à janela antevendo rua vazia. E imaginou o povo maldizendo e rindo do resultado do capricho maldoso que ela tinha inventado. Demorou-se em frente à janela, escutou e tentou adivinhar o que lhe dizia o silêncio da aurora. Não lhe disse nada. Então com o mesmo tanto de coragem e tristeza abriu a janela e ele não estava lá. Já se afastava triste, com a certeza de que ela não abriria a janela uma segunda vez, ele confessaria mais tarde. Mas o ranger das ferragens do trinco e estalido da janela que se abria atravessaram o ar e o alcançaram antes que dobrasse a esquina. Ele para e se volta, cansado. Ela, cansada, sob a luz do dia que nasce, lhe sorri como um sol.

Não lhe digo se falaram, se choraram ou se gritaram a alegria merecida depois de tanto esforço. Não vou descrever com palavras o que o silêncio descreve melhor. Amantes pedem respeitoso e sagrado silêncio. Psiiiiuiuu!

26. Cem noites para um homem – (Luís Alberto de Abreu)

Dizem que veio rolando pelos tempos, passando de boca em boca, das mães para filhos e para netos, e de netos para filhos e para outros netos, uma pequena história. Durante séculos essa história sobreviveu forte, narrada nas noites de serão, na alegria das festas, repetida nas tavernas e nas reuniões de família depois do trabalho. Depois, o mundo mudou e na mudança muita coisa se perdeu, se quebrou, se esqueceu, inclusive esta história de outro tempo.

Contam que naquele tempo um rapaz se apaixonou perdidamente por uma moça como acontece em qualquer tempo. Acontece que a moça estava cansada: já tinha ouvido muitas declarações de amor de muitos jovens ardentes e apaixonados, mas eram palavras que o vento varria e paixões que duravam o tempo de um pequeno fogo: as brasas brilhavam com intensidade e desapareciam logo sem deixar lembrança. A moça não acreditava mais em palavras. E, para saber se, de fato, o rapaz merecia o milagre que tinha brotado nele – pois toda paixão é um milagre – e se o fogo daquele sentimento era forte o bastante para enfrentar o tempo, ela não o recebeu. Apenas mandou o recado que ele permanecesse durante cem noites debaixo de sua janela e, talvez, em uma delas, ela a abrisse.

E assim foi. Na primeira noite lá estava ele atento, olhos fixos na janela. Ele sorria como um bobo – pois todos amantes sorriem como bobos - à espera que a janela abrisse. A noite passou, despontou a aurora e a janela não se moveu. Ele não se importou, sorriu e foi preparar-se para a segunda noite. A segunda noite veio e se foi, da mesma forma que a terceira, a quarta e a quinta, e a janela não se abriu. Na sexta noite ele pensou em cantar para expressar seu amor, mas não quis perturbar o sono da amada se ela estivesse dormindo. Na sétima noite brincou de imaginar que sonhos ela estaria sonhando e na oitava tentou criar um poema que traduzisse a força de seu coração. Não conseguiu. E assim passaram-se outras noites. Na vigésima noite choveu e as estradas se tornaram lama e na trigésima noite a chuva continuava e ele, exposto ao vento, à chuva e ao frio, tossiu: adoeceu. Na trigésima

terceira noite - quem viu, contou – a imagem cambaleante e febril daquele rapaz postou-se debaixo da janela da moça e ali ficou, tossiu em febre e frio. Dizem que, cinco dias depois a febre se foi e o rapaz deu um salto, renovado, e pôs-se em alerta: no silêncio da noite ouvira o ruído de trinco começar a destrancar-se, mas foi apenas uma brincadeira de sua imaginação e de seu desejo. E assim correram as noites e as semanas.

A noite número sessenta trouxe consigo um vento violento e um frio de cortar lábios, endurecer pés e esfriar o coração. Ao ver o rapaz exausto por tantas noites de espera, o povo do lugar começou a murmurar contra o coração caprichoso e cruel daquela moça que exigiu tão difícil tarefa. E incentivou a revolta no coração do rapaz. É bem possível que uma raiva surda tenha subido de seu coração pois o rapaz se levantou deu dois passos em direção à janela, estendeu o braço como se fosse falar, mas voltou a sentar-se em silêncio. Na noite seguinte passou o tempo a sorrir olhando a janela, imaginando talvez o que faria, que palavras escolhidas diria, para que terras felizes eles viajarão depois que a janela se abrisse. Foi isso que as pessoas leram no brilho de seus olhos. Uma noite depois, quem viu, contou, e quem ouviu seus suspiros sentiu pena daquele rapaz emagrecido e triste que por tantas noites montava guarda à janela daquela moça. E, outra vez, desaprovaram a atitude daquela mulher de tão duro coração. E contam que três noites depois veio o baque: o sentimento do rapaz simplesmente se gastou. Ele vasculhou o corpo e a alma a procura de uma migalha, uma centelha que fosse do intenso fogo do primeiro dia: em vão. Dentro dele só havia cansaço, sono, um tanto de tristeza, outro tanto de mágoa. E ele pensou durante muito tempo e muito seriamente que, talvez, ali, alguém não se merecia: ou ele não merecia aquela mulher tão difícil de contentar ou ela não merecia o tamanho do seu esforço. O sentimento dele havia fugido, a janela continuava fechada e ele suspirou um ar de desânimo e se voltou para abandonar a guarda. Mas era teimoso – pois os amantes são também teimosos – e se aconselhou: “o que foi, volta e o que morre nasce novamente. Minha paixão há de voltar”, escutaram o rapaz murmurar. Sei lá por quais terras e mundos, quais estradas e caminhos a paixão do rapaz percorreu, mas o que se conta é que, na noite número 77, - era uma noite quente de ar parado - o sentimento retornou leve como vento e, de felicidade, ele riu e dançou em silêncio uns passos ridículos – pois, é verdade, os amantes em geral fazem coisas ridículas – Mas, eu dizia, o sentimento renovado da paixão cresceu, expandiu, tomou o mundo. E o mundo era seu

coração. E ele deixou-se embalar por aquela alegria, navegou naquele vento e sonhou. Sonhou, de fato, porque estava tão exausto por tantas noites de vigília, que adormeceu. No sonho, ele continuava de olhos fixos na janela com o coração cheio até à boca de esperança. Então, primeiro o trinco rangeu, depois a janela se entreabriu, escancarou e mostrou aquela beleza que tanto esperou o seu coração. Mas no momento seguinte sobreveio o susto e a aflição ao ver a expressão de raiva da moça e logo ecoou o estrépito da janela se fechando. Então, o rapaz saltou do sonho para o mundo onde a aurora começa a nascer e ele viu a janela fechada. O som de janela que se fecha com raiva em seus batentes ainda soava no ar ainda escuro da madrugada e ele teve a desastrosa certeza: a janela se abriu e ele dormia. Ele perdeu para sempre. Ninguém viu o rapaz durante todo o dia, mas imagina-se que ele viveu o inferno – pois, para os que se apaixonam tanto o inferno quanto o céu estão a um passo –, por causa dos longos suspiros e dos olhos inchados que ele mostrou quando sentou-se ao pé da janela na noite seguinte. Não se sabe o que ele esperava. Talvez compaixão por sua tristeza tão evidente, talvez reconhecimento por tantas noites passadas em branco, talvez palavras duras e recriminações, talvez... Mas as noites seguintes se sucederam iguais, uma depois da outra, e ele ali, fraco, frágil, teimoso e infeliz, só com uma esperança tão vaga que mal se percebia em seus olhos. Quem prestasse muita atenção surpreenderia um suspiro triste, triste, triste; quem olhasse bem poderia entrever rapidamente, à luz da lua, quando ele levantava a cabeça em direção à janela, os olhos quase a transbordar. Na noite número 96 finalmente ele desistiu: levantou-se com dificuldade – as pernas já não lhe obedeciam mais – suspirou de cansaço e desamparo e afastou-se até quase sumir de vista. Parou e quem olhasse veria apenas uma pequena sombra no fim do caminho. E quem continuasse olhando veria a pequena sombra movimentar-se e crescer enquanto retornava ao lugar de onde havia saído. E ali, sob a janela o rapaz ficou durante toda a noite. E a janela não se abriu. E foi assim que chegou a centésima noite. Noite fria. Escuro, vento e névoa. E uma grossa camada de gelo sobre o coração do rapaz. A noite correu lentamente sobre os olhos cansados, fixos na janela fechada. E quando clareou o vermelho da aurora ele, que agora era uma sombra de tristeza e desesperança, se levantou e quem ouviu, contou: “ele disse: A janela se abriu naquela noite, agora tenho certeza. Perdei meus cem dias. Não a mereci.” Deu as costas à janela e afastou-se. Deu dois passos e ouviu: ranger de ferros, trinco, madeira que vibra, escancarada. Ele se

volta: as janelas estão abertas e lá está ela sob a luz do dia que nasce.

Mais não sei. Que seu coração imagine os gestos, a alegria, as palavras daquele rapaz e responda a tantas coisas sem respostas que essa narrativa nos traz.

27. A Tonta – (Luís Alberto de Abreu)

Tem gente que é muito mais do que parece. A Dalva é uma dessas.

Sabe essas noites bem frias de inverno com aquele nevoeiro grosso? Nessas noites a gente se sente sozinha no mundo. Numa noite assim a Dalva chegou em casa, exausta do trabalho, desabou no sofá e disse pra quem quisesse ouvir: Pra mim, chega! Tinha sido um dia de cão. A Débora, sua filha, já tinha saído para a escola e logo, do quarto, a sua mãe lhe chamou. Respirei fundo e não quis responder, ela me disse. E continuou: confesso que não tinha nenhuma vontade de atender minha mãe, mas levantei e fui. Minha cara devia estar tão feia que ela me olhou espantada:

---Aconteceu alguma coisa? ---Aconteceu, mãe, nasci boazinha demais, resmunguei. E suspirei: está pesado, mãe, muito pesado! Minha mãe me olhou sem entender e eu fui ajeitá-la melhor na cama, dar o remédio, conversar um pouco com ela. Ela me respondia com dificuldade, aos tropeços e sem muita noção, você sabe, a idade, o AVC... Cuidei, preparei a janta, olhei pela janela e lá fora a neblina continuava a cobrir a noite e eu pensei: é injusto! Um irmão foi tirando o corpo, outro falou que a mulher dele não queria, uma irmã disse que não tinha lugar em casa e sabe o que me disse outra? Que não tinha paciência pra cuidar dos outros! E assim todo mundo pulou fora e a velha mãe foi sendo empurrada para a tonta, aqui, a boazinha! É injusto! Era assim que Dalva me contava daquela noite... mas, deixa eu lhe dizer: Dalva é uma mulher miúda e quem olha pra ela não desconfia a força e a vontade que moram naquele corpo pequeno, mas naquela época ela estava passando por um mal pedaço. Primeiro, o marido que eu achava que não valia grande coisa, mas que ela dizia gostar: morreu depois de uma doença meio longa, deixando a filha adolescente. Depois o derrame da mãe. E para completar a situação no emprego, o de sempre: muito trabalho, pouco reconhecimento e pouco salário. Cansei, ela repetiu, e continuou: sentei no sofá e dormi sem nem sentir,

sonhei com a minha avó, uma velha parteira que vivia dizendo "ser bom é muito difícil", coisa que eu nunca entendi direito. Passou um tempo que não sei medir, ouvi um barulho e acordei assustada: era minha filha chegando da escola. Já era noite velha e fui ver minha mãe que dormia, dei boa noite à filha e adormeci decidida a mudar de vida no dia seguinte. 'Ser bom é muito difícil'. Acordei com essa frase da minha avó na cabeça, fui ruminando pelo caminho e até chegar no trabalho já tinha entendido seu significado. Todo mundo pensa que sou boa por natureza, que nasci assim, como se ser solidária ou ter compaixão fosse um traço de caráter, uma marca que a gente trouxesse do nascimento. Tem gente que nasce esperta e tem gente que nasce boa, coitada!, é isso o que as pessoas pensam, que ser boa é fraqueza de caráter. Puxa vida, cuido de minha mãe não porque sou tonta, mas porque ela precisa. Ah, a Dalva é boazinha!, mas ninguém carrega a dor que tenho nas costas, nem sente a falta das poucas horas de sono. Ninguém entra na minha pele para sabe o que custa ser boazinha! Minha avó é que tinha razão: 'ser bom é muito difícil!' Cheguei ao trabalho, marquei uma conversa com minha chefe para o fim do expediente e passei o dia atendendo um, dando remédio a outro, aplicando injeção, de olho no soro e pensando em minha transferência de setor. Pra mim, chega!, eu repetia vez por outra. No final da tarde, ao trocar o soro do 'seu' Viana, o coração apertou. 'Seu' Viana é um velho franzino, bem doentinho, que, à primeira vista, ninguém dá nada por ele, até olhar em seus olhos: vivos, alegres, de uma bondade forte, de gente que não se entrega. 'Gosto tanto desse mundo que daqui só saio com muita briga', dizia ele, volta e meia, antes de soltar uma risada. Naquela tarde ele não riu quando brinquei com ele, estava muito mal e talvez por isso minha decisão de dar um basta a tudo fraquejou um pouco. Eu torcia por ele nos momentos de piora e comemorava com ele os momentos melhores, acho que eu queria estar ao lado de 'seu' Viana para participar daquela briga boa, vê-lo se restabelecer, talvez. Mas pensei em minha decisão e resolvi que ia cumpri-la. O expediente chegou ao fim e lá fui eu.

Falei, falei, expus minhas razões e motivos enquanto minha chefe, a Tereza, me olhava, séria. Tereza é uma senhora beirando os sessenta anos, calada, decidida, às vezes até rude ao tratar com a gente. Me olhou e olhou com aqueles olhos grandes, lá dela, bem dentro dos meus olhos até quase eu ficar sem graça. Depois, falou : "Lamento muito que você esteja nos abandonando." E só. Eu já ia me levantar quando ela continuou: E lhe dou inteira razão. Quantas e quantas vezes eu

não me achei uma tonta! Até o dia em que vi numa revista a foto do crânio de um homem que viveu há mais de cinco mil anos atrás. A notícia dizia o homem tinha morrido com mais de cinquenta anos, velhíssimo para a época, e havia nascido incapaz fisicamente, ou seja, não podia caçar, nem plantar, nem colher. Não tinha como sobreviver. No entanto, numa época quando as pessoas viviam menos do que trinta anos, pelo menos três gerações de pessoas se revezaram para alimentar, agasalhar, cuidar daquele homem. Entendeu?, ela perguntou. Eu não sabia aonde ela queria chegar e ela continuou. Não era rei, nem pessoa importante e, no entanto, cuidaram dele por mais de cinquenta anos! Teria sido mais fácil deixar morrer assim que nascesse, mas não fizeram isso! Ela me olhou e concluiu: nem você nem eu somos tontas, Dalva, somos iguais àquelas pessoas, somos gente que cuida. Fazemos parte desse tipo de pessoas que, desde o princípio do mundo, acolhe, cuida, cura ferimentos. assiste, alivia. acompanha a alegria quando a criança nasce, está junto do paciente quando tem alta e conforta os que vão e os que ficam. E não é fácil ser assim, não é fácil continuar assim, não é fácil deixar de ser assim.

É destino? A Tereza riu. Não tem nada a ver com destino. Fui me fazendo assim, cuidando de pessoas porque percebi que no mundo já tem gente demais que fere, que maltrata, que descuida, o mundo já tem negligência demais. E a gente não vai ganhar aplauso nem prêmio por ser assim, não tem glória nenhuma, mas eu sei que fazemos parte de um tipo de gente que há milênios sustenta e conserva o mundo. Não conte pra ninguém, mas se o mundo está melhor ou não piorou ainda até o insuportável é porque tem gente que cuida.

Sabe essas noites bem frias de inverno com aquele nevoeiro grosso? Foi numa noite assim que descobri o que sou no mundo. Tudo continua a mesma coisa, minha mãe, minha filha, meu emprego, o seu Viana lutando com a doença e eu torcendo por ele. Tudo está igual menos eu: tenho um grande orgulho do que sou, disse a Dalva.

28. Sabiá – (Luís Alberto de Abreu)

Infância é um porto seguro, tempo sem ânsias, tempo que nós, aqui no futuro, olhamos pra trás. Muito tempo, muito tempo faz. Lá, num canto quase incerto da memória jaz aquele quintal de outrora onde achei um sabiá. Não cantava, piava o

filhote e, note você que me ouve, meu coração de criança se apertou emocionado. Cuidado, disse meu pai, alimente a criatura. E no sol quente da tarde, uma mistura de alegria e orgulho estufou meu peito. E com muito jeito, cuidei. A avezinha cresceu e um dia voou e antes que meu espanto virasse tristeza um canto de tanta beleza abriu meu riso e de improviso encheu o ar. De cima da mangueira cantou, cantou quase até cansar e se foi... mas voltou outras vezes, outros dias e durante meses cantou na abundância de luzes que são os dias da infância. Uma vez não pousou, tombou ali perto, decerto ferido a pedrada, piava de dor eu gemia de dó. No covo das mãos recolhi de novo e cuidei. De novo voou, de novo cantou, de novo se foi, de novo voltou. E assim o tempo passou, cresci. E o sabiá sempre ali perto com exato e certo costume de cantar, partir e voltar. Até que, muito tempo depois, numa tarde, seu canto soou pela metade e, de súbito, parou. Corri ao quintal e vi o sabiá já velhinho caído no chão. Recolhi o corpo quente já quase sem vida e como despedida, sem pensar, cantei uma canção de ninar. Ah, que o mundo seja um quintal onde se cante, exista sempre uma mão que cuide, afague, e depois de tudo vivido eu também feche meus olhos com uma canção. Pra quem não crê seja este um desejo, pra quem crê seja uma oração.

29. Sonho é assim – (Luís Alberto de Abreu)

--- Sonho é assim: parece que a gente vive sem querer, voa sem ter asas, prova do bom sem aproveitar e do ruim sem padecer. Parece que não, mas sonho tem muito sentido. Era assim que minha avó começava a contar na cozinha, pela centésima vez aquele sonho que tivera anos atrás. Netos de toda idade se juntavam em volta dela para imaginar pela centésima vez a mesma história. O zum-zum-zum cessava, a Tv ficava falando sozinha na sala e os olhos da gente se enchiam com as imagens que as palavras dela devagarinho vinham trazendo pra cabeça da gente. E a gente saía do mundo. Voava dentro da história, por assim dizer.

--- Olha só: ela falava, eu andava por uma estrada de asfalto. Deserta, nem tico de luz nem nadico de ruído de carro, gente nenhuma se via. Era noite, eu caminhava e, quando dei fé, cadê?, a estrada acabou. Começava um rio ali onde acabava a estrada. Medo, um pouco sim. Mas entrei no rio e quando a água chegou no pescoço, não tinha mais rio. Tudo virou uma escuridão de não se saber para

onde se ia nem onde se pisava. Tudo silêncio, tudo quieto e eu andando devagar, devagarinho, tateando na escuridão, procurando um risco, um ponto de luz. Nada. Parei e aí veio o medo forte, de quase parar respiração. Mas não era o medo de estar ali, era o medo de ir em frente. Mas voltar pra onde? Juntei o que tinha de coragem e fui. Um passo, dois, e logo vi uma estradinha no meio do mato e o escuro virou tarde de sol mansinho e corri pela estradinha. Eu já sabia aonde ela ia dar. Na rua da minha infância! Olha lá o Noca, o Assizinho, o Lipe e o resto da molecada jogando bola na poeira da rua, o gol eram dois paus fincados na terra. Mais adiante as meninas de mãos dadas cantando bonito uma brincadeira de roda; a Marininha e a Talia fazendo bolo de barro e até a chata da Zenilda, que sempre me mostrava a língua, deu gosto de ver. Pião, corda, pega-pega, fubeca, lenço atrás, cantiga, a rua da minha infância tinha criança até perder de vista. E risada boa, grito de susto, corre-corre de pés descalços e muita poeira no ar.

--- Celinha! Eu me volto e era minha mãe que chamava. Nesse momento, minha avó suspendia a narração e qualquer um podia ver no brilho de seus olhos a saudade de sua mãe. Passado um momento ela continuava com sua voz mansa e viva: ali, no portão, conversando com a dona Nelica, sempre gorda, sempre de vestido florido, estava minha mãe. Ela que já morreu há tanto tempo estava ali, fresca, jovem, bonita como era sempre. Corro e, pequenina, abraço suas pernas sobre o vestido. Ela baixa a mão e faz cafuné em meus cabelos e, sem querer nem pensar, me escapa uma risada tão sem razão nem precisão que até agora eu escuto. E a luz da tarde enfraquece e o amarelo do sol fica só no céu. E a rua escurece e tudo se recolhe. É noite de novo e eu, lavada do pó da rua, deito minha cabeça no colo de minha mãe sentada no banco da cozinha. Ela pousa a mão sobre mim, meu pai come atrás do vapor que sai da sopa. Conversam e eu não quero mais nada. Respiro fundo e logo durmo. E cai sobre mim a escuridão.

Dois dias depois desse sonho, contava minha avó, eu estava numa mesa de operação. Falar verdade, um pouquinho de medo eu tinha, mas fui confiante. E até hoje quando o medo me ronda eu vou pra rua de minha infância e volto de lá carregada com um peso bom de coragem e confiança.

Minha avó não está mais aqui. Com certeza ela mora lá na rua de sua infância, rua de crianças a perder de vista, que brincam descalças na poeira da rua ao sol amarelo da tarde. As mães olham os filhos enquanto conversam no portão.

30. Milagres Acontecem – (Luís Alberto de Abreu)

“Milagres acontecem”, me disse uma vez um velho judeu, amigo de muitos anos. “Antigamente aconteciam mais, hoje não. As pessoas não sabem mais como consegui-los.”

Eu sorri e meio descrente, perguntei: “E existe jeito de conseguir um milagre?” “É claro! Não adianta pedir e esperar, rezar e esperar! Deus não faz o milagre inteiro, faz só metade”.

O velhinho logo percebeu que eu queria uma explicação pelo jeito que franzi a testa.

Então, piscou os olhinhos pequenos e espertos por trás do óculos de grau, sorriu sobre a barba longa e bem branca e falou:

“Ouve: Quando Moisés e os judeus saíram do Egito, andaram pelo deserto até esbarrar no mar vermelho. Dizem que Deus abriu as águas e o povo atravessou o mar a pé enxuto! Não foi bem assim. O mar enorme impedia a passagem e os judeus pararam sem saber o que fazer. “Voltar para a escravidão do Egito?” “Morrer no deserto?” “Se era pra isso, pra que liberdade?” “Pra morrer tanto faz no Egito quanto no deserto!” Dizem que resmungaram assim contra Moisés.

E a coisa piorou e virou confusão, revolta e desânimo quando o povo viu lá longe, uma nuvem de poeira que lentamente crescia na direção deles. “É o exército do Faraó”, alguém gritou adivinhando o que todos já sabiam. E o medo percorreu cada homem, o desespero tomou posse de cada velho, gemidos abriram a boca das mulheres e o choro das crianças subiu aos céus. Mas dizem que Deus, no alto, permaneceu impassível.

Lá embaixo, ordens desencontradas, gritos. “Vamos voltar e pedir perdão ao Faraó por querer a liberdade!” “Não! É melhor afogar no mar do que a escravidão” “Vamos reagir com pás e enxadas, com as mãos e com paus”. Mas com certeza, os judeus imaginaram seus corpos cortados pelas espadas, suas mulheres pisoteadas pelos cavalos, suas crianças sob as rodas dos carros de batalha.

Então ajoelharam, prostraram a cabeça no pó do deserto, choraram e pediram a Deus. E dizem que lá no alto, Deus continuou impassível. Agora já se distinguiam os cavalos, os carros de guerra e as armas dos egípcios brilharam na luz do Sol. E então, mais alto, mais dolorido, o clamor do povo subiu aos céus. E mesmo assim Deus continuou impassível. E o povo já começava a se conformar

com a morte, a dizer “a vida não tem mesmo sentido”, “ninguém muda o que já está escrito” e “a esperança é só uma palavra tola na boca de tolos”.

E foi justo nessa hora que uma mulher gritou: “Deus nos mandou caminhar até a terra prometida. Parados aqui, nunca chegaremos lá!” E levantou um filho pelo braço, tomou outro pela mão e entrou no mar. E, em silêncio, o povo olhou aquela louca que penetrava nas ondas e olhou o exército egípcio cada vez mais perto.

Então se levantaram, pegaram seus pertences, seis animais e filhos e entraram no mar. Mas as águas não se abriram. As ondas derrubavam homens e arrastavam crianças e os velhos. E eles se levantavam de novo e continuavam a seguir a mulher que continuava a caminhar em direção à terra prometida. E já perdia o pé e afogava no esforço de erguer seus filhos sobre a cabeça.

Lá do alto, Deus olhava aquele povo louco que, confiante, buscava o impossível. Em silêncio, caminhavam em frente afundando nas águas e caminhariam até se afogar ou até atravessarem o mar. E dizem que, então, um leve tremor sacudiu o rosto impassível de Deus e um suspiro de emoção brotou em seu peito. E dizem que o suspiro de Deus varreu o mar e abriu suas águas. Essa foi a segunda metade do milagre.”

31. O menino que dizia sim – (Luís Alberto de Abreu)

Houve uma vez um menino que só dizia “sim”: sim; sim, senhor; sim, senhora; como não? Dizem que ele resolveu agir assim quando percebeu que as pessoas não gostavam de receber um “não”. Um “não” deixava as pessoas contrariadas, mal humoradas, irritadas e, às vezes, até tristes. Ah, mas um “sim”... Com um “sim” todos ficavam diferentes, dispostos, amáveis, simpáticos; um “sim” fazia amigos. E assim ele começou a dizer “sim” a todo mundo, pais, professores, amigos, colegas de escola. Está certo que às vezes era difícil dizer tanto “sim” a todo mundo e para todas as coisas, mas ele foi aprendendo a dizer “talvez”, “quem sabe”, “pode ser” que, vamos concordar, não é o mesmo que dizer “sim”, mas também não tem a aspereza de um duro e seco “não”! E assim ele foi vivendo, solícito, coberto de elogios, considerado um garoto exemplar e amigável. É certo que algumas vezes ele, irritado por alguma coisa, sentia que um sonoro “não!” pulsava em sua língua e enchia sua boca, mas, como o hábito é coisa forte, ele se segurava e, no máximo,

dizia “pode ser” ou “concordo em parte”. Terminou a infância e no meio da adolescência ele continuou dizendo “sim”, mas, lá no fundo, tremia ao imaginar o que seria o seu futuro se ele continuasse a concordar com tudo, em ceder em tudo, em fazer tudo que seus pais, seus amigos e colegas exigiam dele. Mas como dizer “sim” tem seu lado bom, ele continuou ainda um tempo sendo simpático, elogiado, benquisto. Ele tinha medo de mudar, de perder amigos, colegas que ele tão bem conquistara. Passou o tempo e ele deu para ficar infeliz, confuso. Por força de dizer sempre “sim”, não sabia mais quando dizer “não”. Dentro dele só indecisão e amargura porque ele fazia o que todos queriam, menos o que queria ele próprio. E ele continuou assim, por fora “sim”, simpatia, sorriso, por dentro confusão, medo, tristeza. Um dia se sentiu doente, cansado, fraco. Sentia sua vida se esvaindo, sua saúde precária, dependendo dos outros para qualquer atitude. Então, numa noite, algo estalou dentro dele, ele olhou em volta de si e sentiu uma raiva profunda de si mesmo, o sujeito que só dizia “sim”. E reuniu o resto de sua revolta e força e explodiu um sonoro “não!” que estremeceu a casa, correu as ruas, abalou escola, o mundo. Não foi um simples “não”, foi um “não” difícil, rouco, mas que soou como um rugido e ecoou em largas distâncias. Alcançou as roupas que a moda mandava vestir e que ele nunca gostou, alcançou a propaganda que dizia que comprar tal produto conquistava sucesso, alcançou o pai sempre distante e que gastava o tempo bebendo no bar, alcançou a mãe que só chorava e lamentava a sorte, a namorada, os colegas, os amigos e alcançou, até e principalmente, o traficante que, com muita simpatia e solicitude, lhe ia devorando a alma e a vida. Se foi difícil dizer esse “não”, mais difíceis ainda foram as consequências. As pessoas se revoltaram, se sentiram agredidas por aquele “não”. E, primeiro, quiseram obrigá-lo a dizer “sim” novamente, depois tentaram, com doces palavras, que ele voltasse a ser o que era e, por fim, o abandonaram. Foi duro, a solidão pesou, mas aquele menino que dizia sim, agora rapaz, sentiu orgulho de sua decisão e continuou dizendo “não”. Solidão desespera e ele várias vezes se viu tentado a voltar a dizer “sim”, mas persistiu, orgulhoso: agora era um homem que dizia “não”! E percebeu que se o fato de dizer “sim” trazia simpatia, dizer “não” trazia respeito. As pessoas podiam não gostar, mas respeitavam aquele homem que dizia “não”.

Um dia encontrou alguém como ele, que sabia dizer “não” e disseram “sim” um ao outro: um “sim” franco, sincero, porque não queria simplesmente agradar, “sim” era exatamente aquilo que queria dizer. E então descobriu que no mundo

existiam pessoas que diziam “não”, mas que também diziam “sim” quando queriam. E sua vida ganhou um outro sentido. Sua vida não era dirigida por aqueles que só querem ouvir “sim”, nem por aqueles que só dizem “não”. Sua vida, agora, era verdadeiramente sua e ele a guiava dizendo “sim” quando, de fato, queria e dizendo “não” quando era preciso. E aprendeu que a vida era mais simples e só lamentava não ter dito “não”, lá atrás, quando era menino e todo mundo insistia que ele fosse o garoto bonzinho que só dizia “sim”.

32. Pequenas Lembranças – (Luís Alberto de Abreu)

*Deixa a cidade formosa morena
Linda pequena e volta ao sertão
Beber a água da fonte que canta
Que se levanta do meio do chão
Se tu nasceste cabocla cheirosa
Cheirando a rosa do peito da terra
Volta pra vida serena da roça
Daquela palhoça do alto da serra*

*E a fonte a cantá
Chuá, chuá
E as água a corrê
Chuê, chuê
Parece que alguém
Que cheio de mágoa
Deixasse, quem há de dizer;
A saudade*

*No meio das águas
Rolando também (bis)*

Ah, me leva, canção! Me carregue em suas asas e pouse na velha casa onde cresci. Casinha ao pé do morro, teclado sem forro, parede amarela pintada de cal e,

ali, através da janela me mostre o quintal e os velhos amigos que já esqueci. E leve a névoa da memória e conte de novo as histórias que me contava a velha avó: sacis, fantasmas, almas de outro mundo que moravam em cada canto escuro. E no fundo do nosso medo e encanto um riso puro ecoava em arremedo: era a avó que, ainda rindo, cantava essa velha canção. Me leva, canção, me leva pra aquele tempo, mas não é só: me leva ver no firmamento a antiga lua e a rua sem calçamento onde o vento levantava folhas e pó. Ah!, me leva canção, voa! São tantas coisas a lembrar e tão boas! Vagalumes em noites de verão, borboletas em manhãs de primavera! Ah, quem me dera sentir de novo aquele tempo antigo e cheio de desejos! Mas lembrando sinto e, sentindo, vejo! Vê comigo: amigos da primeira escola, a professora, a estradinha cortando o mato, o pequeno rio e o calafrio da espera do primeiro amor que nem amor era. O mundo é uma esfera de memória e luz e, na minha lembrança, a tarde caía sempre mansa e imprecisa, o vento era sempre briosa e o melhor da vida são esses momentos que trago comigo, pequenos e leves, me leve, canção.

*A Lua branca de luz prateada
Faz a jornada no alto do céu
Como se fosse a sombra altaneira
Da cachoeira fazendo escarcéu
Quando esta luz, na altura distante
Loira ofegante no poente a cair
Dá-me essa trova que e o pinho descerra
Que eu volto pra serra,
Que eu quero partir*

*E a fonte a cantá
Chuá, chuá
E as águas a corrê
Chuê, chuê
Parece que alguém
Que cheio de mágoa
Deixaste quem há de dizer
A saudade*

*No meio das águas
Rolando também (bis)*

33. Lua branca – (Luís Alberto de Abreu)

Minha mãe dizia que conseguia ouvir a lua. E em certas noites, sentada no quintal, perto da rua dizia a nós, crianças: escuta! E apontava por entre os galhos do pé de fruta ao pé do muro, a lua lá no alto. Ah, que coisa grata! Que sobressalto bom e puro tomava nosso coração ao ver, no céu escuro, o luminoso círculo de prata. E, então, minha mãe começava cantar:

*Ó, lua branca de fulgores e de encanto
Se é verdade que ao amor tu dás abrigo
Vem tirar dos olhos meus o pranto
Ai, vem matar essa paixão que anda comigo
Ai, por quem és, desce do céu, ó, lua branca
Essa amargura do meu peito, ó, vem, arranca
Dá-me o luar de tua compaixão
Ó, vem, por Deus, iluminar meu coração*

E vou ser franco: nós ali, na noite, sob o véu branco do clarão da lua, estávamos no céu. O mel da infância adoça qualquer amargor, o cinza não é cor, vida é sabor e sal, e, pra nós, o mundo adulto ainda não estava em vigor e o dia a dia nunca era igual. Hoje, a infância foi, a mãe se foi, mas a mesma lua ainda está no céu. E, noite dessas de tristeza, noite nua de estrelas, mas vestida de lua, me veio a mesma sensação da infância. E lembrei, e enquanto lembrava, me vi criança de pé no chão e como minha mãe continuei a cantar essa velha canção:

*E quantas vezes lá no céu me aparecias
A brilhar em noite calma e constelada
E em tua luz então me surpreendias
Ajoelhado junto aos pés da minha amada*

*E ela a chorar, a soluçar, cheia de pejo
Vinha em seus lábios me ofertar um doce beijo
Ela partiu, me abandonou assim
Ó, lua branca, por quem és, tem dó de mim*

E, então, juro que ouvi a voz da lua dentro de mim: não importa o que se foi, importa ter vivido, dizia. Tudo que se viveu pode ser refeito. E na tristeza de meu peito se abriu uma fenda de alegria. E desde então, por costume, preceito e até por mania, vasculho sempre minha infância a procura de outras boas lembranças que nesta vida possam ser meu guia.

ANEXO II: Vade-mécum

Vade-mécum – Ouvintes



Vade-mécum – Narradores de Passagem



ANEXO III: Protocolo

[illegible]

ANEXO IV: Depoimentos

Depoimentos Pacientes:

Inda Khabler

Com duas estórias incógnitas a alma a
acalme o corpo tanto dos pacientes
quanto dos acompanhantes.

Essas estórias nos faz pensar na vida, no
novo tempo, nos faz apressar os passos
bons e ruins.

Tudo faz refletir sobre uma vida melhor.

Paradiso

HSP
Instituição
Mônica
Narrador
30/10/16



Estávamos todos sentados em uma sala
de recepção ouvindo o Hm da contadora
de contas disse alguém imediatamente e,
imediatamente iniciou-se mais uma história
de vovô e um grande que eram instáveis
tornaram-se vovô e vovó. Assim que
começou, logo percebi, lá estava eu, vovô
e eu respondendo tudo que era errado, vi então
as mães, os pais as pessoas e até outros
animais, também vi a nossa planta de
Aia e distante e cada vez mais longe ficava
de repente tudo era e outras planetas na
imensidão, escurei, opa pessoas aqui
quando me aproximei, vi tanta gente, gente
coba, meus parentes e até aqueles meus
amigos que há tanto tempo não via, todos
com um pouco de tristeza no rosto e eu com
um olhar curioso. Tinha na boca de vovô
o nome do conto, já não era mais o
vovô e o vovô, havia algo de diferente
então lá, o Hm lá estava eu voltando
surto que eles não a realidade.

Porque estava tão com a son
gente, não, não, não, é uma coisa de
de repente, tudo conta do meu ser
dividido de tantas coisas, fiquei
sentado pensando na viagem que fiz
e anulado pela memória que não dia
com certeza vida, um grande abraço
a todos.

HSP
Instituição
Mônica
Narrador
01/08/2018



Depoimentos Acompanhantes:

Depoimentos de Acompanhantes

Compreendo muito bem que
a vida é uma grande aventura,
uma jornada de descobertas,
de desafios, de superações,
de momentos de alegria e
de tristeza. É uma jornada
que nos ensina a valorizar
os momentos bons e a superar
os momentos ruins.

É importante lembrar que
a vida é uma jornada e não
um destino. É importante
valorizar os momentos bons
e superar os momentos ruins.
É importante lembrar que
a vida é uma jornada e não
um destino. É importante
valorizar os momentos bons
e superar os momentos ruins.

HSP
Instituição
Mônica
Narrador
20/10/2018



É mais uma no quinto e, espontaneamente
tudo o mais, e não tem a volta
a infância que não se volta, não
foi a morte, foi a conclusão de
uma jornada.

HSP
Instituição
Mônica
Narrador
20/10/2018



Depoimentos Equipes de saúde:

DEPOIMENTO

Entrevistado(a): _____

O que você pensa sobre a atuação dos Narradores de Passagem no ambiente hospitalar?

Aprendi o efeito dos narradores de passagem ouvindo as histórias que eram contadas para a equipe da qual faço parte e sendo tocada por elas. A cada narrativa uma descoberta, ainda que fosse uma história já contada anteriormente. Além de modificar positivamente a ambiência hospitalar com a presença discreta do narrador, a atuação dos narradores de passagem é um potente dispositivo de transformação de perspectiva diante do adoecimento e internação e um poderoso atenuante de sofrimento. As histórias resgatam recursos subjetivos, emocionais e humanos do paciente (e de quem ouve as narrativas com os ouvidos atentos) para o melhor enfrentamento do momento que ele vive; provocam também remetimentos importantes que, sem a história, o paciente não faria, tornando a internação uma fecunda oportunidade para reflexões pessoais. Pelo efeito que exercem, o narrador e a narrativa têm o poder de cura de feridas da alma e de mobilizar o doente para sua própria história.

São Paulo, 07 de agosto de 2017

Aqui muito bonito e que com certeza diferiu o meu dia de trabalho! Na cobertura diária não trabalhamos para refletir em alguns princípios e valores por muitas vezes, equívocos de cuidados dentro de nós profissionais de saúde e enfermagem no caso.

Com o passar do tempo, estamos como barreira que nos separa do mundo de alguns para um mundo de justiça, de amor, de paz, de angústias e muito muito sofrimento!

Parabéns pela iniciativa e pelas palavras tão bem narradas, que nos tocam, a mim, de forma irreversível!

Continuem dando apoio aos que precisam, cuidar de quem cuida da gente!

Não duram este trabalho para quem tem a missão de cuidar de quem cuida da gente!!!

Hospital e Maternidade Bartira
Instituição

Monice
Narrador

05/02/18.



Depoimento Narradores de Passagem:

 **Narradores de Passagem**
INSTITUTO

Depoimento de narrativa no hospital

Não existe um momento igual durante as narrativas:

Me explico melhor: em cada quarto, com cada paciente o momento é sempre único. A comunhão de sentimentos e o envolvimento de cada um, faz com que os minutos durante a história contada sejam sempre marcados por algum detalhe.

Quando terminamos o nosso "dia" de Narradores de Passagem nos hospitais refletimos cada período procurando gravar as sensações, os olhares e as reações que foram causadas em nós e nos que nos ouviram.

Algo marcante que pude guardar dentro de mim foi o olhar cheio de lágrimas de um descendente de japonês. Em um primeiro flash ele poderia ser analisado como uma pessoa dura, rígida. Mas, o seu olhar penetrante e concentrado, viajando com a narrativa, sentindo os aromas, degustando os sabores que a história tinha como objetivo, fez com que a análise do primeiro instante se modificasse completamente.

Difícil mensurar o abstrato e dizer precisamente as sensações vividas no outro, mas algo de mágico acontece que podemos perceber através de uma ligação, também abstrata, o envolvimento do paciente com a história. Nestes momentos percebemos o poder da narrativa e quão longe ela leva o ouvinte.

Quando acontece este encontro, respirações profundas e calmas normalmente finalizam o recebimento do Gran Finale que marca todas as narrativas. Rostos marcados por quem fez uma viagem e pra longe do leito foi buscar momentos de paz, tranquilidade seja em contato com a natureza, com o céu ou com a força interior de cada um.

O rosto do Sr. que mencionei me marcou pela suavidade e pela profunda entrega no momento em que ele ouviu a história. Com certeza, nos dois aprendemos muito e saímos modificados do momento mágico da narrativa.

1 / 1

